



**PROFESSORAS APOSENTADAS EM TERRITÓRIO
RURAL/RIBEIRINHO: IDENTIDADES E PRÁTICAS
SOCIOCULTURAIS**



Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues

Orientador: Salomão Mufarrej Hage

Belém - Pará
28 de fevereiro de 2013



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
*DOUTORADO EM EDUCAÇÃO***

PROFESSORAS APOSENTADAS EM TERRITÓRIO RURAL/RIBEIRINHO:

IDENTIDADES E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS.

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues

Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes-Santos (USP)

Prof^a Dr^a Laura Araújo Alves (ICED-UFPA)

Prof^a Dr^a Regina Maria Rovigati Simões (UFTM)

Prof Dr. Agenor Pacheco Sarraf (ICA-UFPA)

Prof^a Dr^a Georgina Negrão Kalife Cordeiro (UFPA)- suplente

Prof. Dr. Salomão Mufarrej Hage -Orientador

Prof^a Dr^a Nilsa Brito Ribeiro (UFPA)- Coorientadora



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
*DOUTORADO EM EDUCAÇÃO***

**PROFESSORAS APOSENTADAS EM TERRITÓRIO RURAL/RIBEIRINHO:
IDENTIDADES E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS.**

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Instituto de Educação como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Prof. Dr. Salomão Mufarrej Hage -Orientador

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Sistema de Bibliotecas da UFPA**

Rodrigues, Isabel Cristina França dos Santos, 1971-

Professoras aposentadas em território rural/ribeirinho : identidades e práticas socioculturais / Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues. — 2013.

Orientador: Salomão Mufarrej Hage;

Coorientadora: Nilsa Brito Ribeiro.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2013.

1. Mulheres na educação – Cametá (PA). 2. Professoras – Cametá (PA). 3. Professores – Formação – Cametá (PA). 4. Interação social – Cametá (PA). I. Título.

CDD - 22. ed. 370.82098115

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Pará;

Ao corpo docente do Doutorado em Educação;

Ao Prof. Dr. Salomão Mufarrej Hage pelo desafio de me orientar;

À Prof^a. Dr^a. Nilsa Brito Ribeiro pelas orientações sempre muito propositivas em diferentes etapas da pesquisa;

Aos meus Doc amigos da turma 2009 e a todos que a seu tempo permitiram que eu fizesse parte de suas vidas;

Aos meus pais Maurício e Severa, exemplos de amor e dedicação aos filhos. Eles sempre foram meus maiores incentivadores e parceiros na construção da minha vida acadêmico-profissional;

Ao meu filho Nicolás pela compreensão nos momentos em que eu tive de ficar para a tese. Ele representa todas as minhas motivações para seguir meu curso com qualidade, pois procurava zelar pelos meus momentos de estudo;

Ao meu marido que compreendeu minhas andanças e me incentivou nos momentos mais difíceis, principalmente, na fase final quando a vida me impôs alguns dos maiores desafios. O Jânio se revelou o melhor dos companheiros e meu porto seguro constante;

Às professoras aposentadas, docentes da Educação Básica e todos os moradores das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins que me acolheram em diferentes momentos da pesquisa. Eles me confiaram a mim suas narrativas, modificaram um pouco seus modos de vida e me dedicaram boa parte de seu tempo à colaboração com a pesquisa;

Aos grupos de pesquisa GELPEA, GEPERUAZ, GECA e CUMA que me ajudaram bastante no percurso de construção deste meu sonho acadêmico;

Aos meus amigos, vizinhos, colegas de trabalho (SEMEC, SEDUC, FIBRA e UFPA) e alunos sempre tão parceiros que sempre me apoiaram bastante ao longo destes 04 anos de doutorado.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais- Severa e Maurício – amigos de todas as horas, principalmente, naquelas em que os papéis de mãe, profissional e estudante pareciam tão difíceis de serem conciliados.

Ao Nicolas- meu filho-, que resume minha eterna fonte de coragem e alegria de viver.

Ao meu marido Jânio que sabe valorizar cada MOMENTO que temos juntos.

RESUMO

O presente trabalho dedica-se a analisar os sentidos que professoras aposentadas, docentes da Educação Básica, e outros moradores atribuem às identidades e às práticas desenvolvidas por essas mulheres nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, em especial, na interação com a nova geração de professores. Para dar conta dessa investigação, realizamos 03 movimentos de inserção naquelas comunidades para coleta das narrativas dos sujeitos envolvidos, a saber: a 1ª fase, em que foi realizada a pesquisa Exploratória; a 2ª fase, em que foram realizadas as entrevistas com os diferentes grupos de moradores; a 3ª fase, em que foram construídas as Oficinas de Memória, essas fases ocorreram em 2009, 2011 e 2012, respectivamente. Assim, fizemos uso dos pressupostos da História Oral, em especial, na organização das Oficinas de Memória. As narrativas foram analisadas, a partir das temáticas que envolveram os saberes da experiência, a profissionalidade, o trabalho, o ciclo profissional e o saber docente associadas ao dialogismo bakhtiniano e à perspectiva da cultura enquanto modos de vida. Tais encaminhamentos foram importantes para compreendermos que essas aposentadas ao chegarem na Idade Madura e na Velhice deparam-se com o evento da aposentadoria e em direção oposta ao que se poderia esperar diante dos estereótipos criados a respeito do aposentado como um sujeito que não tem mais condições de contribuir com a sociedade, elas ressignificam a lógica de que a aposentadoria é o fim de projetos de vida. Desse modo, as aposentadas dão continuidade ao investimento em outros tipos de atividades produtivas e se colocam à disposição para vivenciarem novas experiências mostrando que em determinadas comunidades da Amazônia Paraense ainda é recorrente a imbricação entre escola, igreja, lideranças comunitárias e esse grupo que não atua sob exigências político-administrativas, mas por relações afetivas, de respeito e valorização de experiências partilhadas, principalmente com os docentes da Educação Básica, contribuindo assim com sua formação intelectual e humana. Elas colocam em prática novos projetos de vida e procuram manter o *status* que as mesmas possuem, isto é, trata-se de mulheres aposentadas que ainda se colocam à disposição para exercer determinadas funções nas diferentes esferas públicas, especial, na igreja e na escola. Tais encaminhamentos garantem a elas não apenas reconhecimento social, mas também bem-estar, aspecto interessante na construção de uma velhice bem-sucedida. Por conta disso, a aposentadoria não representa um fim, mas uma fase de avaliação e preparação de projetos de vida que se apoiam em projetos mais coletivos para dar novos sentidos à vida.

Palavras-chave: Identidade docente. Práticas socioculturais. Trabalho. Velhice.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the meanings that retired teachers, who worked at elementary schools, as well as other people give to the identities and practices developed by women from the Moiraba and Carmo do Tocantins villages, especially in the interaction with a new teachers' generation. To accomplish the investigation, three movements of insertion were done in the focused communities to collect narratives from the people involved; the first phase was the exploratory one, the second phase involved interviews with different groups from the mentioned communities and the third phase involved "Memory workshops" in 2009, 2011 and 2012 respectively. This way, we used theories from the Oral History especially to organize the Memory workshops. The narratives were analyzed from themes that involved the experience knowledge, the occupations, the work, the professional cycle, and the teacher's knowledge associated with the bakhtinian dialogism and the culture perspective related to the ways of living. This way, the retired women will continue to invest in other kinds of productive activities and they are willing to live new experiences showing that in certain communities in the Amazon, Pará, the imbrication between school, church and community leaderships is still recurrent. These are groups that don't work under political-administrative demands but through affective and respectful relationships. These groups value shared experiences especially with elementary school teachers contributing with their intellectual and human formation. They put new projects of life into practice and they try to keep the status the retired people who are available in different public spheres especially sharing knowledge with elementary school teachers. These procedures give them not only social acknowledgment but it also gives well-being which is an important aspect to construct a well succeed old age. Therefore, retirement is not an end, but an evaluation stage and a preparation for projects of life that are supported in more collective projects to give new meanings of life.

Key-words: Teacher's identity. Socio-cultural practices. Work. Old age.

RESUMÉ

Ce travail est dédié à l'analyse du sens que les enseignants à la retraite, les enseignants de l'éducation de base et d'autres résidents attribuent les identités et les pratiques développées par ces femmes dans les villages Moiraba et Carmo de Tocantins, en particulier, dans l'interaction avec la nouvelle génération des enseignants. Pour tenir compte de cette recherche nous réalisons 03 mouvements d'insertion dans les communautés pour recueillir les récits de ceux qui sont impliqués, à savoir: la 1ère phase était exploratoire, la 2ème phase consistait en des entrevues avec différents groupes de résidents et la phase 3 était composée par des ateliers mémoire, en 2009, 2011 et 2012 respectivement. Ainsi, nous avons utilisé les hypothèses de l'histoire orale, en particulier, dans l'organisation des ateliers mémoire. Les récits ont été analysés à partir des thèmes impliquant la connaissance de l'expérience, le professionnalisme, le travail, le Cycle Professionnel et le Savoir enseignant associé avec le dialogisme bakhtinien et le point de vue de la culture comme mode de vie. Ces renvois ont été importants pour comprendre que ces retraités à leur arrivée à l'âge mûr et à la vieillesse sont confrontés à l'événement de départ à la retraite et dans la direction opposée à ce qu'on pourrait attendre face aux stéréotypes créés sur les retraités comme un sujet qui n'est plus en mesure de contribuer à la société, ils recadrent la logique que la retraite est la fin du projet de vie. De cette manière, les retraités continuent à investir dans d'autres types d'activités productives et se mettent à la volonté de vivre de nouvelles expériences montrant que, dans certaines communautés de l' Amazonie du Para réapparaît encore le chevauchement entre l'école, église, leaders communautaires et ce groupe qui n'agit pas conformément aux exigences politiques et administratives, mais par des relations affectives, de respect et l'appréciation des expériences partagées, surtout avec les enseignants de l'éducation de base qui contribuent avec leur formation intellectuelle et humaine. Ainsi, elles mettent en place de nouveaux projets de vie et cherchent à maintenir le statut qui a pris le retraité et qui se met toujours à la disposition d'exercer certaines fonctions dans les différents domaines publics, en particulier, le partage des connaissances avec les enseignants de l'éducation de base. Ces renvois assurent non seulement la reconnaissance sociale, mais aussi le bien-être des aspects intéressants dans la construction d'une vieillesse bien réussie. De cette façon, la retraite n'est pas une fin, mais une phase d'évaluation et de préparation de projets de vie qui s'appuient davantage sur des projets collectifs à redonner un nouveau sens à la vie.

Mots-clés: Identité d'enseignant. Pratiques socioculturelles. Travail. Vieillesse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Materiais coletados e organização para a Oficina de Memória realizada com os docentes da Educação Básica, diretores, líderes comunitários, representantes da igreja, agente de saúde, ex-alunos em abril de 2012. Arquivo de pesquisa.

Figura 02: Mapa do Estado do Pará- vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Acervo do IBGE- Cametá- março de 2012.

Figura 03: Travessia de balsa pelo rio Meruú- Arquivo de pesquisa- janeiro de 2011.

Figura 04: Interior de uma rabeta durante uma das viagens a caminho das vilas partindo de Cametá- Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Figura 05: Mapa das Vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Acervo- IBGE- Cametá- março de 2012.

Figura 06: Centro comercial- Rua Nossa Senhora do Carmo. Acervo pessoal- Maria de Nazaré Lisboa- março de 2009.

Figura 07: Mapa com detalhamento da extensão das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Acervo- IBGE- Cametá março de 2012.

Figura 08: Modelo de um informativo elaborado pelos animadores das comunidades. Acervo- Prelazia de Cametá- abril de 2012.

Figura 09: Suportes Pedagógicos responsáveis pelos setores que constituem as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins e outros distritos da região tocantina durante um dos encontros das “Ações de formação” organizados pela SEMED- Cametá. Acervo- Coordenadoria de projetos SEMED-Cametá.

Figura 10: Programação Semana da Pátria- 2010 da Escola Municipalizada Gracinda Peres. Acervo pessoal de Maria Iraneide S. Moreira- setembro de 2010.

Figura 11: Desfile escolar de 2011. Acervo pessoal de Marlene do Carmo Almeida- setembro de 2011.

Figura 12: Futuras instalações da Associação coordenada por dona Vânia. Acervo de pesquisa março de 2012.

Figura 13: Explosão Carmoense- Acervo pessoal de Marlene do Carmo Almeida Medeiros- junho de 2011.

Figura 14: Final da rua 15 de novembro que fica entre a vila do Carmo e vila Moiraba. O final da rua mostra a entrada da vila Moiraba. Acervo de pesquisa- fevereiro de 2011.

Figura 15: Igreja de São Benedito- Arquivo de pesquisa- julho de 2010.

Figura 16: Uma das Alvoradas- véspera da festa de 2010. Queima de fogos acompanhada por cânticos. Acervo pessoal de Glasy Elaine Rodrigues novembro de 2010.

Figura 17: Procissão de São Benedito de 2011. Acervo pessoal de Glasy Elaine Rodrigues Pontes.

Figura 18: Leilão da festa de São Benedito realizado em novembro 2012. Acervo de pesquisa.

Figura 19: Procissão do Sagrado coração de Jesus, coordenado por dona Paula na época. O prof Nazareno era um dos ajudantes e atualmente é o coordenador do Apostolado de Oração. Acervo pessoal de Bernadeth Rodrigues Pontes, julho de 2000.

Figura 20: Centro comunitário São Bendito ao lado da igreja do padroeiro. Arquivo de pesquisa, fevereiro de 2011.

Figura 21: Vendas, festas e brincadeiras acontecendo, paralelamente, ao Leilão, ao redor da igreja e próximo centro comunitário em novembro de 2012. Arquivo de pesquisa- novembro de 2012.

Figura 22: Barracão da quadrilha Estrela Junina. Neste local foi construída a primeira escola. Acervo de pesquisa- novembro de 2012.

Figura 23: Complexo Bangu e Revelação no início de vila. Acervo de pesquisa- março de 2012.

Figura 24: Cemitério que fica no início da rua da escola atual. Acervo de pesquisa- novembro 2012.

Figura 25: Na extremidade direita, o prédio da primeira escola oficial. Atualmente, nesse local está o barracão onde a quadrilha Estrela Junina realiza seus ensaios e promoções em prol do grupo. Acervo pessoal de Rosa Pinto Rodrigues, década de 90.

Figura 26: Prédio atual da escola Gracinda Peres. Arquivo de pesquisa- abril de 2012.

Figura 27: Trapiche antigo. Acervo pessoal de Bernadeth Rodrigues Pontes- década de 70.

Figura 28: A mangueira do trapiche. Acervo pessoal de Bruno Rodrigues- década de 80.

Figura 29: Estádio Clementino Garcia. Arquivo de pesquisa-fevereiro de 2011.

Figura 30: Capela do Bom Jesus- celebração em dia de pesagem da Pastoral da Criança Estádio Clementino Garcia. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Figura 31 Escola municipalizada Nossa Senhora do Carmo. Arquivo de pesquisa- abril de 2012.

Figura 32: Uma das etapas do processo de formação continuada. Acervo pessoal de Rosiana Pinto de Carvalho- abril de 2000.

Figura 33: Salão Paroquial Nossa Senhora do Carmo. Arquivo de pesquisa- fevereiro de 2011.

Figura 34: Salão paroquial em dia de pesagem- Pastoral da Criança- abril de 2012. Arquivo de pesquisa.

Figura 35: Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Arquivo de pesquisa- abril de 2012.

Figura 36: Celebração de Ministros da Eucaristia. Acervo pessoal de Maria Dinalva Rodrigues Lopes- 2007.

Figura 37: Grupo de Oração de Maria. Acervo pessoal de Maria Raquel Larêdo Vanzeler, década de 90.

Figura 38: Fonte: <http://amazonidas.blogspot.com.br/2011/07/blog-post.html>-Festividade de Nossa Senhora do Carmo.

Figura 39: Escola Municipalizada de Ens. Fundamental Maria da Silva Nunes. Acervo da pesquisa, janeiro de 2011.

Figura 40: Aulas do sistema Modular. Acervo pessoal de Maria Raquel Larêdo Vanzeler- década de 90.

Figura 41: Trapiche atual. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Figura 42: Inauguração da capela do Divino Espírito Santo. Acervo pessoal de Maria Edna Ramos Braga- 1992.

Figura 43: Igreja do Divino Espírito Santo- em construção- e Centro comunitário. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Figura 44: Salão comunitário do Espírito Santo e algumas das atividades desenvolvidas naquele espaço, como a pesagem das crianças, catequese e reuniões de planejamento dos diferentes setores da comunidade com o representante religioso. Acervo de pesquisa- abril de 2012.

Figura 45: Escola de Ensino Fundamental Divino Espírito Santo, construída onde havia o estádio Davi Larêdo. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

SUMÁRIO

CAMINHOS NAVEGADOS	16
SEÇÃO I- O PERCURSO INVESTIGATIVO	24
1.1. A Pesquisa Qualitativa e as Contribuições da Análise do Discurso e dos Estudos Culturais	24
1.2. As Etapas de Coleta das Narrativas	38
1.3. Os Sujeitos	46
1.4. As Técnicas e Categorias de Análise dos Dados: questões de discurso, narrativa e memória	63
SEÇÃO II- CARTOGRAFIA DAS VILAS MOIRABA E CARMO DO TOCANTINS	68
2.1. De Belém ou de Cametá: a caminho das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins	69
2.2. Localização geográfica, origem e aspectos econômicos	76
2.3. O aspecto religioso	82
2.4. O processo de formação continuada nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins	84
2.5. Os eventos culturais	89
2.6. A caminho da vila Moiraba	100
2.7. A caminho da vila do Carmo do Tocantins	124
SEÇÃO III- DAS OPÇÕES TEÓRICAS: PROFISSIONALIDADE, IDENTIDADE DOCENTE, APOSENTADORIA E VELHICE BEM-SUCEDIDA	144
3.1. Profissionalidade	144

3.2. No contexto da profissão, a identidade docente	151
3.3. O Saber da experiência	156
3.4. Trabalho, Aposentadoria e velhice	160
3.5. Ciclos de vida profissional	176

SEÇÃO IV- OS SENTIDOS DA APOSENTADORIA NAS INTERAÇÕES COM AS TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS DAS VILAS

4.1. Estabelecimento de estratégias para lidar com a docência e com a aposentadoria para a garantia de uma velhice bem-sucedida	186
4.1.1. A Escolha pela carreira e os ciclos de vida profissional: múltiplas motivações	186
4.1.1.1. Falta de identificação com o magistério	187
4.1.1.2. Oportunidade de trabalho e possível estabilidade	189
4.1.1.3- Identificação com a profissão e conquista pela docência	192
4.1.1.4. Memórias da docência: marcas da precariedade da profissão	197
4.1.2. A contemplação da aposentadoria e o lidar com a velhice	200
4.2. Manutenção do <i>status</i> que possui o aposentado, em especial, ao compartilhar saberes com os docentes da Educação Básica	206
4.2.1. A constituição das identidades nas diferentes esferas públicas	207
4.2.1.1 As Instâncias religiosas	207
4.2.2. O Professor aposentado: Saberes da experiência na formação profissional de novos docentes	216

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

REFERÊNCIAS

CAMINHOS NAVEGADOS

O trabalho intitulado “*Professoras aposentadas em território rural/ribeirinho: identidades e práticas socioculturais*”¹ surgiu em 2005, por conta de uma disciplina intitulada Análise da Conversação, cursada no mestrado em Linguística (UFPA), quando desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de compreender como se construiu a trajetória de vida de alguns moradores das vilas Moiraba (mais conhecida como São Benedito) e Carmo do Tocantins, localizadas próximas ao município de Cametá, no Baixo Tocantins, na Amazônia Paraense. Pudemos nos aproximar dos moradores destas vilas, em virtude de ser casada, desde 1995, com um ex-morador da vila Moiraba (São Benedito) e pelo fato dos pais, irmã e sobrinho dele ainda residirem lá. Nesse sentido, nosso contato inicial foi feito por intermédio de uma cunhada.

Durante a pesquisa do mestrado, verificamos as referências que as pessoas daquelas localidades faziam a um grupo de professores aposentados que continuava a trabalhar, voluntariamente, em prol daquelas comunidades. Entrevistamos 02 desses professores e ficamos interessadas em compreender melhor os motivos pelos quais eles se engajavam em determinadas práticas desenvolvidas nas vilas.

Os objetivos da pesquisa realizada naquela época não nos permitiram ouvir o restante do grupo, considerando-se que já possuíamos os sujeitos cujos perfis interessariam ao estudo proposto pela disciplina em questão. Entretanto, a partir desta pesquisa inicial continuamos a frequentar as comunidades e também começamos a observar o envolvimento de um grupo de professoras aposentadas na organização de algumas atividades culturais e religiosas da comunidade. Aquelas atividades compreendiam os ensaios das quadrilhas, convite aos moradores para participarem das atividades planejadas pelas igrejas, solicitação de ajuda financeira aos comerciantes locais, às associações dos filhos e amigos das vilas para realização de eventos culturais, conversas informais com professores da Educação Básica, que solicitavam orientações ao grupo de aposentados, concernentes ao processo de ensino.

¹ Práticas socioculturais- eventos que revelam as relações entre a cultura e a sociedade. Estas relações ocorrem nos diferentes espaços públicos e mostram as formas de recepção dos sujeitos diante de valores constituídos durante o processo histórico. Tais práticas são representadas pelos modos de vida global dos sujeitos, conforme defende Williams (1979).

Os olhares sobre a escolha do tema e sua problemática ampliaram-se a partir 2006, quando terminamos o mestrado e passamos a compor o grupo de formação de professores da rede municipal de ensino do município de Belém (Grupo Base), quando tivemos a oportunidade de ampliar nossas leituras na área da Educação, com maior ênfase no Currículo e na Formação Docente. A experiência com a formação de professores alfabetizadores nos levou a perceber novamente a participação de professoras aposentadas no processo formativo dos professores em início de carreira. Esta percepção ajudou-nos a apostar na ideia de que na prática docente há saberes que não se constroem apenas na formação inicial ou continuada, mas nas experiências trilhadas para além dos processos formais de educação e dos circuitos da sala de aula.

Observamos que os professores alfabetizadores que se encontravam no início da profissão se baseavam naqueles que acumulavam um determinado tempo de experiência no magistério, alguns deles, inclusive, próximos da aposentadoria. Ou seja, mesmo tendo recebido em sua formação inicial orientações teórico-metodológicas (em nível de Pós-Graduação em alguns casos) bastante diferentes dos docentes que possuíam um tempo maior de exercício da docência (muitos cursaram até o magistério-Médio normal) e serem acompanhados pelo grupo de formação continuada, a orientação daquelas professoras aposentadas ainda se fazia necessária. Os casos eram raros, mas aconteciam.

Os endereçamentos profissionais podem ampliar nosso horizonte e indicar algumas pistas para não nos esquecermos de sonhos acadêmicos. Desse modo, o estudo necessário ao trabalho que desenvolvíamos no grupo de formação de professores alfabetizadores nos instigou muito durante o processo de escritura do projeto de doutorado, assim como no aprofundamento das leituras pertinentes ao processo seletivo do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Em dezembro de 2008, participamos da seleção do referido programa de Pós-Graduação com o projeto que tinha como título *“Memória e cultura: percurso discursivo da formação cultural de professoras da Vila Moiraba e Vila do Carmo do Tocantins, distritos de Cametá/Pa”*.

A dinâmica da vida proporcionou-me diferentes diálogos acadêmicos, em especial, a partir do doutorado como os estudos desenvolvidos, por exemplo, no grupo de estudos CUMA (Culturas e Memórias da Amazônia), a respeito da velhice. As atividades do projeto

realizadas com os velhos² do Pão de Santo Antônio, sob a coordenação das professoras Vasti Araújo e Zéa Fares nos aproximou de um universo pouco conhecido, exceto pela convivência com nossos pais que possuíam limitações, mas nada semelhantes às dinâmicas que observamos nos velhos atendidos pelo projeto.

A experiência no CUMA nos aproximou das leituras de Ecléa Bosi, em especial “Memória e Sociedade” (BOSI, 1994) e do “O Narrador” da obra *Magia e Técnica, arte e política* de Walter Benjamin (2000), principalmente, pois nos ajudaram a compreender melhor as limitações físicas impostas pela idade, o papel dos velhos como detentores de experiências necessárias às gerações futuras e os estereótipos criados a respeito da velhice, assim como os porquês disso. O contato com os velhos do Pão de Santo Antônio nos fez refletir a respeito de algumas alternativas necessárias à condução das entrevistas, em se tratando do público que nós escolhemos, mesmo ele se detendo na faixa-etária entre 53 a 63, com apenas uma aposentada de 76 anos. Ou seja, a maioria se encontra ainda na Idade Madura³ (NERI & FREIRE, 2000) e por isso, bem mais jovem do que os que faziam parte do abrigo. A dinâmica da pesquisa nos mostrou que deveríamos ter maiores cuidados na condução das aproximações, entrevistas e tratamento das narrativas, em especial, pelo fato de nunca se ter realizado uma pesquisa nas vilas com esta abordagem teórica e metodológica.

Além disso, o contato com os Estudos Culturais de vertente Britânica, em especial, com os estudos desenvolvidos por William e Stuart Hall durante a disciplina *Cultura e Identidade* do Programa de Pós-Graduação (mestrado) da Universidade da Amazônia, em 2010, o contato com as leituras no GECA (Grupo de Estudos Culturais na Amazônia) mostraram-nos, dentre outros aspectos, possibilidades de analisar as narrativas para além do que elas evidenciavam. Assim, poderíamos observar os modos como aquelas mulheres construíram suas identidades nas suas relações com as comunidades, no sentido de

2 Optamos pela utilização da palavra “velho” por nos afinarmos com os estudos desenvolvidos por Debert (1999) que discorda do fato de se tentar associar o termo Terceira Idade apenas por se considerar os velhos ativos, conforme uma visão da sociedade de produção. Desse modo, procura-se amenizar o termo velhice que estaria associado a uma fase final da vida. A opção do trabalho aqui apresentado é o da velhice bem-sucedida, defendendo, portanto, que os sujeitos seguem seu percurso de desenvolvimento humano projetando-se em novas experiências que lhes proporcionem satisfação, realização pessoal naquilo que fazem em prol das vilas, seja por conseguirem ocupar o tempo ocioso, seja pelo reconhecimento de suas atividades.

3 Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) discutida nos estudos de Campos (2000), a Idade Madura constitui o período entre 31 e 45 anos de idade; a idade do envelhecimento ou também denominada de mudança, dos 46 aos 60 anos; idade do homem mais velho, dos 61 aos 75 e do homem propriamente velho, dos 76 aos 90 anos, e por fim, do homem muito velho aquele que estiver com mais de 90 anos.

conseguirem um reconhecimento pelas práticas desenvolvidas em prol de seus contextos e seguirem com novos projetos de vida relacionados com aquelas práticas.

Os diálogos com os grupos de pesquisa mencionados aliados às leituras que nós já vínhamos realizando no Gelpea (Grupo de Estudos Linguísticos e Práticas educacionais da Amazônia) a respeito dos estudos desenvolvidos por Bakhtin, assim como a respeito das comunidades ribeirinhas no Geperuaz (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia) nos ajudaram a melhor enfrentar as questões apresentadas pela pesquisa.

Desse modo, a presente pesquisa discute os sentidos que professoras aposentadas, docentes da Educação Básica e demais moradores produzem a respeito das práticas socioculturais que desenvolvem nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, distritos de Cameté, no Baixo Tocantins, na Amazônia Paraense. Para além de identificar os sentidos, atentamos para como analisar as influências das práticas implementadas pelas aposentadas no processo de formação dos docentes da Educação Básica. Trabalhamos com a ideia de território rural/ribeirinho para marcar a diferença e a pluralidade de espaços praticados no cenário amazônico. Diversas ruralidades constituem a paisagem física e cultural da região. Dentre elas, destacamos ambientes rurais de rios e florestas, de beiras de estradas ou comunidades quilombolas, aldeias indígenas, entre outros grupos.

Ao ter contato com as vilas, verificamos que o lugar das professoras aposentadas rompia fronteiras tradicionais em relação ao papel social destinado ao aposentado como alguém que não poderia mais contribuir com a sociedade. Nesse sentido, passamos a definir a temática de pesquisa ao percebermos que os docentes da Educação Básica recorriam a esse grupo de mulheres por meio de conversas informais em suas residências, nas igrejas, no centro comunitário durante as festividades culturais, ou nas reuniões que as direções das escolas realizavam no início do ano ou do novo semestre solicitando orientações de como lidarem com as adversidades manifestadas no contexto escolar.

Desse modo, o presente trabalho discute aspectos concernentes ao ciclo de vida profissional, aos saberes da experiência, à aposentadoria e às práticas socioculturais em contextos mais situados, como as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Temos que considerar que há outros professores que a partir da aposentadoria tomaram caminhos diferenciados (mudaram-se das vilas, passaram a cuidar de atividades mais detidas na criação de pequenos animais e na agricultura, cuidados com a família e com a saúde) sem qualquer tipo de

engajamento com as comunidades, mesmo desenvolvendo um trabalho relevante durante o exercício do magistério.

As primeiras observações indicaram que as atividades realizadas pelas aposentadas estavam ligadas, principalmente, aos eventos culturais, tais como, os ensaios da quadrilha Estrela Junina e do grupo Folclórico da vila do Carmo, as celebrações do Sagrado Coração de Jesus e do Espírito Santo, as ações da Pastoral da Criança e as aulas da catequese em Moiraba e Carmo do Tocantins. Dentre essas atividades, a catequese era uma das mais mencionadas pelas aposentadas inicialmente por se tratar de uma prática que as faziam rememorar a docência, possivelmente, em função das semelhanças entre as experiências que elas acumularam durante a docência e o perfil do catequista, fazendo com que elas se sentissem à vontade para lidar com os alunos, apesar das diferenças de idade. No decorrer da pesquisa, em especial, durante o processo de coleta das narrativas, observou-se que as dinâmicas do grupo passaram a se mover bastante em direção às atividades desenvolvidas a favor da Pastoral da Criança.

O levantamento bibliográfico realizado revelou que há muitos estudos sobre atuação profissional docente compreendendo a fase entre 05 a 10 anos de carreira do docente, mas poucos são os que versam a respeito da fase final do magistério, sobretudo, quando se trata de professores aposentados da Educação Básica. A temática da aposentadoria aparece centrada nas áreas da Medicina, da Educação Física e da Psicologia. Por isso, na maioria dos casos, em que encontramos trabalhos voltados a investigar o professor aposentado, este público é representado por sujeitos que atuaram no ensino superior e que retornaram ao trabalho por motivos econômicos. No trabalho aqui apresentado, as professoras aposentadas desenvolvem um trabalho voluntário, de reconhecida liderança junto a vários segmentos das vilas, principalmente, junto aos docentes da Educação Básica, contribuindo para o processo de formação desses docentes.

Desenvolver uma pesquisa como a aqui apresentada pode contribuir com os trabalhos até então desenvolvidos no PPGED (UFPA), uma vez que as formas como o grupo de aposentadas em questão se engaja nas práticas socioculturais desenvolvidas nas vilas dizem respeito à trajetória profissional e de formação (inicial e continuada) a que elas tiveram

acesso. Pode mostrar também as maneiras como as aposentadas se relacionaram com as diferentes esferas públicas⁴ daqueles territórios durante a juventude e a fase adulta.

Esse tipo de encaminhamento redimensiona ou amplia ainda os olhares acadêmicos no que concerne às formas de lidar com práticas socioculturais e identidades que se revelam nos engajamentos dos professores aposentados em seus contextos, seja pelo prestígio social, necessidades em dar qualidade ao tempo ocioso proporcionado pela aposentadoria e de ajuda aos moradores, via orientações aos docentes da Educação Básica e trabalho com as crianças e jovens (Pastoral da Criança, quadrilhas e celebrações dos eventos que envolvem os padroeiros das vilas).

Sendo assim, a principal questão de pesquisa foi: “Quais os sentidos que as professoras aposentadas da vila Moiaraba e Carmo do Tocantins atribuem à continuidade do investimento na vida por meio das práticas socioculturais exercendo forte influência na comunidade e, em especial, na formação pessoal e profissional dos docentes da Educação Básica? Esta questão permitiu-nos a reflexão sobre a identidade das aposentadas e produz o desdobramento de outra questão: “De que maneira as práticas socioculturais desenvolvidas pelas aposentadas lhes proporcionam encaminhamentos para uma velhice bem-sucedida?”. Assim, os objetivos foram os seguintes: a) Analisar os sentidos que as aposentadas, os docentes da Educação Básica e demais moradores atribuem às práticas socioculturais nas quais o grupo de professoras aposentadas se engaja; b) Discutir a respeito das estratégias utilizadas pelas aposentadas para lidar com o evento da aposentadoria, garantindo-lhes uma velhice bem-sucedida.

Para dar conta dessas questões e objetivos procuramos fazer uso dos pressupostos da História oral (PORTELLI, 1997) desenvolvendo a pesquisa em diferentes etapas, conforme as dinâmicas dos contextos e sujeitos selecionados. Assim, as narrativas foram geradas por meio de entrevistas e de Oficinas de Memórias. As narrativas dos 36 sujeitos selecionados para

4 Esferas públicas ou cotidianas: formações sociais, campos da atividade humana nas quais circulam os discursos constituídos mais nas experiências vividas, no cotidiano, ou estabelecidos pelos sistemas agenciadores. Por meio da interação verbal, os sujeitos constroem suas opiniões, conforme seu contexto sócio-histórico partindo-se da perspectiva bakhtiniana que afirma o fato de a consciência individual ser formada no social (BAKHTIN, 2000).

5 Oficina de Memória: organização dos sujeitos de forma individual ou coletiva. As narrativas são coletadas a partir das imagens que eles já selecionaram previamente considerando as temáticas tratadas. Nesta pesquisa, as temáticas foram as lembranças da vida escolar, as lembranças da docência e as lembranças dos diferentes espaços que compõem as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Os objetivos foram ampliar as entrevistas realizadas na primeira pesquisa de campo e compor a cartografia cultural dos contextos. A ideia surgiu a partir a

compor a pesquisa estão divididas em 03 grupos, a saber: professoras aposentadas, docentes da Educação Básica, representantes das lideranças comunitárias, ex-alunos, secretária da prelazia de Cametá, diretor do IBGE e coordenadores de projetos da SEMED (Cametá). Estas narrativas serviram também para elaborar a cartografia das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

A partir das três fases (2009, 2011 e 2012) de geração de dados e ao considerar as narrativas provenientes de tais movimentos, passamos a optar pelos estudos do dialogismo bakhtiniano (1986) e da cultura enquanto modos de vida (WILLIAMS, 1969). Esta opção é justificada pelo fato das postulações sobre dialogismo e cultura produzidas por Bakhtin (1986) e Williams (1969), respectivamente, serem produtivas para nossa reflexão e apreensão de um sistema simbólico e cultural produzido a partir da relação de existência histórica deste grupo. Para analisar estas narrativas, consideramos estes fundamentos teóricos para subsidiar nossas análises voltadas aos sentidos que emergem das práticas socioculturais desenvolvidas pelas aposentadas, assim como as estratégias que esse grupo de mulheres convoca para pensarmos o evento da aposentadoria.

Em função do percurso desenvolvido, propomos a organização da pesquisa da seguinte maneira: **Caminhos Navegados**, 04 seções, a saber: **SEÇÃO I- O Percurso Investigativo; SEÇÃO II- Cartografia das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, SEÇÃO III- Das opções teóricas: Profissionalidade, Identidade docente, Aposentadoria e Velhice bem-sucedida; SEÇÃO IV- Os sentidos da aposentadoria nas interações com as trajetórias históricas das vilas e Considerações conclusivas.**

Na **SEÇÃO I**, descrevemos as opções e o percurso metodológico da pesquisa. Apresentamos os três grupos de sujeitos selecionados para a investigação, a saber: Grupo I formado pelas aposentadas e Grupo II constituído pelos docentes da Educação Básica e o Grupo III composto por ex-alunos, líderes comunitários, demais moradores, representantes da prelazia, da SEMED (Cametá) e do IBGE. Os três grupos foram organizados em dois quadros. Nesse sentido, mostramos o caminho investigativo, desde a pesquisa exploratória, passando pela coleta das narrativas em forma de entrevistas e pela realização da Oficina de Memória, assim como apresentamos o método e as contribuições da Análise do discurso e dos Estudos Culturais para fundamentar as análises das narrativas selecionadas.

partir do trabalho apresentado por Pacheco (2011) intitulado “Imagens narradas, memórias e patrimônios desvelados” no qual o autor mostra as possibilidades de trazer à tona as memórias dos sujeitos a respeito dos seus territórios e eventos ocorridos.

Na **SEÇÃO II**, apresentamos as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins e as relações que os moradores estabelecem com seus territórios, atribuindo diferentes significados aos espaços como a escola, a igreja, o centro comunitário, o trapiche, dentre outros. Além disso, mostramos como o papel da sede desses distritos representada pelo município de Cametá influencia nos modos de vida dos moradores daquelas comunidades.

Na **SEÇÃO III**, em que tratamos da **Profissionalidade, Identidade docente, Aposentadoria e Velhice bem-sucedida** discutimos, inicialmente, as concepções de docência, da profissionalidade e de saberes da experiência que compreendem a formação do profissional e pessoal do professor. Assim, mostramos de que maneiras estudiosos se posicionam a respeito do que pode garantir a profissionalidade ou não. Na sequência, trazemos para o debate a questão das identidades assumidas pelos sujeitos, conforme as necessidades demandadas pelas situações a que se veem expostas. Em seguida, apresentamos a discussão a respeito da temática do trabalho à luz do Marxismo, ou seja, tomamos a concepção de trabalho, em Marx, como parâmetro para estabelecermos determinadas relações de poder que podem produzir estereótipos sobre os sujeitos dos quais esta pesquisa se ocupa, justamente porque há uma lógica produtivista que determina o ingresso e a saída de homens e mulheres do mundo do trabalho. Nesse direcionamento, discutimos não só os ciclos de vida profissional de professores, a aposentadoria e seus efeitos, como também a velhice bem-sucedida, principalmente, no aspecto que trata do papel que tem a interação no processo de envelhecimento dos sujeitos.

Na **SEÇÃO IV**, descrevemos **os sentidos da aposentadoria nas interações com as trajetórias históricas das vilas**. Apresentamos o dialogismo bakhtiniano, as estruturas de sentimento e a cultura enquanto modos de vida para analisar as narrativas dos diferentes grupos de sujeitos, em especial, as narrativas das professoras aposentadas. Assim, analisamos os diferentes sentidos que essas mulheres atribuem às práticas socioculturais que desenvolvem nas vilas a partir dos seguintes eixos temáticos que se mostraram mais recorrentes nas narrativas: **a) Estabelecimento de estratégias para lidar com a docência e com a aposentadoria para a garantia de uma velhice bem-sucedida e b) Manutenção do *status* que possui o aposentado, em especial, ao compartilhar saberes com os docentes da Educação Básica**.

Nas **Considerações conclusivas**, concluímos que dentre outros aspectos, a perspectiva dos ciclos de vida profissional proposta por Huberman (1992) para observar a

docência, em contextos como as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins precisa ser repensada, posto que em posição contrária ao como a sociedade vê o aposentado, as professoras desfazem a linearidade de determinante, dando novos encaminhamentos para suas vidas, seja por meio das orientações que fazem aos docentes da Educação Básica, seja no trabalho voluntário envolvendo práticas socioculturais, principalmente, em favor da igreja.

Tais percepções evidenciam também a importância dos saberes da experiência abordados por Larrosa (2002), porque valorizam os diferentes saberes acumulados pelos docentes ao longo das interações, tanto no contexto escolar, quanto nas agências de formação continuada sem deixar de lado as experiências historicamente partilhadas, nos diferentes espaços e durante os eventos desenvolvidos naqueles contextos.

SEÇÃO I- O PERCURSO INVESTIGATIVO

A presente seção mostra as opções metodológicas selecionadas para dar conta do tipo de pesquisa que valoriza os sujeitos e suas relações com seus territórios. Além disso, apresenta as etapas, atividades e instrumentos de pesquisa necessários em cada uma dessas etapas, assim como as adversidades evidenciadas pelos contextos das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins durante o desenvolvimento da pesquisa.

1.1- A Pesquisa qualitativa e as Contribuições da Análise do discurso e dos Estudos Culturais

Segundo Flick (2004, p. 22),

os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia. As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa.

Favorece-se, assim, o estudo do objeto de pesquisa ao se articular os dados gerados às diferentes etapas de desenvolvimento da pesquisa e às interpretações dos momentos destinados às entrevistas, por exemplo. Nesse tipo de pesquisa, a construção do conhecimento se dá a partir dos significados atribuídos pelo pesquisador à relação estabelecida entre o contexto e as convicções dos informantes. Caracteriza-se não por se basear apenas nos dados gerados durante a pesquisa, mas nos modos como os sujeitos envolvidos ressignificam determinadas práticas e saberes ao longo desse processo.

Para que isso aconteça há necessidade de uma maior aproximação por parte do pesquisador desses contextos, uma vez que há discursos e gestos manifestos nas entrevistas que se relacionam a elementos e fatos não capturados apenas no momento da enunciação em que acontece a entrevista. Eles se relacionam a elementos que fazem parte da dinâmica sócio-histórica em que se inserem determinadas comunidades e esta dinâmica é relevante para fundamentar a análise dos dados coletados. No caso do trabalho que possui como objeto os sentidos que as professoras aposentadas atribuem às práticas socioculturais desenvolvidas nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, a pesquisa qualitativa contribui para que se interprete as narrativas dos diferentes sujeitos selecionados relacionando-as com as observações e anotações a respeito das interações e dos saberes-fazer partilhados por esses sujeitos.

É importante levar em consideração que nesse tipo de procedimento analítico, a temática da memória atravessa a discussão, posto que as aposentadas, ao serem questionadas a respeito de sua trajetória profissional e engajamento nas práticas socioculturais das vilas sejam motivadas pelas fotografias apresentadas durante a Oficina de Memória (segunda fase de coleta das narrativas), ou pelos questionamentos mais diretos (primeira fase de geração dos dados) acabam por trazer à tona momentos relacionados a uma coletividade e não somente a uma memória individual.

[...] A idéia que mais facilmente representamos é composta de elementos tão pessoais e particulares quanto desejarmos, é a idéia que os outros fazem de nós, e os fatos de nossa vida que estão sempre mais presentes para nós também foram gravados na memória dos grupos que nos são mais chegados (HALBWACHS, 2006, p.66)

Isso indica que a memória é uma categoria construída na interação com o social. Assim, analisar as narrativas dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa é também uma maneira de compreender os sentidos que eles atribuem às práticas socioculturais desenvolvidas na fase da aposentadoria e como constituíram suas identidades nas interações com diferentes gerações (ex-alunos e colegas de trabalho principalmente), colocando em xeque categorias determinadas pela burocracia estatal. Por isso, há sempre reconstruções de experiências nos diálogos estabelecidos durante os eventos (religiosos e folclóricos) em diferentes graus de formalidade nos quais as aposentadas assumem identidades diversas por gozarem de reconhecimento naqueles contextos em função de suas trajetórias profissional e social.

Apoio-me na análise feita por Benjamin (1994, p.197) a respeito da obra *O narrador* de Nikolai Leskov, em que, segundo Benjamin, “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção” e sinaliza que isso ocorre porque “as ações da experiência estão em baixa” (p.198), sejam experiências narradas pelo viajante distante que sempre vem com o novo, seja com o narrador que morou no mesmo espaço durante toda sua trajetória, mas detentor de “suas histórias e tradições”. Neste caso, apesar da escassez da experiência da arte de narrar, conforme lembra Benjamin, é possível destacar nas experiências das aposentadas o intercâmbio de suas experiências com os professores da escola básica e alguns setores da comunidade. Ou seja, as narrativas destas professoras traduzem suas experiências consigo mesmas e com a comunidade social, compondo um jogo de vozes que dão os traços desta fase de formação.

A partir disso, tentamos articular as questões norteadoras das entrevistas realizadas na primeira fase da geração de dados (pesquisa de campo I) tomando como base a educação formal que as professoras tiveram, suas formas de entrada na carreira, os modos como lidaram com a aposentadoria e as relações de pertencimento com as ações desenvolvidas nas vilas. No que se referiu aos demais moradores (representantes da igreja, centro comunitário, ex-alunos, etc.), os questionamentos direcionaram-se mais ao tempo de engajamento das aposentadas, a relevância desse trabalho para a comunidade e o que chamava a atenção deles no que se tratava das práticas desenvolvidas pelas aposentadas.

Nesse sentido, procuramos respeitar a dinâmica própria dos sujeitos ao narrar suas histórias e a dinâmica da pesquisa (novos encaminhamentos, tempo, local, restrições dos aos equipamentos, ao terem de falar de si, de enfrentar da primeira pesquisa com foco nas vilas etc.). Assim, tive que dividir as entrevistas em períodos: realização de entrevistas com as aposentadas em janeiro de 2011 e com os demais moradores em fevereiro de 2011, posto que as aposentadas apresentavam certas especificidades que deveriam ser consideradas, tais como, pouca espontaneidade para responder entrevistas, gestos de estranhamentos à condução das entrevistas, indecisão quanto à possibilidade de colaborar com a pesquisa e sobre a capacidade própria de contribuir com a coleta de narrativas. Além disso, elas responderiam a aspectos profissionais e pessoais para alguém que levava quase 02 anos para amadurecer esta aproximação dos sujeitos, para merecer um pouco da confiança e engajamento com o trabalho (PORTELLI, 2010).

Verificamos que os sujeitos, principalmente as aposentadas, apesar de muito falantes, demonstraram restrições ao processo de entrevistas, o que nos sinalizou que precisaríamos de um tempo maior para proceder esta fase de composição dos dados. Por isso, a opção foi ampliar as narrativas, retornando às vilas em março de 2012 na tentativa de valorizar os sujeitos ao dar-lhes outra possibilidade de narrar, uma vez que minhas limitações de tempo podem ter interferido também na fase anterior de coleta de dados, não só o fato de os entrevistados terem mostrado-se pouco familiarizado com as propostas da pesquisa entendendo que:

o sujeito-narrador é mais que ouvir o que diz e reflete sobre si, é descrever as ações cotidianas ao longo da trajetória de vida que não ocorrem de forma isolada. O conjunto de fatos dos diferentes campos sociais transcorre ao longo da biografia, imbricados, que se alterando se modificando, se entrecruzam tecendo-se. (CUNHA, 2009, p. 51)

Essas tessituras são trazidas à tona em função das negociações ocorridas desde os primeiros contatos com as vilas no sentido de se implementar a pesquisa exploratória. No decorrer das 02 etapas posteriores da pesquisa, observamos que as narrativas ganharam outra dimensão ao se utilizar a Oficina de memória e não apenas as entrevistas realizadas na pesquisa exploratória e na pesquisa de coleta das narrativas. Esse redimensionamento colaborou bastante para que se desvelassem os sentidos que os sujeitos atribuíam às práticas socioculturais, assim como forneceram informações para a organização da cartografia daqueles contextos. O mote das entrevistas era levar os entrevistados a falar a respeito das vilas, mas trazendo para discussão as experiências na docência e as práticas que eles desenvolvem nas vilas mais recentemente.

Para Duarte (2004, p.216), a realização de uma entrevista, em especial as semiestruturadas, configura uma tarefa que precisa de determinados cuidados, a saber: conhecer os contextos da pesquisa, aproximar-se dos sujeitos de modo a estabelecer um contato que favoreça “um discurso mais ou menos livre”, sem perder de vista os objetivos traçados à relevância acadêmica. Procuramos imprimir este ritmo, mas acredito que cometemos falhas metodológicas quanto à elaboração de algumas questões que acabaram por limitar as respostas dos entrevistados tornando-se muito objetivas e direcionadas ao que eu observara. Por isso, foi necessário redimensionar o método, a partir de observações e sugestões recebidas da banca de qualificação. Abandonamos a perspectiva autobiográfica apresentada nos estudos de Delory-Momberger (2008), Goodson (2000), Lelis (2001) e Bueno (2006), posto que se pretendia acompanhar mais de perto as práticas desenvolvidas pelas aposentadas, desse modo poder estabelecer uma relação entre essas práticas e as histórias de vida daquelas, o que não foi possível, de acordo com o que já mencionamos.

A opção mais viável foi pela metodologia da História Oral que fundamentou a pesquisa realizada nos meses de março e abril de 2012. Utilizamos os trabalhos desenvolvidos por Thomson (1997, p.57) considerando “que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar) e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo”. Por isso, como selecionamos, para quem e com quais objetivos, mostram as diferentes posições que ocupamos no mundo ou que queremos marcar diante do outro. Dessa maneira, ainda segundo Thomson, tentamos conciliar o passado e o presente, mas isso acaba por não ser efetivado pelo fato de sermos sujeitos contraditórios por excelência, marcando

nossa presença de diferentes modos no intuito de atingirmos diversas vontades. Assim, é o divergente que faz a história daquilo que está sendo narrado, por isso, é importante ter atenção às incompletudes, às controversas, ao silêncio, ou seja, às manifestações das escolhas realizadas durante as narrativas.

Para Portelli (2010, p. 216), “O caráter oral, dialógico, imaginativo destas narrativas não é uma impureza da qual devemos nos livrar para irmos à busca dos fatos puros; é, em si, um fato histórico, simplesmente de outro tipo”. Ela não busca legitimar as fontes ocultando os pesquisadores, mas revelando esse caráter dialógico. Ou como o autor considera: hibridismo de tamanha multiplicidade e complexidade. É desta perspectiva que optamos pelo método da História Oral como a possibilidade de favorecimento à coleta das narrativas de maneira a valorizar os diferentes grupos de sujeitos envolvidos na pesquisa, utilizando outros recursos e eventos como as fotografias e as Oficinas da Memória que poderiam colaborar para a evidência de elementos que indiciassem os sentidos atribuídos pelas aposentadas e demais sujeitos às práticas socioculturais realizadas com os docentes da Educação Básica. Ou seja, tal método permitiu o cruzamento das narrativas coletadas, assim como as relações estabelecidas entre tais sujeitos e os territórios de cultura.

Em direção similar, a Análise do discurso, em especial, os estudos desenvolvidos por Bakhtin (1986, p. 127), favorece a compreensão do entrecruzamento de sentidos estabelecidos entre narrativas de aposentadas, docentes da Educação Básica e de representantes de outros segmentos das comunidades, uma vez que, segundo esse autor, a língua “constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através de interação verbal social dos locutores”, enquanto efeito da enunciação. Portanto, a linguagem é uma atividade constitutiva do sujeito na relação inevitável com o outro.

Não há sentido homogêneo, os sentidos resultam da relação essencialmente dialógica. Essa atividade do sujeito com o mundo acontece por meio da interação verbal, em diferentes contextos e situações comunicativas e mostra como se caracteriza a linguagem de modo dialógico e polifônico. Desta perspectiva teórica, defendemos que os sentidos das práticas culturais das aposentadas se revelam no cruzamento de suas narrativas dos demais sujeitos da pesquisa. Sem o outro a palavra é reduzida a puro código, perdendo a dimensão cultural e social.

No caso da pesquisa aqui apresentada, as interações na escola, na igreja, nos movimentos culturais e demais esferas de comunicação precisam ser levadas em consideração, pois os sentidos são construídos na interação dos sujeitos por meio de enunciados impregnados de valores culturais e de *entonação expressiva* (BAKHTIN, 1999) e de apreciações valorativas, portanto, ideológicas. Por essa razão, as narrativas devem ser analisadas a partir desses aspectos.

Ainda segundo Bakhtin, há sempre um querer-dizer por parte do sujeito na construção do seu enunciado e o interlocutor, fazendo uso da réplica, engaja-se ou não a ele. Toda resposta do interlocutor se configura para o outro, como uma recepção/compreensão responsiva ativa ou retardatária. Assim, na interação há o dialogismo uma vez que “eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim” (BRAIT, 2005, p.194). Tal compreensão configura a possibilidade de o enunciado propiciar uma *alternância dos sujeitos falantes*, destacando aí não o aspecto da troca de turnos, mas o fato de permitir que o dito possa suscitar no outro uma resposta, cedo ou tarde. Além disso, é preciso considerar o caráter ideológico do signo veiculado nas interações cujos significados são socialmente construídos, negociados e submetidos ao crivo das relações de poder.

Seria importante discutir até que ponto as vozes que referendam as ações ainda recorrentes por parte do grupo de aposentadas (há outros aposentados que deixaram as vilas ou se dedicaram a outras atividades bem diferentes) se ancoram apenas na trajetória de vida profissional dessas mulheres. No dizer de Bakhtin (1986, p.36), a consciência individual é um fato sócio-ideológico em que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Desse modo, o dialogismo configura-se na refutação ou na apropriação da palavra de outrem como forma de se constituir na interação (face a face ou não) diante de uma determinada situação. Assim, acredita-se que nas relações estabelecidas entre professoras aposentadas, moradores, e, em especial, docentes da Educação Básica, as trocas reiteram os sentidos que os sujeitos atribuem às práticas socioculturais desenvolvidas pelas aposentadas legitimando os modos de vida que elas construíram para dar continuidade ou elaborar novos projetos de vida.

Em direção similar ao dialogismo, é importante trazer para discussão a noção de Polifonia, ou melhor, de vozes polifônicas tratadas por Bakhtin considerando-se que o sujeito “rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável” (BRAIT, 2005, p. 194). Um aspecto interessante para se levar em conta é que os sujeitos, durante suas interações, mobilizam

diferentes discursos constituídos, de acordo com seus modos de circulação pelas esferas comunicativas. O “já dito” subjaz a seus discursos e os sujeitos, de acordo com suas intenções em relação ao outro, trazem para a cena enunciativa tais discursos, engajando-se neles ou refutando-os. Por esse caráter heterogêneo constitutivo da linguagem, ao produzirmos nosso discurso, estamos num diálogo com outros discursos já enunciados e agregamos a ele nosso estilo, projetando-o para discursos que virão.

Retomamos Bakhtin, ao tratar do ato responsável, considerando-se que respondemos ao mundo por meio de atitudes pelas quais somos responsáveis e que isso deve acontecer de forma ética, responsável o que atribui sentido às nossas ações, fazendo com que nos engajemos nelas e deixemos à mostra a alteridade constituída. Por exemplo, nas interações que o grupo de aposentadas desenvolve, em especial, com os docentes da Educação Básica, sempre em resposta a uma posição que ocupa eticamente no mundo. Não há enunciação sem resposta, mesmo que esta não seja dada na situação da interação e “O dever ético de pensar verdadeiramente se associa à responsabilidade frente àquilo que penso em determinada situação e ali imprimo minha assinatura” (SILVA, 2008, p. 49).

A identificação com o outro dependerá das minhas interações sociais. Assim, seria interessante pensar nas experiências humanas, cotidianas sem categorizar sob os moldes unilaterais da ciência, binarismos, a ideologia chamada por Bakhtin de ideologia do cotidiano cujos saberes não respondem às necessidades da ideologia oficial. No caso do grupo de aposentadas que promovem a socialização de saberes da experiência e são legitimadas não apenas pelos professores da Educação Básica, mas por diversos segmentos das comunidades. Entretanto, é relevante considerar que, no caso da catequese, por exemplo, há um reforço da ideologia oficial enquanto atividade da igreja.

Em função de se procurar analisar as narrativas dos sujeitos a partir de uma perspectiva enunciativa da linguagem cuja interação reúne valores diversos (culturais, políticos, econômicos, políticos etc.) sob o crivo das relações de poder torna-se relevante trazer para discussão as propostas dos Estudos Culturais, que constituem um campo multidisciplinar ao articularem diferentes campos do saber, tais como: antropologia, sociolinguística, história, comunicação, arte, psicologia, sociologia para teorizar sobre o aspecto cultural por apontarem que ele é “o próprio material de nossas vidas diárias, as pedras fundadoras de nossas compreensões mais corriqueiras” (WILLIAMS, 1977, p.185). É nesse campo cultural que muitas lutas se dão: identidades são negociadas, refutadas, conseguem

adesão reiterando ou ressignificando valores individuais e coletivos sociohistoricamente construídos, portanto, elas são discursivamente construídas nas relações com o outro.

Nada está fora da cultura, inclusive, as ditas paisagens físicas, pois os homens é que as interpretam, representam, manipulam e constroem sobre elas relações de territorialidades e pertencimentos. É por isso que Cevalco (2007, p.117) relata que no início “cultura era um substantivo que se referia a um processo: o cuidado *com algo*, basicamente com as colheitas ou com animais”. Com o passar do tempo, ampliou-se para cuidar do desenvolvimento humano.

Cultura vista de modo mais amplo consolida práticas determinadas por aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais. Nessa direção, nos Estudos Culturais, o aspecto econômico constitui também um elemento que deve ser analisado ao se tratar de cultura, direcionamento contrário ao que se tratava no marxismo. A política cultural precisa ser abordada ao observarmos os modos de vida dos sujeitos, suas relações com seus contextos e com saberes locais que acabam por dialogar com o global como mostram as narrativas das aposentadas. A valorização destes sujeitos, em certa medida, está vinculada ao fato de ainda poderem trabalhar, manterem-se produtivas em espaços culturais. Daí, a relação entre cultura e produção econômica, articulada às dimensões: política, social e histórica etc.

Uma das marcas dos Estudos Culturais é o engajamento e nisso se justifica a opção desse campo de estudo em procurar conciliar suas investigações às novas organizações da vida cotidiana. Os teóricos consideram que a questão cultural influencia de diferentes formas todas as outras esferas da vida social. Deste modo, tensões, conflitos, negociações e acomodações não são resultados apenas de decisões que envolvem a esfera da economia e da política, mas, sobretudo os jogos de poder entre grupos em disputas culturais e que refletem nos modos de vida dos sujeitos nos mais diferentes territórios.

Muitos estudiosos se destacaram no desenvolvimento das pesquisas a respeito da cultura, mas para fins deste trabalho, selecionamos Stuart Hall (2003) e Raymond Williams (1979). Hall traz para discussão as identidades em construção, ao se opor ao tipo de comunicação que se estabelecia entre os sujeitos, focalizando a existência de um discurso como prática social que deve ser articulado de modo a persuadir o outro. Por isso, o sujeito se constitui na linguagem e através dela assume suas identidades, visto que para esse estudioso a identidade está em processo, é instável e negociável.

A ideia era estudar de que modo a cultura, o conhecimento e o poder se convergem nas relações sociais de forma a construir uma política cultural (HALL, 2003). Esses estudiosos colocaram-se à prova por utilizarem diferentes elementos metodológicos das mais diversas áreas do saber para legitimarem suas posturas diante do saber que agora se faz em processo contínuo. Dessa maneira, deixam em evidência a necessidade de que as lutas devam ser forjadas nas estratégias, por isso, seu caráter político, das relações de poder, simbólico e linguístico que exige engajamento, ato responsável e ético diante do conhecimento, dos contextos e sujeitos. Estas temáticas vão ao encontro do que vimos discutindo ao longo deste trabalho ao propormos analisar os sentidos que as professoras aposentadas e demais sujeitos envolvidos atribuem às práticas que elas realizam em prol das vilas, dando continuidade a projetos de vida engajados em necessidades mais coletivas.

Costa et al. (2003, p. 36), ao tratarem das relações entre Estudos culturais, educação e pedagogia, evidenciam que as “[...] as preocupações se concentram em problematizações da cultura, agora entendida em um espectro mais amplo de possibilidades no qual despontam os domínios do popular”. Neste sentido, a cultura não se prende mais a aspectos hierárquicos e a pertencer à classe dominante e a circular pelo contexto meramente erudito. Pelo contrário, ela passa a atender/valorizar/significar os gostos, desejos e saberes das classes populares.

Verificamos que dentre os intelectuais dos Estudos Culturais, Raymond Williams, para fins desta pesquisa é o que mais se afina à proposta, uma vez que a concepção de cultura tratada por Williams objetiva “[...] instituir a cultura como um modo de criticar a vida social do ponto de vista de uma proclamada neutralidade: a cultura seria a esfera do valor humano, portanto de todos, embora a vida real seja feita de desigualdade e dominação”. (CEVASCO, 2007. p.13) baseada em Williams (1977).

Dessa forma, o autor aposta que a cultura acaba por se transformar num instrumento que mantém o sistema tal como está posto, hegemônico, dominante. Nesta perspectiva, fazer cultura é fazer política, ter engajamento. Ou seja, o projeto cultural de Williams focaliza-se na

[..] cultura do vivido: aquela saturação do hábito, da experiência, dos modos de ver, que é continuamente renovada em todas as etapas da vida, desde a infância, sob pressões definidas e no interior de significados definidos, de forma tal que o que as pessoas vêm a pensar e a sentir é, em larga medida, uma reprodução de uma ordem social profundamente arraigada à qual as pessoas podem até pensar que de algum modo se opõem, e a que muitas vezes se opõem de fato (CEVASCO, 2007, p.14).

A crítica cultural constitui um instrumento que acaba por ‘contribuir para a mudança radical da sociedade. Nesse sentido, verifica-se que a cultura assume o *status* de poder e é objeto que ‘sistematiza’ a ideologia oficial ou a ideologia cotidiana, dependendo das formas de luta dos sujeitos envolvidos na batalha que agora toma novas feições e tem na linguagem significados que são negociados nas interações. A alteridade constitutiva (eu e outro) e vozes polifônicas se tornam cada vez mais fluidas. É assim que a palavra do outro chega a ser do sujeito de forma rápida e quase sem indícios, em especial, quando se trata de não assumi-la de forma ética e responsável.

Segundo Costa et al (2003, p.38),

Essa centralidade da cultura – ressaltada, entre tantos pensadores, por Stuart Hall, Fredric Jameson, Néstor Canclini, Beatriz Sarlo, David Harvey – tem uma dimensão epistemológica, que vem sendo denominada “virada cultural”, referindo-se a esse poder instituidor de que são dotados os discursos circulantes no circuito da cultura. Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de *rock*, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas.

Para se discutir cultura neste trabalho, as justificativas ancoram-se no fato de que as relações sociais estabelecidas nas vilas ocorrem em grande medida, por meio de práticas socioculturais. Estas acabam por possuir ritos, elementos que marcam/determinam os papéis, as identidades, relações de poder, justificando “vez e voz” a alguns em detrimento de outros, considerando-se que essas trocas baseiam-se em apreciações valorativas, num movimento que imprime no discurso as manifestações de como os sujeitos se constituem na singularidade/complexidade da vida ordinária.

Costa et al (2003, p.18) apontam que a teoria da cultura de Williams considera que a “produção (e não apenas a reprodução) de significados e valores por formações específicas, a centralidade da linguagem e da comunicação como forças sociais formadoras e a interação complexa tanto das instituições quanto das relações sociais das convenções formais”. É nesse cenário que os Estudos culturais surgem como fontes de apropriação de elementos importantes para validação de pesquisas que envolvem contextos e sujeitos pouco legitimados pelos estudos desenvolvidos no meio acadêmico, até então. Surge, então, a preocupação em se deter na produção cultural, tendo em vista que ela nos ajuda a compreender como os sujeitos

criam estratégias para manter o *status* que o professor aposentado ainda tem naqueles contextos.

Nessa perspectiva, defendemos que os Estudos Culturais se aproximam das ideias de Bakhtin, considerando-se que ao reforçarem, como apontam Costa et al (2003, p.38), que é

na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos. Nesse sentido, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado.

A arena se instaura e os significados são negociados via linguagem, de modo que os sujeitos precisam se apropriar de instrumentos que lhes garantam argumento de autoridade frente às estratégias dos grupos majoritários. Trata-se, portanto, de uma luta instaurada na linguagem, é simbólica e ideológica.

Em função dessas questões, cabe aqui instaurar a discussão sobre a cultura pautada nos modos de vida. Os estudos de Williams (1969) apontam três perspectivas a partir das quais se pode analisar as práticas culturais, elegendo os aspectos *dominante*, *residual* e *emergente*, os quais serviram para aprofundar estudos na área da literatura, mas que podem ser mobilizados nas análises dos discursos presentes nas narrativas dos sujeitos selecionados para esta pesquisa.

Por *dominante* podemos compreender os elementos que representam aspectos hegemônicos, majoritários no modo de os sujeitos se relacionarem em sociedade, de construir conhecimento, associando as práticas a um passado que monitora, generaliza e descarta outras possibilidades de compreensão.

O *residual* mostra elementos detidos no passado cultural de uma comunidade, mesmo observando Williams que não pretende associar o residual ao sentido de arcaico. Para o autor, “...O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente” (WILLIAMS, 1969, p.125). Ao passo que o *Emergente* apresenta indícios de mudanças mais efetivas nas formas de lidar com o hegemônico.

Para fins desta pesquisa, é relevante a discussão das relações entre *residual* e *dominante*, posto que elas podem favorecer a análise dos sentidos atribuídos pelas aposentadas e demais moradores às práticas desenvolvidas por aquelas aposentadas e os estereótipos produzidos em relação ao sujeito aposentado. Merece atenção, nesse sentido, um dos exemplos explorados por Williams, no que se refere à comunidade rural, pois diante do

capitalismo industrial urbano esta territorialidade pode se mostrar residual, ora por representar uma alternativa aos sujeitos para lidar com sua realidade, ora por se constituir uma oposição ao *status quo* (dominante).

A distinção entre *residual* (viés de resistência) e *emergente* se torna difícil pelo caráter de resistência próprio do residual. Entretanto, não se trata de uma prática imediata, uma vez que em relação à forma, buscará outras ou a adaptará dentro do que o autor considera como ‘emergência preliminar’ por ainda não se encontrar articulado. O emergente possui duas fontes, a saber: a classe e a área social (humana) excluída.

Sarlo considera que as noções de *Dominante* (hegemonia), *Residual* (marcas do vivido no passado) e *Emergente* (indício de mudanças) “caracterizam as relações dinâmicas e os contrastes no interior de uma mesma cultura” (SARLO, 1997, p.2) que serviriam para mostrar um *continuum* simbólico-prático.

Para se compreender estas relações entre a emergência preliminar, dominante, residual e emergente, Williams traz para discussão o que denominou de Estrutura de sentimento, defendendo que ao se colocar no mesmo patamar sociedade e cultura, ou o social e o pessoal limita-se a compreensão em nível de experiência. Isso ocorre, porque o social associa-se ao que é fixo e detido no passado (dominante), ao passo que o aspecto pessoal centralizado na experiência é vivo, presente, mais flexível às dinâmicas dos sujeitos e suas relações com seus contextos etc..

Williams aponta que “a complexidade de uma cultura se encontra não apenas em seus processos variáveis e suas definições sociais- tradições, instituições e formações- mas também nas inter-relações dinâmicas, em todos os pontos do processo, de elementos historicamente variados e variáveis”. (WILLIAMS, 1979, p. 124). São as inter-relações que auxiliam bastante no entendimento da totalidade do processo cultural, não se restringindo a um aspecto específico, que neste caso tende a ser o dominante. Isso se consolida ao se analisar tal processo apenas na perspectiva temporal, deixando-se de lado “as relações dinâmicas internas de qualquer processo real” (p.125).

Sendo assim, as estruturas de sentimento constituem

[...] elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimento em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada [...]. (WILLIAMS, 1969, p.134).

A experiência social é concebida como em processo, entre o dominante e o emergente. Os modos de vida das professoras aposentadas, olhadas sob estes aspectos, indiciam as opções pelas práticas socioculturais como forma de continuarem a investir na vida por meio de novos projetos, mas pautadas nas experiências acumuladas ao longo da docência e da vida em comunidade, não se adequando a uma imagem “cristalizada” de aposentado enquanto desprovido de subjetividade, sem direito a voz e vez, desvalorizado em seus saberes pautados na experiência vivida. Ou seja, há uma luta entre cultura dominante e as percepções, criatividades e sentidos construídos no convívio entre os sujeitos, de modo que, este convívio é forjado em um espaço multifacetado nas práticas socioculturais desenvolvidas pelo grupo de aposentadas.

Embora os aspectos *residual*, *dominante* e *emergente* pertencentes às estruturas de sentimento tenham sido mais utilizados na análise da arte e da literatura, tomamos aqui tais categorias para compreender as relações estabelecidas e os sentidos atribuídos às práticas das aposentadas, numa associação entre passado (as experiências das aposentadas) e presente (aquilo que as aposentadas fazem hoje sem, fora dos esquemas dominantes) discursos dos professores da Educação Básica em termos do processo educacional, assim como nas formas de se conceber aposentado e trabalho naqueles territórios da cultura. Dessa maneira, caberia analisar como os processos culturais acontecem nas vilas, o que marca, ritualiza, legitima as ações do grupo das aposentadas, garantindo-lhes uma imagem positiva em determinadas práticas que desenvolvem em prol das vilas, referendada junto aos moradores, como os saberes/experiências socializados pelo grupo norteiam, atravessam, matizam as práticas dos professores da Educação Básica.

As relações desses estudos com a área da linguagem concernem no fato de que Williams (WILLIAMS, 1969, p.19) apresenta aqui uma alternativa histórica e materialista ao famoso giro linguístico das humanidades considerando que

[...] o movimento que tomava a linguagem em sentido absoluto, como sistema que nos fala e condiciona. O seu propósito é articular outro conceito de linguagem que possibilite levar em conta as contradições entre agência e determinação, ou seja, que apresente os limites e as pressões a que está

submetida a ação humana e aos mesmo tempo preserve um espaço para a mudança

Com isso, ele mostra que muitos termos não eram tomados no seu significado enquanto “arena onde se registram os conflitos sociais”. (WILLIAMS, 1969, p.19). Mas, a partir dessa perspectiva os estudos das palavras que envolvem as práticas e as instituições que representam cultura e sociedade assumem outros valores. Não bastaria observar cultura, por exemplo, apenas num dado espaço, tempo e sujeitos, mas na dinâmica das relações estabelecidas, nos sentidos negociados, nas identidades assumidas. Assim, ser aposentado pode estar associado à exclusão ou a uma posição de destaque, se compararmos as professoras que seguiram investindo nas práticas socioculturais e com os aposentados que não tiveram o mesmo direcionamento.

Costa e colaboradores apontam que na Educação, os Estudos Culturais “constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica”. (COSTA et al, 2003, p. 54). Posto isto, em função das opções temáticas que fizemos, esta teoria interpretativa poderá nos mostrar outras possibilidades de compreensão sobre o que é ser professor e ser aposentado em contextos com os das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Isso é relevante, visto que as docentes aposentadas constituem suas identidades trazendo à tona lembranças de sua trajetória profissional e da convivência nos diferentes espaços das comunidades, ampliando a perspectiva trabalhada nos ciclos de vida profissional (HUBERMAN, 1992). Esta trajetória, por sua vez, mostra que nas práticas socioculturais desses sujeitos há ações do presente que mantêm sentidos do passado. Nesse gesto é possível depreender sentidos de resistência às determinações do estado sobre o sujeito aposentado.

Para tanto, apresentamos as etapas realizadas da pesquisa, conforme as necessidades de maior aproximação dos sujeitos selecionados. Os períodos foram julho de 2009, janeiro e fevereiro de 2011 e março até início de abril de 2012. As viagens às vilas levaram em consideração tanto os ajustes dos instrumentos e métodos de pesquisa discutidos ao longo dos seminários de tese, quanto aqueles debatidos no exame de qualificação.

1.2- As Etapas de coleta das narrativas

A pesquisa aqui apresentada constou de três etapas, a saber: pesquisa exploratória, pesquisa para coleta das narrativas (entrevistas) e Oficina de Memória, como passaremos a apresentar.

A pesquisa exploratória foi realizada, durante a segunda semana do mês julho de 2009. Essa investigação teve como objetivo selecionar, principalmente, os professores aposentados e os docentes da Educação Básica como sujeitos da pesquisa, uma vez que a ideia central era discutir as contribuições dos aposentados no processo de formação profissional da nova geração de docentes. Os ex-alunos, pais/responsáveis dos alunos, lideranças comunitárias e religiosas, profissionais da saúde, comerciantes também seriam sujeitos da pesquisa, porque acreditávamos que a trajetória profissional estava muito ligada aos moradores em geral e não apenas àqueles do convívio escolar.

Os critérios de escolha dos sujeitos foram os seguintes: no caso das aposentadas, deveriam ter dez anos, em média, de residência nas vilas; estar envolvidas nas práticas socioculturais e ter três anos de aposentadoria no mínimo. No caso dos docentes da Educação Básica, deveriam ser concursados e ter contato com os aposentados, em diferentes espaços de comunicação. No grupo reservado aos diretores das escolas, aos ex-alunos e às lideranças comunitárias e religiosas, os critérios eram: estarem em contato com os aposentados e com os docentes da Educação Básica por no mínimo dez anos e terem participado de algumas práticas desenvolvidas pelos aposentados, ao longo de suas trajetórias profissionais e pessoais.

As indicações dos moradores das vilas, sobretudo dos docentes da educação Básica e dos líderes comunitários, revelaram-me os possíveis sujeitos que deveríamos dialogar para compor o grupo de sujeitos da pesquisa. Assim, procedemos agendando encontros para autorização da pesquisa que exigiria gravação em áudio e vídeo em função do número de sujeitos (14 aposentados inicialmente), alguns representantes da nova geração de docentes e representantes das comunidades. O fato de perceber na pesquisa exploratória que uma boa parte das aposentadas havia exercido a docência tanto na vila Moiraba quanto na vila do Carmo do Tocantins, além de continuarem a dialogar com os dois distritos em função das práticas socioculturais que desenvolvem, levaram-nos a optar por trabalhar com as duas vilas.

Não obstante, os registros em áudio e vídeo foram feitos apenas com algumas das docentes aposentadas. Os possíveis sujeitos pertencentes aos demais grupos foram

contactados nos intervalos das entrevistas e conversas que havíamos agendado com as professoras aposentadas. O tipo de trabalho que configurou a pesquisa deixou os sujeitos arredios inicialmente, pois nunca haviam participado de algo semelhante. Além disso, possuíam dinâmicas de vida bastante diferenciadas. Ao saberem da nossa formação em língua portuguesa, manifestaram-se preocupadas com a ideia da correção linguística. Por isso, a ideia inicial de se ter uma etapa de escrita das memórias da docência foi logo descartada. Estes acontecimentos exigiram uma conversa inicial e posterior agendamento com este grupo o que nos fez rever todo o cronograma de pesquisa e os modos de aproximação dos sujeitos.

As conversas e entrevistas se detiveram na apresentação da proposta de trabalho (agendamentos, visitas, atuação simultânea ou não nas vilas durante o exercício do magistério, filmagens em áudio e vídeo das entrevistas e trâmites legais da autorização de pesquisa). Esse foi o direcionamento às aposentadas. No caso da nova geração de docentes da Educação Básica e demais moradores, os questionamentos foram os seguintes: você conhece algum professor aposentado que ainda se engaje no trabalho em prol das vilas?, O que ele/ela faz? Desde quando ele/ela atua nesta atividade e se esta atuação se iniciou antes da aposentadoria ou só depois dela?

Nessa fase, filmamos a participação de algumas das aposentadas na assessoria aos integrantes da quadrilha Estrela Junina, da vila Moiraba, pois como era início de férias e muitos filhos e amigos de São Benedito (Moiraba) visitavam seus familiares, tornou-se uma oportunidade para tal filmagem. Outra filmagem foi da festa da padroeira da vila do Carmo do Tocantins, Nossa Senhora do Carmo na qual as aposentadas e alguns dos docentes da Educação Básica ocuparam diferentes funções. Infelizmente, perdemos o material coletado nessa fase, no início de 2010.

Durante aquela fase de inserção nos cotidianos dos sujeitos, conseguimos contato com 11 dos 14 professores aposentados. Apenas as mulheres concordaram em participar da pesquisa. No caso dos outros grupos de sujeitos, tive autorização de 08 ex-alunos (que eram pais/responsáveis); 09 docentes da Educação Básica; 02 lideranças comunitárias (também professores da Educação Básica); 01 representante da igreja (da vila do Carmo do Tocantins); 03 diretores; 01 vice-diretora; 01 Suporte pedagógico ⁶ e 01 agente de saúde. A ideia de ter

⁶ Suporte pedagógico é a denominação utilizada nos documentos da Coordenadoria de Educação do município de Cametá para se referir ao assessor pedagógico. Sua função principal é auxiliar os diretores no trabalho que

comerciantes antigos, o único professor aposentado e um número maior de representantes da igreja como sujeitos não se concretizou pela falta de autorização do aposentado, de alguns comerciantes e pela falta de conhecimento maior a respeito das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

A partir daquela primeira fase, percebemos que seria interessante trabalhar com as histórias de vida das professoras. Para isso, procedemos a leitura a respeito do método autobiográfico considerando os estudos desenvolvidos por Delory-Momberger (2008); Goodson (2000); Lelis (2001); Bueno (2006) para compreender o que elas fizeram durante a trajetória profissional e na vida em comunidade que lhes garantiram reconhecimento junto aos moradores.

Além disso, desenvolver aquelas práticas para a maioria das aposentadas era algo que lhes proporcionava bem-estar por conta dos desafios, da interação com diferentes gerações e possibilidades de contribuir com as comunidades. Durante o resto do ano de 2009, fomos poucas vezes às vilas, porque os dias alternados das disciplinas no segundo semestre inviabilizavam nosso deslocamento para as referidas localidades, já que as disciplinas eram intercaladas. Por conta disso, passamos a explorar as leituras a respeito das temáticas da identidade, profissionalidade e ciclo de vida profissional que se mostraram recorrentes nos dados gerados na pesquisa exploratória.

No início de 2010, participamos de 01 reunião de formação continuada e de início do ano letivo (Semana Pedagógica), mas não autorizaram a filmagem, porque não envolvia apenas os sujeitos da pesquisa. A reunião ocorreu na escola Municipalizada de Ensino Fundamental Maria das Silva Nunes e contou com a presença de docentes tanto da vila do Carmo quanto de Moiraba. A responsável pela formação orientou os docentes quanto à elaboração do planejamento, cronograma geral das ações que seriam desenvolvidas no decorrer daquele semestre e avaliação do ano anterior. O encontro contou com a presença de 02 aposentadas que opinaram em relação a algumas datas, considerando, por exemplo, as atividades previstas, que envolviam os docentes da Educação Básica e as práticas socioculturais, principalmente, as desenvolvidas pela igreja. Pensamos que poderíamos flagrar uma orientação mais efetiva das aposentadas em relação à nova geração de professores, mas

elas se detiveram em sinalizar os cuidados com o cronograma de ações previstas pelas comunidades e que dependiam da parceria estabelecida com aqueles docentes.

Os encaminhamentos foram muito semelhantes ao que poderíamos observar em várias escolas de contextos mais locais como os selecionados para esta pesquisa. A ideia inicial era acompanhar a formação continuada da nova geração de docentes para verificar de que maneira aquele grupo lidava com os saberes curriculares, com as práticas socioculturais e com as orientações realizadas pelas aposentadas. No entanto, observamos que os encaminhamentos seguiam a agenda de organização da sede (Cametá) e que não havia discussão a respeito de especificidades dos contextos locais em relação às atividades macro ora propostas pela SEMED, exceto no aspecto do cronograma como já mencionamos.

As dinâmicas necessárias ao cumprimento dos créditos das disciplinas do curso de Doutorado, a participação em eventos e concursos inviabilizaram uma inserção mais intensa nas vilas de São Benedito e Carmo do Tocantins. Por conta disso, repensamos os encaminhamentos propostos pelo método Autobiográfico, uma vez que nos estudos realizados era recorrente a necessidade de uma inserção mais efetiva nas práticas sociais dos sujeitos. Isso se enfatizou quando participei do IV CIPA- Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica que considerei importante para o planejamento da pesquisa de campo I.

A busca por novos diálogos e as dinâmicas impostas pelos compromissos profissionais que deveriam ser assumidos a partir de janeiro de 2011 na UFPA (campus Marabá) acabaram por levar a repensar a necessidade de ficar mais tempo nas vilas e desse modo ter condições de organizar a trajetória dos sujeitos como indicavam os estudos autobiográficos até então pesquisados. Em função disso, a pesquisa de campo I, planejada para novembro de 2010, só pôde acontecer em janeiro e fevereiro de 2011, mas ainda não aos moldes do método da História Oral, o qual, posteriormente, foi considerado mais viável devido à impossibilidade de estar mais tempo nos contextos selecionados para a pesquisa aqui apresentada.

Dessa maneira, a pesquisa de campo I teve os seguintes eixos temáticos para as entrevistas, conforme os grupos de sujeitos envolvidos. As professoras aposentadas responderam às questões que integravam dois eixos: Eixo 01: A maneira como as docentes construíram sua trajetória profissional: a) Por que você optou pelo magistério? b) Que experiências positivas foram marcantes no exercício da sua profissão? Quais as suas maiores

dificuldades no exercício do magistério? c) O que você faria de diferente que não teve condições de fazer na época em que atuava como professora da escola básica? d) Se tivesse como voltar atrás, escolheria ser professora novamente, por quê? Eixo 02: As formas que o grupo de professoras lidou com o processo de aposentadoria nas suas relações com a comunidade local: a) Como você se sentiu no momento da aposentadoria? b) Quais encaminhamentos você deu a sua vida, depois desse processo? c) O que lhe motiva a desenvolver determinadas práticas junto à comunidade local? d) Como você se sente ao desenvolver tais práticas? Qual delas mais lhe faz bem, por quê? e) Você acha que contribui com a comunidade? Como?

No caso do grupo constituído pelos docentes da Educação Básica, ex-alunos, diretores, vice-diretores, suporte pedagógico, lideranças religiosa e comunitária e agente de saúde, o eixo era apenas um: EIXO 01: As contribuições das práticas desenvolvidas pelas professoras aposentadas contendo as seguintes questões: a) Quais são as atividades que esse grupo de professoras aposentadas realiza na comunidade? b) Há quanto tempo as aposentadas realizam tais práticas? c) O que mais lhe chama a atenção nas atitudes desse grupo de professoras? d) Essas práticas contribuem com as vilas? Como?

As entrevistas, de acordo com os grupos de sujeitos, foram agendadas com um mês de antecedência para tentarmos evitar o máximo possível de transferência de datas para realizá-las. Isso se justificou pelo tempo reduzido para viajar às vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Além disso, as dinâmicas dos sujeitos eram bastante variadas, como eu já havia percebido durante a pesquisa exploratória. Assim, entrevistei um total de 36 sujeitos pertencentes aos três grupos selecionados. Entretanto, alguns dos sujeitos tiveram problemas de diferentes tipos (doenças, imprevistos em seus compromissos, viagens) e eu só pude obter algumas das narrativas na Pesquisa de campo composta pela Oficina de Memória realizada no período de 30 de março a 08 de abril de 2012.

As perguntas da Pesquisa de Campo I não deram condições, para que os entrevistados falassem mais a respeito das temáticas tratadas em cada eixo. Associa-se a isso a timidez deles e a forma como as perguntas foram conduzidas pela pesquisadora, apesar de a maioria das entrevistas terem ocorrido nas casas dos envolvidos, a fim de que estes se sentissem à vontade. Alguns optaram pela companhia de um familiar ou de um amigo durante os encontros. Aceitamos as condições e procuramos conduzi-las da melhor maneira possível,

pois em alguns casos a única solução foi agendar para um outro momento (fevereiro), como foi o caso de algumas aposentadas. No caso de 02, só conseguimos obter as entrevistas referentes à pesquisa de campo I, durante o período de realização da Pesquisa de Campo II (Oficina de Memória). Uma boa parte participou das entrevistas sem maiores necessidades de ajustes.

A leitura das narrativas coletadas durante a Pesquisa de campo I permitiu constatar que apesar de aspectos interessantes a respeito das temáticas tratadas estivessem presentes, certas questões poderiam ter sido melhor exploradas durante as entrevistas. Estas inquietações se reiteraram diante dos pareceres da banca de Qualificação, em especial, a respeito do método Autobiográfico tendo como foco as histórias de vida. Concordamos com os avaliadores e retiramos da pesquisa o método mencionado em favor da História Oral em definitivo. Aproveitamos para acrescentar aos estudos o processo de envelhecimento na perspectiva da velhice bem-sucedida (ANDRADE, 2010) por compreender que um dos aspectos recorrentes nas narrativas era o bem-estar que elas demonstravam sentir ao desenvolverem as práticas socioculturais em prol das vilas. Além disso, ampliamos as discussões e evidenciamos a necessidade de discutirmos as práticas socioculturais.

A partir das escolhas teórico-metodológicas redimensionadas até o final de 2011, planejamos a Oficina de Memória com os sujeitos. O planejamento constituiu-se dos seguintes encaminhamentos: a) orientação de que os sujeitos deveriam separar fotos das vilas e de momentos que mostrassem suas experiências escolares; b) agendamento das oficinas (data, local e horário), desde que compreendessem final de março e início de abril de 2011; c) seleção dos materiais a serem utilizados durante as oficinas; d) Seleção dos materiais a serem utilizados nas oficinas, considerando-se que já imaginávamos que poucos sujeitos possuíam registros, principalmente dos locais das vilas. Registramos imagens dos principais locais, scaneamos algumas fotos mais gerais e organizamos o material por sujeito e dia da oficina.

Os agendamentos foram feitos por alguns dos nossos familiares que residem nas vilas, porque a comunicação naquela localidade ainda é precária, apesar de alguns avanços melhor observados a partir de 2009. Quando chegamos às vilas, tivemos que reiterar com cada sujeito as orientações, quanto à seleção dos materiais na última semana de março, pois alguns se preocuparam por não terem registros e ficaram com receio de participar da oficina.

A primeira etapa da oficina destinava-se aos docentes da Educação Básica, aos ex-alunos das aposentadas e aos líderes comunitários. A ideia era obter maiores informações a respeito das vilas focalizando os principais locais. Isso se fez necessário em função dos poucos registros referentes àquelas comunidades no museu, no IBGE, na prelazia e na SEMED de Cametá. Desse modo, conhecer os espaços a partir das relações que os sujeitos estabeleciam com eles também poderia nos ajudar a compreender melhor os engajamentos por parte das aposentadas no trabalho em prol das vilas. Por conta disso, a oficina teve dupla função: 1) ampliar as narrativas a respeito das temáticas: identidade (HALL, 1993, 2006), profissionalidade (IMBERNÓN, 2009), trabalho (FRIGOTTO, 2009), Ciclo de vida profissional (HUBERMANN, 1992), aposentadoria (DEBERT, 1999, NERI, 1993), saberes docente (TARDIF & LESSARD, 2009) e da experiência (LARROSA, 2003), os Estudos Culturais de vertente Britânica (HALL, 1997; 2006, WILLIAMS, 1969) e a Análise do discurso a partir dos estudos de Bakhtin (1996; 2009) seriam utilizados para analisar os dados, considerando os sentidos atribuídos pelas aposentadas e pelos outros moradores às práticas socioculturais desenvolvidas pelas professoras aposentadas e 2) organizar a cartografia cultural das vilas a partir das relações que os sujeitos estabeleciam com os espaços, como a igreja, a escola, o centro comunitário, o cemitério, o trapiche que assumem diferentes significados ao serem contextualizados pelos sujeitos.

A Oficina de Memória destinada ao grupo dos docentes e demais representantes das comunidades foi realizada na casa de um dos sujeitos selecionados, de acordo com a conversa que tivemos com os envolvidos por considerarem o local mais central para o tipo de proposta apresentada. Assim, os moradores da vila do Carmo ficaram de se deslocar para Moiraba até porque deveriam combinar detalhes referentes à Semana da Páscoa na qual as tarefas são divididas por setores e isso é designado pelo líder religioso que fora deslocado para Moiraba naquele período.



Figura 01: Materiais coletados e organização para a Oficina de Memória realizada com os docentes da Educação Básica, diretores, líderes comunitários, representantes da igreja, agente de saúde, ex-alunos em abril de 2012. Arquivo de pesquisa.

Preparamos o ambiente utilizando no pátio da residência por ser o lugar mais amplo, iluminado e ventilado considerando que naquele dia a tarde estava bastante ensolarada. Colocamos as fotografias que conseguimos com os sujeitos espalhadas em cima de uma grande mesa onde colocamos também o notebook com a apresentação em slides de diferentes espaços das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Os participantes (sozinhos e/ou acompanhados) chegaram aos poucos e foram direto às fotografias passando a comentá-las em pé ou acomodados em cadeiras espalhadas pelo pátio.

Procuramos ajustar os comentários iniciais às temáticas mais relevantes à pesquisa, de acordo com as possibilidades de interação que os envolvidos me proporcionavam. Assim, exploramos as fotografias e como em muitas delas apareciam sujeitos que não tinham registros da fase escolar ou de trabalho e atividades desenvolvidas nas vilas, a articulação precisou ser mais detalhada para mantermos o fio condutor das temáticas. Em seguida, passamos aos slides de fotos dos diferentes espaços que constituem as vilas. Os sujeitos ficaram bem mais à vontade, mesmo diante das nossas intervenções para manter o fio condutor das temáticas. O fato de termos que filmar, anotar as fotografias utilizadas pelos sujeitos e conduzir as discussões foi complicado, porque eles tendiam a detalhar acontecimentos, pegar outras fotografias sem me dar o tempo necessário para isso, mas conseguimos um equilíbrio depois.

A segunda etapa da oficina foi realizada em diferentes dias e horários, pois a ideia de trabalhar com todas as aposentadas num único espaço se tornou inviável diante das tarefas que elas, mesmo sabendo da organização da oficina, tiveram que dar conta naquela semana. O procedimento inicial com este grupo foi apresentar as fotografias previamente selecionadas por elas (ou por mim no caso de quem não tinha qualquer material). Procuramos organizar a entrega, conforme as temáticas apresentadas na oficina realizada com o grupo de docentes da nova geração, lideranças, diretores e ex-alunos. As fotografias ajudaram as aposentadas no processo de retomadas memoriais da docência, dos envolvimento nas práticas socioculturais, das escolhas que fizeram ao longo da vida e da aposentadoria. Isso favoreceu a ampliação dos dados gerados na pesquisa de campo I e a organização da cartografia das vilas.

As pesquisas de campo I e II serviram para que nos aproximássemos das vilas e, em especial, dos sujeitos, pois apesar dos nossos contatos terem iniciado em 1996, por questões familiares já referidas, as visitas eram pontuais e quase não possibilitavam contatos mais próximos com aquelas pessoas. Durante a pesquisa de 2004, em função do mestrado, esta oportunidade também foi limitada, apesar de as práticas das aposentadas terem causado a inquietação inicial que deu origem ao projeto da pesquisa aqui apresentado.

Sendo assim, passamos a apresentar os sujeitos selecionados para este trabalho com especial atenção às professoras aposentadas que possuem o maior número de narrativas analisadas, em função de o estudo focalizar os sentidos que estas aposentadas atribuem às práticas socioculturais que desenvolvem em prol das suas comunidades. Em seguida, mostraremos os contextos socioculturais que constituem as vilas de São Benedito e Carmo do Tocantins, situadas no município de Cametá, e as relações que os sujeitos estabelecem com os diferentes espaços.

1.3- Os Sujeitos

A pesquisa reúne narrativas de 36 sujeitos, gravadas em diferentes momentos (entrevistas e Oficina de Memória). Os sujeitos estão assim distribuídos da seguinte maneira: 11 aposentadas; 08 professores da Educação Básica; 08 ex-alunos; 02 lideranças comunitárias; 01 representante da igreja; 03 diretores de escolas básicas das vilas; 01 vice-diretora; 01 Suporte pedagógico da educação básica e 01 agente de saúde. Em alguns casos, os sujeitos assumem diferentes papéis sociais, por isso, a contagem pode estar relacionada a

isso também dada a relevância de se apresentar tais sujeitos que serão melhor apresentados nos quadros I (aposentadas) e II (demais sujeitos da pesquisa).

Na pesquisa exploratória, a maioria dos sujeitos aqui selecionados foram os responsáveis pelas indicações das professoras aposentadas que ainda trabalhavam em prol das vilas. Isso foi possível porque muitos deles participavam das práticas socioculturais em parceria com o grupo de aposentadas. Assim, passaremos a apresentar os sujeitos e os contextos selecionados para esta pesquisa.

O primeiro grupo de sujeitos é constituído pelas 09 professoras aposentadas que estão na faixa-etária entre 53 a 63. Apenas 01 está com 76 anos. Ou seja, a maioria se encontra ainda na Idade Madura, que vai de 51 a 74 anos (NERI & FREIRE, 2000). Os contatos com as aposentada mostraram que mesmo o grupo se concentrando na Idade Madura, há muitas com problemas de saúde e que por isso não deveriam participar das práticas desenvolvidas nas vilas. Contudo, elas procuram conciliar as limitações impostas pela idade e pelos problemas de saúde com o processo de continuidade de investimento na vida, através das práticas socioculturais desenvolvidas, sobretudo, na igreja ou em favor dela.

A formação das docentes aposentadas abrange o magistério (médio normal atualmente) e cursos oferecidos pelas secretarias de Educação (SEDUC e SEMED- Cametá). Algumas relatam encontrar dificuldades para locomoção de recursos para conciliar os cuidados com a família e a participação nos cursos, mesmo sendo considerados obrigatórios. Todas foram indicadas por políticos ou pessoas que estavam bem próximo a elas para exercerem a atividade docente. A partir das visitas que realizamos nas vilas e o levantamento da Secretaria de Estadual de Educação, tomamos conhecimento de que as professoras passaram a fazer parte do quadro efetivo do governo, conforme mostram os decretos, razão pela qual elas não prestaram exames em concursos públicos. Segundo relatos, a partir de 05 anos de efetivo exercício da função, já se considerava o docente efetivo, de forma que a troca de gestores públicos não causava quebra de contrato do profissional. Foi assim que elas chegaram ao tempo necessário à efetivação por meio de decreto.

A maioria das aposentadas autorizou a filmagem e divulgação das imagens. No entanto, como algumas não autorizaram a divulgação destas imagens, optamos por utilizar pseudônimos e não utilizarmos as fotografias dos sujeitos selecionados para a pesquisa. Apenas as imagens coletivas serão apresentadas, de acordo com as necessidades impostas

pelas temáticas a serem discutidas. Assim, teremos as aposentadas **Paula**⁷, **Ângela**, **Elizabete**, **Betânia**, **Priscila**, **Florípedes**, **Vânia**, **Antonieta**, **Vitória** e **Beatriz**, como apresentamos a seguir no quadro 01.

Quadro 01- Professoras aposentadas				
N°	Nome	Idade	Tempo de aposentadoria	Práticas desenvolvidas
01	Paula	76 anos	17 anos	Coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina.
02	Darcy	59 anos	13 anos	Integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista.
03	Ângela	56 anos	06 anos	Ex-secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo inicialmente. Integra a Pastoral da Criança.
04	Elizabete	53 anos	04 anos	Secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas.
05	Betânia	59 anos	14 anos	Catequese, Pastoral da criança.
06	Priscila	52 anos	04 anos	Integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo.
07	Florípedes	55 anos	08 anos	Catequista durante um período.
08	Vânia	53 anos	04 anos	Coordenadora do Grupo folclórico Evolução Fênix da vila do Carmo do Tocantins. O grupo se transformou em Associação.
09	Antonieta	64 anos	07 anos	Catequese.
10	Vitória	60 anos	17 anos	Catequese.
11	Beatriz	63 anos	19 anos	Coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista.

Dona **Paula**, 76 anos, sempre morou na vila Moiraba. Sua indicação para o cargo de professora foi feita pelo pai que tinha uma aproximação política com o prefeito Francisco Siqueira Mendes, durante o governo do Barata. Iniciou a docência em 23 de maio de 1957, aposentando-se após 28 anos de serviço. Encontra-se aposentada há 17 anos. Formou-se pelo

⁷ Dona Paula é a integrante mais velha daquele grupo de aposentadas e única representante da vila Moiraba, posto que as demais narradoras selecionadas durante a pesquisa exploratória precisaram deixar a vila, antes de iniciarmos as etapas da pesquisa de campo. Há 15 professores aposentados nas vilas. Desses, apenas 01 é homem. Todos foram contactados, mas apenas 11 optaram por participar da pesquisa aqui apresentada.

Projeto Gavião⁸, fez os Estudos Adicionais⁹ e todos os cursos ofertados pelas secretarias de Educação do Estado. É a coordenadora do Apostolado de Orações de Jesus da igreja de São Benedito.

O contato inicial que tivemos com dona Paula foi bem antes de iniciarmos a pesquisa, uma vez que ela é minha sogra. Quando iniciamos a pesquisa, em julho de 2009 e durante a pesquisa, Dona Paula procurou estabelecer uma relação muito colaborativa durante o processo investigativo, o que favoreceu a aproximação com as demais aposentadas.

A aposentada participou da pesquisa exploratória em todas as demais etapas do trabalho. A entrevista da pesquisa de campo I aconteceu em janeiro de 2011, na casa da entrevistada. A segunda entrevista aconteceu no dia 07 de abril de 2012, a partir da dinâmica das Oficinas da Memória. A professora aposentada selecionou as fotos com a ajuda de uma de suas filhas e foi uma das últimas a serem entrevistadas, porque ficava muito em dúvida sobre quais fotos deveriam ser apresentadas. A entrevista aconteceu em sua residência novamente, mostrando-se mais à vontade para falar a respeito das temáticas propostas a partir da utilização das fotografias.

Dona Paula fazia questão de acompanhar os movimentos que fazíamos pelas vilas, sempre que possível, apesar de suas limitações físicas. Ela exerce uma grande liderança na vila Moiraba, coordena o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus e ajuda na organização da quadrilha Estrela Junina. É uma das professoras mais referendadas em função dos engajamentos junto às vilas, desde o período em que atuava como docente.

Dona **Darcy**, 59 anos, moradora da vila do Carmo do Tocantins há 40 anos, casada com um morador da vila, ingressou no magistério por indicação de Jaime Larêdo, vereador que solicitou a contratação da aposentada ao deputado estadual Gerson Peres. Ela trabalhou durante 25 anos e encontra-se aposentada há 13 anos. cursou o Adicional próximo à sua

8 Projeto Gavião- um dos muitos projetos desenvolvidos a partir das deliberações do governo Federal para amenizar os índices de professores leigos. O referido projeto foi implementado na década de 90 e constituía uma parceria entre UFPA, SEDUC, MEC e secretarias municipais. Segundo Martins (2003, p.12), “foi concebido em duas vertentes: Gavião I, caracterizado como ensino supletivo de nível fundamental, com cinco etapas e duração de dois anos e meio; Gavião II, organizado como habilitação para o magistério em nível médio, com oito etapas e duração de quatro anos.” Segundo o mesmo autor, antes de finalizar a década do 90, o projeto já havia beneficiado mais de 9.877 professores leigos. A partir de 1999, a UEPA e a UNAMA entraram na parceria.

9 Estudos Adicionais- estudos de complementação, para que o docente tivesse autorização de lecionar turmas das séries posteriores sem ter que cursar outra Graduação. Eram destinados apenas aos docentes do quadro efetivo das secretarias. Os estudos de Lima et al mostram que existiam duas modalidades de estudos adicionais, uma destinada aos professores com formação no magistério (1ª à 4ª séries) e outra direcionada aos docentes com Graduação em licenciatura curta que a partir dos Estudos Adicionais poderiam trabalhar com as turmas do 2º grau (atual Ensino Médio).

aposentadoria e sempre participou dos cursos ofertados pelas secretarias de educação, pois segundo ela, a formação continuada ofertada a partir de cursos sempre foi muito cobrada por parte das comunidades. Dona Darcy faz parte da Pastoral da Criança, Catequese e coordena as ações da igreja do Espírito Santo, na vila do Carmo do Tocantins.

O primeiro contato com dona Darcy foi em julho de 2009 e nossa conversa aconteceu mediada por sua filha pelo fato de a aposentada se mostrar nervosa e preocupada com a pesquisa. Ela nos pediu alguns dias para aceitar a proposta da pesquisa, porque considerava que sua dinâmica era bastante intensa e não poderia se comprometer. Dias depois, retornamos e ela aceitou participar, pois, segundo ela, seria importante se levar adiante o que elas vinham fazendo, pois tratava-se de um compromisso muito grande com a comunidade.

A primeira entrevista com a professora Darcy foi realizada em janeiro de 2011, em sua casa. A partir da aceitação em participar da pesquisa, ela se mostrou bastante interessada em favorecer os contatos entre pesquisadora e futuros sujeitos da pesquisa. Este gesto foi importante para a pesquisa, pois ela exerce liderança no grupo de aposentadas da vila e, desta forma, estimulava a participação dos demais sujeitos nas etapas da pesquisa. Além disso, o fato de ter alguém da vila mediando os contatos ajudou bastante no andamento do trabalho que nos propusemos a desenvolver.

A segunda entrevista com dona Darcy aconteceu no dia 06 de abril de 2012, a partir da dinâmica das Oficinas da Memória. Ela selecionou algumas fotografias e a ajudamos a encontrar outras. Solicitamos que ela fizesse uma nova seleção e no dia seguinte realizamos a entrevista, trazendo à pesquisa importantes informações sobre as práticas socioculturais das quais participava na vila, dos motivos de sua opção pela catequese, das responsabilidades no trabalho na Pastoral, das lembranças de alguns eventos na época da docência.

Dona Darcy coordena a festividade do Divino Espírito Santo e as atividades desenvolvidas naquele setor da comunidade. Mostrou-se a aposentada mais à vontade na pesquisa para falar de si, apesar de termos que planejar bastante nossos dias e horários de entrevistas durante todas as fases da pesquisa, em função da dinâmica de vida da aposentada.

Dona **Ângela**, 56 anos, moradora da vila do Carmo do Tocantins, foi indicada por Jaime Larêdo, vereador que solicitou ao deputado estadual Gerson Peres a mediação da indicação da aposentada o cargo de professora. Atuou no magistério durante 30 anos. Ela está aposentada há 06 anos. Participou de todos os cursos oferecidos pelas secretarias de Educação do município de Cametá.

O contato inicial com dona Ângela foi em julho de 2009, na secretaria da igreja de Nossa Senhora do Carmo. O encontro foi um pouco tenso, pois ela ficou muito preocupada com as questões das entrevistas, dizendo que não achava que o trabalho dela merecia uma investigação e que era bastante tímida para aquele tipo de pesquisa. A partir daí, consideramos prudente estender o tempo para que tivéssemos uma resposta mais segura quanto à decisão de participar ou não da pesquisa, após o prazo dado, ela se manifestou favorável à sua participação.

A primeira entrevista foi em janeiro de 2011, na casa da aposentada. Ela alertou que autorizava a pesquisa, mas que a câmera deveria focar o outro lado, em direção contrária a seu corpo. Além disso, a entrevista deveria ser realizada concomitantemente à programação da TV. Tentamos sugerir outro dia, horário e local, mas a aposentada ressaltou que já tinha reservado aquele dia para a entrevista, portanto, deveria ser realizada, porque ela teria outros compromissos. Aceitamos as condições e procedemos com a entrevista que em função das condições de realização, tornou-se difícil em termos de transcrição. No início, seu olhar procurou a câmera por várias vezes, mas na medida em que a entrevista se desenvolveu, ela se mostrou envolvida com a troca de falas.

A segunda entrevista aconteceu no dia 07 de abril de 2012, na casa da professora Conceição, amiga da aposentada e uma das narradoras que constituem o grupo de docentes da Educação Básica desta pesquisa. Dona Ângela preferiu ser entrevistada em companhia de outra aposentada, pois não tinha fotos para suscitar algumas lembranças, e, assim, poderia ser ajudada.

Durante a entrevista, cheguei a imaginar que a necessidade das fotos e de outros objetos apontados pela entrevistada poderiam ser pretextos para não me conceder a entrevista. Mas, para minha surpresa, ela utilizou um DVD da Pastoral da Criança. Os registros daquele DVD serviram como fonte, a fim de que ela falasse sobre o que é trabalhar na Pastoral, assim como das suas relações com a docência. Ela ficou bastante à vontade e favoreceu a participação das colegas no que se referiu às lembranças a respeito dos principais espaços sociais da vila.

Dona Ângela de forma mais efetiva na Pastoral da Criança, mas trabalhou bastante na secretaria da igreja, inclusive, em 2009, durante a pesquisa exploratória, ela me recebeu na secretaria da igreja.

Dona **Elizabete**, 53 anos, é moradora da vila do Carmo do Tocantins há 16 anos. Assim como muitas das aposentadas, ela foi indicada por pessoas que tinham acesso a

determinados políticos da época. No seu caso, foi o senhor Samuel de Almeida Bachar, já falecido, residente em Tamanduazinho, que lhe indicou ao cargo através do senhor Amilcar Moreira que tinha acesso ao então governador Jader Barbalho. Atuou no magistério durante 27 anos. Oficialmente, ela está aposentada há 03 anos, mas seu afastamento já é de quase 04 anos.

Ela participou de todos os cursos ofertados pelas secretarias de Educação (estadual e municipal). Administra a secretaria da igreja de Nossa Senhora do Carmo há muitos anos, mesmo tendo se afastado dessa função durante quase um ano por conta de problemas de saúde que a levaram para o município de Cametá. Ela também canta nas missas e é ministra¹⁰ da Comunhão Eucarística.

O contato inicial com dona Elizabete foi em julho de 2009, quando ela já administrava a secretaria da igreja, tarefa dividida com dona Ângela. A mesma aceitou de imediato participar da pesquisa, mas ressaltou que estava em processo final de aposentadoria e um pouco limitada em função de problemas de saúde.

Em 2010, tivemos raríssimos contatos, pois seus problemas de saúde se agravaram e ela precisou residir em Cametá. Retornou em março de 2011 apenas e não tivemos condições de realizar num outro momento a entrevista prevista para janeiro ou fevereiro daquele ano. Todavia, ao retomarmos os contatos em função da Pesquisa de Campo II com as outras aposentadas, dona Elizabete nos alertou para o fato de ter participado da pesquisa exploratória em 2009 e que pretendia continuar na pesquisa, concedendo-nos a entrevista que não foi realizada. Aceitamos a solicitação da aposentada, mas optamos por realizar as duas entrevistas em momentos diferentes (no início e no final da semana em que estivemos nas vilas) e ela concordou.

Dessa forma, a primeira entrevista aconteceu no dia 31 de março de 2012 e a segunda no dia 07 de abril do mesmo ano. Dona Elizabete foi entrevistada na secretaria da igreja como já havia acontecido em julho de 2009, durante a pesquisa exploratória, conforme ela sugerira na fase de agendamento das oficinas da memória. Esta professora foi a aposentada que produziu a narrativa mais longa em relação ao grupo. O que ficou mais evidente nos contatos que tivemos com dona Elizabete foi o seu engajamento no trabalho da

10 Ministra da Comunhão Eucarística- o perfil do ministro extraordinário da Eucaristia exige que o sujeito demonstre “uma vida cristã autêntica” o que significa dizer que “deve ter uma boa formação doutrinária, pois pode também realizar a celebração da palavra, orientar as pessoas a quem leva a Eucaristia, etc. Ele deve ensinar e viver o que a Igreja ensina, especialmente em relação à Eucaristia e as condições para recebê-la dignamente. Isto exige conhecimento da doutrina da Igreja”. (2010).

igreja, chegando a envolver os demais integrantes de sua família (o marido coordena a banda da igreja e 02 filhos do casal são instrumentistas da banda).

Durante a Oficina de Memória, a aposentada procurou selecionar as fotos consideradas mais importantes para ela e manifestou muita emoção ao narrar suas experiências docentes, dando sempre ênfase ao aspecto religioso, declarando-se como ‘serva’ da missão católica. Observamos, pelo relato que todas as escolhas de vida da aposentada estavam bastante relacionadas às práticas religiosas. Ela foi catequista, mas a atividade de que mais gosta é ser ministra da Eucaristia, cantar nas missas em companhia de sua família e, sobretudo, administrar a secretaria da igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Dona **Betânia**, 59 anos, moradora da vila do Carmo do Tocantins, foi indicada para o trabalho pela amiga já falecida, dona Leopoldina. Esta senhora, ao se aposentar, solicitou ao então vereador Jaime Larêdo que sua vaga fosse destinada à dona Betânia. Esta atuou durante 25 anos e está aposentada há 14 anos. Participou dos cursos de formação docente ofertados pelas secretarias de Educação. Trabalhou nas escolas das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

O contato inicial com dona Betânia aconteceu em julho de 2009, mas não pude registrar em áudio e vídeo tal encontro por problemas técnicos com o equipamento de gravação. Mesmo assim, resolvemos encontrar com a aposentada porque ela não teria outro tempo disponível naquela semana. Dona Betânia nos pediu um tempo considerável para dar uma resposta a respeito da participação ou não na pesquisa. Nesse período, ela resolveu consultar outras possíveis narradoras para tomar sua decisão, consoante nos relatara meses depois.

A primeira entrevista que aconteceria entre os meses de janeiro e fevereiro de 2011 não pôde ser realizada, porque a aposentada teve problemas de saúde e certos impedimentos familiares. Entretanto, ao marcarmos as Oficinas da Memória, resolvemos convidar dona Betânia para tentar recuperar a primeira entrevista. A sugestão da aposentada foi de que aproveitássemos o mesmo dia e horário da entrevista com a professora Ângela e Conceição, pois todas estariam envolvidas em muitas atividades da igreja naqueles dias e estar na presença das amigas favoreceria a entrevista, porque ela não tinha fotos e se sentiria mais à vontade e segura.

Na data agendada, conforme o pedido de dona Betânia, realizamos em primeiro momento a Oficina de Memória. Esta entrevista acabou acontecendo, simultaneamente, com

três entrevistadas em trio (Betânia, Ângela e Conceição). O objetivo foi trazer à tona questões que envolvessem as experiências acumuladas na docência, das práticas socioculturais que desenvolviam naquele contexto e das relações que possuíam com os diferentes espaços da vila do Carmo do Tocantins.

A entrevista em trio favoreceu a produção de dados, pois as professoras ficaram bem mais à vontade e observavam questões que uma ou outra deixava de lado, retomando detalhes importantes. Após a finalização da Oficina de Memória, realizamos com dona Betânia a entrevista referente à pesquisa de campo I.

Dona Betânia atua na Pastoral da Criança que é a sua principal atividade, sendo que antes ela se dedicava à catequese e a eventos envolvendo os santos padroeiros. Aliás, é importante ressaltar que o trabalho da Pastoral também agrega professores da Educação Básica e que alguns deles já mostram dinâmicas que associam escola, igreja e grupos folclóricos muito semelhantes às desenvolvidas por uma grande parcela das professoras aposentadas, quando ainda estavam no exercício da profissão.

Dona **Priscila**, 52 anos, sempre morou na vila do Carmo do Tocantins. Foi contratada para atuar no magistério a partir da indicação feita por Jaime Larêdo ao então deputado estadual Gerson Peres. Exerceu a profissão durante 29 anos e está aposentada há 04 anos. Ela optou por não participar dos cursos de formação docente ofertados pelas secretarias municipal e estadual por conta dos cuidados com a família, mesmo a maioria das aposentadas tendo relatado o quanto a participação nos cursos era cobrada pelas instituições.

Em 2009, o primeiro contato que tivemos com dona Priscila aconteceu na casa de uma amiga da aposentada, conforme sua escolha. O fato de saber que a pesquisadora é professora de língua portuguesa foi um empecilho no desenvolvimento da entrevista e do registro de algumas informações (dados gerais), porque a aposentada acreditava que seria avaliada do ponto de vista formal da língua.

A primeira entrevista aconteceu em fevereiro de 2011, após três tentativas, pois os horários livres que ela possuía coincidiram com horários destinados a outras entrevistas já agendadas. Nesse percurso, verificamos que ela passou a se envolver menos nas ações das vilas por conta do tempo necessário aos cuidados com a família, fato que ela fez questão de esclarecer, porque a partir do momento em que aceitou participar do trabalho, sempre demonstrou cuidado com as datas e horários que combinávamos, mesmo com as adversidades.

A segunda entrevista aconteceu no dia 03 de abril de 2012. Ela selecionou algumas fotos com bastante antecedência e desta vez foi uma das primeiras a serem entrevistadas. Dona Priscila nos concedeu a entrevista em sua residência e se mostrou bem mais à vontade nesta nova etapa da pesquisa.

A aposentada participava do Apostolado do Coração de Maria, mas em função de problemas de saúde e de cuidados com a família, inclusive, tendo que viajar, passou a se afastar dessa prática e não aceitou o convite para integrar a Pastoral da Criança.

Dona **Florípedes**, 55 anos, nasceu na vila do Carmo do Tocantins e lá reside até hoje. Dona Florípedes foi indicada à função por um colega de profissão chamado Manoel do Carmo Coelho que atua e mora em Cametá e que solicitou a vaga ao deputado Gerson Peres. Ela atuou no magistério durante 30 anos e está aposentada há 08 anos. Trabalhou nas escolas da vila do Carmo e da vila Moiraba. Participou dos cursos de formação docente ofertados pelas secretarias municipal e estadual de educação.

O primeiro contato com Florípedes foi em julho 2009, às proximidades de sua residência, mas a senhora só autorizou a pesquisa em 2010 por se considerar muito tímida. Assim, como algumas das aposentadas, procurou saber detalhes dos primeiros encontros de pesquisa com outros sujeitos na fase exploratória para autorizar as entrevistas.

Dona Florípedes, segundo relato, procura se envolver pouco nas ações (era catequista) das igrejas e nas demais práticas socioculturais desenvolvidas na comunidade em função de suas condições de saúde terem se agravado e sua família lhe solicitar mais atenção, em especial, a partir do segundo semestre de 2010.

Na data marcada para a entrevista da pesquisa de campo I, a aposentada adoeceu, de forma que a primeira entrevista só pôde ocorrer na semana seguinte, na presença do filho, a pedido de dona Florípedes. A aposentada reiterou o interesse de realizar a entrevista em sua casa.

A segunda entrevista que aconteceria no período de 30 de março a 09 de abril de 2012, a partir da dinâmica das Oficinas da Memória não pôde ser realizada pela ausência dos objetos solicitados como componentes da metodologia das oficinas. Ela já tinha relatado que não gostava de fotos e pouco tinha o hábito de guardar materiais referentes ao seu trabalho, até porque os recursos para tais registros eram raros e bastante caros na época. O fato de ela não ter fotografias com outras aposentadas também a fez decidir por não participar daquela etapa da pesquisa.

Optamos por não insistir com ela nesta fase da pesquisa respeitando seu posicionamento e realidade. Além disso, observamos durante o percurso investigativo, Dona Florípedes pouco teve condições de se manter envolvida nas práticas socioculturais desenvolvidas pelo grupo de aposentadas por conta de suas limitações físicas principalmente, o que pode tê-la inibido de participar desta fase da pesquisa.

Dona **Vânia** tem 53 anos, reside na vila do Carmo do Tocantins, há 15 anos, tendo vindo morar nesta localidade em busca de melhores condições de estudo para os filhos. Começou a trabalhar no magistério em função da escassez de docentes naqueles contextos e pela oportunidade de emprego. Ela foi indicada por um amigo (Raimundo Costa Caldas) que na época era diretor de uma escola localizada no município de Cametá. Foi nomeada no governo do Hélio Gueiros. Trabalhou durante 26 anos. Está aposentada há 04 anos. Em seu relato disse que sempre procurava participar dos cursos ofertados pelas secretarias de educação do município, mas enfrentou algumas dificuldades para tal, em função dos filhos, que por serem menores, exigiam-lhe a presença em casa.

A primeira conversa que tivemos com dona Vânia foi em julho de 2009, na casa da aposentada. Ela aceitou de pronto a participar da pesquisa, indicou outras possíveis narradoras e ajudou um pouco na conversa inicial com elas, porque conseguia estabelecer uma aproximação com as aposentadas, o que não constituiu tarefa fácil.

Dona Vânia era responsável por um dos grupos folclóricos da vila que era a atividade na qual mais se engajava. A partir das necessidades apontadas pelos moradores, o grupo acabou por se transformar numa associação que conseguiu oficialização apenas este ano. Desse modo, o grupo reúne-se para traçar metas, arrecadar donativos e implementar ações que garantam melhores condições de vida aos moradores mais carentes.

A primeira entrevista com dona Vânia foi realizada em fevereiro de 2011, em sua casa, após duas tentativas considerando que ela precisou resolver questões familiares e referentes ao grupo em Cametá e em Belém.

A segunda entrevista, marcada para o período de 30 de março a 09 de abril de 2012, não pôde ser realizada por um desencontro de informações entre a aposentada e nossos contatos nas vilas. Descobrimos isso no dia 31 ao confirmar as entrevistas. Ela ficara em dia e horário inadequados. Tentamos reverter a situação, realizando a entrevista antes para contemplá-la, mas ela não aceitou e seguiu viagem para Cametá, já que na Semana Santa daquele ano teria uma atividade familiar diferenciada.

Dona Antonieta, 64 anos, reside na vila do Carmo do Tocantins há 31 anos por ter se casado com um morador de lá. Ela conseguiu um contrato para atuar no magistério a partir de uma solicitação feita ao deputado estadual Gerson Peres. Aposentou-se após 27 anos de serviço. A docente está aposentada há 07 anos. A aposentada fez o curso de Adicional e participou dos cursos de formação docente ofertados pelas secretarias municipal e estadual de educação. Ela trabalhou tanto na vila do Carmo do Tocantins quanto na vila Moiraba.

Durante a pesquisa exploratória realizada em 2009, na casa de dona Antonieta verificamos que ela demoraria mais para autorizar a pesquisa, pois acreditava que suas contribuições eram insignificantes. Permitimos que a mesma nos respondesse depois e aproveitamos para estabelecer contatos com outros possíveis sujeitos de pesquisa. Naquela semana ainda, a aposentada nos chamou para confirmar a participação.

A primeira entrevista com dona Antonieta foi realizada em janeiro de 2011. Na segunda tentativa, não foi possível devido ao fato da maré alta impedir o acesso à casa dela, que fica próxima à área de trapiche. Logo, foi necessário remarcamos para o dia seguinte.

A segunda entrevista que aconteceria no período de 30 de março a 09 de abril deste ano, a partir da dinâmica das Oficinas da Memória, não pôde ser realizada. A aposentada teve que resolver problemas em outra localidade e só chegaria à vila no dia 11 de abril, possivelmente, mesmo já tendo confirmado data, hora e local para entrevista.

Dona Antonieta foi uma das professoras mais referendadas durante a pesquisa realizada, tanto pelos moradores da vila Moiraba quanto da vila do Carmo do Tocantins. Ela atuava bastante na catequese até 2010, mas com as limitações físicas impostas pela idade, afastou-se, passando a contribuir esporadicamente com algumas atividades, quando as pessoas a convocavam.

Dona **Vitória**, 60 anos, reside na vila do Carmo do Tocantins há 30 anos, mas morou 30 anos na vila Moiraba. A aposentada entrou para o magistério também a partir de contato político (deputado Gerson Peres). Trabalhou por 25 anos e está aposentada há 17 anos. Não obstante, nunca participou dos cursos ofertados pelas secretarias de educação do Estado. Trabalhou tanto na vila de São Benedito quanto na vila do Carmo do Tocantins. Atuou na catequese.

O primeiro contato com dona Vitória foi em julho de 2009, em sua casa, pela parte da manhã. Ela nos questionou a respeito de muitas questões relacionadas à pesquisa (divulgação de imagens, escritas sobre suas vidas e tempo), antes de aceitar o convite.

A primeira entrevista aconteceu em fevereiro de 2011, na casa da aposentada. Tivemos alguns atropelos para filmar em função da entrada e saída constantes de familiares de dona Vitória, mas nada que inviabilizasse a entrevista agendada.

A segunda entrevista que aconteceria no período de 30 de março a 09 de abril de 2012 não se concretizou, apesar do agendamento. De acordo com os informantes da vila do Carmo, a aposentada preferiu viajar e passar o feriado da Semana da Páscoa com seus familiares em Belém, considerando-se que situações particulares haviam ocorrido em sua família nos meses anteriores e ela achou melhor vivenciar aquele período na companhia dos familiares que optaram por morar em Belém. Ela deixou seus pedidos de desculpas sob a responsabilidade de uma amiga que pertence ao grupo de aposentadas desta pesquisa.

Dona Vitória, assim como dona Priscila, dona Florípedes e dona Antonieta não se envolvem mais com tanto engajamento nas práticas socioculturais das vilas, posto que as questões familiares se mostraram mais decisivas no tempo disponível proporcionado pela aposentadoria.

Essas aposentadas possuem vidas que se ancoram em outros contextos familiares, por isso, as necessidades afetivas se tornaram projetos mais relevantes do que as demandas da Pastoral da Criança, dos grupos Folclóricos, da catequese e da Associação que se originou da quadrilha cultural Evolução Fênix.

Nesse sentido, ao longo da realização da pesquisa (2009 a 2012), os sujeitos relataram seus deslocamentos e projetos novos sempre justificando esses afastamentos da vida em comunidade nas ações que já desenvolveram e que agora, as famílias reivindicam a presença, sobretudo, do grupo de aposentadas.

Dona **Beatriz**, 63 anos, reside na vila do Carmo do Tocantins. A aposentada foi indicada para trabalhar no magistério por seu tio Jaime Larêdo que era próximo a Manoel do Carmo Coelho. Ela conseguiu efetivação durante o governo de Alacid Nunes. A docente já está aposentada há 19 anos e sempre procurou participar dos cursos de formação continuada ofertadas pela secretaria de educação do estado.

O primeiro encontro que tivemos com dona Beatriz foi em 2009. Desde aquele encontro, ela nos impôs condições para conceder entrevistas, mesmo aceitando ser sujeito da pesquisa por considerar importante fazer esse tipo de trabalho. Entretanto, a aposentada demorou a aceitar a participação na pesquisa por considerar que suas identificações com o

magistério eram poucas, que não era a profissão que desejava ter e que era normal o trabalho que as aposentadas faziam em função das necessidades apontadas pelas comunidades.

Fomos várias vezes ao encontro dela, nas diferentes fases da pesquisa. Todavia, esta professora foi a única que não cumpriu todos os agendamentos das entrevistas. Precisamos sempre remarcar, chegar e esperar por ela, adequarmos às condições impostas em termos de utilização de materiais para gravação em áudio e vídeo, bem mais do que com os outros sujeitos.

Atualmente, dona Beatriz é a coordenadora geral da Pastoral da Criança e demonstra uma responsabilidade muito grande no desenvolvimento desse trabalho, não apenas nas vilas, mas nas localidades próximas. O não cumprimento a muitos dos agendamentos pode ter se relacionado a essa intensa dinâmica de responsabilidades da aposentada. Acrescente-se a isso ela ter um perfil bastante objetivo, de personalidade muito forte. É relevante dizer que foi a professora mais referendada pelos moradores da vila do Carmo do Tocantins justamente pelo compromisso assumido ao longo da docência, assim como a continuidade no trabalho em prol da comunidade, mais ainda, ao ter se aposentado.

A primeira entrevista com dona Beatriz aconteceu apenas em fevereiro de 2011, em sua casa. Aceitar as condições (manter a filmadora distante dela, ficar com a TV ligada) impostas pela aposentada causou certa dificuldade para transcrever a entrevista, semelhante ao que ocorrera durante a entrevista com dona Ângela.

A segunda entrevista com dona Beatriz que aconteceria no período de 30 de março a 09 de abril de 2012 não foi realizada. Em conversa dois dias antes do encontro, ela nos alertou que já havia selecionado algumas fotos a respeito do trabalho realizado na comunidade, que não tinha registros da época da docência nem fotografias da vila, porque era bem difícil esse tipo de material circular naquele momento. Tivemos o cuidado de marcar a entrevista da aposentada por saber de sua dinâmica, em especial, naquela semana em que aconteceriam os encontros da Pastoral da Criança e celebrações da Semana da Páscoa. Mesmo com esses cuidados, a aposentada não compareceu ao encontro que, conforme o pedido dela seria com outras aposentadas (Betânia e Ângela) na casa da professora Conceição também integrante da Pastoral da Criança.

As professoras esperavam por dona Beatriz com o DVD organizado por ela e outros coordenadores a respeito do trabalho desenvolvido na Pastoral da Criança. O DVD fora entregue pela aposentada às suas amigas como um dos materiais selecionados para a Oficina de Memória. O grupo tentou se comunicar com ela antes da entrevista iniciar considerando-se

que dona Beatriz reside próximo à casa da professora Conceição, mas não a encontraram. Infelizmente, em função de compromissos agendados para o restante do semestre, não tivemos condições de retornar para realizar a Oficina de memória com dona Beatriz.

É importante ressaltar que além das 11 aposentadas, há 25 sujeitos que também se constituem sujeitos selecionados para esta pesquisa. A escolha deles se baseou em diferentes critérios: a) parceria com o grupo de professoras aposentadas; b) engajamento nas práticas socioculturais desenvolvidas nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins; c) serem moradores de uma das vilas há, no mínimo, 10 anos. No caso dos docentes da Educação Básica, optou-se pelos que eram concursados, considerando que o tempo de pesquisa contemplaria de 03 a 04 anos (a partir de 2009) e tivessem condições de fornecer informações sobre a formação geográfica, educacional, cultural, política, histórica e religiosa das vilas. No caso dos ex-alunos, deveriam ser sujeitos que acompanhassem a formação escolar dos filhos e netos.

Desse modo, há sujeitos cujas narrativas aparecem mais na seção destinada à cartografia das vilas; outras que estão na seção III, assim como o restante aparece nas diferentes seções deste trabalho, conforme a proposta da seção. Assim, a maioria dos sujeitos é composta por docentes da Educação Básica. Muitos destes professores possuem nível superior e foram aprovados em concurso público da secretaria municipal de Cametá, no ano de 2005. Porém, muitos deles iniciaram a carreira de maneira semelhante a das aposentadas. Esses docentes possuem diferentes tempos de atuação no magistério. Outros sujeitos são os líderes comunitários e ex-alunos. Os demais são profissionais que atuam na prelazia, na SEMED e no IBGE do município de Cametá, como passaremos a apresentar no quadro a seguir:

Quadro 02- participantes II da pesquisa		
N °	Nome	Profissão/função nas vilas
01	Creuza	Docente da Educação Básica e ex-aluna de algumas das aposentadas.
02	Nazareno	Docente da Educação Básica, líder comunitário da vila Moiraba, coordenador da Pastoral da Criança de São Benedito e da quadrilha Estrela Junina.
03	Edileuza	Técnica e coordenadora da Educação de Jovens e Adultos da SEMED (Cametá).

04	Andréia	Docente da Educação Básica, integrante da Pastoral da criança, ex-aluna de algumas das aposentadas.
05	Antônia	Agente de saúde, responsável pelo posto de saúde, secretária do Postulado de Oração- Coração de Jesus e da Quadrilha Estrela Junina.
06	Roberto	Docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, integrante da Quadrilha Estrela Junina.
07	Georgina	Suporte Pedagógico das vilas. Trabalhou com algumas das aposentadas. Participa da organização geral das atividades religiosas da vila do Carmo.
08	Rafael	Coordenador de programas- SEMED- Cametá.
09	Vanusa	Uma das moradoras mais antigas da vila do Carmo do Tocantins.
10	George	Docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, líder comunitário na vila do Carmo do Tocantins.
11	Fátima	Docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, desenvolve um trabalho com times de futebol com as crianças em vila do Carmo.
12	Vanderlei	Gerente do IBGE- Cametá.
13	Lucrécia	Secretária da prelazia de Cametá.
14	Nelson	Docente da Educação Básica e ex-aluno de algumas das aposentadas.
15	Roberta	Ex-aluna de muitas das aposentadas, manipuladora de alimentos e ajudante das professoras aposentadas e docentes da Educação Básica em muitas práticas socioculturais.
16	Leila	Diretora da escola Gracinda Peres- vila Moiraba, ex-aluna de muitas das aposentadas. Trabalha com o movimento jovem da igreja.
17	Ingrid	Filha de seu Jorge e diretora da Quadrilha Explosão Carmoense.
18	Lorena	Docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, integrante da Pastoral da criança-responsável pelo setor Bom Jesus.
19	João	Morador antigo da vila Moiraba.
20	Jorge	Dançarino, agricultor e diretor do grupo folclórico mais antigo da vila do Carmo.
21	Conceição	Docente da Educação Básica a caminho de se aposentar, integrante da Pastoral da Criança e do Conselho da igreja de Nossa Senhora do Carmo.
22	Estela	Docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas das aposentadas, vice-coordenadora e integrante da quadrilha Estrela Junina e do Postolado de Oração do coração de Jesus.

23	Virgínia	Coordenadora da quadrilha Revelação.
24	Lúcia	Agricultora e ex-aluna de muitas das professoras aposentadas.
25	Carmen	Agricultora e ex-aluna de muitas das professoras aposentadas.

Observamos que os docentes da Educação Básica não apenas exercem a profissão, como procuram se envolver nas práticas socioculturais, cuidando do que eles intitulam como “vida escolar e vida social” das vilas, norteando-se pelos exemplos, solicitações e inspirações das aposentadas. Assim, eles integram a Pastoral da Criança, coordenam o Apostolado da Oração, quadrilhas e alguns grupos de trabalho nas festas de homenagem dos padroeiros (São Benedito e Nossa Senhora do Carmo). São estes engajamentos que propiciam não só o contato das aposentadas com as dificuldades enfrentadas por esses docentes, como também pela aproximação dos alunos que circulam pelas práticas desenvolvidas por aquelas mulheres. Por isso, as orientações fornecidas aos docentes da nova geração não são eventos institucionalizados, mas construídos, no interior dessas práticas na maioria das vezes.

Os líderes comunitários (alguns são docentes também), agente de saúde, ex-alunos e diretores constituem outro grupo de sujeitos desta pesquisa. A maioria trabalha como agricultor, por isso não prosseguiu com os estudos. Nas fases iniciais da pesquisa de campo, tínhamos um número maior de sujeitos, mas selecionamos narrativas que mais apontavam para os sentidos que as aposentadas atribuem às práticas que desenvolvem nas vilas, por isso, precisamos abrir mão de alguns sujeitos.

Esta seleção foi uma das mais difíceis, uma vez que muitos moradores já nos conheciam como alguém que participava dos eventos, os quais envolviam as festas dos padroeiros das vilas e sabiam que tínhamos laços familiares nas vilas. Nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, apesar do aumento do número de moradores (e visitantes) em função do acesso ter sido bastante facilitado pela PA 151 e pelas rabetas¹¹, é bastante raro alguém passar despercebido, como em muitos locais do meio rural na Amazônia. É muito comum cumprimentarem os moradores e visitantes, sentar, conversar e saber das novidades sem muita cerimônia.

¹¹ Rabetas são embarcações construídas de madeira e com motor semelhante ao de uma lancha. Por isso, realiza viagens durante um tempo mais reduzido que as embarcações comuns.

A participação dos que se propuseram a participar foi muito boa, pois mesmo diante de uma dinâmica nada comum para eles, a maioria participou dos encontros necessários à coleta das narrativas em diferentes etapas. As narrativas deles, tanto dos docentes da Educação Básica quanto das narrativas das aposentadas em termos de sentidos atribuídos às práticas socioculturais, apontam para uma percepção diferente daquela lógica de que aposentado é desvalorizado por não mais estar de acordo com o perfil mercadológico. Pelo contrário, os dados revelam que as aposentadas mostram estratégias para se manterem ativas e valorizadas naquelas comunidades.

A ideia foi observar de que maneira as aposentadas influenciaram ou ainda influenciam na atuação e formação profissional dos docentes da Educação Básica. Isso se fez necessário, pois verificamos que as aposentadas continuavam a investir na vida, via esferas públicas. Nesse sentido, a escola apareceu como uma das fontes de experiência que favorecia essa continuidade ou um dos setores que poderiam ser beneficiados por essa continuidade. O fato de esses docentes terem sido alunos das aposentadas e trabalhado com elas em alguns casos nos ajudou a compreender melhor a opção das aposentadas pela atuação nas comunidades, uma vez que muitas delas já desenvolviam um trabalho paralelo à docência, centrado em algumas ações desenvolvidas pela igreja, como a catequese e os grupos de oração.

1.4- As Técnicas e Categorias de Análise dos Dados: questões de discurso, narrativa e memória

As narrativas coletadas durante as entrevistas e a Oficina de Memória foram analisadas considerando-se os referenciais teóricos que abordaram, principalmente, as categorias conceituais do ciclo de vida profissional, trabalho, identidade docente e profissionalidade. Para tanto, elegemos como categorias de análise o *dialogismo bakhtiniano*, *estruturas de sentimento* e *práticas socioculturais* associadas ao conceito de cultura enquanto modos de vida desenvolvido nos estudos de Williams (1969) sob a luz dos Estudos Culturais de vertente britânica, por considerar, assim como De Grande (2010, p.07), que “os discursos de professores, seus saberes, sua prática e sua formação são compósitos, heterogêneos, polifônicos e particulares.”.

Dessa maneira, acreditamos que esse grupo de docentes aposentadas constituiu-se enquanto aposentadas dando continuidade ao investimento na vida por meio das práticas

socioculturais desenvolvidas nas vilas, as quais são baseadas nas experiências que tiveram na docência. A escolha por essas categorias se justifica justamente, porque as mulheres ao narrarem suas experiências posicionam-se diante dos seus interlocutores (pesquisadora, docentes da Educação Básica, os pais, a escola, a comunidade). Os discursos destes sujeitos compõem um mosaico de sentidos. Para isso, é importante levar em conta não apenas suas experiências, mas também os sentidos que elas atribuem às práticas que passam a assumir (ou a assumir com maior ênfase) a partir da aposentadoria. Os discursos instaurados na cena de enunciação estão impregnados de aspectos ligados a questões ideológicas que revelam expectativas e posicionamentos não apenas das aposentadas, mas de uma coletividade, além das relações de poder instauradas nos contextos de interação social, geradas no interior das práticas socioculturais desenvolvidas.

O fato de termos escolhido trabalhar com narrativas requer que as analisemos como discursos, posto que as narrativas são gestos de interpretação do sujeito que narra. Por isso, pautamo-nos na Análise do discurso sócio-histórica que atribui o sentido às questões ideológicas que envolvem as relações com o outro (BRANDÃO, 2004), tendo em vista que os sujeitos falam de diferentes lugares sociais. No caso de nossa pesquisa, são discursos de docentes, líderes comunitários, ex-alunos, coordenadores da Pastoral da Criança, representante da igreja católica e agente de saúde que interagem com os discursos das aposentadas (que também ocupam posições sociais múltiplas), posições que remetem não apenas ao presente, mas a momentos outros cujos papéis vão se ressignificando ao longo dos anos, apontando novas ancoragens e deslocamentos de sentidos.

Recorremos às contribuições dos Estudos Culturais de vertente britânica que constituem uma teoria que surgiu no Centro para Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, Inglaterra e seus fundadores foram Richard Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall. A proposta do centro era estudar a cultura, observando os seus instrumentos, de que maneira ela se manifestava em diferentes contextos sociais, por meio das práticas culturais estabelecidas, além do fato de analisar como o aspecto cultural opera nas mudanças sociais que singularizam um dos principais interesses de estudo (HALL, 2003).

Ao falarmos de diferentes lugares ocupados pelos sujeitos desta pesquisa estamos fazendo pressupor que estes tais lugares orientem discursos diversos que se entrecruzam na construção das identidades das professoras aposentadas. Segundo Fernandes (2008), o discurso está no social, por isso, precisa ser analisado para além das questões linguísticas.

Desse modo, deve-se levar em consideração aspectos concernentes às relações de poder, ao contexto histórico, político, econômico e aos aspectos culturais, não apenas de um sujeito, mas de uma coletividade com a qual ele interage. Assim, “A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico” (FERNANDES, 2008, p. 24). Tais vozes se atualizam e criam diferentes efeitos de sentido no jogo interacional.

Em direção similar, Orlandi (2007, p. 21) reforça que a interação “*põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos [...]. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade*”. Portanto, discurso é entendido como o efeito de sentidos construídos entre os sujeitos numa dada interação.

É neste sentido que se torna pertinente trazer para discussão a memória enquanto trabalho do discurso, uma vez que ao fazermos as entrevistas, tanto com as aposentadas, quanto com os demais moradores, verificou-se que a maioria é um trabalho de interpretação do vivido. Ela funciona como componente do discurso. Ou seja, as lembranças, a memória sofre injunções da posição social que o sujeito ocupa. Narrar o passado se traduz como um trabalho de interpretação daquilo que nos toca, como diz Larrossa (2002). Assim, para Orlandi, a memória é (2007, p.31)

[...] tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Desse modo, instaura-se o que pode ou não ser dito, por que e de que maneira. É na interação que os discursos vão se atualizando, conforme a posição dos sujeitos envolvidos. Há uma negociação ou não nas formas de apropriação da palavra do outro na construção do projeto do dizer. O engajamento ou refutação depende de quem faz parte da enunciação, do contexto no qual se insere e como interpreta a temática visitada.

Um dos horizontes possíveis para esta pesquisa se detém na abordagem discursiva, desde as etapas de coleta das narrativas até o percurso das análises, tendo em vista que ao narrar suas práticas os sujeitos fazem recorte de suas experiências e estes recortes apontaram

para a pesquisadora um processo de construção de identidade ou gesto de significação. Portanto, os lapsos de memória, os supostos esquecimentos, as repetições de fatos ocorridos, as interrupções linguísticas serão assumidas como um trabalho do sujeito na construção de sentidos, como gesto de interpretação de suas práticas e de seu lugar no mundo e na relação com quem ele interage.

O sujeito tratado neste trabalho é o descentrado, abordado nos estudos de Brandão (2002, p.49), considerando-se que é histórico, posiciona-se de diferentes lugares sociais, ideológicos. Esse sujeito “situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem no discurso (nível interdiscursivo)”. É a partir daí que Brandão (op. cit) se apóia nos estudos de Bakhtin (1996) ao defender que a palavra não é monológica, de modo que a perspectiva do dialogismo é fundamental, para que ocorra a construção de sentidos. É importante considerar que nessa perspectiva, ao analisarmos as narrativas à luz do dialogismo bakhtiniano, mobilizamos signos e:

“o fazemos sempre de modo refratado. E refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos - na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos - diversas interpretações (refrações) desse mundo” (FARACO, 2009, p. 50-51)

Sendo assim, as experiências cotidianas dos grupos sociais, seus modos de conceber o mundo, sempre permeados por ideologias, pressões, posturas contra-hegemônicas não podem significar sem refratar as contradições também. Os sentidos são negociados, construídos e reconstruídos historicamente. Por isso, ao tratarmos do dialogismo, consideramos três dimensões do processo dialógico, a saber: a) todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”; enunciado é réplica, não se constitui do nada; b) todo dizer é orientado para a resposta- espera-se a réplica e c) todo dizer é internamente dialogizado: articulação de múltiplas vozes sociais (FARACO, 2009) como apresentaremos nas discussões organizadas na seção III.

No próximo item, trataremos da apresentação das vilas Moiraba (São Benedito) e Carmo do Tocantins, selecionadas para esta pesquisa, considerando que a maioria das aposentadas atuou nas duas comunidades, ainda que isso tenha ocorrido em diferentes momentos de suas vidas. O importante é considerar as formas como as aposentadas, os

docentes da Educação Básica e os demais moradores selecionados para esta pesquisa se relacionam com os diferentes espaços sociais (igreja, escola, cemitério, são paroquial) das vilas. Ou seja, como os modos de vida dos sujeitos proporcionam que eles estabeleçam significados detidos nas práticas desenvolvidas sem se deter meramente no aspecto geográfico daquelas esferas sociais.

SEÇÃO II- Cartografia das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins

Seemann (2001, p. 61) apresenta as possibilidades de trabalho com a cartografia cultural na perspectiva de “dimensão espacial da cultura” em que o espaço se torna relativo em função das práticas que acontecem nele, por isso, está sujeita ao fator tempo. Dessa forma, há uma relação entre os sentidos que as pessoas atribuem aos espaços. O autor defende duas perspectivas para o mapa, a saber: “o mapa como metáfora para a cultura e o mapa como construção sociocultural” (p.62).

Na educação, Geraldi, Fiorentini e Pereira (1998) realizam “Cartografias do trabalho docente”, ao investigar o papel do professor escolar como pesquisador. Hattam (1998) usa “a metáfora do mapa para desenvolver uma geografia cultural da reforma educacional” (p.63). Inicialmente, os estudos de cartografia respaldava-se no modelo positivista, na busca ‘da verdade cartográfica’ e por conseguinte do mapa verdadeiro. Além disso, o mapa precisa ser considerado não apenas como um instrumento que dê conta de uma realidade física, mas necessita visualizar “O contexto social que é apresentado”, pois, conforme aponta Hattam (1998, p. 65), a cartografia não apenas cria os mapas, mas fabrica o mundo. Procura trabalhar “os mapas como construções socioculturais”.

De acordo com Boaventura de Souza Santos (1988), situado em estudos de Cahim Perelman, o pensamento clássico privilegiou as metáforas espaciais, ao passo que o pensamento moderno dispensa centralidade às metáforas temporais. A ideia de progresso do pensamento moderno seria o fundamento da metáfora temporal e desta decorrem as demais metáforas cultivadas nas ciências sociais, nomeadas “metáfora do desenvolvimento, ou seja, metáfora que vai do desenvolvimento pessoal, para a psicologia ao desenvolvimento político passando pelo desenvolvimento socioeconômico para a economia e a sociologia” (SANTOS, 1988, p.139).

Com isso, o autor procura insistir na observação de que tradicionalmente nossas temporalidades têm sido ancoradas em referência espacial física e simbólica, por isso mesmo faz referência à cartografia simbólica e esta não se refere apenas aos mapas geográficos, mas aos conhecimentos prévios de um determinado campo, os quais presidem a construção de mapas sócio-culturais, produzidos na tensão entre representação da realidade e orientação do lugar social que ocupamos para traçar o mapa a partir de nosso campo de visão.

Assim, toda cartografia resulta de uma construção mediada por condições históricas que permitem representar a realidade de um dado campo de observação. Aqui enfrentamos

um duplo trabalho de produção de cartografias, aquele produzido a partir das narrativas dos sujeitos, no momento de seleção de fotos, nas informações sobre a organização espacial e cultural das vilas, sempre a partir de seu campo de visão (BAKHTIN, 2000), e a seleção destes dados feitos pela pesquisadora, em atendimento aos objetivos da pesquisa. Como lembra Jorge Luiz Borges, nenhuma cartografia coincide ponto por ponto com a realidade. Desse modo, cartografia não é uma mera descrição ou relato. Ela serve para nos informar como uma cultura se organiza entre pessoas num determinado espaço.

A partir dessa perspectiva e de possibilidades do trabalho com a cartografia, apresentamos os contextos de pesquisa, a saber: vila Moiraba, mais conhecida como “vila de São Benedito” e vila do Carmo do Tocantins, distritos do município de Cametá. As relações que os sujeitos estabelecem com os espaços que constituem as comunidades baseiam-se muito nos sentidos atribuídos, conforme os modos de vida de cada um na imbricação com as experiências coletivas.

2.1-De Belém ou de Cametá: a caminho das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins

As vilas Moiraba e Carmo do Tocantins estão localizadas, na Amazônia paraense, mais especificamente, na região denominada do Baixo-Tocantins. Elas pertencem ao município de Cametá que fica à margem esquerda do rio Tocantins, fundado em 24 de dezembro de 1635. O município possui cerca de 120.896 habitantes e tem uma área de 3.081 km (quadrados). Ele se localiza a 150 km de Belém, capital do estado do Pará, tem 09 distritos oficializados, dentre eles: Moiraba e Carmo do Tocantins e 01 distrito (Porto grande) em via de legalização. No mapa abaixo, visualizamos as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, ambas à margem esquerda do rio Tocantins, se tivermos como referência o município de Cametá, sede dos referidos distritos.



Figura 02: mapa do Estado do Pará- vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Acervo do IBGE- Cametá- março de 2012.

As alternativas de transporte para chegar às vilas, partindo-se de Belém, são as seguintes: veículo particular e/ou ônibus passando pela Alça Viária ou Arapari e pelas balsas que fazem as travessias de Igarapé-Miri e do rio Meruú. Em seguida, o caminho é pela PA-151 até o trevo que leva, inicialmente, à vila do Carmo do Tocantins e na sequência, à estrada de São Benedito que leva à vila Moiraba.

As dificuldades maiores de transporte residem no tempo de travessia nas balsas, como a do rio Meruú, apesar de a extensão ser pequena. Isto porque, a capacidade de cada balsa é bem menor do que a quantidade de veículos e passageiros. Na época das festividades dos padroeiros das vilas de São Benedito e Carmo do Tocantins, essas travessias causam sérios problemas, pois em função do tempo de espera na fila, muitos passageiros são assaltados.



Figura 03: Travessia de balsa pelo rio Meruú- Arquivo de pesquisa- janeiro de 2011.

O percurso do município de Cameté até as vilas dura cerca de 03 horas, se utilizarmos o barco (Galileia, Amiga e Miss do Carmo) saindo daquele município às 12h/13h. Esse tipo de transporte sai do município de Mocajuba por volta das 3h, percorrendo as vilas do Carmo e Moiraba até chegar a Cameté por volta das 7h, de segunda à sexta. Há aproximadamente dois anos (julho de 2011), há duas novas alternativas de transporte, a saber: a) as rabetas (Expresso Nova Maria Clara, Expresso Bom Jesus, Expresso Nossa Senhora do Carmo) que realizam esse percurso em 1h30/2h e b) lancha que gasta 60 minutos para realizar tal percurso. O destino final da maioria dessas embarcações é o município de Mocajuba.



Figura 04: Interior de uma rabeta durante uma das viagens a caminho das vilas partindo de Cameté- Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Observamos que as acomodações das rabetas são bastante simples e possuem limites de peso. É um tipo de embarcação destinada a um público mais interessado em resolver problemas diversos em Cameté e retornar cedo. Quem objetiva fazer compras, por exemplo, a

melhor opção é o barco. O valor cobrado pelo transporte é mais elevado o que acaba limitando o número de interessados.

É importante ressaltar que as rabetas ganharam uma relevância no cotidiano dos moradores, pois como se pôde observar elas favorecem o deslocamento até a sede do município durante um tempo bem mais reduzido do que se costumava ter com os barcos. Isso permitiu que os sujeitos tivessem condições de planejar melhor suas atividades, pois antes deveriam acordar de madrugada e retornar apenas às 16h. A partir do uso das rabetas, eles saem das vilas às 6h, resolvem um número maior de compromissos no município de Cameté e chegam aos distritos por volta das 14h.

Durante as diferentes fases da pesquisa, as viagens ao município de Cameté foram necessárias para fazer o levantamento dos aspectos geográficos, históricos e educacionais (IBGE, SEMED, Prelazia e Museu). Muitas delas foram feitas ainda por meio dos barcos que deixavam as vias por volta das 04h. As diferentes alternativas de transporte favoreceram no sentido de termos mais tranquilidade para realizarmos os levantamentos junto às diferentes instituições e ampliar o tempo com os sujeitos nas vilas.

As relações estabelecidas com as novas alternativas de transporte ressignificam práticas naqueles contextos mostrando, dentre outros aspectos, o desejo dos moradores de terem acesso a melhores condições de vida (conforto, segurança nos transportes até os municípios principais). Apesar de reconhecerem as consequências nem sempre positivas da facilidade de transporte para as vilas, em especial, com a criação da PA-151, um dos moradores mais antigos da vila Moiraba, Seu João, posiciona-se da seguinte maneira:

Eu¹² disse e aí essas mãos calejadas de tanto atravessar pra lá há muito tempo e nunca ganhei nada e até hoje, se quero, levanto da minha rede 3 h da madrugada para receber o dinheiro da minha mulher. Se eu quero um médico....Agora não mudou porque nós temos carro na porta. Pega 6h e vai pra Mocajuba. Agora só tá faltando 02 coisa: pra Cameté nós tem mais lancha pra cidade....A caixa, a lotérica e até paga e aí pega uma parte por lá. Uma hora dessas já se está voltando . Ehh, essas linha, agora...a gente vai mal agasalhado (barco da linha? Era os navios...era 4 horas pra chegar lá...6 horas). [...] Foooi, não isso é nova...isso é pra cá., são novas essas rabetas, antes tinha esses, as lancha a vapor. ...essas voadeira é novo, não é nenhuma daí. Olha....., não agora tu sabes como a gente saia daqui? Pela preamar. Se a preamar desse 10 horas da noite, saia no remo ia na maré até chegar lá. Não sei se tu sabes: a água cresce 5h e baixa 7h.e então saia pra lá. Agora pra mim, ...era,.... era muito perigoso, muito, muito. [...] E olha

12 Tipos de convenções adotadas para fazer a transcrições das narrativas se basearam nos estudos de Marcuschi (2000; 2001).

outra coisa: era de bicicleta. Agora é carro..., se quiser toma café aqui, almoça em Belém, descansa um bocadinho e vem jantar aqui. Essa é uma das facilidades porque bem aqui nós temos uns...tem uns maiores, nós já vimos. Eles chegaram fumando as coisas, ...e olha nós vamos mandar vocês pra Marabá... Eles (os pais) dizem: passa, nós vamos mandar pra cadeia. Faz! Pode? E com o próprio pai?Mas, eu acho que isso tem ajuda daquele ECA que não se pode mais fazer nada com eles. (João13, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

Verifica-se na narrativa de seu João também uma associação entre a facilidade de transporte (pode-se sair da vila de manhã a caminho de Belém e estar de volta no horário do almoço) e o aumento dos índices de violência que são favorecidos, segundo ele, pela criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Há a transferência de responsabilidades para um documento que supostamente condiciona o comportamento de familiares que não tomam uma atitude diante dos problemas (drogas, pequenos furtos) evidenciados em seus lares, posto que o ECA estabelece penalidades para o menor infrator, de acordo com a infração.

Outro aspecto observado foi que em direção oposta ao que muitos podem pensar, os ribeirinhos almejam melhores condições de vida em suas comunidades, apesar de se ressentirem de determinados avanços tecnológicos por alguns motivos, tais como:

O pessoal presente, às vezes, um pouco gente, sábado, domingo à noite. Eu acho que foi a energia. Foi em 2000: TV, vídeo game, outros fatores que eu acredito, muitas casas da frente muitos morreram. A escola caiu, poucas pessoas ficam por lá conversando. Com isso, as ruas foram mais sendo ampliadas mais lá pra trás, questão dos barcos, as viagens eram via marítima. Pra Tucucruí pode ir e voltar no mesmo dia, se quiser agora. (Estela- Docente da Educação Básica, vice-coordenadora da quadrilha Estrela Junina e do Postulado de Oração do coração de Jesus).

Tinham assim apenas 02 televisões. Aguardavam a hora do filme da novela, e depois o pessoal ia embora. Agora com a energia mesmo, as pessoas ficam assistindo em suas casas. (Nazareno- Docente da Educação Básica, líder comunitário da vila Moiraba, coordenador da Pastoral da Criança daquele distrito e da quadrilha Estrela Junina).

A energia aparece como um elemento desagregador, posto que as pessoas costumavam se encontrar para conversar perto da antiga escola (e da igreja), ambas,

13 Muitas das informações da vila Moiraba foram narradas por seu João (ex-comissário de polícia, animador da comunidade durante anos) que nos ajudou bastante por ser o morador mais antigo, estar em condições físicas e ter demonstrado interesse em colaborar com a pesquisa durante a Oficina de Memória destinada também à construção da cartografia cultural das vilas. Tivemos que selecionar imagens (algumas cedidas pelos docentes e demais moradores) porque ele não tinha registros. Utilizamos 02 dias para realizar a Oficina de Memória com ele. Seu João também trabalhou durante um tempo como professor, por necessidades impostas pela vila. O que nos chamou atenção em suas narrativas foram os detalhes das datas, nomes das lideranças políticas e de fatos que acabaram por atingir aqueles contextos de forma positiva ou não. Muitas das suas narrativas foram confirmadas pelas informações obtidas no IBGE e na preleção de Cametá.

relativamente próximas ao trapiche. Naqueles momentos, muitas ações eram planejadas, as pessoas se conheciam mais e podiam articular melhor a vida em comunidade. No entanto, percebe-se nos depoimentos que a energia acaba por alterar modos de vida, dificultando os encontros e relações interpessoais, tornando-se mais dispendioso articular o trabalho desenvolvido na comunidade escolar e na “comunidade social”, como os entrevistados denominam.

Nas narrativas de Nazareno e Estela e nas observações realizadas durante as diferentes fases da pesquisa, as contradições em relação aos avanços tecnológicos das vilas foram constantes, uma vez que, se alguns moradores apontam problemas sociais com a chegada de infraestrutura, outros a veem como uma melhoria para a comunidade. Por exemplo, os sujeitos que exercem as funções de docentes, coordenadores de uma das quadrilhas da vila Moiraba, da Pastoral da criança e do grupo de oração do Sagrado Coração de Jesus reconhecem a importância desses avanços, como o transporte viabilizado pelas rabetas que diminui o tempo entre as vilas e a sede (Cametá), a energia que ajuda bastante na movimentação do comércio, no conforto e acesso a informações de diversas ordens.

Por outro lado, os relatos indicam que esses avanços também tornaram os moradores mais individualistas, distantes das discussões a respeito da coletividade, que antes eram proporcionadas pelos encontros ao redor de apenas um aparelho de televisão. Estes relatos coincidem com o relato de seu João, que evidencia o receio de perder a tradição daquela comunidade por conta do afastamento dos sujeitos das ações (festejos dos santos padroeiros, ensaios e apresentações das quadrilhas, desfile escolar, encontros da Pastoral da criança) que os integram.

Ao se discutir os espaços das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, deve-se considerá-las como comunidades rurais e ribeirinhas. Isso se justificaria pelo fato de que muitos dos sujeitos possuem uma vida bastante ligada à agricultura e aos rios, à pesca e a tudo que envolve os dois ambientes. Os sujeitos selecionados para esta pesquisa revelam que paralelo aos estudos e ao trabalho nas escolas, no posto de saúde, nas igrejas e nos centros comunitários, desenvolviam atividades nos campos (agricultura) e na pesca. Estas atividades lhes foram repassadas pelos pais, avós e tios na maioria dos casos. Elas serviram como principais fontes de sustento por questões de tradição familiar, por necessidades financeiras e ainda movimentam uma boa parte do comércio local.

As relações que os sujeitos estabeleceram com o rio e com a terra são interessantes, porque indiciam um pouco as maneiras de se endereçarem aos seus contextos. Verifica-se, por

exemplo, que assim como o rio representava a subsistência pelo fato de levar a construção de trapiches, pontes, proporcionava a construção de alguns tipos de embarcação para seu João, por outro lado, simbolizava o medo por conta das viagens longas e perigosas, que os moradores precisavam fazer para receber seus proventos e os da esposa no município de Cametá.

Em alguns casos, como o de dona Paula, o rio Tocantins representa as possibilidades de uma vida melhor para os filhos que o enfrentam em busca de continuidade dos estudos. Por outro lado, esse mesmo rio traz a saudade do tempo em que a família numerosa tinha suas necessidades de estudo e trabalho apenas naquele espaço cultural. Ele representa a fonte de novidades, pois antes da construção da estrada, era através do rio que as novidades chegavam e o trapiche costumava ser o lugar mais movimentado, em especial, as quartas, quando os barcos chegavam e junto com eles, as encomendas, as cartas, os visitantes, os familiares. As fontes mais recentes são as mídias (televisão, rádio, telefone, computador associado à internet) nos seus mais diferentes modelos.

A terra cultivada encanta dona Paula pelas possibilidades de bem-estar diante do tempo ocioso da aposentadoria, mas já ajudou a concretizar sonhos de consumo e de estudos dos filhos. São estas lembranças e vivências nas diferentes etapas da vida que ainda prendem dona Paula a sua comunidade, por isso, o engajamento nas práticas socioculturais é uma maneira de ampliar estas relações que a terra e a água já estabeleceram durante a trajetória de vida da aposentada.

Consoante Pinheiro (2009), ser ribeirinho está associado a populações que se encontram fora dos contextos de maior concentração populacional, ou seja, vivem em vilas ou ainda, são sujeitos que ocupam as margens dos rios e ali desenvolvem diferentes atividades de subsistência. As vilas onde desenvolvemos a pesquisa assemelham-se a essas características, encontram-se atravessadas pelas Novas tecnologias, principalmente, a vila do Carmo do Tocantins onde há acesso à rede mundial de computadores e utilização de antenas parabólicas.

Verificamos que os modos como estas populações, se apropriam da cultura são determinantes, para que se compreenda o que é ser rural-ribeirinho na região, pois para Oliveira (2008b, p.89) “O capitalismo traz consigo as lutas de classe e transformam o sentido da cultura tradicional, as antigas culturas populares, em cultura de classe, mediante o uso de resistência e afirmação que as classes populares fazem de suas tradições, de sua moral e de

seu modo de comunicar”. As disputas se dão nos contextos que possivelmente seriam homogêneos em relação aos encaminhamentos globais, mas se percebe o quanto há contradições entre os sujeitos em busca de afirmações locais que favorecem uns em detrimento de outros. Isso mostra que os modos de se apropriar do discurso global nem sempre será de combate, mas de adesão e de ressignificação de acordo com os sentidos negociados nessas comunidades mais locais.

2.2- Localização geográfica, origem e aspectos econômicos

As vilas Moiraba e Carmo do Tocantins estão localizadas acerca de duas horas de Cametá no trajeto de barco e a quadro horas de Belém no trajeto de carro, a capital do estado.

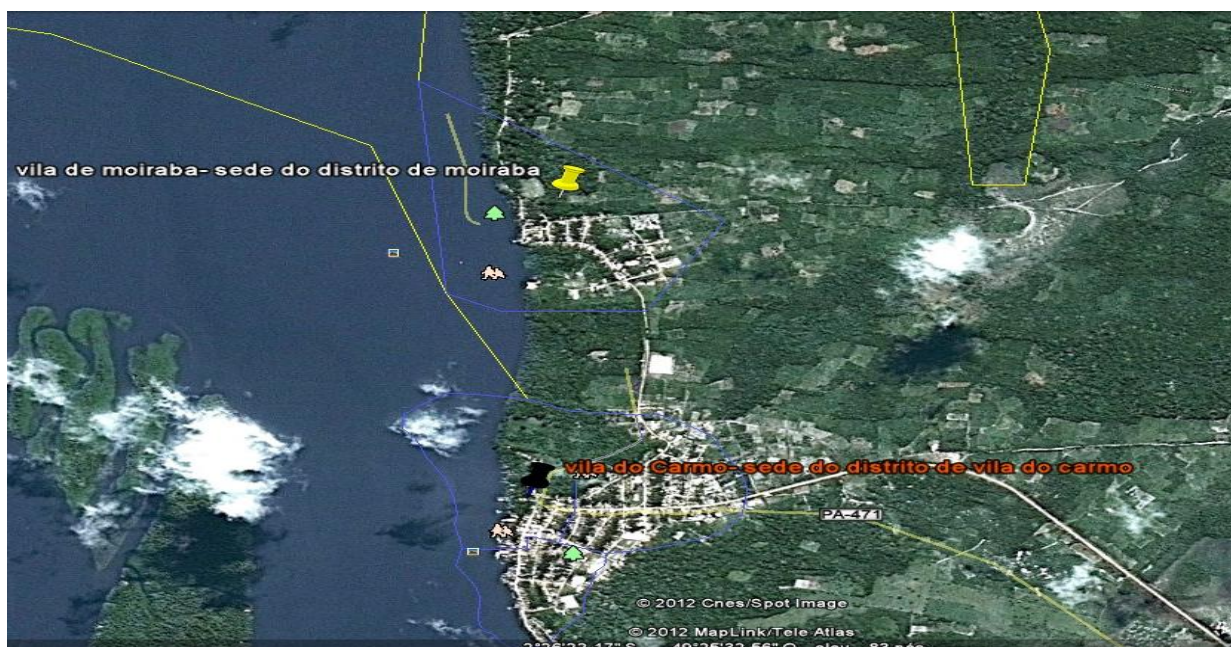


Figura 05: Mapa das Vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Acervo- IBGE- Cametá- março de 2012.

A vila Moiraba¹⁴, mais conhecida como São Benedito, foi fundada em 1872, pela expedição dos portugueses pelo rio Tocantins. Os irmãos João Pinto Cotta e Isidório Pinto Cotta se estabeleceram por lá, construíram suas casas e as de seus escravos. Inicialmente, havia apenas uma casa que ficava na rua principal, às margens do Tocantins. Os irmãos eram solteiros, mas ao constituírem família, ampliaram a vila em diferentes direções, conforme mostra a narrativa de seu João:

fizeram a casa grande que era do senhor...., fizeram a capela de São Benedito, depois fizeram o prédio. Veio mais adiante lá também veio morar um escravo na esquina da praça, senhor Tomás Cota. Ele não era Cota, mas como era escravo criado pelos

¹⁴ Ata de instalação da vila Moiraba cedida pela direção do IBGE- Cametá.

Cota, ficou assim. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

Além disso, seu João relata que os aspectos cultural e educacional foram chegando aos poucos. Os docentes eram todos de outros lugares no início. A fonte de renda principal era a lavoura com força de trabalho escrava. Atualmente, a lavoura continua a ser a principal fonte de renda, abrangendo produtos hortifrutigranjeiros e a pimenta do reino.

É importante ressaltar que apenas em 15 de agosto de 1896 (Lei nº. 422 e Decreto nº14. 273 de 25 de Julho) a vila foi instalada oficialmente, recebendo o nome de vila Moiraba, 6º distrito da comarca de Cametá. O ato solene foi realizado na residência do senhor João Antonio Pinto Cotta que era tenente coronel na época.

Em “Cultura Camutá”, Larêdo (2006, p. 14) apresenta que em São Benedito (vila Moiraba) ficava o estaleiro principal dos marabaenses, ou seja, “embarcações projetadas para vencerem sobretudo o trecho encachoeirado entre Tucuruí e Marabá, onde hoje está construída a hidrelétrica de Tucuruí, sudeste do Pará”. A família Lira era a responsável pelas construções. Os marabenses levavam mercadorias como babaçu, castanha do Pará e couro de boi, dentre outros produtos. Por isso, durante um tempo, a vila Moiraba foi referência na construção de barcos.

A vila Moiraba é a mais antiga das vilas selecionadas para esta pesquisa. No entanto, teve um ritmo de desenvolvimento mais lento. Naquela vila, há uma escola (Escola municipalizada Gracinda da Silva Peres), um posto de saúde, uma igreja (São Benedito), um trapiche, um centro comunitário, um campo de futebol, um cemitério e poucas casas comerciais. Mesmo assim, é a grande fornecedora de alimentos da vila do Carmo do Tocantins que possui raríssimos espaços de plantação para atender às demandas do comércio local.

A vila do Carmo do Tocantins foi instalada em 07 de janeiro de 1901 e representa o sexto distrito do município de Cametá. Ela tem três escolas: Escola municipalizada de Ensino Fundamental Maria da Silva Nunes, Escola Municipalizada de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Carmo e Escola Municipalizada de Ensino Fundamental Divino Espírito Santo que é a mais recente. Cada escola possui, em média, dez salas de aula funcionando em quatro turnos (manhã, intermediário, tarde e noite).

A vila possui um posto policial, um centro comunitário, uma igreja, dois outros espaços (Bom Jesus e Espírito Santo) onde acontecem atividades religiosas, um posto de saúde e muitos estabelecimentos comerciais próximos ao porto e à praça da vila. As atividades econômicas vão além da pesca, posto que existe um intenso comércio próximo ao porto, onde são comercializados diferentes tipos de produtos. Nos lugares com maior concentração populacional, há dificuldades para iniciar um trabalho por conta própria com as devidas estruturas, muitos são os casos de trabalhadores que vendem seus produtos nas calçadas ou para além delas. Os vendedores se reúnem em pequenos grupos e espalham as mercadorias, prática recorrente na vila do Carmo do Tocantins, como se observa na figura abaixo:



Figura 06: Centro comercial- Rua Nossa Senhora do Carmo. Acervo pessoal- Maria de Nazaré Lisboa- março de 2009.

Os produtos hortifrutigranjeiros são fornecidos pelos produtores da vila Moiraba, pois em vila do Carmo não há tradição nesse tipo de serviço. Um dos principais fornecedores é o bosque natural, espaço localizado na rua 15 de novembro (estrada a caminho de vila Moiraba). Segundo os moradores mais antigos, como seu João e dona Vanusa, este é um aspecto que ainda causa discussões durante os encontros que acontecem nos momentos de compras, porque apesar de mais desenvolvida, a vila do Carmo do Tocantins depende dos produtos agrícolas fornecidos pela vila Moiraba que, supostamente, é bem menos desenvolvida.

Nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, há uma forte articulação entre as atividades desenvolvidas na escola e as ações da igreja. É importante frisar que as formas dos moradores se relacionarem com o espaço da vila possuem origem no movimento religioso,

como se pode observar na narrativa de dona Darcy, uma das professoras aposentadas selecionadas para este trabalho:

Vila dos Bragas, primeiros moradores eram da família do meu marido. A festa começou com o Divino Espírito Santo. Não existia a vila pra lá onde é a igreja, a escola, tudo era mato. ...Foi aqui que começou a vila. Vieram essas 02 santas; uma era pra Carapajó e a outra pra Vila do Carmo. Abriram a caixa errada e deixaram a santa aqui...Por causa da santa, o Espírito Santo ficou de lado. Ele que era o padroeiro, a festa dela, os milagres, aí pronto foi pra frente. A igreja era uma construção de barro, mas caiu a parede da igreja e não aconteceu nada com ela (a santa). Tiveram a ideia de fazer uma igreja grande por causa do medo de cair por causa da proximidade do rio. E com isso, todo mundo foi pra lá com a construção da igreja e cresceu pra lá, mas aqui que é o ponto histórico da vila. (Darcy, aposentada, integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista).

Do ponto de vista geográfico, a ampliação da vila para outro direcionamento se justifica pelas limitações com uma área de várzea no lugar, onde a vila se originou. A justificativa detida no aspecto religioso é a mais recorrente entre os moradores, pois em função da devoção à Nossa Senhora do Carmo, as pessoas mudaram-se para a área que fica perto da igreja. As construções, de fato, avançam nesse sentido e já ocupam boa parte da rua de acesso principal às vilas. Contudo, a questão geográfica é relevante, porque não há mais espaço na área que compreende a origem da vila do Carmo do Tocantins. Isso nos indicia que os significados das relações entre espaço e sujeitos são negociados, conforme a dimensão sócio-histórica e cultural. Ou seja, para muitos é mais importante justificar pelo viés religioso do que pelo mais evidente que é o geográfico.

É importante destacar que os movimentos de ampliação, representatividade política mais efetiva, atividades comerciais intensas em função de um alto índice populacional em relação à vila Moiraba que acabaram por construir um espaço de maior evidência em Carmo do Tocantins do que em São Benedito. Os moradores das duas vilas já estão na expectativa de que a vila do Carmo do Tocantins avance ainda mais e ganhe *status* de cidade, como nos mostra a narrativa de seu João:

De lá foi desenvolvendo,... fizeram lá a padroeira nossa senhora do Carmo por causa da santa. E agora a Câmara municipal de 1996 foi obrigada porque evoluiu mais pelo motivo que aqui era mais propriedade e evoluiu mais lá e foi obrigada a passar a distrito. Em 1996, passaram lá a vila do Carmo do Tocantins, mas agora já estão até para desmembrar da cidade, já está lá a documentação. Então está se discutindo o nome que pode ficar; uns dizem cidade de Moiraba; outros discutem cidade do Carmo do Tocantins. Agora esta nessa discussão. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

No imaginário daquelas comunidades, isso garantirá melhorias na qualidade de vida da vila e das comunidades que a circundam, o que é rebatido pelo representante do IBGE (Cametá), uma vez que não há interesse por parte das lideranças políticas de Cametá nesse direcionamento. Durante as visitas em função da pesquisa e campo, verificamos uma tendência a esse tipo de imaginário ocasionando, inclusive, discussões cotidianas em tom de disputa entre os moradores das duas vilas, seja no mercado, na igreja, nos eventos diversos que acontecem naqueles contextos e um dos pontos de maior discussão é alegar que a vila do Carmo merece o título de cidade por ser a maior em extensão.

Durante os contatos iniciais com os sujeitos e por um longo período esse argumento nos pareceu coerente, apesar de os moradores mais antigos se mostrarem contundentes ao afirmar o inverso. Isso passou a nos inquietar e ao fazermos levantamento junto ao IBGE de Cametá, observamos por meio da imagem abaixo que, na verdade, os moradores mais antigos tinham razão, porque a extensão da vila Moiraba inicia no trevo. Esse dado amplia consideravelmente a área de Moiraba, tornando-a maior que a vila do Carmo como se pode observar.

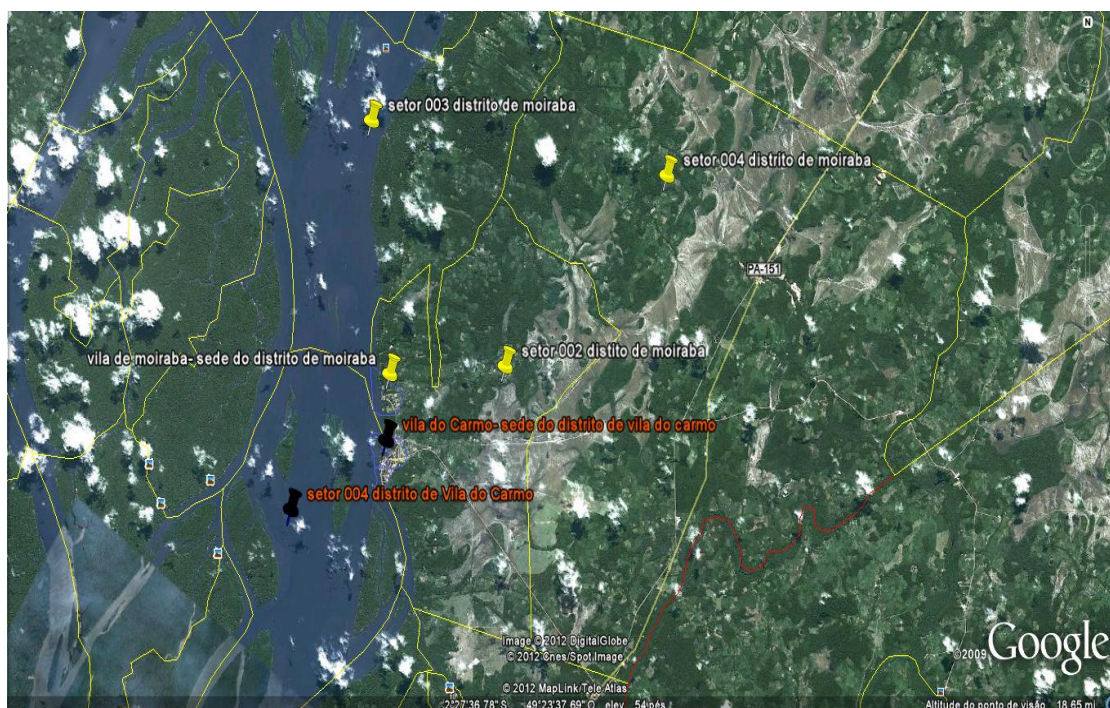


Figura 07: Mapa com detalhamento da extensão das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Acervo- IBGE-Cametá março de 2012.

Outro fato interessante a respeito é que tanto Moiraba quanto Carmo do Tocantins são registradas como vilas e constituem distritos diferentes, mesmo possuindo uma proximidade muito grande que não justificaria, portanto, a existência de duas vilas. Segundo Vanderlei, representante do IBGE de Cametá, a justificativa para termos esse tipo de situação se ancora nas motivações políticas com o intuito de:

criar currais eleitorais, imaginário na população local, digamos assim um prestígio maior diante dos outros povoado, das dezenas de povoados, centenas ao redor de Cametá. Com isso, o município é criado e não tem nenhuma função administrativa que possa ajudar o poder público municipal no sentido da gestão dos problemas ... e tudo mais. Inclusive, com status até de cidade. Em muitos casos, nós temos municípios em que a sede é até menor do que a vila do Carmo ... e ela é bem grande (Vanderlei- gerente do IBGE-Cametá)

Essa é uma realidade em muitas localidades que abrangem o contexto cametaense, segundo o responsável pelo IBGE. Ou seja, pouco se prioriza as condições e necessidades efetivas de criação, mas os benefícios que uma minoria pode conseguir. Esse paradoxo é evidente nos contextos da pesquisa aqui apresentada, uma vez que as duas localidades sendo vilas, o fato de Moiraba ter sido criada antes da vila do Carmo do Tocantins e possuir, geograficamente, uma área bem maior do que esta, a vila do Carmo é a mais desenvolvida em diferentes aspectos.

De acordo com o representante do IBGE, o ideal seria existir apenas um distrito (e vila) para se evitar, por exemplo, rivalidades. No caso das vilas onde desenvolvemos a pesquisa, as rivalidades foram amenizadas ao longo do tempo, como evidenciamos nas narrativas das aposentadas e dos docentes da Educação Básica, em especial. Mas há determinadas manifestações cívicas, religiosas e culturais, as quais têm se apresentado como objeto de rivalidade nas conversas informais ocorridas nos pontos de encontros, principalmente, nos mercados da vila do Carmo onde circulam moradores das duas vilas, como nos mostra a narrativa abaixo:

Chamam de bairro de Moiraba é como eles falam, caçoam de o. Como é que está o bairro de Moiraba? Eu levo tudo na brincadeira. Eu disse pra eles, eu falo lá mesmo pra todo eles: Eu digo é aquele bairro,...50% daquele bairro é tudo produto que vem pra feira aqui. É nosso e que vem do campo rural da vila Moiraba: é pupunha, açaí, abacaba, cupu, banana,...Tudo vem de lá pra cá pra vila do Carmo. Aqui vocês não produzem nada porque não têm aonde. E lá (vila do Carmo) não tem mesmo. Na vila do Carmo não tem produtor. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

Observamos que nessa narrativa há um discurso que evidencia o fato de a disputa está apresentada na dicotomia mais rural e menos rural, possivelmente herança da relação exclusivista entre campo e cidade. Verificamos que a vila Moiraba é o centro produtor agrícola, enquanto a vila do Carmo do Tocantins é mais comercial, daí porque seu João enfatiza: “*a vila não tem produto*”. Estas são as contradições herdadas de uma concepção urbanocêntrica, em que o campo é apenas o lugar da produção e a cidade o lugar do novo, do evoluído. Guardadas as proporções, seu João traz em seu discurso esse antigo embate entre campo e cidade, embora saibamos que as duas vilas são de culturas rurais.

O desfile escolar, as festividades religiosas e os grupos folclóricos também são elementos cujas manifestações reiteram essas disputas e trazem à tona as desigualdades instauradas nesse processo de desenvolvimento da vila do Carmo do Tocantins em detrimento da vila de São Benedito, como passaremos a apresentar.

2.3- O aspecto religioso

As vilas Moiraba e Carmo do Tocantins sofrem uma grande influência da religião católica. O gerenciamento das ações religiosas ocorre a partir da prelazia de Cametá fundada há 60 anos, sendo desmembrada da arquidiocese de Belém em 1952. Os registros que constam na prelazia foram realizados, em especial, pelos padres lazaristas e por alguns jesuítas. Em função da entrega das comunidades a diferentes congregações pelo papa, a região norte foi contemplada pelos lazaristas, principalmente segundo entrevistas realizadas com Lucrécia, secretária da prelazia de Cametá.

A base é constituída pelas comunidades cristãs, atualmente assistidas por 20 sacerdotes atualmente. Os objetivos da evangelização são os seguintes: defesa da vida, formação de lideranças e família. Essa assistência só passou a ser efetiva a partir do ano de 1985. Por isso, a presença do clero era bastante pequena, conforme evidencia a narrativa de Lucrécia:

Os holandeses vinham e iam embora. Eles vinham faziam apenas as celebrações de 'obriga', como os matrimônios e iam embora...e hoje já é uma nova evangelização. Então, a presença do padre nas paróquias já exime tudo isso aqui. Até porque não há mais recurso para os animadores remunerados. A nossa igreja é pobre e cada vez menos recurso vem do exterior então esse projeto que tinha dos animadores e terminou lá pelo ano...antes de noventa (Lucrécia, secretária da prelazia de Cametá).

Em função dessas necessidades, os moradores se articularam com a igreja no sentido de selecionarem pessoas responsáveis pela propagação da religião católica das paróquias. Essas pessoas eram denominadas como animadores¹⁵. Naquela época, a prelazia tinha bem mais informações detalhadas a respeito dos acontecimentos na paróquia justamente pelo trabalho que era realizado pelos animadores. Eles elaboravam cadernos informativos, como o que temos abaixo:

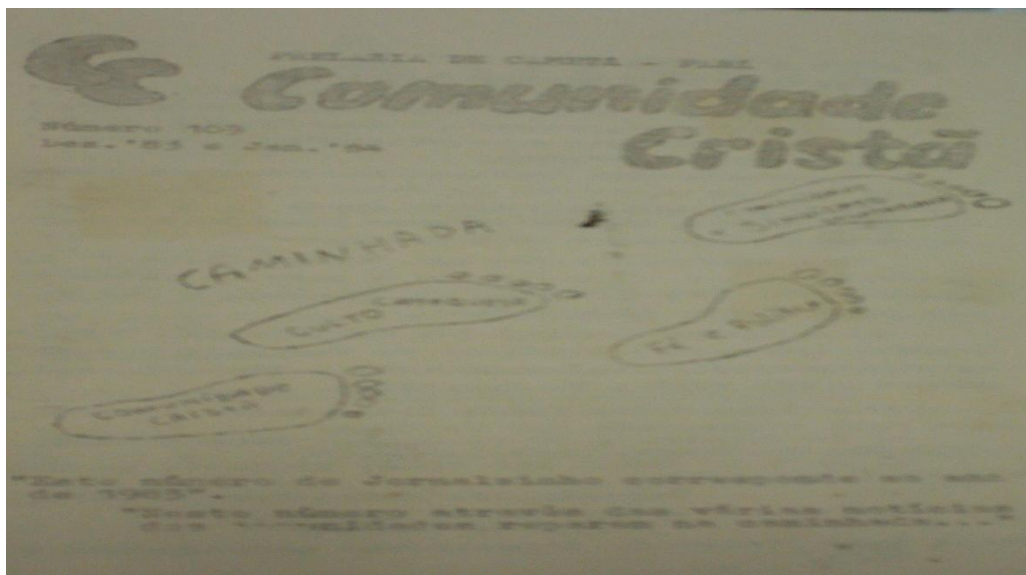


Figura 08: modelo de um informativo elaborado pelos animadores das comunidades. Acervo- Prelazia de Cametá- abril de 2012.

Esses cadernos traziam resumos das atividades realizadas por cada comunidade. Os temas (saúde, educação, religião, família) eram os organizados pela prelazia, mas em cada setor (Carmo do Tocantins, São Benedito, Areião etc.) das comunidades, outros subtemas poderiam aparecer de acordo com as necessidades apontadas.

A importância desses informativos reside tanto no sentido de manter as informações atualizadas de cada setor, quanto no sentido de avaliar de que modo os planos gerais da comunidade cristã eram difundidos nos mais diferentes espaços religiosos. O que chamou nossa atenção ao termos contato com os arquivos dos informativos foram as maneiras como os animadores procuravam registrar as temáticas e suas atividades envolvendo imagem e texto verbal, mesmo que ainda de forma bastante rústica, como se pode observar na imagem.

¹⁵ Pessoas indicadas pelas comunidades cuja tarefa principal era informar o que acontecia em cada lugar, por meio dos cadernos de informativos, cuja impressão feita na prelazia e socializada entre as paróquias. Estas pessoas eram remuneradas pelo trabalho.

Os animadores articulavam as atividades com os coordenadores representantes das comunidades e procuravam participar delas registrando os momentos mais significativos. Todo o trabalho de editoração final e impressão eram feitos na prelazia para onde os animadores se deslocavam ao final de cada período de desenvolvimento e avaliação das ações. Atualmente, não há mais a presença dos animadores em função de problemas financeiros da igreja que antes recebia recursos de um projeto estrangeiro. Desse modo, essas informações são mandadas apenas em forma de relatórios das assembleias dos conselhos organizados- deliberações e programações gerais.

As programações são anexadas aos relatórios que incluem os planos pastorais e os registros dos eventos (Crismas, casamentos, batizados). Estes registros são enviados apenas em dados numéricos encaminhados às paróquias e estas entregam os documentos à prelazia que avalia e encaminha ao Vaticano. Isso aconteceu somente a partir da oficialização dos padres nas paróquias, como consta em muitos dos materiais informativos que circulavam até 1988. Seu João, um dos mais antigos moradores da vila Moiraba foi um dos animadores que passaram um longo período realizando tais atividades.

No caso das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins selecionadas para esta pesquisa, a paróquia de Mocajuba sempre foi a referência da igreja católica e por esse motivo muitas das atividades eram organizadas e sediadas naquela localidade. A proposta mais recente é que a vila do Carmo do Tocantins passe a ter paróquia própria e uma das providências tomadas nesse direcionamento foi a oficialização de um padre efetivo no início de 2012. A vila Moiraba, apesar de mais antiga, permanecerá como “comunidade”.

Tentamos entrevistar o padre da vila, mas ele informou-nos não ter informações necessárias a respeito das vilas e do trabalho das aposentadas em função do pouco tempo de residência naquela localidade. Sua participação na pesquisa deu-se com o fornecimento de materiais da prelazia, tais como os informativos, os registros das comunidades cristãs dos distritos, as fichas sínteses com o número de eventos realizados e os padres responsáveis por eles durante um determinado período.

2.4- O processo de formação continuada nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins

A educação, nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, do ponto de vista estrutural das escolas apresenta condições mais favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem do que um número elevado de escolas localizadas na Amazônia paraense, posto que, conforme aponta

Mendes et al (2008, p.81), “É um contexto com diversas peculiaridades como o modo de vida extrativista, ausência de energia elétrica e falta de saneamento básico; e, principalmente, com precário acesso às políticas públicas, nas áreas de educação e saúde”.

Há uma escola em Moiraba e três em Carmo do Tocantins. A falta de energia já não é mais um problema, desde o ano de 2000. O sistema de saneamento básico ainda precisa de ajustes e as políticas públicas voltadas para os avanços da educação são implementadas pelo MEC e operacionalizadas pelo município de Cametá, que, por sua vez, procura dar conta do processo de formação continuada dos docentes, organizando palestras, reuniões e oficinas, como a apresentada na imagem abaixo, cuja temática era o planejamento na perspectiva da interdisciplinaridade.



Figura 09: Suportes Pedagógicos responsáveis pelos setores que constituem as vilas Moiraba e Carmo do Tocantins e outros distritos da região tocantina durante um dos encontros das “Ações de formação” organizados pela SEMED- Cametá, março de 2011. Acervo- Coordenadoria de projetos SEMED-Cametá.

É importante ressaltar que somente na gestão municipal de 2006, após muitas reivindicações de moradores, expandiu-se o Ensino Fundamental até a 8ª série, quando foi implantado o sistema de seriação, uma vez que as turmas eram multisseriadas¹⁶. A partir dessa ampliação, o número de alunos cresceu consideravelmente, assim como o de professores, a maioria contratados. Os turnos de atendimento escolar foram ampliados para o chamado “turno intermediário” (das 11h às 15h) e noturno Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA).

¹⁶ Turmas multisseriada- Segundo Hage (2005, p.57), “As escolas multisseriadas são espaços marcados predominantemente pela heterogeneidade ao reunir grupos com diferenças de série, de sexo, de idade, de interesses, de domínio de conhecimentos, de níveis de aproveitamento, etc.” Não sabemos até que ponto isso reflete positivamente na aprendizagem dos discentes, uma vez que a multissérie, se bem trabalhada, é uma das especificidades das escolas do campo.

Um número acentuado dos profissionais que passou a atuar nas vilas era formado por moradores de outras localidades, tendo em vista que não existiam docentes em número suficiente, para atender à demanda que se fazia necessária naquele novo cenário. O primeiro concurso no município aconteceu, em 2005, com o objetivo de contratar profissionais qualificados para a função. A maioria dos docentes tinha cursado somente o magistério e os cursos promovidos pela prefeitura, direcionados apenas ao ensino das séries (turmas multisseriadas) com as quais os docentes trabalhavam. Passou-se a ter a presença de um diretor, de merendeiras e de outros funcionários imprescindíveis ao funcionamento da escola.

O professor que atuava nessas localidades, apesar da distância, procurava atender à agenda de trabalho estabelecida pela sede. Segundo Pinheiro (2009), “A multisseriação segue a mesma lógica da seriação quanto à organização dos conteúdos”. Isso para tentar se equiparar às escolas de características próximas aos centros urbanos, apesar de o público se apresentar de forma bastante heterogênea. O docente assumia funções que não eram apenas as de lecionar, mas de preparar a merenda, limpar a escola, conduzir os discentes pelas vilas, dentre outras funções distanciadas daquelas relacionadas ao ensino.

A respeito do currículo nessas escolas, a autora pontua que ele deveria estar bastante relacionado às necessidades apresentadas pelos sujeitos, com o propósito de valorizar os saberes acumulados pelos mesmos, ao longo de sua convivência em espaços que não são apenas o da escola. Embora tais conhecimentos não sejam legitimados pela academia, eles deveriam ter relevância nessas comunidades, tendo em vista que refletem os anseios desses sujeitos, pois colaboram com avanços possíveis no cotidiano deles, em especial, diante do fato de que os docentes atuavam em turmas multisseriadas. Essa foi a realidade até antes da realização do concurso em 2005. A partir daí, as turmas passaram a ser seriadas, o que favoreceu bastante ao grupo de aposentadas ter contato com alunos de diferentes faixas etárias ao longo da docência.

No caso da vila Moiraba, em função desse concurso, a maior parte do quadro docente é efetiva, apenas alguns ainda são temporários, o mesmo ocorrendo na vila do Carmo do Tocantins. A escola mais antiga denominada Maria da Silva Nunes foi destinada ao SOME 17 (Sistema de Organização Modular de Ensino) e para uma faculdade que utiliza aquele espaço.

17 SOME- Sistema de Ensino Modular foi criado em 1980. É coordenado pela Secretaria Estadual de Educação, desde 1982 e tem como objetivo levar o Ensino Médio a várias localidades cujas dificuldades de estrutura e acesso são difíceis.

A prefeitura oferece alojamento e a instituição de ensino superior fornece desconto aos funcionários que manifestarem interesse em continuar seus estudos em nível de Graduação. Há dois cursos em funcionamento, a saber: Letras e Pedagogia, cujas aulas ocorrem durante os finais de semana.

Enquanto os moradores de vila Moiraba (São Benedito) lutavam pela implantação do ciclo II do Ensino Fundamental (5^a à 8^a série) durante anos, a vila do Carmo já possuía o Ensino Médio através do SOME que se deu por meio de parcerias firmadas entre a Prefeitura e o Estado. Tais parcerias garantiam a manutenção dos professores na vila enquanto ministravam suas disciplinas referentes ao curso do magistério, o que sem dúvida ajudou muito os moradores da região, visto que para cursarem o Ensino Médio, eles deveriam se deslocar para o município de Cametá, contribuindo para que as pessoas não avançassem nos estudos ou abandonassem as vilas. As demandas de trabalho ainda fazem com que docentes de outras localidades assumam turmas e retornem às suas casas no final de semana.

Durante a pesquisa, verificou-se por meio das entrevistas e leitura dos documentos da Coordenadoria de projetos da SEMED que a instituição não possui um plano de formação continuada delineado para o público que atua nas escolas onde realizamos a pesquisa, nem mesmo para os docentes que desenvolvem suas atividades na sede do município. O trabalho de assessoramento é realizado a partir do tipo de adesão feita aos projetos do Governo Federal. Assim, são traçadas as estratégias de acompanhamento e avaliação das ações locais. Esses projetos são mais direcionados às escolas multisseriadas na maioria dos casos, por isso, a dificuldade em adequar à realidade das turmas seriadas, como são os casos de Vila do Carmo do Tocantins e vila Moiraba. Como já apontamos, a realidade daqueles locais não é mais esta, o que exige do Suporte Pedagógico fazer as devidas adequações para dar conta do processo de formação continuada, como nos mostra o depoimento de Rafael, coordenador de projetos da SEMED- Cametá:

“Nós temos vários programas ...têm existido algumas ações de formação de 2010 pra cá. A gente tem trabalhado numa preocupação da formação dos professores das escolas multisseriadas através do programa da escola ativa em parceria com o MEC ...eh... estamos hoje na reta final dos módulos de formação. Há uma formação para os professores das escolas do campo. Nós temos tido bastante êxito porque essa formação precisa de novas metodologias e hoje nós temos a título de outros programas ...que traz tanto para as escolas do campo quanto outras também. Inclusive, hoje as escolas já fecharam os seus planos e a formação é dentrodessas escolas e o objetivo, inclusive agora para maio e junho (2012) é implementar mais estas formações. Inclusive as escolas do Carmo e de Moiraba também foram contempladas com isso. A escola vai participar da formação continuada porque lá dentro da proposta e do PDE da escola, a escola colocou que iria organizar uma

proposta de formação continuada e a escola tem autonomia para isso, então, a gente vai acompanhar para verificar o plano de cada escola” (Coordenador de programas-SEMED- Cametá).

Verificamos que as ações de formação são a tônica nas vilas selecionadas para esta pesquisa, apesar de mais recentemente, existir a possibilidade de atividades mais concentradas em metodologias que atendam às especificidades das escolas, via Plano de Ação elaborado em cada instituição considerando os recursos financeiros do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação). Todavia, até o final de 2012, as ações ainda não haviam acontecido, conforme os diretores em função de ajustes necessários aos planos de ação elaborados. Isso pode nos indicar que as atividades desenvolvidas pelas professoras aposentadas, no que se refere às orientações feitas aos docentes da Educação Básica acabam se constituindo uma alternativa de encaminhamentos aos problemas enfrentados pelos docentes enquanto uma formação mais efetiva (e oficial) não atende aos seus anseios de dúvidas, principalmente, no que se diz respeito ao comportamento dos alunos.

O direcionamento maior é dado aos docentes das vilas que atuam com as turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), considerando que mesmo havendo um regimento das classes seriadas, os professores da EJA não são contemplados pelas ações e precisam de um acompanhamento mais específico. Há professores que trabalham no regime seriado, mas completam sua carga com turmas da Educação de Jovens e Adultos, muitos destes docentes participaram desta pesquisa.

De acordo com Edileuza, responsável pelas ações de formação dos docentes que atuam na EJA:

“as práticas dos professores residem bastante no ensino desenvolvido os do ciclo I. As atividades infantilizam bastante os adultos, por isso, há necessidade de intervir promovendo ações mais próximas aos professores” (Edileuza, Técnica e coordenadora da Educação de Jovens e Adultos da SEMED (Cametá).

Essas ações são articuladas com o Suporte Pedagógico que recebe orientações e algumas participações dos técnicos durante o desenvolvimento das oficinas e elaboração de planejamento e eventos envolvendo as turmas atendidas nos diferentes distritos onde atua. No caso das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, o Suporte Pedagógico que atua no sistema seriado é o mesmo que atende aos docentes da EJA. Isso é visto pelos docentes como positivo por ser alguém que os acompanha em diferentes segmentos. Por outro lado, há muitas dificuldades para se conciliar horários de realização das ações macro e um assessoramento

mais próximo às escolas que se mostra bastante reduzido, porque a responsável pelo assessoramento precisa acompanhar docentes de outras localidades e nem sempre os meios de transportes são favoráveis a deslocamentos num período de tempo reduzido em função do número de escolas.

2.5- Os eventos culturais

Outro aspecto a ser considerado ao tratarmos das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins diz respeito aos Eventos Culturais. Há uma forte presença do grupo de aposentadas e dos docentes da Educação Básica na organização deles há bastante tempo. É por meio deles que estes se encontram, conversam, trocam experiências e estabelecem parcerias. Por isso, torna-se relevante conhecermos quais são os eventos e de que maneira produzem significados para a vida dos sujeitos. Assim, mesmo existindo um número considerável de eventos, optaremos por apresentar e discutir aqueles que poderão nos indiciar as formas de engajamento das aposentadas e dos professores da Educação Básica em práticas que se manifestem para além do contexto escolar e da igreja como se poderia pensar inicialmente e que acabam por assumir um papel importante nos percursos de trabalho em prol das vilas desenvolvidos por esses grupos de docentes aposentadas.

Os eventos mais frequentes nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins são as festividades de São João, A Semana da Pátria, o Samba do Cacete e a Tiração de Reis. No entanto, dois se destacam em função das relações que possuem com as trajetórias dos sujeitos selecionados para esta pesquisa, a saber: a Semana da Pátria e as festividades de São João, como passaremos a apresentar.

A Semana da Pátria é um período bastante aguardado pelos moradores por conta do desfile do 07 de setembro que em muitas narrativas aparece como um dos mais bem preparados pelas professoras aposentadas, quando elas ainda estavam no exercício da profissão e motivo de certo conflito entre os docentes da Educação Básica e pais/responsáveis dos alunos, como podemos observar na narrativa de Nazareno:

“Me lembra bem o sete de setembro que eram ...A gente acordava 4 da madrugada, o tambor era feito de couro de veado, jibóia e a gente acordava cedo para aquecer, aquecer os tambores. Os pais sempre cobramos: cadê aquela época da dona Paula, do sete de setembro, aquela grande festa, que acabou o tempo bom?”
(Nazareno, docente da Educação Básica, líder comunitário da vila Moiraba, coordenador da Pastoral da Criança de São Benedito e da quadrilha Estrela Junina).

Isso se justifica pelo fato de que os pais solicitam dos docentes maior empenho no sentido de manterem a tradição do desfile por considerarem que ele valoriza as vilas por tudo que conseguiram realizar em função dos desfiles, os valores repassados durante as apresentações, os ensinamentos obtidos na escola, dentre outros. Assim, os docentes procuram realizar um evento que contemple pesquisa, apresentações, ensaios e desfile. Os responsáveis são convocados a ajudar no processo, no entanto, poucos participam a cada ano que passa, conforme apontam os envolvidos. A presença da família ocorre mais nas apresentações nas escolas mostradas na imagem abaixo e no desfile escolar que é o ponto auge, a culminância da semana da Pátria.



Figura 10: Programação Semana da Pátria- 2010 na Escola Municipalizada Gracinda Peres. Acervo pessoal de Maria Iraneide S. Moreira- setembro de 2010.

Sendo assim, os docentes da Educação Básica procuram orientações com as aposentadas, selecionam materiais, ensaiam e organizam a programação de modo a contemplar as expectativas dos moradores. Essa atitude evidencia que os professores estabelecem parceria com as aposentadas com o intuito de atenderem a uma demanda cultural que tem no dia 07 de setembro, por exemplo, um evento que constitui uma forma de as vilas valorizarem a tradição, os espaços escolares e o trabalho realizado pelos docentes; apesar dos relatos de uma longa trajetória de disputas entre as escolas, ou melhor, entre as vilas. Isso mostra que a tradição é disputa de poder. O fato de serem povos ribeirinhos atravessados por uma tradição, não significa que a construção seja harmônica, por isso, então, as disputas que vão desde questões geográficas até culturais.

Observamos que o desfile escolar é um dos eventos mais esperados do ano e grande fomentador de discussões entre aposentadas, docentes da Educação Básica e pais/responsáveis nas vilas, mesmo diante de determinadas limitações impostas pelo cotidiano dos sujeitos, pois de acordo com dona Fátima:

“Trabalho que realmente envolvia família e escola. Eles ajudavam mesmo. Hoje perdeu um pouco. A gente mostrava respeito. Era uma concorrência: as pessoas vinham pra assistir. O padre duvidava da grandiosidade do desfile, ele veio pra ter a certeza mesmo. Era uma união dos professores, a agente se unia, se ajudava fazia empréstimos até de escola de samba da cidade e ouvia umas coisas se fosse com defeito os materiais. A gente conseguiu instrumentos bem depois. Eu não podia faltar o desfile, a Leila tava com o braço quebrado e eu fui assim mesmo”. (Fátima, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, desenvolve um trabalho com times de futebol com as crianças em vila do Carmo).



Figura 11: Desfile escolar de 2011. Acervo pessoal de Marlene do Carmo Almeida- setembro de 2011.

As disputas exigiam das aposentadas uma aproximação maior de todos que formavam a escola e de uma articulação com os pais e outros representantes das comunidades para conseguirem os recursos que o evento exigia. As temáticas que norteiam os desfiles são sorteadas a partir de muitas sugestões dos que integram as escolas. É a partir da temática que as estratégias de apresentação são pensadas e é nessa etapa que as disputas se mostram mais acirradas existindo, por exemplo, o segredo quanto às cores a serem utilizadas por cada escola. Na imagem acima, a temática era o meio ambiente, por isso, houve escola que reitero a utilização da cor verde. Duas instituições investiram mais no vermelho e no amarelo para quebrar a expectativa do público justificando as escolhas pelas consequências da devastação e pela riqueza dos elementos presentes na natureza, respectivamente.

Essas atitudes acompanham as diferentes gerações de docentes e já foram cristalizadas pelos demais moradores, sobretudo, na memória dos pais e dos ex-alunos das aposentadas. Durante as entrevistas, eles ratificaram a necessidade de manter a tradição das vilas por meio do desfile de 07 de setembro, porque lá se liam poemas, mostravam-se dramatizações e coreografias a respeito de temáticas que mesclavam a pátria e a cultura daquelas comunidades: a colheita, as festas, as danças, os representantes que contribuíram com as vilas, etc. Muito disso não é mais discutido nas escolas ou apresentado nos desfiles.

Por isso, a referência ao “tempo bom”, considerando que apesar de se ter um desfile por temáticas (cada escola aborda um subtema), mantendo-se as cores significativas de cada instituição, todo o ritual de preparação do evento quase não ocorre mais, o que incomoda os pais que cobram dos docentes da Educação Básica uma postura semelhante, em especial, com o retorno e manutenção das disputas que existiam entre as vilas tendo as escolas como objetos dessas disputas. Ou seja, a comunidade trabalha com o imaginário do acontecimento que as aposentadas preparavam, das disputas entre as vilas, do público, da torcida, dos recursos utilizados, etc.

Isso nos indicia que as vilas possuem ainda que de forma velada, uma disputa que vai para além dos espaços geográficos, do grupo folclórico detentor do maior número de títulos, do nome e *status* das vilas, do padroeiro mais festejado. Essa disputa é a que mais se dirige ao educacional, porque reflete as práticas planejadas e desenvolvidas pelos docentes que se engajam no evento observando pequenos detalhes que constituem segredos, a fim de que a disputa seja preservada. Não há brigas mais acirradas, como ocorrem, por exemplo, nos grupos folclóricos. Este é o evento que mais socializa e marca na memória da comunidade o trabalho do grupo de aposentadas diante das entrevistas que realizamos, desde a pesquisa exploratória.

As aposentadas estão presentes nas ações da igreja e já faziam isso, em muitos casos, paralelamente à docência. Contudo, foi na condução das práticas desenvolvidas na escola, e mais no percurso dentro das vilas por meio do evento do 07 de setembro que elas ficaram em evidência. É nesse ponto que os docentes da Educação Básica reconhecem o papel social do grupo e procuram orientações para seguirem na busca de um *status*. Embora alguns revelem que essas preocupações são coisas do passado e a realidade das escolas não lhes favorecem mais esse tipo de empenho, eles seguem na parceria por acreditarem na importância do trabalho coletivo do qual eles já participaram como alunos, alguns inclusive eram os que mais se destacavam nos desfiles.

Nesse encaminhamento, as aposentadas e os docentes da Educação Básica circulam pelos eventos juninos, em especial, pelos concursos de quadrilhas. A participação do grupo de aposentadas é mais de ajuda na observação dos ensaios, divulgação e incentivo na maioria dos casos. Apenas uma delas tinha um envolvimento bem maior com esse tipo de atividade até o

segundo semestre de 2010, quando as ações do grupo se ampliaram e este foi transformado em uma associação no caso de uma das quadrilhas da vila do Carmo do Tocantins.

Vale lembrar que esse evento é mais uma forma de aproximação e parceria entre aposentadas e docentes que acaba por favorecer outros tipos de conversa, como sugestões para lidar com determinados problemas de sala de aula. O fato de os integrantes serem alunos ainda (da catequese e da Pastoral da juventude) favorece estes diálogos. Há alunos que não se enquadram nesses grupos, mas que participam das atividades, mesmo que de maneira mais esporádica enquanto espectadores.

Um dos grupos folclóricos bastante conhecidos na vila do Carmo do Tocantins era o intitulado “Revolução Fênix” coordenado por dona Vânia, uma das aposentadas da vila do Carmo do Tocantins selecionada como informante desta pesquisa. Ela sempre procurou conciliar as atividades do grupo com a docência. Depois da aposentadoria, procurou se dedicar mais ainda ao trabalho, o que acabou por agregar outras funções na comunidade, como se observa na narrativa:

“Eu me dediquei a esse trabalho com esse grupo. Dei tudo de mim e até hoje eu faço isso, no momento que você só precisa. Nosso grupo ainda não tá registrado, ainda não é uma associação. Estamos trabalhando pra ver se a gente ainda consegue registrar o grupo, mas mesmo assim nós ajudamos pessoas. Tem pessoas que vêm pedir ajuda pra problema de saúde. Se a gente pode fazer, a gente faz. E se tem alguém com necessidade é digamos assim... vêm pessoas aqui me pedir emprestado, pedir dinheiro pra ajudar no alimento que as pessoas não têm. como se alimentar no dia, eu ajudo entendeu? É assim que é a gente vai levando o trabalho. Eu acho que quando não tem remédio, as pessoas que já têm conhecimento do nosso trabalho vêm conosco. Nós ajudamos também. É dessa forma que nós ajudamos a comunidade” (Vânia- aposentada, coordenadora do Grupo folclórico Evolução Fênix da vila do Carmo do Tocantins. O grupo se transformou em Associação).

O grupo participou de apresentações públicas até o ano de 2010. As atividades de danças folclóricas deram espaço ao trabalho coletivo em prol da arrecadação de remédios, financiamentos, promoções que ajudassem os moradores. Isso foi uma decisão da maioria do grupo e os que preferiram seguir com as danças passaram a integrar outros grupos da vila do Carmo do Tocantins.

O redirecionamento das ações foi motivado pelas necessidades apresentadas pela comunidade, tendo em vista que o grupo era procurado para auxiliar pessoas com dificuldades para comprar medicamentos e alimentação. O fato de serem muitas pessoas poderia indicar aos moradores que aumentariam as chances de ajuda e por isso procuravam o grupo que em

2011 conseguiu um espaço logo no início da vila, para que o prédio da Associação fosse erguido.

O terreno fica próximo à capela do Bom Jesus, onde muitas crianças são atendidas durante as ações da Pastoral. Vale ressaltar que esta última é coordenada e desenvolvida predominantemente pelas aposentadas. A construção, como se pode observar na imagem abaixo ainda está na fase inicial, mas deve ter salas para oficinas que envolvam crianças, jovens e idosos de acordo com as temáticas a serem aprovadas durante as reuniões dos integrantes do grupo com representações comunitárias. Os materiais necessários à construção são adquiridos a partir de doações e de promoções desenvolvidas pelo grupo.



Figura 12: Futuras instalações da Associação coordenada por dona Vânia. Acervo de pesquisa março de 2012.

Observamos que o aspecto cultural que movia as ações do grupo folclórico passou para além do atendimento às necessidades de entretenimento. As alternativas utilizadas para arrecadar recursos necessários à manutenção do grupo (vestuário, transportes, alimentação) quando tinham que participar de concursos e eventos, serviram para promover o voluntariado, a assistência em diferentes aspectos. Por outro lado, as dificuldades e cobranças aumentaram diante da proposta de Associação e das demandas que se ampliaram, porque os contextos são muito carentes.

É importante ressaltar que além do grupo folclórico, coordenado por dona Vânia, na vila do Carmo do Tocantins, há uma forte tradição de grupos folclóricos. A família de seu Jorge administra as ações dos principais grupos há mais de 65 anos. O responsável vê nos

grupos oportunidades de lazer para os jovens, adultos e idosos das vilas e por isso não pára, fazendo questão de repassar aos filhos os ensinamentos, como observamos na narrativa:

“Grupo...o grupo que eu tinha..era o grupo de folclore ...Cambolê.. é quando chegava as datas que a gente brincava é dia de ano, dia de Rei, ... Não, não, só trabalha em todas essas olha isso tá numa base que eu faço de uns 65 anos direto aqui. Não é só nós mesmos, só os velho. É (só a terceira idade). Eles fazem o deles. É por fora do nosso, só o deles...Samba de Cacete. Esse do Samba do Cacete, eu brinco todos os dois, o Cambolê e o Samba de Cacete. No Cambolê nós somos 7 e no Samba do Cacete é sete. Não. (nada escrito), a gente apresenta pela comunidade. Eu me sinto que essa parte, eu brinco, eles me considero. Nós temos nosso serviço que é de lavoura é uma hora e meia de pé. Rsrtrs. Não, a agente nem ensaia, nós brincamos, nós já temos mais ou menos a cadência do que vai sair” (Jorge- dançarino, agricultor e diretor do grupo folclórico mais antigo da vila do Carmo).

Atualmente, ele conta com a ajuda de sua filha Ingrid, responsável pela Ala jovem do movimento, que tem como trabalho principal a coordenação da quadrilha Milho Verde, criada há 18 anos, a partir da necessidade de lazer manifestada pelas crianças. Ingrid já foi catequista e participou do movimento jovem da igreja. Foi por meio dessas experiências que ela percebeu a necessidade de ampliar o grupo criando a Explosão Carmoense, formada por jovens e adultos e que já existe há 04 anos.



Figura 13: Explosão Carmoense- Acervo pessoal de Marlene do Carmo Almeida Medeiros- junho de 2011.

As ações dos grupos coordenados por Ingrid e seu Jorge são realizadas no paralelo das necessidades de trabalho dos sujeitos, como no caso de seu Jorge que trabalha na lavoura. O dançarino se organiza para atender às demandas dos convites feitos ao grupo que já se apresenta há mais de 65 anos. O interessante é que a Explosão Carmoense acaba por minimizar um pouco as divergências entre as quadrilhas da vila Moiraba, aceitando a participação de ambas nos eventos promovidos, assim como recebendo e emprestando integrantes no caso de existir algum empecilho nas apresentações pelos municípios vizinhos.

Isso ocorre porque muitos dos integrantes das quadrilhas de Moiraba já participaram da Milho Verde e outros da Explosão Carmoense.

A Explosão Carmoense e a Milho Verde seguem um regra básica: para participar da Explosão é essencial que se tenha passado pela Milho Verde, o que deixa mais em evidência a transmissão dos saberes de geração a geração e as dificuldades que inibem bastante a continuidade dessa tradição por parte dos familiares como se pode ver na narrativa de Ingrid:

Então,...foi um trabalho que meu pai e outros amigos deles..criaram. Essa necessidade,, a gente é assim, a gente sai nos comércios. A gente faz bingo pra poder organizar. A a gente não tem uma pessoa pra dizer assim: olha a gente tem um grupo que vai se apresentar na cidade. Ele não chega e vem ajudar. A gente só tem as pessoas que vêm e fazem as coisas que eles precisam e deixam nós de lado. É (usamos o Brasilia) pra ensaiar. Graças a Deus a gente tem o espaço porque a nossa secretaria de cultura é muito ruim, muito ruim, há muito anos..é , eles propõem assim: se você não levar o grupo para se apresentar na festa do padroeiro, você não recebe uma ajuda” (Ingrid, filha de seu Jorge e diretora da Quadrilha Explosão Carmoense).

A Milho Verde e a Explosão Carmoense foram as primeiras experiências de muitos integrantes das quadrilhas Estrela Junina e da Revelação pertencentes à vila Moiraba. Estas representantes de alguns aspectos culturais da vila disputam naquele espaço bem mais que títulos juninos, seus coordenadores disputam poder na utilização de espaços públicos, decisões para a organização e desenvolvimento da vila, como apresentaremos ainda nesta seção.

A disputa criada por conta do concurso de quadrilha se manifesta de maneira mais incisiva na vila Moiraba, dentre as protagonistas, temos a quadrilha Revelação¹⁸. Esta é a mais recente e representante dos moradores que ocupam a parte de trás (avança em direção à vila do Carmo do Tocantins) das vilas. Há a Estrela Junina que é formada por moradores mais antigos da vila e que se originou no grupo de jovens da igreja sendo, por isso, considerada como a quadrilha representante da vila. É a partir daí que as disputas ficam mais acirradas, porque a tradição da vila parece ameaçada pelo grupo mais recente, mesmo a quadrilha mais antiga sendo uma das que mais vence os concursos na sede (Cametá).

¹⁸ Revelação. É coordenada por dona Virgínia e foi fundada no dia 03 de maio de 2002 por um grupo de jovens por necessidades de lazer que é pouco na vila. Mas, só passou a se apresentar a partir de 2003 na vila de Areião. Até então, as atividades folclóricas eram realizadas apenas pela escola. Em 2004, recebeu apoio de uma associação agrícola e passou a disputar campeonatos em Cametá. Segundo dona Benedita, só a partir deste ano foi que a Estrela Junina nasceu e Estrela Junina a mais antiga- inicialmente, fazia parte do grupo organizado por jovens da igreja de São Benedito- JUF- Juventude União Fraterna que surgiu para realizar as atividades juninas.

Dessa maneira, os concursos constituem palco para disputas entre as vilas e, mais recentemente no interior de uma mesma vila. Embora essas pessoas tenham boa parte de suas trajetórias imbricadas na vida de muitos sujeitos que ali nasceram, escolherem o lugar para residirem durante bastante tempo, terem se engajado em ações que promovem aquelas localidades, verificamos que as disputas pelo poder se fazem presentes.

Desse modo, observamos um movimento de disputa geográfica, de espaço (parte da frente e detrás da vila) que perpassa por outros aspectos (cultura, educação, lazer, etc.) concernentes aos modos de vida da vila Moiraba. Se antes as divergências e disputas se davam entre vilas, agora é na própria vila com bastante ênfase. Esse movimento não foi verificado na vila do Carmo até a realização da última pesquisa de campo realizada durante os meses de março e abril.

O fato de os representantes da igreja estarem em grande parte envolvidos (coordenação, vice-coordenação, divulgação, etc..) na quadrilha mais antiga faz dos espaços objetos de manutenção e disputa de poder. Por outro lado, a criação da quadrilha Revelação impôs aos integrantes da Estrela Junina uma dinâmica diferente, pois antes a disputa se dava entre os adversários que residiam na sede (Cameté).

Como se pode observar, pela descrição que fazemos acima, a dimensão cultural das duas vilas se mantém sob a disputa de poder motivada pelos papéis sociais ocupados por diferentes sujeitos da comunidade. Obviamente que as dimensões culturais, econômicas e políticas estão imbricadas nestas relações.

Constatamos que os diferentes papéis sociais assumidos por alguns dos sujeitos causam determinados conflitos em algumas situações que exigem atitudes que se anulam, como se evidencia na narrativa de Estela:

“E é uma coisa muito boa porque os jovens, eles já estão se envolvendo em s, eles tão fazendo uma coisa cultural, né? Ela leva o nome da vila a nível municipal, já foi considerada até hoje e desde que começou as ações. Hoje aqui essa reunião,.....há todo um planejamento, só que tem esse embate hoje em dia né? Porque como eu já conversei com o padre: a gente que tá na comunidade cristã é muito criticado porque desenvolve uma atividade cultural, mas que também vê a questão da bebida. Tem tradição, tem Leilão, ...que envolve...então vê se cria até outro grupo que não esteja tão envolvido nisso. Mas é isso aí, o grupo é muito bom .Já começou, as reuniões começaram em janeiro, e ainda tem outras: figurino, organização, ações, ensaios, quem fica, quem vai apoiar...” (Estela, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas das aposentadas, vice-coordenadora e integrante da quadrilha Estrela Junina e do Postulado de Oração do coração de Jesus).

Existe um conflito explícito, pois a igreja parece contrapor uma tradição religiosa em que a presença da bebida nunca foi questionada até praticamente há uns três anos. Isso causou um embate entre os representantes da igreja e os que sempre participaram ativamente dos eventos religiosos e das atividades da comunidade de base. Assim, como arrecadar recursos para se avançar nas atividades culturais e religiosas das vilas? Os grupos folclóricos participavam dos concursos a partir das promoções em que a bebida era comercializada. O lucro servia para custear os gastos com fantasias, transporte e alimentação, visto que o auxílio dos gestores era bastante reduzido.

O grupo mais recente, representado pela Revelação Junina ampliou as poucas alternativas de lazer organizando promoções necessárias aos custos de preparação para o concurso. Estas promoções são realizadas no Complexo do Bangu que é o único espaço pelo qual esse grupo pode circular, ensaiar. Ou seja, as dificuldades geram mais disputa, porque ambas quadrilhas precisam de um público interessante para suas promoções terem lucro, e sem o diálogo necessário, algumas festas acontecem no mesmo dia e horário.

O centro comunitário antes destinado às promoções da quadrilha Estrela Junina, a partir de 2010, não mais foi permitido em razão da proibição por parte da prelazia de venda de bebida alcoólica, durante eventos desse tipo. As fontes de recursos mais acessíveis para ajudar o grupo representado pela Estrela Junina desapareceram. A solução encontrada pelo grupo foi utilizar o espaço onde funcionava a primeira escola da vila que apesar de ser um local legalmente público, passou a ser utilizado pela quadrilha Estrela Junina em termos de ensaios e realização de promoções.

É importante considerar que o grupo formado por muitos dos docentes da Educação Básica e que tem as aposentadas como apoio, em vila Moiraba, apesar de gozarem de um aparente *status* por serem mais antigos vivem um processo emblemático por se colocarem contra a igreja ao tentarem garantir a continuidade de uma tradição cultural representada pela quadrilha que precisa de recursos para se manter, como mostra a narrativa de Roberto:

“Mas, hoje nós somos muito criticados por isso por nós assumir várias coisas da comunidade e hoje foi distorcida, nós ficamos sem saber o que fazer por que hoje com a lei das comunidades de não poder vender o único meio de fazer com que a quadrilha se sustente são as promoções e essas promoções requer que a gente faça né a venda de bebidas. Ai a gente é criticado porque a gente trabalhamos dentro da comunidade. O que fazer diante disso? A gente fala dessas questões...porque eu vejo uma confusão pra nós hoje coordenadores que discutimos em assembleia da comunidade, temos um salão muito próximo da comunidade, trabalhamos nesse lado

cultural. E as pessoas não entendem o que é isso cultural, né? Fazer com que a cultura cresça na comunidade e somos criticados porque defendemos uma tese de que não se pode beber bebida alcóolica durante o período da festa, mas nós vendemos essas coisas. O que fazer diante disso?....” (Roberto- docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, integrante da Quadrilha Estrela junina).

Isso ocorre, porque ao assumirem diferentes identidades (coordenadores da quadrilha, da Pastoral da Criança, do Apostolado de Orações, apoiadores, docentes, catequistas, dentre outras) lhes são exigidas atitudes que vez por outra se anulam. No caminho, enfrentam as cobranças das funções assumidas na igreja. Ou seja, os argumentos que poderiam colaborar com a existência das quadrilhas anulam as posturas que os coordenadores requeridas enquanto guardiões das ações e prismas da igreja católica e não poderão se defrontar com ela. Entretanto, poderão ser obrigados a abrir mão de um trabalho que, em muitos casos, passou de geração em geração, no caso da Estrela Junina. Esse não é um problema enfrentado pela Revelação, posto que seus integrantes não participam do que eles intitulam de vida na comunidade (engajamentos nos movimentos da igreja em parceria com a escola e com um dos clubes da vila Moiraba). Ou seja, parece existir uma nova ordem da igreja de maneira impositiva e purista. Antes as coisas eram desregradadas, porque os próprios moradores conduziam a igreja, agora é esta que procura colonizar uma cultura.

A partir desse levantamento educacional, geográfico, cultural, político, histórico e econômico a respeito das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, passaremos a mostrar os principais locais de cada vila e as relações que os sujeitos envolvidos na pesquisa estabeleceram com tais espaços ao longo do tempo. Este tipo de organização espacial não tem o objetivo ou a pretensão de esgotar os aspectos geográficos das vilas, mas de relacionar esses aspectos simbólicos que se instauram naqueles territórios da cultura, conforme evidenciam os estudos de Seeman (2003).

Desse modo, os caminhos percorridos pelas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins serão direcionados pelas conversas, entrevistas e observações realizadas durante os encontros que tivemos com os sujeitos ao longo dos 04 anos de pesquisa. Por isso, em alguns casos, o ordenamento omitirá determinados espaços que poderiam ser valorizados sob a perspectiva estritamente geográfica. Assim, iniciaremos os caminhos que levam aos territórios de cultura selecionados para a pesquisa aqui apresentada.

2.6- A caminho da vila Moiraba

A vila Moiraba, mais conhecida como vila de São Benedito em homenagem ao santo padroeiro, localiza-se às margens do rio Tocantins. Ela fica distante o equivalente a duas horas e meia de barco do município de Cametá. O acesso terrestre é possível, depois de se entrar pelo trevo em confluência com a PA 151, passar pela vila do Carmo do Tocantins em direção à rua 15 de novembro (conhecida como estradinha de São Benedito).

Na rua de acesso, há poucas casas, campos improvisados de futebol e o Bosque Natural, onde muitas das frutas e verduras vendidas nas feiras da vila do Carmo do Tocantins são cultivadas. Na figura abaixo, apresentamos o final da rua 15 de novembro onde inicia a vila Moiraba. Até se chegar à rua principal onde fica a igreja, há 03 ruas menores que dão acesso ao novo prédio da única escola da vila, a um conjunto construído pelo projeto PAC19 e ao cemitério.



Figura 14: Final da rua 15 de novembro que fica entre a vila do Carmo e vila Moiraba. O final da rua mostra a entrada da vila Moiraba. Acervo de pesquisa- fevereiro de 2011.

Ao percorrer o caminho que leva à vila Moiraba, partindo da vila do Carmo, um dos primeiros lugares que se avista é a casa da farinha que representa para muitos moradores um projeto que não teve sucesso. As lideranças comunitárias não chegaram a um consenso, os financiamentos não contemplaram as necessidades e a falta de matéria-prima causaram tudo isso, como evidencia a narrativa de seu João:

19 PAC- Programa de Aceleração do Crescimento, coordenado pelo governo Federal. Atua nas áreas da habitação e do saneamento.

“Ah, esse aqui foi um projeto que veio do fim pro princípio. [...] Veio um senhor ali que ele é atravessador dessas coisas e ele procurou com quem ele podia se aliar. Da nossa família ele não gostou porque nós queríamos saber do sistema, de onde vinha esse dinheiro. E a primeira coisa que era dessa associação foi essa casa da farinha. Custou um dinheirão sem ter uma mandioca. Fizeram primeiro a casa. É tem um monte por aí tudo. E agora eles alugaram lá pra paresque uma oficina. Alugar pra oficina mecânica, maçonaria, carpintaria,A associação não tem mais nada, os únicos que têm apenhoraram-se no banco e agora tá chamando o penhor, a inadimplência já está em 3%. São pessoas pobrezinhas que não têm nada [...]”. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

Desse modo, atentamos algumas disputas locais que causam prejuízos como o fato de terem sido construídas várias casas de farinha que não tiveram utilidade. Além disso, foram anulados possíveis de avanços em termos de produção e ampliação dos mercados na vila, pois a iniciativa poderia ter gerado alternativa de renda aos moradores que sobrevivem da agricultura e da pesca. Uma parcela de moradores só acumulou dívidas ao investir num projeto que não possuía um produto básico: a mandioca. Assim, a casa representa as promessas desarticuladas de projetos que não levam em conta as realidades dos contextos e que envolvem a população de modo a prejudicá-la.

Ao caminharmos em direção à frente da vila Moiraba, um dos principais locais com que se depara é com a igreja de São Benedito, padroeiro daquele contexto. Ao redor desta igreja, são realizadas muitas das ações desenvolvidas pelos moradores. Dona Paula, a única aposentada que ainda reside na vila é a grande líder nesse processo, procurando manter as práticas religiosas, o diálogo com a escola por meio das conversas informais com os docentes da Educação Básica, as aulas de catequese e o trabalho na Pastoral da Criança.



Figura 15: Igreja de São Benedito- Arquivo de pesquisa- julho de 2010.

A igreja fica localizada quase às margens do rio Tocantins e ainda se encontra em fase de acabamento, como se pode observar na figura acima. Ela foi construída, praticamente, no mesmo local da primeira igreja que era bastante pequena e destinada aos senhores donos de escravos, inclusive, o cemitério deles era dentro da igreja. Ou seja, a segregação era uma marca naquela época e a igreja era uma instituição que simbolizava isso. Nesse sentido, aquele espaço assume significados diferentes para brancos e negros.

A nova igreja fora construída com a ajuda de diferentes sujeitos (comerciantes, pequenos proprietários de terra que ajudavam com o aspecto financeiro e a população em geral com a força de trabalho). Semelhante à construção do trapiche, a igreja e a escola tiveram uma participação coletiva em suas construções o que aproximou mais os moradores dessas instituições, construindo com elas laços afetivos e de pertencimento, que acabam por mover muitas das discussões, quando o grupo de moradores mais recentes na vila procuram avançar com suas propostas de ajustes, ampliações e mudanças. A igreja e tudo que a engendra influencia nos modos de vida dos sujeitos, como se pode verificar nas narrativas de seu João e de Roberto, respectivamente:

“Quando foi em 1960, 63, o padre português, não holandês, quis mudar aqui pra comunidade cristã de base e não tinha aqui porque...E aí me chamaram aqui se eu queria assumir. Como eu era amigado, ele disse que não só se eu casasse, eu disse por isso não, eu caso. Foi que eu casei com a Maria. Daí pra frente foi que eu passei à comunidade, já com o ...ladeira”. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

“Lembrança, relação muito forte que a gente tem com o Catolicismo. Sempre, igreja e escola, aulas de religião, eventos culturais e pelo trabalho, pelo trabalho e mesmo os professores que eram nossos professores, eram nossos catequistas. Estudei muito tempo aqui” (Roberto- Docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, integrante da Quadrilha Estrela junina).

O papel da igreja assume a importância fundamental na orientação e regulação de determinados padrões de comportamento nos sujeitos. Os diferentes papéis sociais que as aposentadas já assumiam e que lhes favoreceram a participação na vida dos moradores em momentos diversos, como mostra a narrativa de Roberta.

Outro exemplo disso é evidenciado na narrativa de seu João, que vivia com sua companheira sem maiores impedimentos sociais. Mas, ao ser convidado para assumir a liderança católica da comunidade, teve que casar na igreja para assumir um papel como aquele. É a imposição, o peso do clero no cotidiano das comunidades, na vida dos sujeitos,

porque a opção pelo casamento caberia unicamente ao casal que já realizava, de algum modo, muitas atividades nesse sentido sem ser casado. Essa decisão é determinada pelo padre holandês, considerando a função que seu João deveria assumir oficialmente. Fato semelhante, observamos na escolha do nome da única escola da vila. Ou seja, há uma submissão dos sujeitos às tradições, evitando qualquer imagem que possa colocar em xeque os encaminhamentos religiosos, padrões educacionais e outros aspectos.

A festividade de São Benedito, realizada no início da segunda quinzena de novembro, é um dos eventos mais importantes da vila, ficando atrás apenas do dia de Finados. O evento em homenagem a São Benedito compreende: as alvoradas, a procissão, a missa, a derrubada do mastro, a tiração de Reis, o leilão e a queima de fogos. Dessas fases, as alvoradas são as que constituem umas das mais relevantes etapas, porque alertam a comunidade para cada etapa da festividade e mostram como os promesseiros planejaram fazer suas homenagens ao padroeiro, utilizando para isso a queima de fogos, às vezes, acompanhada por cânticos, como na figura abaixo ou por instrumentos musicais.



Figura 16: Uma das Alvoradas- véspera da festa de 2010. Queima de fogos acompanhada por cânticos. Acervo pessoal de Glasy Elaine Rodrigues novembro de 2010.

As funções dos moradores no evento são concorridas e eles são avaliados durante o ano quanto ao desempenho. A partir do desempenho de cada um, as funções são delegadas, assessorando o que permite o rodízio de papéis a cada ano de realização da festividade. Cada etapa da festa possui uma equipe que é composta por moradores e convidados (ex-moradores que fazem doações).

Os filhos e amigos de São Benedito que moram em diferentes localidades são convocados no sentido de ajudarem nas despesas, divulgação, organização geral do evento e participação nas equipes. Uma das mais concorridas é a das alvoradas, como já apresentamos. A festividade do santo padroeiro funciona como o natal para eles, pois muitos familiares só se reúnem nesse período. Por conta disso, há a entrega de brinquedos e cestas básicas às famílias mais carentes da vila.



Figura 17: Procissão de São Benedito de 2011. Acervo pessoal de Glasy Elaine Rodrigues Pontes.

Um dos momentos mais esperados da festa é a procissão que se faz na vila, tendo a igreja como ponto de partida e de chegada, como se observa na figura acima. O santo padroeiro é levado pelas ruas da comunidade e a cada esquina recebe uma homenagem dos organizadores da festividade que se posicionam estrategicamente.

Ao final da procissão, a maioria dos participantes vai para o salão paroquial onde acontece o Leilão. Esta etapa da festividade precisa do escrivão, leiloeiro, assistentes de salão e os auxiliares. Assim, entre uma música e outra são apresentadas as ofertas de diferentes produtos que são doados por promesseiros aos organizadores. Com o passar dos anos, incluiu-se o bingo no Leilão. Os leilões acontecem entre um bingo e outro a partir de então. Algo que mudou bastante, segundo os moradores, foi que a equipe passou a ser mais especializada, ocupar diferentes espaços do salão para tentar garantir maior organização e ter mais controle do andamento da festa.



Figura 18: Leilão da festa de São Benedito realizado em novembro 2012. Acervo de pesquisa.

A etapa que segue a realização do Leilão e finaliza a festividade é a queima de fogos, esperada por conta das novidades que sempre a equipe prepara. Esta etapa é uma das mais difíceis seja pela mão-de-obra qualificada que exige, seja pelos gastos necessários em função dos tipos de fogos e pelo transporte delicado de Belém até a vila. Todo ano é a última etapa a ter certeza de como se realizará, apesar de ser uma das mais simbólicas, porque as famílias costumam reunir e confraternizar próximo à igreja para depois, alguns dos seus integrantes, prepararem o retorno para seus domicílios.

Durante a pesquisa, constatamos que o aspecto religioso envolve bastante os moradores, em especial, os professores da Educação Básica que coordenam, planejam e desenvolvem atividades que vão ao encontro dos objetivos traçados pela prelazia de Cameté, durante as reuniões com os representantes das diversas paróquias da região. Para dar conta dessa atividade, os docentes procuram aliar trabalho pedagógico e vida religiosa. Esse direcionamento é uma tentativa de continuar com as práticas realizadas pelas aposentadas, uma vez que durante um determinado período, a escola tinha aulas de catequese com a finalidade de cuidar dos valores, manter a disciplina e associar vida escolar com a vida em comunidade que é um dos principais objetivos daqueles que se engajam nessa continuidade de práticas, como muitos dos sujeitos entrevistados relataram.

Há docentes que já mostram dinâmicas muito semelhantes às observadas nas narrativas das aposentadas. Alguns iniciaram essa trajetória bastante jovens, como mostra a figura abaixo, em que os docentes Estela e Nazareno, ainda muito jovens, naquela época já atuavam na comunidade religiosa, organizando os eventos sob a coordenação das aposentadas:



Figura 19: Procissão do Sagrado coração de Jesus coordenado por dona Paula na época. O prof Nazareno era um dos ajudantes e atualmente é o coordenador do Postulado de Oração. Acervo pessoal de Bernadeth Rodrigues Pontes, julho de 2000.

É importante frisar que no caso de Nazareno que hoje coordena o Apostolado de oração do Sagrado Coração de Jesus, a quadrilha Estrela Junina e a Pastoral da Criança viveu a experiência de estudar nas duas vilas e na sede (Cametá). O engajamento exige que se distancie para ampliar o conhecimento e retorne ao contexto para continuar a tradição (vida escolar e vida em comunidade) que é um dos principais papéis do educador, pois segundo ele, são as práticas que ajudam a vila a avançar. O mesmo posiciona-se de forma um pouco contundente ao se referir aos moradores que foram em busca de novos conhecimentos e não retornaram à vila para ajudar no trabalho que ele e Estela têm procurado manter com a ajuda de outros docentes e com o grupo de aposentadas que os influenciou também nessa trajetória, as narrativas evidenciam este posicionamento:

Eu acho que assim que é uma continuidade dos nossos pais. É a briga na escola com os funcionários, com os nossos professores é que ele faça também um trabalho social, já vem desde os nossos antepassados porque antes o professor não pode ser só professor, ele deve ter uma função social porque é tradição aqui. Por exemplo minha mãe foi professora, eu sou professor. Eu estudei aqui até a quarta série. Não continuei porque na vila não tinha, só na sede. Voltei com o objetivo, necessidade de melhorar o educacional, de fazer alguma coisa pela minha comunidade, líder da pastoral da criança que está percorrendo todo o país, com as crianças,...É importante que o professor siga os antepassados como os aposentados. Pararam com o trabalho educacional, mas continua com o trabalho pela comunidade, ajudar de alguma forma". (Estela, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas das aposentadas, vice-coordenadora e integrante da quadrilha Estrela Junina e do Postulado de Oração do coração de Jesus).

Por outro lado, o docente reconhece a importância dos ex-moradores que procuram ajudar nas ações que a igreja, os grupos folclóricos e a escola desenvolvem, principalmente, em relação à igreja e à festividade de São Benedito. Isso ocorre pela estabilidade financeira alcançada por aqueles sujeitos e pelos laços familiares e afetivos que ainda possuem com a vila Moiraba, fato semelhante ocorre na vila do Carmo do Tocantins.

O reconhecimento do apoio dado pelos filhos e amigos de São Benedito tem se tornado mais evidente diante das dificuldades enfrentadas pelos grupos folclóricos, em especial, da quadrilha estrela Junina que não pode mais utilizar o centro comunitário para realizar suas promoções. Esse espaço representa um dos objetos de maior disputa entre os moradores.

Os novos posicionamentos da igreja minimizaram essas disputas fazendo com que o grupo mais antigo da vila procurasse por um lugar alternativo, o que provocou reação dos moradores que compõem o grupo que defende a valorização da vila não apenas na área central próxima ao rio Tocantins, mas também das ruas que constituem a expansão da vila em direção à vila do Carmo do Tocantins pelo fato de o lugar alternativo (espaço onde havia o primeiro prédio da escola Gracinda Peres) ser considerado público, assim como o centro comunitário. Por isso, não pode ser utilizado apenas por representantes de uma quadrilha junina, mas pelas duas que existem na vila.



Figura 20: Centro comunitário São Bendito ao lado da igreja do padroeiro. Arquivo de pesquisa, fevereiro de 2011.

O Centro comunitário foi edificado inicialmente em madeira, e mais tarde, em alvenaria a partir de um projeto cujo objetivo era construir um espaço para realizar não apenas os eventos religiosos e culturais, mas também oficinas de assessoria à comunidade; espaço de atividades para os jovens e local para o desenvolvimento das ações do “Movimento de Mulheres” e do “Grupo da Terceira Idade”. A partir da figura acima, observamos que a construção em alvenaria não teve a segunda parte (laje para construção dos galpões das

oficinas) efetivada ainda, conforme relata seu João, responsável pelo projeto do prédio e pela mobilização junto aos moradores para construção daquele espaço:

“Tem dois palanques: um do lado e pro outro, foi feito pra duas orchestra. Ele serve a comunidade todinha daqui. Agora com a proibição do padre, que eu não sei de onde veio essa lei, proibiram de fazer festa dançante e ai ficou nessa situação porque fizeram aquela sede do Bangu pra lá. A..., a...Estrela fez esse barracão ai porque o padre não consente que faça festa aqui”. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

Os recursos para construção vieram de uma associação denominada “Filhos e irmãos de São Benedito”. Os integrantes residem em Belém e em Tucuruí. Ela é presidida por Francisco Pantoja. O prefeito na época auxiliou bastante com a questão das despesas necessárias ao projeto. De 2010 para cá, teve sua utilização limitada em função da proibição de consumo de qualquer tipo de bebida alcoólica. Isso fez com que a comunidade criasse outras possibilidades de realizar não apenas a parte profana da festa de São Benedito, realizada na segunda quinzena de novembro, mas todas as festas referentes a promoções necessárias, por exemplo, ao planejamento das quadrilhas Estrela e Revelação junina.

É importante ressaltar que o centro comunitário, apesar de ser destinado a todos que constituem a comunidade, transformou-se em objeto de disputa pelos dois principais grupos que existem em Moiraba, representados pelas quadrilhas juninas. Os participantes da Estrela Junina são moradores mais antigos, responsáveis pelas festividades religiosas e culturais. A quadrilha realizava ensaios e promoções no centro comunitário. Criou-se um grupo que lançou a quadrilha Revelação, esta não possuía espaço para ensaiar. A disputa por aquele espaço passou a ser motivo de desavenças, porque o grupo da Revelação não era considerado como representante da comunidade, e por isso, não tinha autorização para ensaiar lá. Assim, a ideia de ter um espaço da comunidade que em tese deveria ser usado por todos da comunidade, contrapõem-se com o que se evidencia nas disputas.

A partir dessa situação, o grupo mais novo conseguiu uma parceria com um dos times de futebol daquela localidade e passou a utilizar sua sede para realizar os ensaios. Com a proibição de venda de bebida alcoólica e festas no espaço do centro comunitário, a Estrela Junina passou a utilizar raramente o centro e a alternativa foi realizar as festas e promoções necessárias ao grupo no espaço da primeira escola da vila Moiraba. O fato de o prédio ter sido demolido, impôs investimento da comunidade para construir o barracão atual. Dessa

maneira, atualmente, há dois espaços para festas na vila, a saber: o barracão da Estrela e o complexo da Revelação.

A proibição da venda de bebida alcoólica feita pela igreja causou muita discussão nas vilas, pois era comum realizar a missa em homenagem ao santo padroeiro e as pessoas irem para o centro comunitário, onde ocorria o Leilão de oferendas do santo (doações dos moradores e ex-moradores). Durante o leilão aconteciam concursos de dança, bingos, leilão com oferendas doadas por moradores, ex-moradores da vila, a maioria com laços familiares ainda residentes nas comunidades. A hora do Leilão era a mais esperada, considerando que cada oferenda era apresentada e se fazia uma espécie de breve histórico das famílias que as doaram. Havia vendas de comidas e de bebidas, inclusive alcoólicas.

Muitos moradores, segundo seu João, se revoltaram bastante diante da proibição da venda de bebidas alcoólicas por considerarem que nada mudou em função ao percentual (integral) de arrecadação da festa a favor da igreja, como se observa na narrativa a seguir.

“Eles diziam que foram 03 padres. Eu cheguei a conhecer, a conversar com o padre: olhe padre, o senhor me desculpe que a minha filosofia é de homem do campo, mas e o senhor sabe que eu não sei falar bonito, mas eu falo direto, se eu lhe magoar, o senhor me desculpe. Da onde vem essa ordem pra proibir a alegria de um povo que precisa se alegrar? Cada cidade tem uma sede. Isso,...isso foi autorizado pelo Dom Cornélio foi...Autorizou fazer, masnão deram padre nenhum nos deu um tostão. Só os filho e amigos de vila Moiraba de lá de Belém e os Louzada dando sua força de trabalho aqui. Ai, foi porque terminava a missa e iam lá pra sede e a banda tocava e todo mundo bebendo e dançando lá . Acabavam de sair daqui e iam pra lá. E ai eu disse: o senhor me diga uma coisa, o senhor é contra a alegria de um povo? O povo só precisa rezar? Ele falou assim: o senhor tá fazendo umas perguntas meio complicadas e que não cabe na nossa experiência e na minha também não cabe. Padre o senhor sabe que Deus fez o milagre do vinho que era pro povo se alegrarem, então...quem rezou, rezou. Quem vai se divertir lá dentro tá se divertindo. E outra coisa que eu lhe pergunto: essa lei veio pra proibir a dança lá e por que não veio pra proibir a divisão da renda bruta da festa do padroeiro que ficou de se tirar 40% pra paróquia lá? Ai ele, ele disse: e o eu senhor tem até razão[...].”(João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

A proibição se manteve, apesar de muitos enfretamentos. Seu João questionou o padre para cobrar explicações, mas procurou preservar sua imagem, levando em consideração que ele exerce uma liderança na comunidade, foi um dos pioneiros nesse trabalho (um dos primeiros animadores da comunidade cristã), foi gestor responsável pela inserção das aulas de catecismo no contexto escolar e um dos articuladores para que o centro comunitário fosse também uma referência para os eventos culturais (e profanos) da vila com o objetivo de consolidar o projeto inicial daquele espaço. Há um jogo constante de papéis sociais o que

mostra o narrador enquanto sujeito que se encontra em conflito diante de uma situação que colocou a comunidade em xeque.

Por outro lado, essa situação favoreceu a realização de festas paralelas às festividades do padroeiro tanto no barracão (primeiro prédio da escola), quanto no complexo do Bangu, evidenciando os modos como os moradores resistem à imposição da igreja católica. Estabelecimentos ao redor do centro comunitário também se beneficiam disso colocando músicas que imitam as aparelhagens. Ou seja, a quase homogeneidade dos festejos que se concentravam na missa, procissão, leilão e queima de fogos tem sido atravessada por festas profanas realizadas logo após o início do Leilão, afastando muitos devotos e diminuindo as arrecadações destinadas às obras da igreja no que concerne ao leilão e às vendas de comidas típicas (muitas vendas se concentram aos arredores das festas profanas e a preços menores do que os utilizados no centro comunitário).

Essas atividades revelam que uma parcela considerável da comunidade tentar seguir as determinações da igreja, mas, ao mesmo tempo, muitos procuram participar das diferentes festas, viver suas identidades, negociando-as, conforme as possibilidades. Verifica-se, no entanto, um esvaziamento maior durante o Leilão e certa pressão para que ele termine e as pessoas se sintam à vontade para participarem do ‘Arraial’ que passou a se formar ao redor da igreja de São Benedito, como se pode verificar na imagem. Os sujeitos não abrem mão de uma tradição cultural associada às celebrações em homenagem a São Benedito, porém não assumem um enfrentamento mais efetivo contra a igreja que sempre teve um papel muito importante nos modos de vida da comunidade.

Eles elaboram estratégias que deem conta dessas identidades evitando conflitos, mas com estas atitudes, a igreja perde em termos de arrecadação e de trabalho mais efetivo dos envolvidos no processo de renovar as ações cristãs, porque muitos não se convencem o suficiente de que a melhor solução é proibir. A venda de bebida alcoólica permeia toda a festividade com uma ênfase até maior porque não há mais como controlar, manter o público apenas no centro comunitário o que nos faz refletir até que ponto há uma circulação hegemônica da igreja católica naqueles contextos ou se a possibilidade de lazer, a partir das festividades dos padroeiros, não constituem um mote fundamental para esses engajamentos.



Figura 21: Vendas, festas e brincadeiras acontecendo, paralelamente, ao Leilão, ao redor da igreja e próximo centro comunitário em novembro de 2012. Arquivo de pesquisa- novembro de 2012.

Nesse encaminhamento, os dois lugares mais procurados pelos moradores passaram a ser o barracão da Estrela Junina e o Complexo Bangu da Revelação que são responsáveis pelas atividades de entretenimento da vila Moiraba. O barracão da Estrela Junina foi construído no espaço onde funcionava a primeira escola da vila. Havia uma grande quantidade de entulho naquele lugar em função do prédio que fora demolido, mas que tem sido reconstruído em madeira, como se pode verificar na imagem abaixo:



Figura 22: Barracão da quadrilha Estrela Junina. Neste local foi construída a primeira escola. Acervo de pesquisa- novembro de 2012.

A ideia inicial era de se construir uma praça, mas como esta sugestão partira do grupo de moradores mais recentes na vila, frequentadores do Complexo do Bangu e Revelação, acabou por não ser aprovada. A comunidade cedeu o espaço para a quadrilha Estrela Junina que pretende criar um centro de formação para os jovens. Eles deverão fazer atividades no contraturno da escola. Entretanto, os recursos são muito pequenos ainda. Assim, os componentes da quadrilha (alguns são coordenadores da Pastoral da Criança e do Sagrado

Coração de Jesus) decidiram realizar festas para arrecadação de recursos que servem para manter a quadrilha e outras necessidades das vilas.

Abaixo, podemos ver o Complexo do Bangu, sede do Esporte Clube Bangu que é o time mais antigo da vila com mais de 100 anos. A sede tem assumido uma função similar a do centro comunitário, apesar de ser mais recente. O complexo sedia também a quadrilha Revelação, alvo de muitas críticas por alguns moradores mais antigos cujos familiares fazem parte da quadrilha Estrela Junina rival da Revelação. O espaço serve para o entretenimento alternativo para quem reside na parte de trás da vila (via terrestre), posto que na parte da frente (via fluvial) os moradores costumam utilizar o barracão da Estrela Junina. Há uma forte disputa por questões que têm como elo as possibilidades de entretenimento.



Figura 23: Complexo Bangu e Revelação no início de vila. Acervo de pesquisa- março de 2012.

As disputas entre os grupos folclóricos ampliam-se, ao se investigar, por exemplo, as relações que os moradores possuem com outros espaços da vila, como é o caso do cemitério. Em Moiraba, diferentemente do que poderia ocorrer em muitas localidades, o cemitério é um dos locais mais importantes, inclusive para a economia das vilas. Ele recebe uma quantidade de visitantes superior a qualquer festividade, mesmo as homenagens aos padroeiros (São Benedito e Nossa Senhora do Carmo). Isso se deve ao fato de ele ser o cemitério mais antigo.

Muitos moradores se preparam para receber familiares, amigos e conhecidos que são fregueses assíduos não apenas no dia de Finados, mas um dia antes ou depois tamanha é a importância do feriado na vila Moiraba. O número de carros, barcos e canoas é elevado durante o dia todo. Apesar do descaso do governo relatado pelos moradores, em especial, a quebra do muro, como podemos verificar na imagem abaixo:

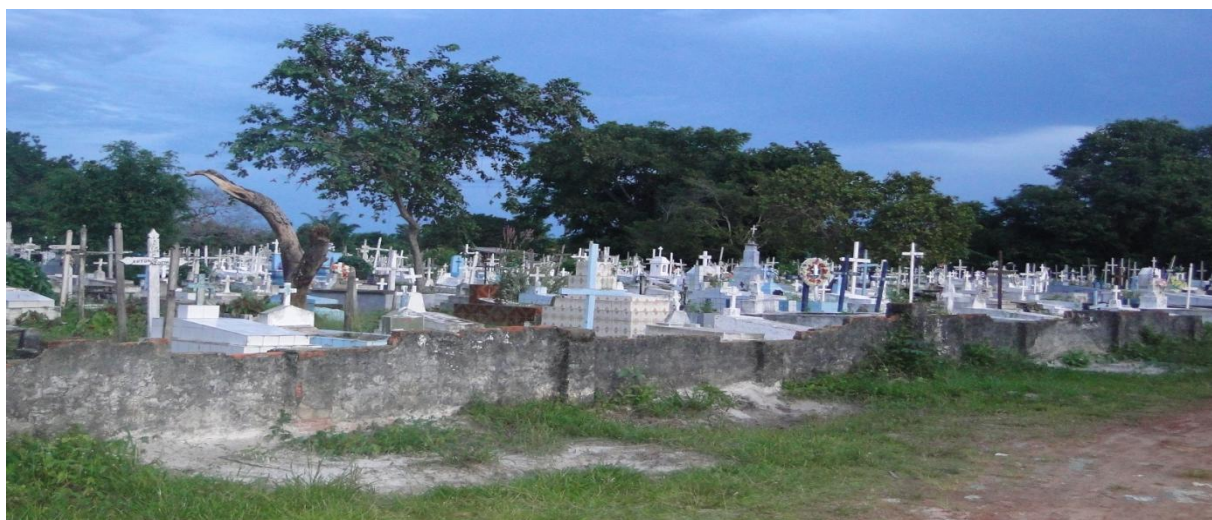


Figura 24: Cemitério que fica no início da rua da escola atual. Acervo de pesquisa- novembro 2012

A disputa que envolve o cemitério detém-se no fato de este estar localizado na rua onde foi construída a atual escola Gracinda Peres. Alguns moradores consideram que a escola não deveria ter sido construída em local tão isolado, alegando que quando chove, a lagoa existente próxima à escola transborda e alaga a instituição. Além disso, a localização da escola só tende a beneficiar a clientela que reside na parte detrás da vila (grupo liderado pela quadrilha Revelação em muitas das decisões). Acrescentam que nada foi discutido com a comunidade, detendo-se a motivações políticas.

Os que defendem que a vila precisa se expandir em direção à vila do Carmo, apoiam-se também no fato de que não há mais espaço na frente da vila Moiraba e que a antiga escola foi desativada por representar perigo aos discentes por conta da proximidade da ladeira e do trapiche. Algumas crianças já correram risco de morte ao brincar naquela redondeza durante o recreio. Além disso, as estruturas antigas suportavam apenas 02 salas por ser bastante antiga. A vila precisava de um número maior de vagas, e para isso, a escola deveria ser ampliada ou dar lugar a outra. Desse modo, a melhor localização foi o final da rua do cemitério que é ocupado por um pequeno conjunto de casas do projeto do PAC o que, segundo os moradores, refuta o argumento de que o local é isolado.

É importante trazer para discussão que a Escola Gracinda Peres exerce uma forte influência na vida dos moradores, em especial, nos sujeitos desta pesquisa, porque a construção dessa primeira instituição escolar oficial da vila passou por uma longa negociação entre os gestores municipais, comunidade e a família que doou o terreno. Por esse motivo, há uma relação de pertencimento muito grande a ponto de provocar os conflitos que levaram resistência quanto à mudança do local da escola. O processo de construção da escola pode ser resgatado um pouco ao lermos a narrativa de seu João:

“[...] em 1945, em 44 terminou a guerra, em 45 veio a lei constitucional e meu pai veio como cabo eleitoral de Nelson da Silva Parejós para eleger Eurico Gaspar Dutra como presidente. Tive muito acesso e através desse senhor o papai teve contato e pediu a ele que desmembrasse aqui uma parte da vila pra servir pra servidão pública do povo que morava aqui. Inclusive o casarão que era também do professor Moraes. Aí, ele aceitou o pedido. A prefeitura veio e falou ai com os herdeiros e aí ele fez a proposta a dona Maroca. Ela vendia, mas com a seguinte proposta: davam uma parte em dinheiro pra ela e parte ficava pra prefeitura fazer o enterro dela porque ela não tinha parente. Ela morreu...Quando começou a cair a casa dela, foi ai que veio a campanha já de 58, veio já o Gerson Peres a candidato a vereador. Aí veio pra cá e começaram a falar a fazer uma escola. Agora, quando o casarão caiu ficou esse lugar vago queriam fazer ai um outro campozinho, uma quadra, ai o papai disse que não que queria que se fizesse uma escola. E ai foi que formaram a escola. Ai quando formaram a escola queriam puseram o nome dela porque ela era a dona da propriedade Maria Paulina Pinto Cota, mas ai debateram sim ou não porque ela era analfabeta. E não tinha tradição nenhuma no meio educacional e por isso que o Gerson mesmo cedeu o nome da mulher dele para a escola lá,..era assim o primeiro nome era escola de primeiro grau Gracinda dias Peres”. (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).



Figura 25: Na extremidade direita, o prédio da primeira escola oficial. Atualmente, nesse local está o barracão onde a quadrilha Estrela Junina realiza seus ensaios e promoções em prol do grupo. Acervo pessoal de Rosa Pinto Rodrigues, década de 90.

Acima, verifica-se que a proximidade entre a escola e trapiche era muito grande, o que, de fato, poderia favorecer a ocorrência de acidentes considerando que os alunos

gostavam bastante de fazer suas brincadeiras naquela área durante o recreio. Outro aspecto observado é o tamanho do prédio que não tinha uma estrutura para dar conta da capacidade necessária ao número de estudantes que residem em São Benedito.

Averiguamos que desde a construção até a escolha do nome da primeira escola oficial existiram preocupações com aspectos não apenas políticos, mas de valores que atravessaram o processo de efetivação daquela instituição. A ideia era de prestar homenagem à dona do casarão que dera origem à escola. Entretanto, pelo fato de ela ser analfabeta não seria coerente ter uma escola com seu nome. A homenagem, o agradecimento, deu lugar ao que seria mais conveniente aos padrões das representações do que vem a ser a escola. Nesse caso, associam escola ao sujeito alfabetizado e apesar da atitude nobre da dona do casarão, fica mais forte a imagem que a escola precisa passar.

Para isso, escolhe-se alguém que possui pouca ou nenhuma relação com a vila, mas que pode passar uma imagem de boa formação à instituição que simboliza o sujeito polido, alfabetizado, instruído. Mais do que isso, prevalece a velha prática política de gravar nomes de políticos ou de seus familiares em instituições públicas, como se ali houvesse um favor para que o povo nunca o apague da memória. Há, portanto, duas atitudes hegemônicas, a saber: a cultura letrada e a cultura político-partidária gerenciando as decisões a respeito da institucionalização da escola até porque, em termos de construção, a participação da comunidade foi muito relevante.

As memórias da escola para seu João estão pautadas nas intenções de ampliar o espaço público e as oportunidades de Educação na vila. O cargo e a aproximação política que seu pai possuía na época favoreceu tais encaminhamentos de alguma maneira, pois os professores passaram a ter mais possibilidades de associar vida escolar e vida na comunidade, em especial, na igreja que tanto em Moiraba quanto em vila do Carmo do Tocantins aparecem como bastante imbricadas no processo de formação não somente educacional, mas cultural e religiosa dos sujeitos, como verificamos na narrativa abaixo:

“[...] e os professores que traziam pra igreja, eu foi que pedi autorização pra sala de aula, fui pedir na secretaria de educação para ele pra poder ter uma aula de religião no sábado pra poder incentivar as crianças pra vir pra igreja. E lá nós passamos a ter coral das idosas e coral da juventude. Até 1980, eu ainda fiz parte porque eles tavam desorientados e os padres eram holandeses, aí me ajudavam muito. Aí foi quando passou a vir padre brasileiro. Foi lá de cima, vinha padre de Mocajuba e era Ilzo Ribeiro e depois mudou. E foi que eu não gostei muito dessa da igreja ir lá pra sede porque veio já uma banda de música pra dentro da igreja, uma dança lá dentro e

ai eu peguei e me afastei um pouco, mas fiquei orientando". (João, morador mais antigo da vila Moiraba, ex-comissário de polícia e um dos primeiros animadores da comunidade Cristã).

Nas memórias de dona Paula, a escola aparece como essa possibilidade de ampliar a vida em comunidade, quando, por exemplo, por conta da autorização das aulas de catequese, a aposentada encontra respaldo maior para levar os meninos à igreja. Além disso, ela por ser filha de um articulador político naquela redondeza e em função das realidades apresentadas na vila, acabou por assumir responsabilidades por avaliar que as pessoas necessitavam de um conhecimento mais sistematizado, como se apresenta na narrativa a seguir.

"me lembro, há muitas coisas. Trabalhei 23, 25 anos, mas trabalhava em casa e lá. Fiquei como responsável, apesar de não ter estudo. Toda a professora que vinha, até com mais estudo, eu fazia muitas coisas e tu sabe que tu andas e dão várias reportagens que eu fazia muitas coisas e que hoje não fazem mais". (Paula, coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina).

Como relatam muitos dos docentes da Educação Básica, na atualidade, associar as atividades escolares às práticas desenvolvidas na igreja, diante da diversidade religiosa existente. Isso se configura como um dos desafios enfrentados por esses profissionais, pois tanto em Moiraba quanto em vila do Carmo do Tocantins, muitas das práticas socioculturais perpassam pelos direcionamentos da igreja católica. Há, inclusive, o domínio pela força da fé católica associado ao controle dos alunos, sendo o professor respeitado por eles. Diante de uma pluralidade de manifestações religiosas, a tendência é de algum modo perder um pouco o controle da turma, segundo os sujeitos envolvidos na pesquisa. Nesse sentido, a religião é um elemento que homogeniza e garante, supostamente, disciplina e o reconhecimento, a valorização da figura do professor.

Com o passar do tempo, isso foi se perdendo por conta da institucionalização dos credos diferenciados e maior acompanhamento da sede (Cametá) a respeito dos direcionamentos às práticas pedagógicas naqueles contextos, pois segundo a professora Creuza, há também um direcionamento mais rigoroso sobre o que deve ser ensinado. Antigamente, a gestão escolar era feita, em nível local, o que proporcionava uma maior articulação entre igreja e escola. Ou seja, as relações com os espaços permeiam-se também por aspectos sócio-historicamente construídos, como se observa abaixo:

"A dona Paula fazia isso e incentivava. Ela fazia o catecismo dentro da sala de aula. Mas, agora a gente não pode mais fazer isso. A gente tem aluno de tudo quanto é

religião e não pode mais fazer isso, né? Ela fazia o catecismo, valendo aula, valendo nota, era no sábado. Foi, foi, os pais pediram e nós professores e nós precisamos continuar, ter autoridade. A gente vê que eles não respeitam, e antigamente encontrava na rua e agora já não há mais aquela autoridade. A gente temia ela, assim como os pais...vai ver o dia de hoje” (Creuza- docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas).

A mudança do local da escola, no imaginário dos sujeitos mais antigos da vila parece marcar um pouco essa falta de controle dos alunos em função do distanciamento físico da igreja, por isso as críticas votadas à construção também. Entretanto, sabe-se que há todo um processo de reorganização curricular que acompanha mais de perto os conteúdos a serem ministrados e as ações pedagógicas; a legalização dos direitos aos diferentes credos e necessidade espacial para que a escola mudasse sua localização a fim de garantir mais oportunidades de ofertas de vagas e de segurança para os discentes considerando que na frente da vila inexistia espaço que contemple tais necessidades.

Observa-se que embora o discurso se encaminhe para a busca da relação respeitosa entre aluno e professor, a busca pela autoridade ainda parece ser a tônica do discurso e a religião é assumida como forma de contenção das condutas dos alunos. Esse discurso nos oferece ainda a possibilidade para uma reflexão sobre a autoridade do professor.



(Figura 26: Prédio atual da escola Gracinda Peres. Arquivo de pesquisa- abril de 2012).

Acima, observamos a nova escola que foi fundada em 2008 já envolta por essas discussões. Ao se ter contato com as instalações, verifica-se que ela possui 08 salas de aula, banheiros, secretaria, quadra, lanchonete e mobiliário novo. O quadro de profissionais sofreu grandes mudanças, pois com a criação de novas vagas (há 600 alunos aproximadamente matriculados) e com as exigências da secretaria de educação municipal, a escola passou a ter 10 professores, todos são moradores da vila Moiraba e a maioria concursados.

Ao ter contato com os sujeitos que representam os dois grupos envolvidos nas disputas pelo poder na vila de São Benedito, é relevante considerar que há necessidades de lazer para a comunidade como um todo e que o projeto de entretenimento em prol da comunidade poderia ser articulado pelos saberes de ambos. Isso se justifica pelas experiências que eles apresentaram. Essas posturas acabam por influenciar nos modos de vida dos moradores, inclusive, dos sujeitos mais em evidência nesta pesquisa que representam em boa parte um grupo que procura manter a tradição, mesmo que dialogue com as possibilidades geradas pelos avanços em termos de transporte e educação.

Outro espaço a ser apresentado é o trapiche da vila que representa um dos poucos lugares onde as divergências quanto ao uso são amenizadas. Esse local, segundo Antônia tinha a capacidade de agregar os diferentes sujeitos, como mostra a narrativa:

“Sábado e quarta-feira ia pra lá esperar as novidades. Era o point pra gente saber das coisas. Tudo acontecia era por lá. Os barcos chegavam e a gente já esperava, desde bem cedo e conversando. A mangueira que tinha perto era um ponto muito forte” (Antônia, agente de saúde, responsável pelo posto de saúde, secretária do Postulado de Oração- Coração de Jesus e da Quadrilha Estrela Junina).

Abaixo, temos o trapiche antigo que tinha esse prestígio e função agregadora, principalmente, antes da implantação da energia em definitivo e do desenvolvimento das vias de transporte, como a construção da PA 151 na década de oitenta e do surgimento das lanchas e das rabetas mais recentemente (julho de 2012).



(Figura 27: Trapiche antigo. Acervo pessoal de Bernadeth Rodrigues Pontes- década de 70).

O primeiro trapiche foi construído a partir de uma negociação entre a prefeitura e a gestão local representada pela pessoa de seu João, um dos moradores mais antigos e

comissário de polícia naquela época. Os barcos atracavam apenas em Mocajuba e as chances de desenvolvimento da vila Moiraba eram reduzidas, além das limitações de transporte para quem precisava ir à sede (Cametá). No mesmo período, foram abertas 03 ruas para a parte detrás da vila Moiraba no sentido de favorecer o desenvolvimento daquela localidade considerando que a frequência de barcos naquela área poderia incentivar o comércio.

A parceria foi possível pelo fato de existirem laços familiares entre prefeito e comissário que eram primos. O comissário por ser carpinteiro também assumiu com sua família a responsabilidade pela construção. A partir daí, segundo os moradores, a vila passou a se desenvolver mais porque os comerciantes realizavam suas atividades na chegada dos navios e os moradores passaram a ter mais facilidade de transporte.

Os moradores ressaltaram que houve um debate para se definir que não se construiriam casas às margens do rio para se preservar a organização da frente da vila. Na época, foram construídas algumas edificações. Seus proprietários acabaram aceitando o acordo feito com a comunidade. Desse modo, o trapiche assumiu não apenas uma possibilidade de lazer (a diversão era receber visitantes, tomar banho, cantar, dançar, trocar informações enquanto os barcos não chegavam ou se preparavam para sair). As opções de venda eram boas porque os pequenos produtores organizavam diferentes alimentos e artesanatos à beira do caminho que levava ao trapiche. Os produtores de outras localidades procuravam fazer algo semelhante e o intercâmbio era importante para todos.

Com a construção da PA 151, os barcos vindos de Belém se tornaram menos frequentes na vila. A inserção de lanchas de pequeno porte denominadas de rabetas e que faziam o percurso vila-sede durante um tempo menor (02 horas em média) contribuiu para que as viagens a barco diminuíssem. São poucos que ainda ancoram na vila, assim, as rodas de conversa são reduzidas e menos duradouras, em especial, se lembrarmos que a partir de 2001, a energia elétrica foi expandida pelas vilas, gerando compra de aparelhos de televisão e acompanhamento da programação não mais coletiva (motor a óleo inicialmente), mas apenas no aconchego da família. Isso foi afastando as pessoas das discussões, planejamentos e atividades relativas à escola, à igreja, aos grupos folclóricos.

Nessa direção, a população não tem uma visão romantizada das localidades a ponto de dispensar as facilidades que o acesso rápido ao transporte e às informações possam lhes oferecer. Acreditar que a população rural-ribeirinha se sente confortável com o

distanciamento dos centros de cultura, entretenimento e bens de serviço e aproveitamento do tempo que lhes favoreçam uma melhor qualidade de vida, como relata Nazareno:

“Hoje ninguém quer se levantar de madrugada para ir para Cameté. Hoje, você pega uma lancha às 6h da manhã e eu em 40 minutos tô lá. Hoje o povo quer rapidez porque antes o povo ficava no trapiche. E era onde se concentrava meio de transporte para Belém, para a capital”. (Nazareno-docente da Educação Básica, líder comunitário da vila Moiraba, coordenador da Pastoral da Criança de São Benedito e da quadrilha Estrela Junina).



Figura 28: A mangueira do trapiche. Acervo pessoal de Bruno Rodrigues- década de 80.

Durante a conversa a respeito do trapiche, Roberto um professor da educação Básica, apresentou a imagem de uma mangueira, como se pode observar acima. Ela fora selecionada por ele pautando-se no fato de aquela mangueira representar muito para a comunidade, o que foi reiterado pelos demais participantes da Oficina de Memória. A orientação foi de que os sujeitos selecionassem registros fotográficos, em especial, dos locais mais representativos. Dessa maneira, mesmo a mangueira não existindo mais, as lembranças que vieram à tona revelaram o valor simbólico que ela tem nas memórias dos sujeitos. São lembranças de lazer, espaço de concentração nas datas cívicas, principalmente, o 07 de setembro, de descanso e disputas entre os grupos da vila.

A mangueira antiga como é chamada ficava perto do trapiche e quase em frente à antiga escola. Ela simboliza um exemplo do quanto as relações, os significados atribuídos a determinados espaços por parte dos sujeitos pautam-se nas experiências, nos modos de vida presentes nas comunidades. A mangueira representa um dos elementos do chamado “tempo

bom”, conforme podemos evidenciar na narrativa de Roberta que revela também como as questões das crendices povoam as vivências daqueles sujeitos:

“[...] Eram dias ótimos na ponta da mangueira e do trapiche. Era o lazer da gente: acabava de almoçar e ia pra lá. Meu pai era assim e ia dormir lá no pé da mangueira. Agora é bom, mas era bem melhor, era bem melhor naquela época. Pelo que eu soube que me contavam, a mangueira tinha um mistério que tinha e a cabeça de bruxa e no pé, debaixo da árvore tinha uma cabeça de burro diz que por isso a vila não ia pra frente”. (Roberta- Ex-aluna de muitas das aposentadas, manipuladora de alimentos e ajudante das aposentadas e docentes da Educação Básica em muitas práticas socioculturais).

A partir da crendice de que a mangueira atraía coisas ruins, segundo os moradores entrevistados, ela foi cortada à revelia de uma parcela considerável da população que se mostrou acomodada naquele momento. A reação foi de espanto momentâneo, e quando se buscou as razões, verificou-se que não havia argumento suficiente para tal o que aumentou o desentendimento entre os grupos porque a retirada da mangueira diminuiu os espaços de lazer dos moradores que ficam na parte da frente da vila. Os representantes locais oscilam entre essas atitudes; ora são desenvolvidas ações lideradas pelo grupo mais antigo (frente da vila), ora pelos moradores mais novos (parte detrás).

É importante observarmos a relação entre “cabeça de burro e atraso”. É uma metáfora da vila. Aqui ainda está subjacente a dicotomia entre vila Moiraba (sinônimo de atraso) e vila do Carmo do Tocantins (representante o urbano). Este é um discurso de poder, hegemônico e que o povo traduz em lendas, como forma de resistência também, forma de enfrentamentos dos preconceitos. As relações estabelecidas entre a população e os espaços perpassam lutas constantes de interesses e que há locais onde estes conflitos se mostram mais fortes do que em outros. Um dos exemplos de espaços que costumam agregar os diferentes grupos de moradores como palco de disputas detidas em questões bem específicas, como as formas de engajamento dos times de futebol nas ações sociais da vila, contribuindo para que os sujeitos avancem. O campo de futebol é um desses espaços, como passaremos a apresentar.

O estádio é Clementino Garcia ou mais conhecido como campo do seu Clementino. Ele foi construído em 1912, na propriedade do senhor Raimundo Araújo que cedeu o espaço para a comunidade que não possuía outras opções de lazer nesse aspecto. O time da época, o Bangu Esporte Clube costumava jogar na praça que ficava em frente à igreja. Segundo os moradores mais antigos, os netos de seu Raimundo Araújo gostavam bastante de futebol e o convenceram a ceder o terreno que era de mata cerrada.

O campo mede 120m x 60 (80m x 40m de campo e o restante destinado ao alambrado), desde a sua construção e sempre foi utilizado como um espaço de lazer pela comunidade em geral e palco dos campeonatos realizados naquela redondeza, assim como de projetos sociais que tinham como estratégia a questão do futebol. A escola também o utilizava para recreação e atividades como os ensaios da semana da Pátria.



Figura 29: Estádio Clementino Garcia. Arquivo de pesquisa-fevereiro de 2011.

Com o passar dos anos, muitas atividades desenvolvidas no campo deram lugar apenas aos campeonatos visando ao lucro, à concorrência e sem vínculo algum com questões sociais e culturais. Esses depoimentos são recorrentes nos diferentes grupos de moradores o que nos revela momentos de discordâncias mais pontuais, mas de aproximações ideológicas em outras evidenciando que as disputas não são extremas e em todos os aspectos. Nas narrativas, é recorrente um saudosismo em relação ao lazer promovido pelas atividades realizadas no campo.

As atividades desenvolvidas pelos diferentes grupos sociais proporcionavam uma renda extra para algumas famílias que vendiam seus produtos durante os jogos; as diferentes gerações eram contempladas pelos jogos. Atualmente, há poucas iniciativas nesse direcionamento, uma vez que os times de outras localidades levam suas torcidas e muitas estão ali para promover o time apenas. Assim, as presenças das famílias que constituem a vila Moiraba ou mesmo Carmo do Tocantins são bastante reduzidas.

Os times que existem na vila Moiraba são o Bangu é o time mais antigo e o Esporte clube São Benedito que possui um projeto social com as crianças (Os Frutos do Amanhã,

coordenado por Nazareno, coordenador da Pastoral da Criança, da quadrilha Estrela Junina e vice-coordenador do Postulado da Oração). Isso faz com que muitos moradores o considerem muito importante, apesar do tempo de existência do Bangu. Este é mais um indício de que o engajamento com as questões sociais e culturais da vila servem de parâmetro, a fim de que os sujeitos sejam reconhecidos pelos moradores, mesmo em se tratando do aspecto lazer. Ou seja, as relações são estabelecidas, pautando-se bastante na perspectiva do engajamento nas ações que envolvem diferentes setores da comunidade, o que pode nos mostrar os porquês das atitudes das aposentadas ao trabalharem em prol daquelas comunidades.

2.7- A caminho da vila do Carmo do Tocantins

A vila do Carmo do Tocantins é a vila mais desenvolvida das duas onde desenvolvemos a pesquisa, em termos de comércio, acessos à educação e estrutura de comunicação. Ela foi fundada bem depois da vila Moiraba, mas passou por um processo de organização e desenvolvimento que a fizeram ser mais conhecida do que a vila Moiraba.

As relações que os sujeitos possuem com determinados espaços da vila em muito se diferencia do que observamos em Moiraba. Na maioria dos casos, as referências se detêm nas escolas e igrejas, mas com aspectos conflitantes em menor nível do que o detectado na outra vila, como passaremos a mostrar.

Ao se chegar à vila do Carmo, um dos primeiros locais avistados e que possui relação com os sujeitos da pesquisa é a capela do Bom Jesus que representa um dos setores da igreja católica na vila. Outros setores são: Espírito Santo, Nossa Senhora do Carmo e Bom Jesus.



Figura 30: Capela do Bom Jesus- celebração em dia de pesagem da Pastoral da Criança Estádio Clementino Garcia. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Os setores foram criados e divididos no sentido de favorecer o atendimento à comunidade, posto que há uma demanda grande de crianças que precisam ser acompanhadas. Os pais têm dificuldade de deslocamento por morarem em locais mais distantes da vila. Por esse motivo, aconteciam situações de atendimento inadequado em função da demora no serviço, replanejamento da equipe e poucos resultados positivos, principalmente, no serviço desenvolvido pela Pastoral da Criança. A partir da divisão, o controle do trabalho ficou mais favorável ao tipo de proposta.

A Capela Bom Jesus, mesmo que em processo de construção, como mostra a imagem acima já proporciona um melhor acompanhamento das crianças. A referida capela constitui o terceiro ponto de atuação da Pastoral da Criança, coordenado por dona Beatriz, uma das professoras aposentadas selecionadas para esta pesquisa. A área é ampla, contém uma pequena capela e um espaço descoberto utilizado para as atividades complementares, em especial, na pesagem das crianças, como explica a professora Lorena, uma das subcoordenadoras da Pastoral e responsável pelo setor Bom Jesus que fica perto de sua residência.

“Todos os meses, uma vez a gente faz o peso e antes a gente faz a celebração. A Organização ... 02 pra cada: lanche, celebração,... A visita 01 vez, faz na sexta um dia antes e hoje, eles se lembram que têm que estar aqui. A gente faz a celebração da vida. A Pastoral foi fundada pela comunidade. Minha mãe pegou as pessoas da família e convidamos os amigos também da comunidade. Nos tornamos líder, desenvolver o trabalho pela comunidade. A maioria dos professores já trabalham agora que trabalham e os aposentados que estão sempre até os que não são” (Lorena- docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, integrante da Pastoral da Criança-responsável pelo setor Bom Jesus).

As funções dos integrantes são negociadas e recebem as orientações das aposentadas que acabaram por se afinar mais com o trabalho da Pastoral da Criança, após vivenciarem diferentes papéis nas formas de se engajarem nas ações da vila do Carmo do Tocantins. Por isso, é recorrente encontrarmos o grupo mais nesse tipo de atuação a favor dos moradores.



Figura 31 Escola municipalizada Nossa Senhora do Carmo. Arquivo de pesquisa- abril de 2012.

Acima, podemos observar outro espaço importante no cotidiano dos sujeitos da pesquisa aqui apresentada que é a escola Nossa Senhora do Carmo. Ela fica na sequência do caminho ao centro da vila do Carmo do Tocantins é a escola do Tocantins fundada em 1985, a qual atende alunos do 1º ao 5º ano. A partir de 2006, passou a oferecer estudos até o 6º ano. Ela é constituída por 14 salas, funciona durante os 03 turnos e tem 697 alunos aproximadamente. Há 02 ruas nas laterais da escola que possibilitam o acesso ao caminho que leva à vila Moiraba.

A instituição não é a mais antiga, no entanto, costuma ser a referência ao se tratar de opções de lazer porque muitas atividades são realizadas naquele espaço que até bem pouco tempo, em se tratando de escolas, era um dos mais amplos possibilitando o desenvolvimento de várias ações envolvendo diferentes faixa-etárias. As aposentadas eram convocadas a participarem de reuniões e sempre que possível, apareciam na escola sem qualquer agendamento prévio e lá conversavam com professores e alunos a respeito de questões que os limitavam, para a simples observação de uma aula e outra, dentre outros. Essas atitudes deram lugar, aos poucos, às ações realizadas na Pastoral da Criança que acabam sendo momentos de rememoração da docência e continuidade de investimento em leituras, estudos, desafios em função do tipo de saberes que a função exige.

A escola foi um dos locais em que a maioria das aposentadas que circulavam entre uma vila e outra, apesar de exercerem a docência na vila do Carmo do Tocantins durante a maior parte do tempo. Esse foi um dos motivos que nos fizeram optar por estudar tanto a vila Moiraba quanto a vila do Carmo do Tocantins. A relevância desse espaço, não apenas para as aposentadas, mas para docentes da Educação Básica, como é o caso de Conceição que está prestes a se aposentar e vê aquele espaço tanto como lugar de trabalho como de aprendizagem, ao rememorar momentos como o apresentado na figura abaixo em que pôde participar de um curso de formação continuada no próprio ambiente de trabalho.



Figura 32: Uma das etapas do processo de formação continuada. Acervo pessoal de Rosiana Pinto de Carvalho-abril de 2000.

Isso se deve ao fato de que os docentes já tiveram a oportunidade, por exemplo, de participar de cursos de formação continuada sintonizados com as necessidades e potencialidades das vilas articulando teoria e prática, segundo a professora. A docente demonstra, assim como alguns docentes da vila Moiraba que ao se aposentar, há uma grande possibilidade de se tornar uma aposentada engajada, conforme se observa em sua narrativa:

“uma aposentada que trabalha e que ainda tem muito a contribuir. Quero fazer um projeto de leitura e escrita, aproveitar minha formação e trabalhar assim algo que eles precisam que mais leituras. O povo é muito carente, precisa ter mais livros, tô pensando em fazer isso e já tenho uns livros aí guardados. Eu moro quase dentro da escola ((risos)) posso ajudar mais, né porque as aposentadas ajudam é muito porque é pouca gente querendo ajudar, acompanhar?” (Conceição- docente da Educação Básica a caminho de se aposentar, integrante da Pastoral da Criança e do Conselho da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

Conceição estabelece com a escola uma relação de cumplicidade a favor das ações que planeja com os demais docentes. Por isso, ela já sinaliza que deseja se aposentar e prestar serviço como formadora de leitores. Segundo ela, essa será uma forma de contribuir também

com a comunidade, além do trabalho que já iniciou na Pastoral da Criança e no Conselho Pastoral, como mostra na narrativa abaixo:

“Só existia a igreja e o normal era igreja, escola, centro,...Toda a atividade na escola, todo tempo e é assim até hoje as atividades são muito ligadas por causa do católico e a gente se envolve, mesmo nas outras escolas como esta. E já estou engajada no trabalho da igreja. Trabalho da escola é uma necessidade e da igreja é uma escolha. Eu gosto de participar e quero estar envolvida e gosto mesmo. Eu gosto da Pastoral da criança e na época que eu precisava por causa da doença e a comadre me convidou, me identifiquei. Saio pra fazer, se interando de outros assuntos e relacionou o trabalho da escola como a igreja. Eu exerço outras funções na igreja: Conselho pastoral também e estou lá pra tudo. Tenho uma história mesmo. Foi ginásio, primário. O meu foi o último ano de dizer ginásio. Fui pra Belém, e em 88 eu já vim trabalhar na 5ª série só com o magistério. Terminei na quinta e voltei pra ser professora da 5ª de língua portuguesa. E até hoje já estou quase aposentada” (Conceição- docente da Educação Básica a caminho de se aposentar, integrante da Pastoral da Criança e do Conselho da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

A docente encontrou, no trabalho a favor da vila, motivações para lidar com problemas de saúde e ao superá-los, passou a ser mais presente na vida em comunidade acreditando que seu caminho é esse; ao articular escola e igreja que, segundo ela é o forte no trabalho desenvolvido nas vilas do Carmo do Tocantins e vila Moiraba. Atentamos ao apoio que as docentes encontram nas experiências da escola para darem conta das ações promovidas pela igreja.

É importante frisar que em função de se ter desativado o estádio da vila, a ala jovem daquela localidade aproveitou a área lateral mais extensa da escola localizada próxima à rua central que dá acesso às vilas para fazer um dos campos de futebol improvisados existentes naquele contexto. Esse espaço é uma das poucas opções de lazer na vila e apesar da localização em terreno não adequado para a prática de esporte, simboliza uma resistência dos moradores em relação à destruição do estádio. Esse fato é motivo de indignação, questionamentos constantes pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Mesmo ao tratarmos de outras temáticas, o assunto acabava por aparecer justamente por não ter sido algo discutido pelos moradores, apesar de a destruição ter sido uma decisão tomada em favor da construção de uma nova escola.



Figura 33: Salão Paroquial Nossa Senhora do Carmo. Arquivo de pesquisa- fevereiro de 2011.

Em direção ao centro da vila do Carmo do Tocantins, encontramos o Salão Paroquial Nossa Senhora do Carmo, próximo à igreja e de frente para a praça da vila compondo o cenário dessa praça, como mostra a figura acima. O salão é um dos espaços mais movimentados na vila, apesar de existir também o salão paroquial da igreja do Espírito Santo que atende muitas das necessidades de eventos em prol da população. Esse espaço é bastante amplo, mas pouco iluminado, diferenciando-se do centro comunitário de Moiraba. Tem muitas utilidades, dentre elas, as ações da Pastoral da Criança, reuniões dos setores da comunidade para planejamento das atividades macro em função das demandas da paróquia e leilão da festa da padroeira durante o mês de julho.



Figura 34: Salão paroquial em dia de pesagem- Pastoral da Criança- abril de 2012. Arquivo de pesquisa.

As ações da Pastoral são desenvolvidas em muitos espaços da vila, pois a Pastoral está dividida em setores. É no salão que as equipes formadas pelas professoras aposentadas e pelos docentes da Educação Básica que já se identificam com os encaminhamentos necessários aos trabalhos, como é o caso da professora Conceição se reúnem para planejar as

ações necessárias. Durante os encontros, eles socializam suas experiências, planejam e desenvolvem algumas de suas práticas. Na imagem acima, observamos um dia de pesagem (controle do peso, orientações nutricionais e lanche, após a realização da missa na igreja principal) realizada pela Pastoral da Criança sob a coordenação do setor Carmo.

Para além disso, o trabalho na Pastoral, assim como outras práticas desenvolvidas por eles são vistos como uma preparação, um recomeço, alternativas para lidar com o período inicial e contínuo da aposentadoria, como se observa na narrativa de Conceição:

“a gente já trabalhou com isso ali, porque eu já estou saindo, mas Deus o livre se a gente sair direto, a gente pira. Então, a pastoral ajuda nesse processo de qualquer forma não só estamos com o público que é da pastoral, as crianças. Mas pra mim é a pastoral que mais me ajuda do que eu a ela porque a gente conversa, tem o peso, relembra, conversa das coisas, relembra a escola, as coisas daquele tempo, reúne para ver a documentação. O que não pesou, volta à casa,...Relembra do nosso trabalho, ...quando vê já é 7 da noite”. (Conceição- docente da Educação Básica a caminho de se aposentar, integrante da Pastoral da Criança e do Conselho da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

Verifica-se que nos contextos pesquisados, assim como em muitas localidades rurais/ribeirinhas, a proximidade entre escola, salão paroquial e igreja é muito recorrente. Na vila do Carmo do Tocantins, essa organização em formato semelhante a um triângulo vai para além da organização espacial. No caso da vila do Carmo do Tocantins, é a igreja a grande impulsionadora de ações que trazem alunos e professores para o trabalho em comunidade.



Figura 35: Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Arquivo de pesquisa- abril de 2012.

A igreja de Nossa Senhora do Carmo foi construída e fica próximo à escola Maria da Silva Nunes, primeira escola oficial naquela localidade. A relação que as pessoas têm com as

religião é muito forte. Por isso, é constante a tentativa de se conciliar o trabalho formal, em especial, os docentes com as práticas desenvolvidas na igreja.

Ao considerarmos que “O laicismo se define pela tolerância, pela aceitação, pelo respeito ao outro, diferente e ao mesmo tempo igual em deveres e direitos” (WEREBE, p.5), observa-se que nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins há uma grande relação entre religião, educação e questões culturais. A religião católica é endereça bastante os modos de vida dos sujeitos e as práticas desenvolvidas pelo grupo de professoras aposentadas reiteram isso.

Segundo Oliveira (2008, p. 21), “a crença em um ou vários poderes superiores faz com que o ser humano organize-se em grupos e em instituições (templos/igrejas), crie certos atos concretos, rituais e símbolos, bem como regulamente os atos de sua vida”. De fato, ao investigarmos os sentidos da aposentadoria naqueles contextos, verificamos que muito do que acontece está voltado para os projetos traçados pela igreja católica que acaba por delinear o que, como e de que maneira muitos dos eventos e posturas diante da vida podem acontecer. É durante estes eventos que há a socialização de saberes, a negociação de identidades, o reforço de ritos que fortalecem a tradição das vilas e sinalizam novas possibilidades de engajamentos ao longo da história.

Os espaços escolar e o da igreja se imbricam diante dos modos de vida daqueles sujeitos que se envolveram, inclusive, na construção daquele espaço, como mostra a narrativa de dona Ângela, uma das aposentadas da vila:

“Ela era pequena da construção, aí o povo se unia, inclusive, a família da colega (Betânia). A minha família é muito católica e a gente se criou assim. Depois, eu disse que estava trabalhando na secretaria e naquela entrevista (de 2009). Às vezes, que a gente quer, quer, depois vê que não é isso. Na secretaria trabalhei 05 anos na secretaria e depois na Pastoral, Renovação carismática. Digo que eu faço, eu digo me chamem que eu ajudo e me sinto católica. É o que sinto, eu ajudo” (Ângela, aposentada, ex-secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo inicialmente. Integra a Pastoral da Criança).

A relevância dessa igreja para algumas pessoas é muito grande, pois representa espaço de lazer, compromisso, gratidão, compensação e motivação para seguir nas etapas da vida com qualidade, como é o caso de dona Elizabete, uma das aposentadas selecionadas para esta pesquisa. Ela passa um tempo considerável do seu dia na igreja cuidando da secretaria da igreja, ensaios para com seus familiares para cantar nas missas e trabalhar como ministra da Eucaristia.



Figura 36: Celebração de Ministros da Eucaristia. Acervo pessoal de Maria Dinalva Rodrigues Lopes- 2007.

A comunidade é partícipe das ações da igreja, mesmo antes da presença efetiva dos padres, já que aquele contexto, assim como a de vila Moiraba estão atreladas ainda à paróquia de Mocajuba. O trabalho nestes últimos anos tem sido para transformar a comunidade de vila do Carmo em Paróquia de Nossa Senhora do Carmo separando-se da jurisdição de Mocajuba. Desse modo, a vila Moiraba continuará como comunidade e atrelada à vila do Carmo, não mais à Mocajuba também. Os questionamentos a respeito de que se tenha uma vila mais antiga e que a mais nova é que se eleve à paróquia são constantes, mas segundo informações na prelazia, Moiraba possui uma estrutura menor que Carmo do Tocantins que sempre gerenciou as ações macro planejadas pela prelazia durante as assembleias com as paróquias e comunidades de Base.

Outro aspecto a ser considerado é de que o voluntariado se mostra nos diferentes contextos onde o catolicismo se faz presente naquela vila. Nesse encaminhamento, as práticas da igreja acabam por envolver, principalmente, os docentes da Educação Básica e as professoras aposentadas muito em função do perfil do trabalho realizado (público composto por várias gerações, em especial, crianças; tradições familiares; disponibilidade; experiência com os desafios daqueles contextos; circulação pelas diferentes esferas públicas etc.). Isso pode ser percebido, por exemplo, em narrativas como a de dona Priscila que vê a igreja como um dos principais espaços que marcaram sua trajetória profissional, religiosa e pessoal porque os principais momentos de sua vida estavam relacionadas à igreja. Por isso, engajar-se nas práticas era uma maneira de agradecer pelas realizações.

“Aqui, eu sempre tive uma ligação com a igreja. Eu tenho um primo que era padre. Eu tinha um grupo de liturgia, era o grupo 04. Hoje eu não faço parte, porque sou doente, mas sou engajada no grupo de Legião de Maria. Participo com assiduidade das celebrações e sou feliz por isso”. (Priscila, Integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

O fato de se ver mais limitada por conta da atenção dispensada aos familiares que residem em outra localidade e por enfermidades tornam as memórias mais fortes durante os encontros no sentido de se referir ao “Tempo bom” que é uma tônica nas conversas com os moradores envolvidos na pesquisa. A participação da aposentada no grupo de liturgia, rememorando a Legião dos Filhos de Maria, grupo do participava como uma das integrantes do coral, como mostra a imagem abaixo:

A aposentada, sempre que possível se mantém ligada à igreja, mesmo que numa proporção bem menor. Ela procura orientar uma ação ou outra, mas deixou as funções de coordenação e de colaboradora nos dias de realização das práticas em prol da vila do Carmo do Tocantins.



Figura 37: Grupo de Oração de Maria. Acervo pessoal de Maria Raquel Larêdo Vanzeler, década de 90.

Um fato interessante de se socializar é que a igreja de Nossa Senhora do Carmo ganhou uma projeção bem maior do que a do Espírito Santo, que é a mais antiga. Ela está localizada onde a vila teve origem e sofreu um processo de substituição do padroeiro de maior relevância no início da vila. A santa teve influência, inclusive, no nome da vila que, inicialmente, chamava-se povoado dos Bragas em homenagem à família que construiu as primeiras habitações naquele contexto. Além de fazer com que a vila se ampliasse rapidamente ao redor da igreja e bem distante do local de origem.

A festividade de Nossa senhora do Carmo acontece na primeira quinzena do mês de julho e representa o Natal ou o Círio dos moradores, assim como ocorre em Moiraba por que

as casas ficam lotadas pelos familiares que residem nos mais diferentes lugarejos ao redor ou bem mais distantes, como pontua dona Vanusa, uma das mais antigas moradoras da vila:

“A Festa do Carmo é grande mesmo, é a maior porque tinha muita gente de fora. O movimento é de todos, todos se preparavam e até agora é assim. Aqui em casa chega não dá conta de tanta gente, mas a gente recebe todos”
(Vanusa, uma das moradoras mais antigas da vila do Carmo do Tocantins).

As etapas (celebração, Leilão, procissão) e organização da festividade são muito semelhantes às realizadas durante a festa de São Bendito em Moiraba. Há uma parceria entre as vilas nesse sentido, pois esse tipo de evento demanda uma equipe muito grande e experiente para receber o público da melhor maneira possível. Como as datas não se aproximam, favorece a participação de integrantes da equipe de organização da festividade de São Benedito na equipe de assessoramento da festividade em via do Carmo do Tocantins e vice-versa.

É importante frisar que a quantidade de participantes (convidados e moradores) é bastante superior à de São Benedito, como se observa na imagem abaixo:



Figura 38: Fonte: <http://amazonidas.blogspot.com.br/2011/07/blog-post.html>-Festividade de Nossa Senhora do Carmo.

A dimensão do evento é desproporcional ao espaço da vila, principalmente, em função da intensa divulgação a respeito da festividade em diferentes mídias, pelas articulações com os filhos e amigos de vila do Carmo do Tocantins e pelo período em que ocorre a festa que coincide com as férias escolares.

O triângulo formado pelo salão paroquial, igreja e escola cuja base é a praça da vila do Carmo se encerra com a escola Maria da Silva Nunes, a mais antiga das 03 escolas (Maria da Silva Nunes, Nossa Senhora do Carmo e Divino Espírito Santo) que existem na vila. A

instituição atualmente, atende apenas os alunos do SOME, uma vez que se construiu uma nova escola para abrigar os alunos do Ensino Fundamental e Médio por conta da necessidade de ampliação da oferta de vagas e espaço adequado para receber esse novo público.

A justificativa para isso se deteve na estrutura comprometida da escola antiga que ficaria destinada a um público que não a utilizasse continuamente como é o caso dos alunos do sistema modular. Assim, o prédio não ofereceria riscos aos discentes, docentes e demais profissionais.



Figura 39: Escola Municipalizada de Ens. Fundamental Maria da Silva Nunes. Acervo da pesquisa, janeiro de 2011)

A escola Maria da Silva Nunes primeira escola oficialmente constituída é também a mais referenciada pelos moradores, apesar de dona Vanusa, por exemplo, ressaltar a importância de uma escola particular que muito auxiliou os moradores mais antigos no avanço de seus estudos durante o período no qual não havia uma instituição pública para atender os sujeitos, como mostra em sua narrativa:

“Naquele tempo era as escolas particulares, o Larêdo, Manuel Larêdo, mas era particular, não era do estado. Muito depois, criaram aquela. Foi depois da igreja ir pra lá. [...] vinham professores de fora. A melhor escola foi essa do Manuel Larêdo, particular e que eu aprendi. O que eu sei, eu devo a ela. Foi muito boa”. (Vanusa, moradora antiga da vila do Carmo do Tocantins).

A instituição traz, de um modo geral, memórias de estudo, trabalho e opções de vida. Um outro exemplo desta memória pode-se observar na narrativa de Dona Priscila, abaixo:

“Quando comecei a trabalhar em 1980, eu só tinha, não tinha o magistério. Fiz o Gavião em Mocajuba e tinha família, era eu que cuidava do meu pai e era muito

difícil e nessa época já tinha o modular aqui e eu me matriculei. Aqui, sou eu apresentado o trabalho. Eu trabalhava 02 horários e estudava à noite. Não tinha energia, hoje tem Xerox. Eu fazia os trabalhos deles e os meus eram com vela porque não tinha mais luz". (Priscila, aposentada-Integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

A aposentada tinha uma dupla função durante determinado período porque pôde vivenciar os papéis de aluna e professora, como podemos evidenciar na imagem abaixo, durante um dos momentos de estudo da aposentada.



Figura 40: Aulas do sistema Modular. Acervo pessoal de Maria Raquel Larêdo Vanzeler- década de 90.

As suas dificuldades para conciliar suas funções com os cuidados necessários à família limitavam dona Priscila em alguns momentos, mesmo assim ela ainda organizava seu tempo a favor das práticas que desenvolvia também na igreja. As experiências vividas nos contatos com essa escola deixam em evidência como as relações espaço/sujeito estão imbricadas nas formas de se aproximar, nos objetivos e nas situações que envolvem estes elementos.

Portanto, a mesma escola assume, por exemplo, para dona Priscila e dona Vanusa, significados bastante diferenciados, posto que enquanto esta vê na escola Maria da Silva Nunes apenas uma oficialização do processo educacional que era deficiente na sua época, para dona Priscila a escola é um lócus de múltiplas experiências, essencialmente, católica e profissional.

Ao dar continuidade pela rua central da vila do Carmo, deparamo-nos com o centro comercial da vila do Carmo que é marcado pelo corredor que leva em direção ao trapiche atual que pode ser observado na imagem abaixo:



Figura 41: Trapiche atual. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

O trapiche anterior, fica mais distante no sentido da rua dos Bragas, origem da vila. O trapiche encontra-se praticamente desativado, servindo para o banho de quem reside em suas proximidades. Segundo dona Vanusa, a construção de um novo trapiche mais próximo à praça resultou de uma solicitação dos comerciantes, justamente porque o antigo trapiche se encontrava em local sujeito à erosão o que dificultava o tráfego intenso de pessoas e de diferentes tipos de transportes, como observamos no seguinte trecho de sua narrativa:

“Era o mais antigo trapiche, era ali na ponte ponto do gato, perto do Espírito Santo. Agora tem o do município. Era um trapiche de madeira era, era, porque a terra caía muito. Agora é esse comércio”. (Vanusa, uma das moradoras mais antigas da vila do Carmo do Tocantins).

As relações que os sujeitos envolvidos na pesquisa estabelecem com o trapiche é mais distanciada do que as observadas na vila Moiraba. Alguns se referem mais ao antigo trapiche onde procuravam, quando possível desenvolver algumas atividades de pesquisa com os alunos a respeito do aspecto comercial da vila e como alternativa de lazer por conta do banho no final da tarde.

Aos arredores do antigo trapiche, em direção ao ponto de origem da vila do Carmo do Tocantins encontramos o setor mais antigo da igreja católica, a saber: o Divino Espírito Santo cuja igreja e centro comunitário ficam na parte mais alta da vila. A capela foi construída em madeira inicialmente em 1982. Dona Darcy, uma das aposentadas selecionadas para esta pesquisa participava como colaboradora das ações desenvolvidas pela capela, como, por exemplo, a reunião geral realizada no dia de sua inauguração, como se pode observar na imagem abaixo.



Figura 42: Inauguração da capela do Divino Espírito Santo. Acervo pessoal de Maria Edna Ramos Braga- 1992.

Dentre as principais atividades destaca-se a festividade do Divino Espírito Santo, considerado o padroeiro inicial da vila, segundo os sujeitos entrevistados. Com o passar do tempo, a festividade de Nossa Senhora do Carmo se tornou o principal evento daquela localidade e a santa passou a ser a padroeira, conforme mostra a narrativa de dona Darcy:

“Aí que era a festa do Espírito Santo, ele era o padroeiro. Eles fizeram outra igreja por causa da imagem. Mas do Espírito Santo é a mais antiga. Foi a primeira igreja que é da igreja do Espírito Santo. Eu participava dos movimentos. Era como funciona hoje. Era assim mesmo como existe hoje, só que era menor e já aumentaram. Eu ainda trabalhava e me organizava logo para ir participar com eles. Eu dava um jeito. A festa ela era muito participada e pedimos a autorização para construir de alvenaria. A importância de que a festa ia se desenvolvendo mais e se tornou muito conhecida. Funcionava só a catequese, não funcionava celebração. Era um setor da comunidade. No salão, se fazia a festa dançante, os eventos culturais” (Darcy, aposentada, integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista).

Atualmente, a capela deu lugar a uma edificação em alvenaria que ainda se encontra em fase de acabamento e fica ao lado do centro comunitário do mesmo nome que foi construído antes da atual igreja pelas necessidades de espaço para realização das atividades daquele setor. Dona Darcy coordena o setor que é responsável também pela subcoordenação da Pastoral da Criança.



Figura 43: Igreja do Divino Espírito Santo- em construção- e Centro comunitário. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Desse modo, o espaço do centro comunitário, assim como ocorre na vila Moiraba, serve como salas de aula da catequese coordenada por dona Darcy que tem 01 turma também. Além das atividades religiosas, o centro serve para se fazer a pesagem mensal das crianças assistidas pela Pastoral, orientações aos pais e reuniões dos setores da comunidade para avaliar as ações desenvolvidas pelos diferentes setores e que devem estar articuladas com o plano geral elaborado junto com representantes da prelazia de Cameté. Alguns desses momentos podem ser evidenciados na imagem abaixo:



Figura 44: Salão comunitário do Espírito Santo e algumas das atividades desenvolvidas naquele espaço, como a pesagem das crianças, catequese e reuniões de planejamento dos diferentes setores da comunidade com o representante religioso. Acervo de pesquisa- abril de 2012.

Para a aposentada, a festa do Espírito Santo era bastante movimentada e referenciada pelos moradores. Entretanto, diante dos milagres atribuídos à nossa Senhora do Carmo, o evento em homenagem à santa se transformou no mais famoso da vila e acabou por

influenciar bastante na reorganização daquele contexto. Isso nos indicia, de alguma maneira, como os modos de vida de uma comunidade estão imbricados nos acontecimentos que envolvem os sujeitos, e como estes atribuem sentidos (culturais, econômicos, religiosos, políticos) a essa reorganização dos territórios colocando em evidência o quanto a cultura se reproduz e se renova.

A coordenação do setor Divino Espírito Santo compreende não apenas o planejamento articulado com os demais setores, mas convoca dona Darcy a cuidar de todas as providências da estrutura dos espaços da capela e do salão. Este é um dos lugares mais utilizados. Os espaços da capela e salão ficam próximos à residência da aposentada que passa boa parte do dia cuidando do trabalho em prol da vila, pois para ela realizar tais práticas rememora uma fase importante de sua vida, como se pode ler na narrativa a seguir.

“Ficar em casa sem fazer nada e com a catequese parece que eu tô na escola. Estou ali trabalhando a palavra de Deus e já entro com a gramática no meio; se estão usando a palavra errada e parece que é sala de aula. Eu fico nessa quando estou na catequese. Na pastoral, nem tanto por é outro público. Apesar do médico falar, mas eu me sinto feliz e acho que Deus quer que eu trabalhe e estou fazendo bem. Ele está feliz com meu trabalho e me sinto bem com ele. [...] Pensa no trabalho que eu seguro e eu passei a convidar as pessoas como ela fez. Apesar do meu problema de saúde, eu fico feliz, muito feliz porque o nosso trabalho é elogiado” (Darcy, aposentada, integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista).

Percebemos uma polifonia promovida pelas vozes da igreja e da escola, uma vez que a docência para dona Darcy não se encerrou com a aposentadoria. Como se evidencia em seu discurso, catequese e docência se confundem. A língua enquanto objeto de correção gramatical está presente nas ações que seriam destinadas à catequese e isso nos indicia a permanência da professora Darcy. Acrescente-se a isso o fato de a aposentada não aceitar ter de abrir mão da catequese justamente pelo fato de lhe trazer lembranças da docência.

Em direção contrária ao comércio, há lugares com os quais os sujeitos envolvidos na pesquisa se relacionam de forma mais engajada ou com determinadas restrições. Um exemplo deste último tipo é a escola do Divino Espírito Santo construída para atender os alunos que estudavam na escola Maria da Silva Nunes no local onde existia o estádio de futebol Davi Larêdo, que segundo os moradores envolvidos na pesquisa não teve sua demolição discutida com a comunidade.

A polêmica se deu não apenas pela falta de consulta, mas porque se destruiu uma excelente opção de lazer para os jovens que criaram dois espaços, a saber: o campo ao lado da atual escola e bem próximo ao centro de saúde e o campo que fica aos arredores da escola Nossa Senhora do Carmo, conforme já mencionamos. As aposentadas e os docentes da Educação Básica formam um dos grupos que contestam essa atitude, apesar de se tratar da construção de uma escola o que poderia parecer contraditória, conforme mostram as narrativas das professoras Conceição e Betânia, respectivamente:

“Tinha muito no São Benedito, o campo e a gente ia pra lá. Eu me sinto entristecida. O campo agora é a escola. Não sei como, como eles conseguiram porque era campo Davi Larêdo. A comunidade não foi chamada. Foi crime e a família,...ele era padre, manso e não falaram nada. Foi desrespeitoso.”(Conceição- docente da Educação Básica a caminho de se aposentar, integrante da Pastoral da Criança e do Conselho da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

“No sete de setembro a gente levava as crianças. A gente levava as crianças e vamos lá pro campo e não tinha, recreação na escola, tudo a gente fazia lá. Ninguém pediu autorização, tinha a e não comunicaram nem pra família e deveriam porque ela era o padre” (Betânia, aposentada, Catequista e integrante da Pastoral da Criança).

Se levarmos em consideração os engajamentos que elas e os professores da Educação Básica possuem com todo o percurso histórico daqueles contextos, há justificativas pertinentes e que a postura da comunidade em criar dois espaços alternativos é de enfrentamento, de estratégias contra o que o poder público decidiu. Isso indicia que os conflitos entre os sujeitos que residem naqueles contextos vêm muito à tona em função das utilizações dos espaços, como evidenciamos também no caso do centro comunitário na vila Moiraba. Ou seja, há esferas nem sempre tão públicas, democráticas que determinam a reorganização dos espaços sem considerarmos os sentidos que os moradores atribuem a esses territórios.



Figura 45: Escola de Ensino Fundamental Divino Espírito Santo construída onde havia o estádio Davi Larêdo. Arquivo de pesquisa- março de 2012.

Acima, a escola do Divino Espírito Santo construída onde antes existia o estádio Davi Larêdo. Os jovens fizeram um campo improvisado entre a escola e o posto de saúde, pois o antigo campo era um lugar estratégico na vila em termos de localização por que muitas ruas iniciavam ou terminam naquela direção. Durante o tempo de pesquisa mais direcionado às entrevistas (início de 2011 e 2012), verificamos uma resistência contínua, mesmo que de forma pacífica por parte dos jovens no sentido de criarem uma nova opção de lazer. Isso evidencia que os sujeitos buscam estratégias para lidar com as adversidades, valorizar seu cotidiano, apesar da passividade diante dos fatos.

A ideia de apresentar a cartografia das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins foi de estabelecer as relações existentes entre as professoras aposentadas, docentes da Educação Básica, e demais envolvidos na pesquisa e muitos dos lugares por onde eles circulam. Os modos de vida desses sujeitos são atravessados pelos sentidos que atribuem às práticas socioculturais das quais participam em diferentes fases de suas trajetórias.

Desse modo, estes espaços são territorialidades que convergem para a constituição identitária dos sujeitos, em especial, das professoras aposentadas que ao longo do exercício da docência já conciliavam vida profissional e vida social engajada nas ações em prol das vilas. Estes espaços são para elas bem mais que lugar de residência, eles integram um conjunto de elementos que assumem, nas negociações diárias, formas de se inscrever no mundo levando em consideração os mais diversos objetivos.

SEÇÃO III- Das opções teóricas: Profissionalidade, Identidade docente, Aposentadoria e Velhice bem-sucedida.

3.1- Profissionalidade

Segundo Imbernón (2009, p.13), ao compreendermos a profissão docente a partir dos estudos desenvolvidos a respeito das profissões, podemos considerá-la como uma semiprofissão. Isso porque de acordo com o autor

para ser um profissional é preciso ter autonomia, ou seja, poder tomar decisões sobre os problemas profissionais da prática. Atualmente, para a educação do futuro, essas características históricas são consideradas insuficientes, embora não se discuta que sejam necessárias.

Nesse encaminhamento, o docente precisaria atuar nas problemáticas ocorridas em seu contexto de atuação, com segurança teórica e prática. Entretanto, nas considerações de Imbernón, esse profissional pouco sabe como intervir nas situações que exigem tomadas de decisão, pois o sistema procura direcionar o como e quando agir procurando tirar a autonomia docente. É importante ressaltar que o docente, ao possuir uma formação crítica-reflexiva, não se submete a esses tipos de direcionamentos, mesmo sabendo que há determinados aspectos que independem de sua intervenção, já que constituem imposições mais institucionais que ultrapassam os muros da escola.

Nesta perspectiva, o autor aponta que há necessidade não apenas de uma formação inicial e continuada do professor, voltada para aspectos de contextos de atuação, mas também de mudanças em termos de políticas públicas que priorizem tais encaminhamentos. Uma das alternativas para isso seria, por exemplo, contar com o apoio da comunidade do entorno da

escola, no sentido de colaborar para a construção de uma melhor intervenção por parte do docente nas adversidades apontadas pelo contexto de atuação.

Ainda segundo Imbernón, a profissão docente se constroi e se impõe na prática em que o conhecimento é posto diante de situações que emergem do contexto. Assim, a profissionalização seria marcada por relações de poder fundadas no exercício da prática, sempre conciliando conhecimento, reflexão, experimentação etc. Ou seja, há o reconhecimento de que um determinado saber e a atuação do professor são importantes para que ele dê conta dos problemas identificados no contexto de sua profissão, para fortalecer a sua atuação profissional, a sua autonomia e a emancipação dos sujeitos que lhe rodeiam, em especial dos discentes. Desta forma, o professor vai se engajando nas demandas e nas intervenções necessárias aos seus contextos, propondo que:

Se aceitarmos que a docência é uma profissão, não será para assumir privilégios contra ou “à frente” dos outros, mas para que, mediante seu exercício, o conhecimento específico do professor e da professora se ponha a serviço da mudança e da dignificação da pessoa. Ser um profissional da educação significará participar da emancipação das pessoas. (IMBERNÓN, 2009, p. 27).

Para Contreras (2002), há uma rejeição do termo ‘profissional’ por parte do professorado, posto que a palavra associa-se à ideia de proletarização. Por conta disso, ele propõe o termo profissionalismo, uma vez que esse não reivindica apenas o *status* conferido ao profissional como apontado nos estudos de Pereyra (1998) e Enguita (1990), mas lhe atribui autonomia. Isso se justifica porque, segundo Contreras, o termo profissional estaria direcionado à prestação de serviço especializado, técnico indiferente aos contextos em que o docente atua. No caso do professor, não há apenas isso, mas um trabalho de caráter processual, crítico com vistas a uma emancipação, reivindicação e exercício pleno de direitos, o que dependeria de demandas para além do que o sistema educacional oferece.

Há também a necessidade de se analisar o contexto de atuação desse docente, o que os estudos dos traços das profissões não dariam conta de explicar, pelo fato de apenas listarem características gerais das profissões. É preciso, ainda, observar as condições de melhorias no exercício da profissão que vão desde aspectos estruturais das escolas, até cursos de formação continuada (aspectos formativos) (CONTRERAS, 2002). Esses fatores propiciam uma maior autonomia pedagógica em diferentes aspectos que sinalizam o profissionalismo.

Para ampliarmos a discussão apresentada por Contreras (2002), pautada nos estudos desenvolvidos por Sockertt (1989) e Tom (1984) enumeramos as seguintes dimensões da profissionalidade:

a) a obrigação moral: ter compromisso com o desenvolvimento de alunos e alunas, conscientizar-se dos desafios e dos dilemas, como também da desigualdade existente entre ele e seus alunos. Entretanto, conduz isso de forma a fazer com que seus discentes avancem, sabendo que tal ensinamento realmente é necessário.

b) compromisso com a comunidade: as práticas profissionais do professor se configuram partilhadas, mesmo considerando que a educação envolve sujeitos, em torno de um objetivo. Para tanto o professor precisa intervir, resolver problemas e ter autonomia para isso, o que exige uma dupla consciência de sua função política e pública.

c) a competência profissional: o professor possui conhecimentos e habilidades necessárias ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, além de compromisso com o que se propõe a fazer, durante o desenvolvimento de seu trabalho.

Esses elementos caracterizadores da profissão podem servir de base, para que se discuta a continuidade do investimento na docência, por meio de trajetórias das aposentadas que ainda procuram se engajar nas práticas culturais (sociais), desenvolvidas em diferentes esferas públicas (igreja, escola e movimentos culturais) das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Tais elementos constituem dimensões que se aproximam bastante do que observamos nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, como podemos observar nas narrativas abaixo:

“me lembro, há muitas coisas. Trabalhei 23, 25 anos, mas trabalhava em casa e lá. Fiquei como responsável, apesar de não ter estudo. Toda a professora que vinha, até com mais estudo, eu fazia muitas coisas e tu sabe que tu andas e dão várias reportagens que eu fazia muitas coisas e que hoje não fazem mais” (Paula, aposentada, coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina).

“nosso grupo ainda não tá registrado.... ainda não é uma associação... estamos trabalhando pra ver se a gente ainda consegue é registrar o grupo.... mas mesmo assim nós ajudamos pessoas... tem pessoas é tem pessoas que vem pedir ajuda pra problema de saúde....o a gente pode fazer a gente faz..... é se tem alguém com necessidade” (Vânia, aposentada, coordenadora do Grupo folclórico Evolução Fênix da vila do Carmo do Tocantins. O grupo se transformou em Associação. Vânia, aposentada, coordenadora do Grupo folclórico Evolução Fênix da vila do Carmo do Tocantins. O grupo se transformou em Associação).

O grupo se considera partícipe no processo de consolidação dos aspectos educacionais, religiosos e culturais. Os papéis sociais assumidos evidenciam, em especial, as dimensões da moral e da competência e, nos casos das duas aposentadas, verificamos que elas compreendem e tomam para si tais responsabilidades como inerentes ao perfil docente.

Tratando também da profissão docente, Tardif e Lessard (2009, p. 28) afirmam que, ao levar em conta o cenário que se observa no sistema escolar, há ainda muito a ser feito para se contemplar uma proposta educativa que viabilize essas estratégias, envolvendo diferentes saberes. Os docentes acabam por se deter ao trabalho desenvolvido e não se envolvem nas questões mais externas, que, de uma maneira ou de outra, atuam, refletem nas ações específicas da profissão. Isso acaba não possibilitando ao professor condições efetivas de pensar e de intervir nas necessidades do contexto escolar, resultando assim na proletarização da profissão, porque as decisões tomadas não circulam pela esfera pública legitimada que as valorizem. Nos contextos selecionados para esta investigação, as vivências das aposentadas e dos docentes da Educação Básica imbricam-se em dois movimentos complementares, a saber: vida profissional e vida em comunidade.

Os professores da Educação Básica procuram se concentrar em determinadas problemáticas das vilas e se envolvem em ações que visam à superação de problemas, como: o alto índice de consumo de drogas entre os adolescentes; a busca de alternativas de lazer para os diferentes públicos que formam as comunidades; a menor participação dos moradores nas ações desenvolvidas pela igreja católica. Esse trabalho, assim como a trajetória da maioria das aposentadas, é realizado no paralelo das atividades mais pedagógicas, mas em parceria com as professoras aposentadas.

Entretanto, esses sujeitos se dão conta de que isso não basta, posto que, apenas procurar orientar os discentes e engajá-los nas práticas religiosas e culturais das vilas, por exemplo, não atende às necessidades de determinados jovens que são oriundos de outros contextos e pouco apresentam aproximações, seja com as aposentadas, seja com os docentes da Educação Básica. Além disso, há pouca presença do poder público naqueles territórios para tratar desses tipos de problemática, considerando que as demandas são geradas em situações bem específicas.

O fator relevante nessa discussão é que a profissionalidade colabora para que se tenha a identidade docente em função dos aspectos considerados, a fim de que o docente

tenha suas garantias, enquanto profissional da educação. Assim, ele precisa ter o seu contexto de atuação observado para garantir suas condições de profissionalidade. Ao observarmos os contextos apresentados, muito da trajetória dos docentes da pesquisa (aposentadas e os docentes da nova geração) vai além dos muros da escola, trabalhando em prol das vilas, mesmo limitados em termos de autonomia administrativa, porque assumem papéis procurando dar conta das adversidades, mas que não lhes favorecem nem aos demais sujeitos envolvidos em ações mais efetivas, como espaços de lazer, projetos com recursos públicos, por exemplo.

Para Freitas (2006, p. 78),

A intervenção do Estado possibilita uma homogeneização da profissão. Ele estabelece regras de seleção e nomeação de professores. E, a partir do final do século XVIII, não é permitido ensinar sem a autorização do Estado. Esta medida é que traz o suporte legal ao exercício da atividade docente, bem como a profissionalização desta atividade. É através dessa autorização que se define um perfil de competências técnicas, que servirá de referência para o recrutamento dos professores e legitimará sua atividade.

Nesse sentido, a profissionalização da atividade docente só adquire tal estatuto com a chancela do estado. Por outro lado, na perspectiva de Imbernón (2009) a docência se constroi na prática e por isso, a profissionalidade não se atrela ao *status*, mas à capacidade de emancipar os educandos, o que garantiria autonomia ao docente. Assim, há necessidade de levar em conta as garantias e as competências institucionais que permeiam a docência, no caso dos sujeitos desta pesquisa, não há outras garantias institucionais a favor desses profissionais, no sentido de promover, ampliar os projetos que o grupo desenvolve em parceria com a nova geração de professores.

Para Freitas (2006), se olharmos para o percurso histórico da profissão docente, é possível dizer que com a laicização da formação, os docentes saem do poder da igreja e assumem ‘certa’ autonomia, mesmo diante da intervenção do Estado. Embora não se possa negar que haja interesses políticos relacionados à profissão que não necessariamente se coadunam com os interesses dos professores. Isso pelo fato de que, mesmo gozando de um *status* diante da população, decorrente do poder/saber, os docentes acabam por sofrer uma pressão que os tornam “sujeitos ambíguos” (FREITAS, 2006, p. 79), pois, de qualquer modo, são funcionários do Estado. No entanto, reconhece-se que a atuação docente, simboliza

perspectivas de mudanças na qualidade de vida da população por conta da reflexão, do empoderamento que podem suscitar a partir dos conhecimentos socializados com os alunos.

No caso dos sujeitos da pesquisa aqui apresentada, o engajamento tanto dos professores da Educação Básica quanto das aposentadas nas práticas culturais desenvolvidas em prol das vilas, gera uma expectativa muito grande justamente por eles terem conseguido, ao longo de suas trajetórias, garantir às comunidades condições nem sempre assumidas pelo poder da igreja ou da área educacional. O trabalho na catequese, na Pastoral da Criança, nos grupos folclóricos, na associação evidencia isso, porque não há providências do Estado quanto ao atendimento das demandas apresentadas pelos sujeitos.

A difícil tarefa de atender às exigências da agenda governamental engessa as intervenções dos docentes, uma vez que esses profissionais observam problemas enfrentados pela comunidade, percebem a importância de ir além do que se exige e procuram dar conta disso. Por outro lado, é bastante comum apenas seguir e cumprir a agenda do estado, mesmo em lugares onde se tenha um trabalho como o investigado nesta pesquisa.

O Suporte Pedagógico procura exercer o papel do poder público no que se refere às ações de formação na ausência de um plano de formação organizado pela SEMED de Cametá, como já discutimos. Esse profissional exerce mais um gerenciamento das ações articuladas, mesmo sem um acordo institucional que legitime as experiências socializadas com as professoras aposentadas. O papel assumido por esse grupo de professoras aposentadas, seja na participação esporádica nos encontros de formação, seja nos eventos promovidos pela igreja principalmente (as orientações ocorrem mais durante os eventos da igreja e dos grupos folclóricos) contribui para que os docentes da Educação Básica se sintam apoiados, mais seguros, para intervir nas dificuldades impostas pelo ambiente escolar. Isso independe do nível de formação alcançado pelos docentes da Educação Básica.

Os diretores são os responsáveis pelas cobranças de cumprimento da agenda estatal, cobranças que são bem maiores atualmente. Segundo relatos dos sujeitos, uma vez que há um currículo a ser cumprido, contemplando questões que eram decididas pelos gestores da vila, pelos pais e pelos professores (aulas de catequese na escola, por exemplo), prazos gerenciados que atendem à região tocantina como um todo, segundo eles, pouco leva em conta as especificidades apresentadas pelas vilas, como evidenciamos, por exemplo, na narrativa de Andréia em que a orientação curricular não está mais atrelada apenas às decisões dos gestores locais, como ocorreu, quando se decidiu inserir as aulas de Catecismo no cotidiano escolar:

“Ela fazia o catecismo dentro da sala de aula. Mas, agora a gente não pode mais fazer isso. A gente tem aluno de tudo quanto é religião e não pode mais fazer

isso, né? Nós não podemos fazer mais isso, porque a gente tem alunos de várias religiões. Ela fazia o catecismo, valendo aula, valendo nota, era no sábado” (Andréia, docente da Educação Básica, integrante da Pastoral da criança, ex-aluna de algumas aposentadas).

É importante considerar que nas narrativas dos professores da Educação Básica e nos depoimentos dos técnicos da SEMED e do Suporte Pedagógico que atuam nas vilas, verificamos que há um hibridismo de atitudes que fornecem elementos para os saberes da docência: as orientações promovidas pelo poder público, os cursos de formação inicial desses docentes e as orientações adquiridas pelas interações estabelecidas com as aposentadas. Todos esses elementos formativos convergem para a construção da autonomia docente, responsável pelo processo de profissionalização, conforme discute Contreras (2002) e que por isso se aproxima do que discute BAZZO, quando este afirma que

Ao se enfrentar com a sala de aula, é comum que os professores se utilizem, mesmo sem se dar conta, de suas vivências como aluno, usando, então, o equipamento cultural acumulado sobre as práticas docentes às quais foram submetidos desde o início de sua escolarização. Esse equipamento, portanto, não é fruto de processos de formação específica para a docência. É, muito mais, resultado da acumulação de capital simbólico (BORDIEU, 1992) que lhes chega por meio das experiências escolares vividas e que se transforma em saber a ser utilizado na hora em que são desafiados a ensinar de maneira sistematizada (BAZZO, 2008, p. 3).

Em sua pesquisa, Bazzo toma por base professores universitários que relegam a segundo plano a formação pedagógica, baseando-se nas experiências dos seus professores, ao longo do processo de escolarização. Os docentes mais jovens atentaram para o fato de que se tivessem uma formação mais efetiva, teriam menos problemas para administrar questões da docência. No caso dos professores da Educação Básica das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, os saberes são acumulados nas experiências vividas com as aposentadas, não apenas no contexto escolar. Este movimento se evidencia, quando rememoram a fase de estudantes ou das orientações, enquanto professores ainda iniciantes na profissão, das práticas culturais que desenvolvem na igreja e nas quadrilhas. Além disso, observamos que o Suporte Pedagógico recorre a essas experiências, para ampliar as temáticas tratadas nos encontros de formação, ratificando essa relação entre os grupos e valorizando saberes que os professores em formação continuada compartilham com o grupo de aposentadas.

Os estudos a respeito da profissionalidade e do profissionalismo se interrelacionam no sentido de convergirem para a discussão sobre a temática da continuidade do investimento na docência, temática que fornece elementos teóricos fundamentais para pesquisa aqui apresentada. Tais estudos nos indiciam que entre a conquista do *status* profissional e os

engajamentos com a profissão há de se considerar diferentes saberes que não estão tão somente no processo de formação inicial e continuada.

Durante o exercício da profissão, nas ações desenvolvidas em prol das vilas, os docentes da Educação Básica assumem as experiências do grupo de aposentadas num aparente hibridismo. Isso acaba por lhes conferir *status* naqueles contextos, porque as comunidades legitimam os saberes das aposentadas. Por outro lado, essas mulheres garantem, mesmo que de maneira inconsciente, uma velhice bem-sucedida.

Para além disso, se as aposentadas são referendadas pela comunidade como pessoas que ainda procuram contribuir com o processo educacional, social e cultural, possivelmente, um dos elos estabelecidos entre profissionais aposentadas e professores atuantes se ancore no processo de profissionalização daquelas mulheres, ora por meio da formação inicial e continuada, ora nas relações estabelecidas com outros saberes constituídos nas práticas culturais, desenvolvidas na comunidade que fazem parte das identidades desses sujeitos professores, líderes comunitários, coordenadores de grupos folclóricos, de grupos de oração, Pastoral da Criança, da Juventude, ex-alunos, aposentados, pais/responsáveis, assumindo aqui e ali, pelo menos, duas dessas identidades, em especial, nos casos de docentes da Educação Básica e das aposentadas, como podemos verificar na narrativa de Nazareno, quando se refere à proibição da venda de bebida alcoólica, pois deveria lutar pela manutenção do grupo folclórico que precisava das promoções, mas que na posição de coordenador alertava a comunidade em relação às consequências da bebida alcoólica:

“Mas, hoje nós somos muito criticados por isso por nós assumir várias coisas da comunidade e hoje foi distorcida, nós ficamos sem saber o que fazer por que hoje com a lei das comunidades de não poder vender o único meio de fazer com que a quadrilha se sustente são as promoções e essas promoções requer que a gente faça né a venda de bebidas. Aí agente é criticado porque agente trabalhamos dentro da comunidade. O que fazer diante disso? A gente fala dessas questões porque eu vejo uma confusão pra nós hoje coordenadores que discutimos em assembleia da comunidade, temos uma atuação muito próximo da comunidade, trabalhamos nesse lado cultural”(Nazareno, docente da Educação Básica, coordenador do Apostolado, líder comunitário da vila Moiraba, coordenador da Pastoral da Criança de São Benedito e da quadrilha Estrela Junina).

3.2- No contexto da profissão, a identidade docente

Segundo Nóvoa (1992), a maneira de ser professor está relacionada ao processo identitário que pode ser observado, considerando-se três aspectos, a saber: a) **Adesão** – que

representa o engajamento do professor a determinados “princípios e valores” que envolvem os projetos pedagógicos, desde a sua concepção até sua realização; b) **Ação** - que se traduz na seleção de atitudes necessárias para se intervir nas situações vivenciadas, em sala de aula ou no contexto escolar como um todo, observando que neste aspecto, o docente mobiliza não apenas experiências e conhecimentos de ordem profissional, mas também de ordem pessoal. Em última instância, temos a c) **Autoconsciência** – reveladora de tomadas de decisão frente ao trabalho que o professor desenvolve. Desta perspectiva,

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza como cada um se sente e se diz *professor* (NÓVOA, 1992, p.16).

Ainda segundo o autor, baseando-se nos estudos de Diamond (1991), há identidades construídas e como tal precisam de um tempo para que os docentes se apropriem das mudanças ocorridas, seja no aspecto pessoal, seja no profissional. Tais identidades requerem escolhas, deslocamentos e novas ancoragens que constituirão seus modos de vida e de trabalho. Aqui se aproxima dos estudos desenvolvidos no âmbito da profissionalidade e do profissionalismo por evidenciar, por exemplo, as forma de intervenção nos contextos de atuação a partir da autonomia profissional. O viver a profissão cria a identidade pautando-se no que é legitimado, ao assumir o perfil profissional exigido para ser docente, mas no cotidiano da profissão, nas relações estabelecidas com as situações dos contextos.

É importante considerar que os modos de construir a trajetória de cada docente difere bastante das relações que esse profissional lida com seus mundos. Nos contextos pesquisados, apesar das especificidades esperadas, um grupo de professoras aposentadas se singulariza e influencia um grupo ainda atuante na Educação Básica no que tange à trajetória articulada entre vida escolar e vida na comunidade, como os sujeitos envolvidos na pesquisa sempre se referem. A constituição da identidade docente daquelas mulheres e do grupo ainda atuante tem como fio condutor, principalmente, aspectos como a ação e a autoconsciência manifestadas nas narrativas das aposentadas e dos sujeitos que acompanharam suas trajetórias, nas parcerias que eles estabelecem não apenas enquanto grupos que atuam em prol das vilas, mas pelos laços de convivência, sentimentos e experiências sobretudo nos espaços da escola, da igreja e dos ensaios de danças folclóricas.

No caso da adesão aos projetos políticos em termos de educação, observamos que nem sempre ela ocorreu como propunham as instituições que administram as vilas, uma vez que muitas das ações, desenvolvidas nos espaços públicos, dão-se em prol das demandas dos sujeitos, apesar da preocupação com o cumprimento da agenda. Um exemplo disso eram as preocupações das professoras aposentadas em observar o cronograma das escolas, considerando as culminâncias das práticas desenvolvidas pelos grupos engajados nos movimentos da igreja. Entretanto, não nos detemos em verificar como isso ocorria na relação com os planejamentos dos docentes, até porque não é foco de discussão nesta pesquisa. Em se tratando desse grupo, foi recorrente a observação de que o aspecto da adesão à agenda estatal ficava em segundo plano, porque as lideranças locais tinham maior autonomia quanto ao que e como se trabalhar no contexto escolar, como se observou na questão de se ter aulas de catequese não mais na igreja, mas na escola o que atualmente não é mais autorizado.

Diante disso, podemos considerar também, como aponta Pimenta (2008) que

A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade (PIMENTA, 2008, p.18).

Isso significa dizer que a identidade profissional decorre da significação social que possui, da validação das práticas instituídas não apenas nos seus contextos de atuação profissional (ARROYO, 2000; LELIS, 2009), mas das ações, coerções e intenções presentes num contexto mais amplo. É nas ações em diferentes esferas públicas que o perfil docente vai se consolidando no diálogo entre formação e atendimento às demandas sociais. Por isso, também com o passar do tempo em muito se deixou de lado, por exemplo, a figura do mestre como detentor de um saber plural; as formas de se dirigir a esse profissional; valorizá-lo pelo trabalho realizado e até mesmo os endereçamentos a seguir a carreira docente. Todos esses encaminhamentos de base política, econômica, social, cultural e pessoal são considerados nos modos de se sentir e se fazer, de se constituir professor.

Segundo Nóvoa (1998), a identidade profissional docente, principalmente, daqueles que atuam na Educação Básica, enfrentou muitas dificuldades em função de uma série de fatores, como: as precárias condições de trabalho; pouca valorização da diversidade cultural deles e de seus saberes. Essas condições da constituição identitária atingem a imagem pública desse profissional. No entanto, mesmo enfrentando contextos nos quais se engendram

diferentes identidades, a profissão docente ainda simboliza possibilidades de reinvenção e de valorização como ocorre nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. O grupo de aposentadas possui uma trajetória marcada pelo engajamento social, pela competência profissional e pela liderança nas diferentes esferas públicas.

O fato de professoras aposentadas terem assumido de maneira mais efetiva as práticas, sobretudo, desenvolvidas pela igreja, apesar das limitações impostas pela idade, favoreceu que estas aposentadas construíssem uma identidade coletiva que vai de encontro às expectativas históricas do que é ser aposentado, mas ainda do que é ser professor aposentado. Por isso, a valorização por parte das comunidades, mesmo sendo recorrente o fato de elas obterem tal *status* por ainda serem ativas, atenderem às demandas daqueles contextos. Os aposentados que não seguiram essa trajetória são considerados “parados no tempo”, “não têm compromisso com as vilas”, ou seja, a lógica mercadológica atravessa a valorização que avança por existir o fato de todo esse trabalho ser realizado voluntariamente. O que denota, possivelmente, diferentes motivações, para se continuar vivendo e se sentindo professor naqueles contextos.

Verificamos que, na discussão apresentada, é recorrente a ideia de que a identidade profissional ou docente é manifestada pela autonomia que o professor demonstra em seu trabalho. Para isso, ele deve saber conciliar os conhecimentos adquiridos na formação inicial e continuada com as experiências acumuladas, nos diferentes espaços sociais dos quais participa, sem perder de vista as novas situações políticas, sociais, econômicas e culturais a que está exposto.

Cunha (2009, p.15) trata a questão da identidade relacionada com o projeto de vida a partir dos estudos de Julián Marías considerando que “a vida não está dada, requer imaginação, antecipação, invenção contínua da realidade. Realidade é o que se encontra, tal como se a encontra; não se trata de encontro inerte, pois a realidade constitui-se como cenário da *minha vida* no qual convivo e encontro outras vidas”. Nesse processo, a ação de projetar-se implica ir em busca, constituir-se, como mostram as trajetórias das aposentadas que, mesmo em alguns casos não tendo a intenção inicial de se tornarem professoras, buscaram objetivos no exercício da profissão, projetaram-se no desafio de conciliar escola, família e vida em comunidade. Elas se constituem professoras de diferentes modos, mas com um elo forte que é a vida escolar e a vida na comunidade de modo geral. Assim, elas reinventam uma realidade

de trabalhar na docência, porque houve uma necessidade econômica: a facilidade do emprego. Conseguem reconhecimento profissional e social pelas atividades desenvolvidas. Nessa caminhada, passam a influenciar alguns alunos que movidos ou não por elas, aderem não apenas à docência, mas ao trabalho em comunidade sob as justificativas de que há um forte desejo de preservar a tradição e o engajamento de professores na comunidade, como nos mostra a narrativa abaixo em que a aposentada opta por seguir a vida em comunidade se dedicando ao trabalho na igreja:

“[...] a partir de hoje eu vou viver pra Deus. Eu trabalhei pra minha família, eu precisa ajudar meus irmãos, pra minha família e pra escola e agora eu vou querer mais 27 ano. Os meninos ainda brincaram comigo...mãe, a senhora não vai querer mais nada... Agora eu não sei se vão me dar, mas sei que eu quero (Beatriz, aposentada, coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

Diante do evento da aposentadoria, mais uma vez, aquelas mulheres reinventam a realidade para dar condição a si mesmas de aposentadas. O prêmio que simboliza a aposentadoria para muitas delas aparece, após uma fase de contemplação, como uma possibilidade de projetar novos sonhos e de definir como seguirão por caminhos em que a condição financeira para o sustento da família, não é mais o requisito básico que tanto as motivara a entrar para a docência. Elas optam por seguir com a vida na comunidade e, em alguns casos, elas são tomadas por essa nova identidade apenas a partir da aposentadoria. Observamos, portanto, que o ato de projetar a vida denotaria para essas professoras aposentadas, dentre outros aspectos: a) Estabelecimento de estratégias para lidar com a docência e com a aposentadoria para a garantia de uma velhice bem-sucedida; b) Manutenção do *status* que possui o aposentado, em especial, ao compartilhar saberes com os docentes da Educação Básica.

Tais encaminhamentos mostram que as identidades assumidas nem sempre serão as de aposentadas tão somente, mas de líderes, guardiãs, professoras, conselheiras. Dessa forma não tratamos a identidade como algo que as pessoas vivem de forma fixa, tratadas no mundo da essencialidade, posto que segundo Hall (2008), as identidades estão bastante imbricadas nas práticas dos indivíduos. Isso ocorre porque elas não excluem o passado e são mediadas por diferentes elementos apresentados pelas novas formas de organização social. Assim, o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, desloca antigos padrões e articula em seu comportamento novas posturas e atitudes (2008, p.108-109).

A partir de necessidades e de formas de lidar com as demandas das relações estabelecidas com o outro, os sujeitos procuram intervir nas relações de poder, negociar, mas não definem identidades por completo em função das coerções a que estão expostos. Por isso, Cunha (2009) situa sua reflexão nos Estudos culturais para mostrar essa multiplicidade de identidades apontada por Hall (2008) que vai ao encontro de nossas opções teóricas, enquanto perspectiva de que as aposentadas, talvez se alinhem aos contextos culturais das vilas por diferentes razões, mas com um elo que passa, essencialmente, pelo aspecto educativo no sentido de reiterar aspectos culturais ligados à tradição das vilas.

Nesse sentido, a atuação das aposentadas procura a mediação da cultura, atuação marcada pelas relações estabelecidas com as vilas pela liderança que exerceram, ao longo de suas trajetórias, o que se poderia nomear de a “voz da experiência”, como nos indicia a narrativa de Creuza:

“Eles me ajudam bastante porque eu exercendo a profissão que era deles...talvez eu tenho hoje...eu busco bons exemplos que eles me passaram...eu carrego até hoje comigo né...eles contribuem bastante pro meu trabalho hoje” (Creuza, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas).

Sendo assim, ainda podemos chamá-las de professoras, como muitos o fazem ao referir-se a elas. E, elas, por sua vez, se identificam como professoras aposentadas, sinalizando que agora atuam por opção. Às vezes ratificando que a escolha pelo magistério, em muitos casos, não foi por vocação, mas pela necessidade de prover a família, a partir de uma oportunidade de trabalho favorecida por uma fase em que as vilas precisavam de docentes e ainda que, no caso de algumas das aposentadas, porque havia uma familiaridade com os gestores que selecionavam os profissionais, pela inexistência de concurso público dos professores.

A construção da identidade docente requer também se pensar nas formas como atribuímos sentido às experiências, sejam elas mais relacionadas ao contexto de atuação, sejam as que permeiam as trajetórias pessoais. Isso é relevante, pois vimos discutindo que a identidade não é algo dado, pelo contrário, encontra-se em constante processo de negociação nas mais diferentes situações e contextos. São os sentidos atribuídos às experiências que criam condições para que os sujeitos, nesse caso, os docentes, se engajem em determinadas práticas ou não mostrando com isso as diferentes maneiras de se ver, de ter autonomia, de viver e de sentir a profissão.

3.3- O Saber da experiência

Os estudos desenvolvidos por Jorge Larrosa (2002) a respeito da experiência e do saber da experiência são importantes para ampliarmos a discussão que envolve a identidade docente, uma vez que apresenta, dentre outros aspectos, a Educação como teoria e prática (política e crítica). Além disso, o autor estabelece uma importante distinção entre o “saber da experiência”, no sentido de “sabedoria” e a informação, no sentido de “estar informado”. Segundo o autor, a informação está ao alcance de todos na sociedade moderna da informação, mas pode não significar experiência, pois de acordo com Larrosa (2002), a experiência é algo que se passa conosco, algo que nos toca e nos afeta de algum modo. Assim, ela precisa mediar uma reflexão detida em como se engajar nas práticas educativas e não meramente repassar um conhecimento sistemático e historicamente acumulado. Por isso, para o autor, é necessário “pensar a educação a partir do par *experiência /sentido*” (LARROSA, 2002, p.20), ou seja,

[...] pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras.” (LARROSA, 2002, p.21).

Essa discussão é pertinente para o tipo de pesquisa que realizamos, porque as experiências das aposentadas ganham eco nas possibilidades de educação naqueles contextos. Elas não só se posicionam diante da vida, mas também projetam novos investimentos na docência, ao orientarem os professores da Educação Básica, ao trabalharem na Pastoral da Criança, ao ajudarem nos movimentos culturais implementados nas comunidades, dando sentido ao que lhes acontece nas ações realizadas na fase de aposentadoria. Esse saber presente nos diálogos com os docentes, com os alunos e com os demais moradores dá sentido às vidas daquelas aposentadas e aos que com elas se relacionam. Consideramos que, em alguma medida, é isso que lhes garante legitimidade diante dos professores da Educação Básica, dos grupos folclóricos, dos representantes religiosos, enfim, da comunidade, como nos mostra a narrativa de Georgina, ao se posicionar a respeito do trabalho realizado pelas aposentadas:

“[...] escola e hoje a gente vê que a maioria eles são, já tem uma universidade, mas eles não têm o interesse de ir aonde agente vinha naquela quando eu cheguei, quando eu vim pra cá eu cheguei a trabalhar com vários professores aposentados como a professora F, professora AM, professora D, tive duas professoras chamadas D, e eles corriam atrás daquilo NADA era difícil (ou coisa de mal) se a gente falava que a gente ia fazer um projeto, um planejamento de uma forma, eles rápido enquanto fazia com aquela coisa que eles já tinham, com aquele conhecimento acabava que eles iam desenrolavam o grupo deles mais rápido do que os que já são formados[...]”(Suporte Pedagógico das vilas. Trabalhou com algumas das aposentadas. Participa da organização geral das atividades religiosas da vila do Carmo).

A temática contribui também para refletirmos a respeito da dinâmica da sociedade pautada numa educação do fazer, do produzir, da informação rápida e do consumo imediato. Assim, pouco se permite uma educação lastreada na experiência, no que se passa com o sujeito da educação. Benjamin (2000) já nos lembrava de que informação e experiência se distinguem e que o mundo moderno está cada vez mais pobre de experiências, no sentido de que algo possa nos acontecer, imprimir atitude, mudança, engajamento. Por isso, a metáfora da morte do narrador apresentada por ele. E isso é muito recorrente, ao observamos de que maneira a sociedade lida com a efemeridade e com o acúmulo de informações com poucas ações efetivas, em especial, no que tange ao processo educativo, deixando os profissionais cada vez mais condicionados a dar conta de aspectos quantitativos, em detrimento da criação de estratégias contrahegemônicas que possibilitem a emancipação dos sujeitos (professor e aluno) e os saberes legitimados negam outras possibilidades de diálogos com saberes detidos na experiência, seja ela individual, seja coletiva. O sujeito da informação é mais objetivo, imediatista, encontra-se a favor do tempo. Daí seu caráter efêmero. Não há espaço para se refletir, ver, sentir, atribuir sentidos aos eventos e aos sujeitos que lhe rodeiam.

Ao verificarmos as trajetórias das aposentadas, evidenciamos que as experiências compartilhadas com os docentes da Educação Básica, principalmente, são narradas a partir dos modos como determinados eventos ganharam sentido na vida daquelas mulheres. Os engajamentos nas diferentes formas de lidar com esferas públicas como a escola e a igreja paralelamente aos cuidados com a família encontram lugar nos modos de vida de alguns docentes que já possuem dinâmicas semelhantes as do grupo de aposentadas.

Ao nos pautarmos nessas relações que se estabeleceram, podemos considerar que, naqueles territórios de cultura, as aposentadas ocupam em posição inversa ao que Benjamin (2000) trata como narrador aquele que traz a novidade, no caso do grupo de aposentadas algumas sempre viveram nas vilas; outras se afastaram e retornaram em diferentes momentos por necessidades de formação, cuidados com a saúde, com a família. Mesmo assim, conseguem seguir como produtoras de saberes que dão sentido às vilas, garantem a continuidade de uma tradição que, por mais contraditória que seja em alguns aspectos, encontra eco nas comunidades, porque favorece o espaço para o acontecer. Isso vai ao encontro do que Larrosa contesta, posto que, ao se priorizar informação e opinião, nega-se o espaço para o “acontecer”. Ou seja, num espaço onde prevalece a informação e não o acontecimento experiencial,

o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. (LARROSA, 2002, p.22).

O aspecto tempo, ou melhor, a preocupação relacionada a ele e a velocidade com que ele se dá a favor do acúmulo de informações direciona bastante uma sociedade da aprendizagem, da informação em detrimento de uma sociedade da experiência, da construção coletiva do vivido. O homem torna-se escravo do tempo e limitado à memória necessária à experiência, ao sentir, ao acontecer do sujeito. São muitas as informações superpostas numa velocidade que segue a lógica de uma sociedade do consumo. Pouco tempo, muitas informações e as instituições, sobremaneira na escola responsável pela formação do sujeito é a mola mestra para que isso se ratifique ou não.

Outro ponto apontado nos estudos de Larrosa é o trabalho como inibidor da experiência, posto que toma um tempo exagerado do sujeito sob o pretexto de que seu acúmulo é sinônimo de experiência (do fazer sem a perspectiva de emancipação dos sujeitos, por exemplo). Isso por que a experiência, enquanto saber, precisa de “interrupção” para que se possa apreciar, ouvir, analisar, silenciar bastante, permitir-se. Assim, “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.” (LARROSA, 2002, p.24).

É nesse ponto que as narrativas mostram muito do que foram e do que são capazes as aposentadas e o quanto os docentes da Educação Básica vão ao encontro das orientações iniciais dessas professoras e, em grande medida, recorrem, sempre que necessário, aproveitando, em parceria com elas, por exemplo, os momentos das práticas culturais que desenvolvem. Essa interação se efetiva, mesmo se considerando o acesso dos docentes ao processo de formação inicial em nível superior, saindo e retornando a seus contextos, ou seja, há uma postura de passividade e de disponibilidade recíproca entre os sujeitos. Além da maneira como o trabalho é organizado, considerando a necessidade de ampliar, de promover e de ratificar as ações referentes aos aspectos religiosos, culturais e pedagógicos, há uma preocupação com o cumprimento da agenda estatal, mas a força da tradição, mesmo sob certa coerção ou justamente por ela ainda se faz presente.

Assim, podemos questionar o tempo e o saber escolarizado dessas professoras aposentadas, mas não podemos sobrepô-lo às experiências, por elas acumuladas, no cotidiano das vilas, que transpõem os muros da escola, afetando, culturalmente, a comunidade inteira. Nesse sentido, a docência vai além da escola, afetando a experiência das pessoas.

Larrosa (2002) ressalta que diferentemente da lógica do experimento que “produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade.” (LARROSA, 2002, p.28). Isso podemos observar nos modos como os docentes da Educação Básica, mesmo apoiando-se em muitas das orientações feitas pelo grupo de aposentadas, reconhecem o quanto há necessidade de se dialogar com saberes da formação inicial presentes em outros contextos (em nível superior, inclusive) para dar conta de competências que o perfil profissional, atualmente, lhes exige. Além disso, há uma divergência quanto aos detalhes das cerimônias e às preparações necessárias às diferentes atividades que fazem parte da vida da escola. Isso evidencia que as aprendizagens são múltiplas e não lineares, como é o caso da narrativa de Estela:

“[...]É ...é uma situação assim de criticar...uma crítica né...que na época da fulana de tal eles citam o nome de algumas que já passaram por aqui muito antes...tinha um sete de setembro ma-ra-vi-lho-so e agora por quê que não tem? aí com isso a gente vai né...claro a gente não quer que a tradição morra e acaba fazendo, acaba se esforçando mesmo se agente ache que não é pra fazer mais e acaba fazendo [...]” (Estela, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas das aposentadas, vice-coordenadora e integrante da quadrilha Estrela Junina e do Postulado de Oração do coração de Jesus).

Essas diferenças, no entanto, não geram tensões que tomem proporções maiores, porque há uma aproximação, uma familiaridade, uma Estrutura de sentimento (WILLIAMS, 1969) muito forte pautando-nos aqui nos Estudos Culturais.

Por conta disso, a concepção de experiência assumida nesta pesquisa é a mesma apresentada por Larrosa, uma vez que os professores da Educação Básica, alguns com maior evidência, procuram se engajar nas práticas iniciadas pelas aposentadas, quando ainda eram suas professoras. Em outros casos, as convivências no trabalho, também desenvolvidas na igreja e nos grupos folclóricos serviram para que o saber da experiência criasse diferentes oportunidades, para que as aposentadas, mesmo inconscientemente, projetassem suas vidas nesse percurso, conseguindo influenciar as escolhas profissionais de alguns dos seus alunos que, assim como o grupo, já procuram conciliar vida escolar e vida social.

3.4- Trabalho, Aposentadoria e velhice

Em função de ter optado por analisar a continuidade no investimento profissional de professoras aposentadas que atuam em prol das vilas onde residem, que se envolvem em práticas socioculturais, por isso consideradas ativas, em detrimento daqueles que não

seguiram o mesmo caminho, não poderíamos passar distante de uma reflexão, ainda que breve da noção de trabalho.

Na busca pelos sentidos cunhados ao trabalho, Frigotto traz para discussão o levantamento feito por Williams (2007), na linha dos estudos Culturais apontando que existia “forte relação entre trabalho e labor (*labour*) em seu sentido medieval de faina e de dor”. Assim, o trabalho estaria ligado a algo ruim e quem se destinava a isso eram os escravos. Já no século XIII, “os trabalhadores manuais receberam a designação de *laboures* (trabalhadores, operários) e a oferta desse tipo de trabalho generalizou-se como mão-de-obra (*labour*), desde o século XVII. *Trabalho* adquiriu, então, um sentido mais geral de atividade” (p. 8”).

Com o advento do capitalismo, os termos trabalho e emprego diferenciaram-se, posto que trabalho está associado a quem possui emprego, deixando as outras atividades delegadas ao “não trabalho”. Trabalho e emprego se vinculam à produtividade do mundo do capitalista, tudo mais que não produz mais valia é considerado como ócio. Então, poderíamos considerar que a palavra trabalho, utilizada pelos sujeitos da pesquisa aqui apresentada, mesmo atrelada a um serviço que tem sua validade naquelas comunidades, é uma atividade, quando analisada na lógica do mercado. Acrescente-se a isso o que vimos discutindo a respeito do saber da experiência, em que a lógica da informação articulada ao mundo do trabalho não favorece a construção de experiências que acontece na vida dos sujeitos. Isso nos leva a crer que os saberes compartilhados entre aposentadas e professores da Educação Básica não assumem nessa lógica mercadológica um caráter legítimo de saber.

O vínculo que esta noção de trabalho adquire no mundo neoliberal estabelece relação direta entre profissão e produtivismo, aproximando-se da noção de trabalho problematizada à luz das teorias marxistas, considerando-se que “as mudanças nas formas de trabalho constituem os indicadores básicos da mudança das relações de produção e das formas sociais em geral do intercurso humano. O trabalho é, portanto, o fundamento antropológico das relações econômicas e sociais em geral” (MARX, 1996, p.22).

Desse modo, caberia aqui discutir em que medida as práticas desenvolvidas pelas aposentadas lhes garantem *status* pelo fato de ainda trabalharem em prol de seus contextos. Ou seja, para além da existência de uma forte Estrutura de sentimento de valorização, de reconhecimento dos saberes do grupo de aposentadas, permeado de conflitos que os saberes desse grupo provocam no contato com os docentes da Educação Básica, há um fato

determinante para o reconhecimento social daquelas professoras aposentadas que reside no aspecto produtivo, como evidenciamos na narrativa de Andréia:

“[...] mesmo antes da aposentadoria deles eu já via... assim... esse lado de contribuir. Depois que se aposentaram, metade, vamos dizer que 50%(cinquenta por cento) continuaram o mesmo caminho, melhor ainda, tomaram a liderança pra si e fizeram o melhor, outras deixaram a desejar, questão de se dedicar a vida doméstica de ficar na casa, cuidar do marido. A gente percebe que alguns já fazia[m] o trabalho [...]” (Andréia, docente da Educação Básica, integrante da Pastoral da criança, ex-aluna de algumas aposentadas).

O grupo ainda consegue atender às necessidades do tipo de mercado existente nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins perpassando por esferas públicas como a igreja, a escola e os grupos culturais onde os saberes advindos da profissão e das relações, estabelecidas com diferentes públicos e contextos, ao longo de suas trajetórias, encontram espaço favorável por razões diversas. Dentre estas relações destacam-se o trabalho voluntariado das aposentadas, a solidariedade, a disponibilidade para as atividades, o conhecimento que possuem a respeito das vilas e o nível de interação que têm com os docentes da Educação Básica, que constituem o segundo grupo de maior ajuda nesses tipos de práticas. Acrescentamos a isso o fato de muitos docentes da Educação Básica já manifestarem, em suas narrativas, desejos de se dedicarem mais ainda a esse tipo de trabalho. Esse é o termo que sempre utilizam, quando inquiridos sobre o que vão fazer, quando se aposentarem.

A partir do perfil apresentado, verificamos que o grupo de aposentadas reúne condições favoráveis para assumir as funções oferecidas por aqueles contextos. Por isso, é relevante refletir que o reconhecimento pauta-se em motivações que evidenciam as considerações que a comunidade (pais, ex-alunos, alunos, docentes, lideranças religiosas, culturais, administrativas) faz a respeito do que é aposentado. Essas considerações se assemelham bastante à maneira como o mercado neoliberal procura construir a imagem do aposentado: como inválido, sem condições de seguir produzindo, ausente dos engajamentos sociais, por isso não teria mais direito à voz e à vez. Ou seja, não poderemos desconsiderar que, mesmo em comunidades mais locais como as selecionadas para esta pesquisa, os ditames do mercado chegam e ganham espaço nos modos de vida dos sujeitos que estão conectados com o mundo, por maiores que sejam suas dificuldades de acesso. Então, ao valorizar o grupo que ainda trabalha, as comunidades tendem a depreciar os aposentados, por meio de comentários, por terem optado por outros encaminhamentos a partir da aposentadoria,

inclusive, alguns desses docentes que tiveram uma trajetória muito semelhante ao do grupo em que ainda atuam.

Em direção similar, Frigotto (2009, p.1-2), ao tratar da questão da polissemia presente na categoria trabalho, engaja-se nos estudos de Marx apontando que

não é a consciência, a teoria e a linguagem que criam a realidade, mas elas são produzidas dentro e a partir de uma realidade histórica, sendo e tornando-se, porém, elas mesmas parte dessa realidade. Daí que, para Marx e Engels, nenhuma ideia, preconceito, ideologia ou teoria deve deixar de ser examinada, já que todas elas se constituem em elementos constitutivos da realidade e parte de determinadas práxis (alienadas ou críticas).

Desse modo, o autor mostra que o trabalho assume sentidos e significados, de acordo com as relações sociais estabelecidas ao longo do tempo. A partir dessas considerações, entende-se que as questões ideológicas fazem parte dessas relações, portanto, ao falar em trabalho, requer que se leve em conta os interesses de classe e de relações que se travam no jogo do poder. Além disso, os sujeitos situados, nos mais diferentes espaços sociais, dialogam com determinadas lógicas, como a do mercado, em que a relação de produção está atrelada às condições físicas para tal, assim como autorizadas institucionalmente da maneira como vimos apresentando.

Assim, os sentidos e significados assumidos pelo grupo de aposentadas possuem diferenças, ao apresentarem sua trajetória profissional e a trajetória de engajamento na vida em comunidade. Aquela é tida como necessidade de prover a família e de satisfação pessoal em outros casos, nesta há referências ao desejo e escolha própria, fonte de inspiração e de entrega. O interessante é observar como nas diferentes situações, a palavra escolhida é trabalho.

Para ampliar as questões trabalhadas e nos determos mais no trabalho docente, Guimarães (2009) mostra as contribuições dos trabalhos de Tardif (1991, 2000, 2002), considerando que, para esse autor, o trabalho exerce forte influência na formação docente, bem como na sua constituição identitária, mobilizando e construindo saberes. Assim, ele elege a categoria tempo para compreender as maneiras como os saberes se constituem, ao longo dessa profissão. Observamos que, no decorrer da formação inicial e continuada instituída, os professores interagem com diferentes práticas escolares, oriundas de diferentes esferas comunicativas, por onde circulam e que revelam desse profissional/sujeito, uma vez que, ao tratarmos da identidade docente, verificamos que ela é prenhe de um estar por vir, de acordo com os papéis sociais assumidos pelos sujeitos.

Isso nos indica que o tempo, fator também a ser levado em conta, ao tratarmos do saber da experiência, assume papel importante para que esse profissional se assegure dos papéis sociais a serem assumidos no espaço da docência, em especial, o engajamento social, político e cultural que a profissão suscita. Há necessidade de se pensar, aprimorar, pôr em xeque as contradições, projetar, retomar e ampliar conhecimentos que poderão ou não ser tomados como referências e que acontecem na vida (pessoal e profissional) desses sujeitos de modo a impulsioná-lo, dentre outros aspectos, a emancipação humana.

Tardif e Lessard (2002) discutem também a docência como “*trabalho interativo*”, por considerarem que há saberes que se formaram nas tramas construídas na fase escolar. Os repertórios são acumulados ao longo do tempo, nas relações com os alunos, nas superações, nos enfrentamentos e na ressignificação das adversidades, impostas pelos contextos de atuação, nem sempre solucionadas, a partir dos conhecimentos sistematizados na formação inicial ou na continuada. Desse modo, no que tange aos sujeitos desta pesquisa, a trajetória profissional das aposentadas poderá mostrar, com maior clareza, os sentidos e os significados que a profissão assumiu para o grupo de aposentadas, ao longo desses anos, principalmente, quando conciliavam docência, vida familiar e vida em comunidade, porque, ao levarmos em conta a constituição identitária e os saberes construídos na experiência com os contextos. Esses papéis sociais assumidos tendem a convergir, formar um amálgama no qual o sujeito evidencia aqui e ali experiências de diferentes ordens, para atender a determinadas situações.

O grupo também estabeleceu com muitos de seus educandos interações para além do espaço escolar. As aulas de catequese, a coordenação da Pastoral da Juventude, dos grupos de orações, dos ensaios das quadrilhas tiveram esses alunos como colaboradores, conforme as horas vagas que possuíam. Aqueles momentos serviram não apenas para que as docentes atendessem às demandas das ações previstas, mas também para afinar laços, construir uma estrutura de sentimento que na perspectiva cultural de Williams (1977) se mostra como uma possibilidade imbricada de rigidez instituída pelas representações homogêneas, rígidas de uma sociedade e de uma flexibilidade, de uma movência pautada nos sentimentos, nas experiências vividas em diferentes esferas públicas e em situações de interação (ensaios, eventos religiosos, eventos cívicos, dentre outras) apresentados em determinados aspectos na seguinte narrativa:

“Esses professores aposentados daqui da nossa vila... eles/eles sempre des/eles/participam assim da::a igreja... eles participam também juntamente com a/os professores lá na escola... e::eles sempre eles se preocupam juntamente com os

professores com a comunidade geral né em participar de vários eventos que tem na comunidade é::é... momentos cultura::ais, religiosos... eles sempre estão...juntamente com a comunidade escolar e::e também na vida religiosa de/da nossa vila também, sabemos que a nossa vila é pequena aqui né e eles se preocupam...com a gente” (George, Docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, líder comunitário na vila do Carmo do Tocantins).

Observamos também nos estudos de William (1977) que ele se apropria do conceito de cultura em sentido amplo, utilizando-o para embasamento de análises centradas nos estudos literários e nos da comunicação. Tentaremos, então, articular esse conceito à análise do discurso e à Educação, para discutirmos as relações estabelecidas. Por isso, por mais que exista a força da tradição procurando dar um tom homogêneo, diante de novas propostas de se realizar determinadas ações, os laços de sentimento das educadoras, negociam as tensões, mas há um hibridismo na parceria entre aposentadas e docentes.

Por conta disso, por mais rígido que seja um sistema, na perspectiva cultural, ele estará sujeito a negociações, a diálogos que favoreçam o processo de constituição docente. Requerendo o saber da experiência, o trabalho ganha sentido e significado para além da mera relação mercadológica. Assim, não exclui, nem se confronta no sentido de anular o diferente. Segundo Gomes (2011, p.32) “A articulação entre a mudança social e a mudança cultural é o desafio central que Williams quer enfrentar com a formulação da noção de estrutura de sentimento”.

É nesse diálogo que se dá o consenso e que, no caso dos sujeitos pesquisados, há uma seleção dialógica entre aposentadas e docentes cuja formação inicial e continuada diferem bastante das que receberam aquelas mulheres. Elas, por sua vez, se apropriam do novo para projetar a vida em comunidade e seguir com o *status* que conquistaram, durante o exercício da docência. Por mais que as aposentadas não constituam um público em condições de trabalho, uma vez que a aposentadoria marca, em larga escala, a incapacidade para atender às demandas do mercado, em contextos mais urbanos, é essa interação construída nas comunidades que as torna detentoras de um saber, que as singulariza diante das representações de que o aposentado é um ônus para a sociedade. Esse pensamento se reflete nas políticas públicas como mostram os estudos de Vitta (2009), quando relaciona o envelhecimento à capacidade para o trabalho, assim como a qualidade de vida no trabalho. O autor afirma que há diferentes aspectos a se analisar, para que se defina até que ponto há limitações físicas e em que medida há real impedimento de trabalho na velhice.

Bragança (2004), ao tratar de professores aposentados do ensino superior, norteadas pelas pesquisas de Simões (2000), enfatiza que a seguridade social instaura-se, para dar conta

dos gastos sociais, de acordo com os direcionamentos econômicos. O reflexo disso também afetou a questão da aposentadoria como uma das formas de ajustar o setor público, a partir de 1998, às necessidades/demandas do capitalismo, organismos internacionais (FMI, BANCO MUNDIAL, etc.). A previdência social foi um dos principais setores afetados por órgãos, mesmo indo contra determinados princípios da constituição de 1988, ao infringir algumas das questões de trabalho. No caso dos sujeitos da pesquisa de Bragança, percebeu-se a corrida desenfreada pela aposentadoria precoce, constituindo uma população ainda na Idade Madura, mas que se viu motivada a solicitar a aposentadoria pelos indicativos de perdas salariais em função das reformas no sistema de aposentadoria.

Bragança (2004, p. 24) aponta ainda que diante desse cenário

[...] os indivíduos passam à condição de ex-trabalhadores, vindo surgir um conjunto de valores e práticas de exclusão cultural e social. Esses indivíduos, além de não mais fazerem parte da população economicamente ativa, são vistos agora como velhos que precisam ser mantidos pela sociedade.

Desses valores decorrem preconceitos não apenas em relação ao que os indivíduos fazem e dizem considerando-se a inatividade ideologicamente criada e reiterada no mercado de trabalho. Mas também, defendemos que eles não se aposentam da vida, dos sonhos, apenas ressignifiquem os mesmos no sentido de manter o direito ao dizer e refazer suas realidades, criando estratégias para manterem-se ativos, seja por meio do voluntariado seja por meio do trabalho remunerado (este bastante motivado pelo complemento às despesas domésticas) diante da realidade apontada em cada contexto, como ocorre nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

Contraditoriamente, esse mesmo mercado que produz a desvalorização profissional do aposentado passa a estimular o investimento desse público nos cuidados com lazer e estética, por exemplo, para que se amplie o mercado consumidor deste campo da produção. Isso comprova, nos dias atuais, o fato de que o processo do envelhecimento, a velhice e a aposentadoria vêm ganhando visibilidade e despertando interesses em diferentes áreas do conhecimento, principalmente, naquelas que não tratam apenas das perdas em nível fisiológico e biológico (ALENCAR, 2007).

A justificativa é que houve um aumento da expectativa de vida mundial, impulsionada pelo avanço tecnológico, pela diminuição da fecundidade, fazendo com que surgisse no cenário urbano a presença de velhos e velhas, apresentando novas formas de sociabilidade e de organização (BARROS, 2006). No entanto, Alves (2008) mostra que há uma tendência em criar uma identidade social para a velhice, associando o envelhecimento à

aposentadoria. Para muitos estar aposentado significa sair da fase produtiva e ficar ocioso, uma vez que “A aposentadoria decreta funcionalmente a velhice, ainda que o indivíduo não seja velho do ponto de vista biológico, é uma forma de produzir a rotatividade de mão-de-obra no trabalho” (ALVES, 2008).

Entretanto, temos que ponderar o fato de o grupo de aposentadas ser valorizado, porque atendem às demandas do mercado. É muito por conta disso que elas são referendadas, pois a lógica capitalista gira a favor do capital acumulado. No caso das comunidades estudadas, isso não daria conta porque as práticas socioculturais planejadas, coordenadas e desenvolvidas em grande parte pelas aposentadas não são remuneradas pelo poder público ou por qualquer outro segmento da sociedade. O voluntariado é uma tônica nas ações desenvolvidas não só por esse grupo, como também pelos docentes da Educação Básica, como sinaliza dona Elizabete:

“Eu to trabalhando o pagamento é apenas a graça de DEUS, não recebo. Eu digo: estou aqui até quando ela quiser...” (Secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas).

Para avançarmos na discussão da temática do aposentado e suas relações com o trabalho, precisamos reiterar que as aposentadas selecionadas para esta pesquisa se encontram na faixa-etária entre 53 a 76 anos. Dessas, 50% pertencem à Idade Madura (40 a 59) e o restante pertence à Velhice, se pautarmos nossas considerações nos estudos desenvolvidos por Neri e Freire (2001). Se observarmos que muitas já estão aposentadas por volta de 10 anos, isso indica que elas se aposentaram ainda no início da Idade Madura, portanto, ainda muito jovens, se compararmos ao critério atual do sistema previdenciário. Segundo Debert (1999, p.28), no período anterior a 1998, “a aposentadoria seria concedida dentro das seguintes categorias: especial, por idade, por tempo de serviço, compulsoriamente, proporcionalmente ao tempo de serviço e por velhice”. Nessa aposentadoria precoce recorrente na década de 1990, a ‘escolha’ pela aposentadoria é forçada por elementos situacionais, não pelo desejo dos sujeitos que ainda se consideravam aptos ao trabalho. A consequência é termos um grande número de pessoas aposentadas, mas que decidem retornar ao trabalho. Hoje o fator idade, mesmo tendo atingido o tempo mínimo de contribuição, não permite a aposentadoria, pois entendemos que ainda é possível continuar produzindo.

A maioria das aposentadas da pesquisa começou a trabalhar muito jovem, por isso não se encontram na fase da velhice atualmente. Esse fato pode ter contribuído para que elas, ao se aposentarem tenham optado por descansar durante um determinado período e projetar

novos encaminhamentos para suas vidas, pautando-se na continuidade ou engajamento no desenvolvimento das práticas socioculturais em prol daqueles territórios. Isso é pertinente, porque há alguns casos nos quais as aposentadas demonstram uma tendência a tomarem outros caminhos, quer em termos de projetos a favor do convívio familiar naqueles contextos ou fora deles, como foi o caso de dona Priscila:

“Direto aí eu senti mais um alívio e tinha mais tempo pro meu filho né... até que eu pensava mudar com meus filhos pra Belém que tenho sete filhos né... aí só tem que meu marido não quis me acompanhar né... aí a gente ficou por aqui e a gente tá nessa aqui. É eu vou lá passear com eles volto e aqui quando me dar saudade eu vou... eles vêm aqui me visitar e aí eu fiquei nessa só tratando de casa e dos netos” (Priscila, aposentada, integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

Verificamos ainda que ser aposentado, ao nos determos na perspectiva traçada por Bulla e Kaefer (2003, p.1-2), significa, dentre outros aspectos alterar a vida pessoal e profissional, pois:

Os processos de envelhecimento e de aposentadoria ocorrem de maneiras diversas, apresentando múltiplas interfaces, que estão relacionadas às mudanças na vida social e no mundo do trabalho, à reorganização da vida familiar que se presencia na sociedade contemporânea, ao convívio, dentro e fora do trabalho, à rotina laborativa, aos papéis sociais desempenhados, ao *status* do sujeito, ao modo de ser de cada um, aos projetos de vida e a muitos outros fatores.

As autoras evidenciam as estreitas relações entre vários aspectos que envolvem envelhecimento e aposentadoria, encaminhando uma discussão no sentido de analisar a maneira com que o sujeito, em dadas condições sócio-históricas, se relaciona com o trabalho. Nessa perspectiva, os sentidos e os significados atrelados à ocupação profissional devem ser analisados em função das trajetórias de vida e dos espaços por onde o sujeito circulou. Não se toma como partida as motivações pessoais tão somente, mas como se viveu a docência e os processos interativos decorrentes das necessidades de desenvolvimento das ações exigidas pela profissão.

As estudiosas sinalizam também que, no contexto brasileiro, as experiências dos idosos são bastante desvalorizadas. Por conseguinte, quem se aposenta tende a ser considerado como “improdutivo” e “dependente” como vimos discutindo. A aposentadoria aparece, nesse processo, contraditoriamente, como um benefício, um prêmio pelo trabalho realizado durante anos da trajetória do sujeito, mas que ‘autoriza’ a sociedade a construir representações negativas em relação aos que a recebem, mesmo que eles ainda estejam na Idade Madura, quando consideramos os tipos de aposentadoria existentes no Brasil. Um fato interessante a considerar é que a literatura que trata de sujeitos aposentados realça a área da

saúde ou da assistência social, centrando o processo de envelhecimento do ponto de vista físico e mental dos idosos.

Debert (1999) destaca um aspecto que ganha força nos noticiários focalizando a violência física, o descaso dos familiares, a apropriação indébita dos mais diferentes tipos, práticas que mostram as maneiras como os velhos são tratados. O poder público também incorre nesse tipo de violência, mas de forma legitimada pelas normas que regem a aposentadoria que se tornou um problema a partir da implementação do capitalismo. Ou seja, o processo de envelhecimento foi associado de maneira unilateral à velhice, ao final de uma etapa produtiva do sujeito, como se o valor do ser humano se restringisse à sua condição de força de trabalho. Entretanto, este quadro pode se reverter se entendermos que aqueles que estão na fase da aposentadoria não são inúteis, na medida em que podem ainda contribuir com a sociedade, principalmente, a partir das experiências acumuladas, uma vez que o envelhecimento não deixa de propiciar oportunidades de novas habilidades e de novos conhecimentos, cuja validade não pode ser medida com os critérios do mercado usar com o reconhecimento de que há experiência produz saberes humanizadores.

Para Simões (2002) há a convivência de percepções ou construções de imagens que associam o envelhecimento à aposentadoria, assim como a de que a aposentadoria é uma premiação. Por isso, o sujeito pode aproveitar bastante o tempo de vida que lhe resta se beneficiando das promoções implementadas pelo mercado do turismo, por exemplo, que já verificou o quanto esse público tem crescido e se tornado um dos objetos de marketing e, em muitos casos, de manipulação por parte do mercado consumidor como é o caso das financeiras, planos de saúde e tantos outros em função do avanço na expectativa de vida.

Esses tipos de postura acabam por delegar aos sujeitos a responsabilidade do cuidar de si mesmo, para ter melhores condições de vida na Terceira Idade. Desse modo, as futuras gerações deverão encontrar estratégias de como se relacionar com o processo de aposentadoria, sabendo-se que isso não se afastará das condições impostas pelos ritmos políticos, econômicos e sociais.

Debert (1999, p.36) contesta o fato de que:

[...] o indivíduo é valorizado pela sua capacidade para o trabalho, e desta forma aqueles que se tornam improdutivos para o sistema se sentem discriminados. A equação trabalho-velhice- aposentadoria se torna a expressão da perda de *status*, de prestígio e, principalmente, de poder.

Desse modo, não se pode pensar em aposentadoria sem associá-la à questão da velhice e do trabalho em função da sociedade capitalista na qual estamos inseridos. Por isso, é interessante discutir de quais maneiras diante das formas como a sociedade capitalista lida com os aposentados, e, se nos contextos pesquisados isso se apresenta de forma inversa ou ressignificada. É importante se pensar nisso, visto que os aposentados que não participam desse grupo são considerados inativos, descomprometidos com as ações das comunidades, conforme os moradores relataram. Além disso, traz para discussão o que Neri (2003) trata como ‘tempo livre’ alertando para o fato de que este pode ser desdobrado em tédio, pois não há uma preparação adequada para viver esta etapa da vida.

Segundo Deps (1994, p.1), a aposentadoria é tratada como um evento de transição, pois “[...] prevê um período de preparação, de socialização antecipatória, em que a pessoa tende a se aproximar de outras, vivendo a mesma experiência, ou então de outros aposentados, em busca de modelos e de interlocutores, para a troca de experiências e de antecipação de papéis”. Esse processo é difícil para alguns sujeitos, tendo em vista que mesmo diante de uma euforia inicial em se sentir livre da carga de trabalho, horários fixos e que os afastavam do lazer e dos cuidados com a família, os sujeitos passam a perceber a falta de atividades para ocupar o tempo.

Para a autora, apoiada nos estudos de Braithwaite e Gibson (1987), o impacto da aposentadoria apresenta-se de duas formas, a saber: nas teorias antigas em que ela é ora uma crise em função da ‘ocupação’ que o sujeito possui na sociedade e que se vê sem tal ocupação; ora referente ao fato de que a realização de outras atividades ainda não vivenciadas no período em que trabalhavam serão possíveis durante a aposentadoria. Conceber a aposentadoria enquanto transição aproxima-se da discussão proposta neste estudo, posto que o grupo de aposentadas opta por determinados encaminhamentos para suas vidas apoiando-se nas práticas socioculturais. São maneiras de lidar com o tempo ocioso e de se preparar para uma nova fase. Ou seja, há casos de aposentadas que só se viram em melhores condições de desenvolver tais práticas, após conseguirem a aposentadoria, como foi o caso de dona Beatriz que se dedicou à igreja. Por outro lado, dona Elizabete narra:

“Eu não fiquei aqui e dizia que quando me aposentasse, eu ia viajar fazer corte e costura e fui embora pra Cametá com problemas, problemas particulares e passei mal, mal, mal. Era só assistir televisão e fazer crochê.”
(Elizabete, secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas).

Verifica-se que, mesmo não havendo programas de preparação para a aposentadoria, as trajetórias (pessoal e profissional) e os sentidos atribuídos à aposentadoria poderão ajudar os sujeitos a tomarem diferentes caminhos, inclusive, o isolamento. Nos contextos onde pesquisamos, o grupo de aposentadas passa por uma fase de êxtase com a notícia da aposentadoria procurando cuidar de si e da família durante um determinado período. Posteriormente, retoma as atividades em diferentes esferas públicas com outros projetos ou ampliando os anteriores. As estratégias que cada uma utiliza para essa retomada pauta-se em desejos guardados, ao longo do exercício profissional, e que ganham espaço favorável diante do tempo extra fornecido pela aposentadoria. As aposentadas, talvez de maneira inconsciente, fazem intervenções que lhes garantem um processo de transição entre a fase pós-docência e a vida de aposentada na qual fica evidente a continuidade no investimento profissional, ao atuarem em prol dos seus contextos.

Debert (1999) considera que o aposentado se vê diante de um tempo ‘extra’ que lhe é concedido, ao enfatizar as relações existentes entre vida produtiva e poder, respeito e *status* social. Entretanto, mostra-nos as consequências (depressão, por exemplo) de uma aposentadoria sem planejamento, observando o quanto isso reflete na identidade do profissional, ou melhor, do ex-profissional. Além disso, é preciso lembrar a imbricação forte que há entre ciclo de vida, escola e trabalho no desenvolvimento humano. Ou seja, essas são consequências possíveis para aqueles que não se ocupam de uma atividade durante a aposentadoria, sejam atividades de lazer, de engajamentos em ações em sua comunidade, sejam atividades outras que possam contribuir no sentido de manterem uma vida ativa, como o que discute Deps (1994, p. 05), ao considerar que a “aposentadoria significa ruptura com atividades profissionais desempenhadas, ocasionando afastamento e redimensionamento de natureza interpessoal, bem como novas formas de ocupação do tempo, e conseqüentemente, novos comportamentos e novas auto- percepções”.

A importância disso é se discutir, por exemplo, o fato de que dependendo da postura que o indivíduo possua diante do ‘papel ocupacional’, o momento da aposentadoria pode se transformar em algo ameaçador ou não, levando os sujeitos a buscarem ocupações para dar conta de algumas necessidades, sem se esquecer de aspectos econômicos, políticos ou outros que influenciam nesse processo. Nesse sentido é que podemos considerar a aposentadoria como um processo complexo que ocorre com os sujeitos, em determinada fase de suas vidas. Por isso, é relevante analisar as formas de se lidar com esse acontecimento, uma vez que, ao se encarar a aposentadoria de forma ativa, esta pode se dar por engajamentos em novos

projetos de vida, cuidados com a saúde, novas experiências em função da disponibilidade, investimento nas alternativas de lazer o que pode contribuir para a construção de uma velhice bem sucedida.

Tratando-se de um grupo de ex-professoras ainda inseridas em plenas atividades em prol de suas comunidades, verificamos indícios de que as ações desenvolvidas levam-nas a ter uma aposentadoria marcada de sentidos, principalmente, porque suas ações se apoiam nas suas experiências da docência. Daí admitirmos a capacidade que o grupo tem de ressignificar as representações que se têm da aposentadoria numa sociedade produtivista como a nossa.

Há estudos como o de Mignot (2003) em que os aposentados procuram ocupar o espaço da solidão de diferentes maneiras. Por exemplo, há professoras aposentadas que escrevem a respeito de suas trajetórias profissionais, para deixar suas lições para gerações futuras, como foi o caso da pesquisa desenvolvida pela autora. Ao observarmos que as aposentadas demonstram satisfação no engajamento das práticas socioculturais que desenvolvem nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins é que defendemos a pertinência de discutir o envelhecimento humano bem-sucedido (ANDRADE, 2010), com estudos pautados em Paul Baltes (1990) por considerar que o envelhecimento faz parte de uma realidade e como tal precisa ser analisado sob os aspectos históricos e culturais. Assim, ele defende que não é um fator apenas biológico que explica o envelhecimento humano, mas é importante considerar outros fatores, os quais só passaram a fazer parte das discussões teóricas na década de 80 do século passado, a partir dos estudos no campo da Sociologia. Dessa maneira, conceber a velhice como estágio final da vida, excluir o velho de determinados espaços e eventos socioculturais, por exemplo, são atitudes que existem por motivações preconceituosas.

O autor baseia-se nos estudos de Baltes (1990) a respeito do curso de vida²⁰ que mostra a possibilidade de se analisar o processo de envelhecimento como um equilíbrio entre ganhos e perdas. Assim, ao defender a velhice bem-sucedida, Andrade aponta que há alguns

²⁰ A Teoria do Curso de vida surgiu na década de 70 como uma forma alternativa de se analisar o processo de envelhecimento. Precisamos observar aspectos biológicos e sociais ao analisarmos o desenvolvimento humano. Desse modo cada sujeito, conforme sua trajetória responderá de maneira diferente aos estímulos dos contextos por onde circular. É importante estar e ser flexível a diferentes contextos de aprendizagem. Segundo Baltes e Baltes (1990 apud ANDRADE, 2010, p. 19) “a idéia do curso de vida para o estudo do envelhecimento humano possibilita superar a visão que tradicionalmente vem sendo delineada a respeito da velhice, que comumente a considerava como uma fase de perdas e decadência”. Nesse sentido, a referida teoria mostra que apesar de determinadas limitações físicas, em especial, os sujeitos podem compensá-las a partir de outros recursos de modo que a velhice não os torna inválidos.

aspectos que devem ser considerados, tais como: termos disponibilidade para nos envolvermos com a vida; possuímos capacidades cognitivas necessárias e praticarmos atividades que nos favorecem o bem-estar físico. Dessa maneira, fases que procuram dar conta disso, a saber: a) seleção, b) otimização e c) compensação. Muitos desses aspectos são valorizados, a partir das experiências educativas praticadas no contexto escolar ou fora dele, proporcionando bem-estar aos sujeitos, durante suas trajetórias. Tais experiências ganham sentidos e significados para o cotidiano dos sujeitos durante a fase da velhice favorecendo assim uma velhice bem-sucedida.

Verificamos que viver bem durante o processo de envelhecimento significa ter a possibilidade de continuar a se desenvolver em todas as esferas humanas e não apenas nas orgânicas; significa ter a oportunidade de vivenciar novas experiências ou de ressignificar as já vividas e, conseqüentemente, alterar o estereótipo de que esta fase é de perdas e danos (ANDRADE, 2010).

É nesse aspecto que o trabalho de Andrade se aproxima de estudos que tratam do saber da experiência abordado por Larrosa (2002), quando ele mostra a importância do acontecer da experiência para a vida, para a emancipação pautada em experiências significativas e propositivas que evidenciem o contínuo desenvolvimento humano, mesmo com o advento da velhice que é apenas mais uma das fases desse desenvolvimento, como foi o caso, por exemplo, de dona Darcy e Roberto que se identificaram com a docência:

“foi uma profissão que me chamou a atenção, desde quando eu estudava né?. Eu assim... admirava os professores e aquilo foi me interessando e por isso eu optei pelo magistério. Dentro [dentre] de outras áreas foi a que eu me identifiquei mais” (Darcy, aposentada, integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista).

“Influencia, até mesmo porque a minha avó é uma professora aposentada né, se aposentou e ela foi uma pessoa que me influenciou bastante né...do/do modo como eu observo como ela é::é reconhecida aqui na vila... e isso fez/ me motivou pra que eu viesse pra esse lado dessa atividade pra que eu viesse desenvolver essa atividade educacional aqui dentro” (Roberto, docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, integrante da Quadrilha Estrela junina).

Por esse motivo, consideramos relevante analisar as práticas socioculturais, desenvolvidas pelo grupo de aposentadas mostrando como aquelas mulheres se utilizam de diferentes alternativas, para lidarem com esse processo de envelhecimento, procurando se manter socialmente ativas, exercendo autonomia e liderança na coordenação de boa parte dessas práticas, como também o desejo de permanência nelas. É nas práticas socioculturais

que encontram espaço para subverterem a lógica do aposentado assumindo outros papéis sociais.

A importância desse tipo de discussão ancora-se no fato de que a sociedade brasileira será representada, em pouco tempo, como uma sociedade de velhos com uma expectativa de vida superior ao que se tem notícia. Isso nos força a repensar as maneiras de lidar com esse grupo em função de sua complexidade (tempo livre, velhos com condições físicas mais favoráveis ao trabalho, mercado com pouca mão-de-obra qualificada para assumir muitas frentes de trabalho, falta de políticas públicas mais efetivas para dar conta dessa realidade).

Assim, torna-se pertinente considerar sujeitos que, apesar das adversidades e de poucas condições de programar a velhice, encontram nas atividades em prol das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins formas de lidar não apenas com o processo de aposentadoria, mas com o processo do curso de vida, imposto por esta fase circunscrita nos eventos normativos graduados pela história.

Observamos, assim, que aprender a ser velho na sociedade industrial é tarefa difícil, uma vez que para Bosi (1994, p.77-78) esse tipo de sociedade

rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho, ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de suas pessoas. O velho não participa da produção, não *faz* nada: deve ser tutelado como um menor.

Acrescente-se a isso o fato de que o velho é tratado como ônus para os governos, o que restringe as reivindicações a favor de uma velhice bem-sucedida, pautada em políticas públicas que definem a valorização do idoso. Suas experiências acumuladas, outrora valorizadas, por se considerar que o tempo só aperfeiçoava as mesmas é uma realidade distante, pois, conforme Bosi (1994, p 78), “Hoje o trabalho operário é uma repetição de gestos que não permite aperfeiçoamento, a não ser na rapidez. Enquanto o artesão realizava sua obra em casa, na oficina doméstica, o velho trabalhador tem que se deslocar”.

Por conta disso, a autora sugere que “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados com o que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos” (BOSI, 1994, p. 80) como forma de amenizar, driblar as consequências do tempo. Os danos do tempo são direcionados às mazelas, causadas pelo silêncio destinado

àquele que não se enquadra mais no perfil fabril. Desse modo, ele que vê na aposentadoria uma esmola, como ressaltava Bosi. Cada um busca novos encaminhamentos à vida, seja procurando realizar sonhos mais pessoais, seja engajando-se em metas e necessidades mais coletivas, como é o caso da maioria do grupo de aposentadas que foi selecionado para esta investigação.

Essas buscas criam condições para que o indivíduo se perceba enquanto sujeito histórico e realize reflexões sobre seus modos de viver em encontro/confronto com novas formas de ser e se coloque no mundo atual. Em outras palavras, as práticas socioculturais vividas pelas aposentadas são instrumentos, para analisarmos como as mediações atravessaram os sentidos atribuídos aos modos de se educar no presente.

No trabalho de Fortes (2008, p.161), é interessante trazer para discussão o fato de que

A aceitação da heterogeneidade da categoria social de idoso passa pela aceitação e respeito por uma aprendizagem ao longo da vida, excluindo preconceitos e estereótipos que enfatizam uma diminuição das capacidades de aprendizagem nos adultos e, principalmente, nos idosos, desmistificando assim que existam idades estanques para aprender, idades para trabalhar e idades para descansar.

Nesse encaminhamento, reinvestir na vida, mesmo diante do que a sociedade da produção procura instituir, é possível e não se destina a uma idade ou faixa etária específica. Há uma carga ideológica muito forte, para se conceber o aposentado como inválido ou paradoxalmente como alguém capaz, desde que invista na sua qualidade de vida viajando, cuidando-se, consumindo. Assim, só nesta segunda alternativa a sociedade passa a ver o aposentado como sujeito de voz e vez.

Observando a lógica capitalista não se pode deixar de lado as limitações físicas que os sujeitos adquirem ao longo da vida, por duas razões: 1^a) muitas limitações físicas decorrem das condições de trabalho inadequadas e da inexistência de uma política pública que atenda dignamente as pessoas, ao longo de suas vidas; 2^a) as restrições físicas apresentadas pelas pessoas para algumas atividades, certamente não terão para todas, se considerarmos que o mais importante é a sua inserção em atividades que dão sentido à sua vida e não ao mundo da produção.

Daí não permitir que elas sejam decisivas, por considerarmos que estão na Idade Madura ou na Velhice propriamente dita é indicador de capacidade menor de aprendizagem, como se os sujeitos não tivessem condições de avançar, de ressignificar e de desenvolver

estratégias de aprendizagem, de trabalho, de cuidados com a família e de entretenimento nas mais diferentes esferas de comunicação. Esses diferentes encaminhamentos criam condições favoráveis para o desenvolvimento desses sujeitos na interação com o outro, como é o caso das aposentadas.

Segundo Fortes (2008, p. 164), “[...] o reconhecimento desse outro assume-se com uma importância extrema. O reconhecimento de outrem é necessário em todas as fases da vida, mas nem todas as fases da vida são valorizadas e devidamente reconhecidas, sendo a velhice uma dessas fases”. Portanto, analisar o fato de o grupo de aposentadas projetar a vida se engajando mais ou iniciando esse processo a partir do tempo livre concedido pela aposentadoria, de maneira voluntária e se sentido bem, ao planejar e desenvolver as práticas socioculturais e as orientações aos docentes da Educação Básica, sem a necessidade de legitimar tais interações junto ao sistema de ensino de forma mais concreta, porque essa prática já se instituiu nas vilas. É importante frisar que muitos desses professores já mostram uma tendência em associar vida profissional, pessoal com a vida em comunidade, assim como a maioria do grupo de aposentadas realizou.

3.5- Ciclos de vida profissional

Na construção da temática da continuidade no investimento na vida, em especial, na docência por meio do engajamento nas práticas socioculturais e nas orientações aos docentes da Educação Básica, consideramos relevante abordar os estudos a respeito dos ciclos de vida profissional, desenvolvidos por Huberman (1992) que traz uma perspectiva mais ampla das discussões elaboradas por Silkes (1985), posto que este se detivera na idade cronológica dos professores. Huberman apresenta menos linearidade, mostrando as fases a partir do tempo de carreira no magistério e as denomina de ciclos de vida profissional.

Segundo Huberman (1992), a ideia de profissão residia na classificação clássica de “carreira”. Assim, há comparação de pessoas de diferentes profissões, percursos profissionais numa dada organização (ou muitas delas) e como as características dessas pessoas influenciam na organização e são influenciadas por ela. Ele se deteve na docência. Dessa forma, procurou observar as articulações da experiência de sala de aula e o desenvolvimento do indivíduo na idade adulta, procurando se apoiar, inicialmente, no que Fuller e seus colaboradores (1969) denominaram de fases da carreira:

a) A entrada– considera esta a fase de estágio de sobrevivência ou choque do real: enfrentamentos com as adversidades causadas pelo ambiente real do contexto de seu trabalho e de descoberta diante dos demais professores, de estar responsável por suas ações e pelos alunos. Essa fase congrega os diferentes perfis assumidos pelo profissional. Há o tema da exploração que “pode ser sistemática ou aleatória, fácil ou problemática, concludente ou enganadora” (HUBERMAN, 1992, p.39). Em se tratando do ensino especificamente, percebe-se que os parâmetros são impostos pela instituição em questão.

As experiências vivenciadas neste ciclo serão definitivas para que o docente continue na profissão. É nela que são colocadas em prática as hipóteses a respeito do muito que se discutiu na formação inicial e que, às vezes, entram em choque com as realidades (formas de avaliação, indisciplina dos alunos, as contradições entre os currículos e as práticas desenvolvidas, o distanciamento dos pais a respeito do processo de ensino-aprendizagem dos filhos, a concorrência profissional, a jornada intensa de trabalho, dentre outros) dos contextos de atuação do profissional. Por exemplo, ele pode ou não recorrer aos colegas mais experientes dependendo de como as relações são estabelecidas nos contextos, assim como do seu nível de amadurecimento e de engajamento com sua profissão. Ou seja, a tomada de decisões importante nesse tipo de profissão é permeada por diversos fatores.

b) Estabilização ou das opções provisórias – tomadas de decisões diante de si e diante da comunidade escolar, por meio de discurso e de práticas pedagógicas realizadas de forma mais segura. “Neste sentido, estabilizar significa acentuar o seu grau de liberdade, as suas prerrogativas, o seu modo próprio de funcionamento” (HUBERMAN, 1992, p.40).

É o ciclo que já demonstra as maneiras encontradas pelo profissional de intervir nas adversidades apresentadas, nos seus contextos de atuação. Ele procura planejar e executar ações que atendam às suas metas, pautadas naquilo em que acredita. Assume posições e as defende de modo mais assertivo. São comuns as atitudes de redimensionar as decisões, aderir a outras ideias sem considerar isso prejuízo, mas como estratégia que possa dar conta de situações inesperadas, durante o desenvolvimento de suas ações, fato que antes poderia causar pânico e recuo no trabalho.

Este ciclo de vida profissional caracteriza-se também por um maior rigor com tudo o que envolve o trabalho mais situado e com os direcionamentos governamentais. É recorrente questionar e criar posturas contra-hegemônicas mais intensas, por ter um conhecimento mais

amplo do processo educativo e das ideologias que permeiam o sistema educacional. Assim, ele procura desenvolver a consciência crítica em seus educandos e lidera determinadas ações que podem ultrapassar os limites do espaço escolar, em alguns casos, chegando a se engajar nos movimentos sociais ou ações de cunho mais amplo, situando-se no aspecto do gerenciamento educacional das comunidades, dentre outras possibilidades.

c) Diversificação: os percursos divergem a partir da estabilização. O autor, fazendo uso dos estudos de Silkes (1985), afirma que neste período, o docente assume um perfil bastante “ativista”, intervindo de forma mais incisiva em seus contextos e colocando em xeque as reformas feitas pelo sistema educacional, em diferentes esferas. Ou seja, mostra uma fase mais enfática em relação ao que passou a fazer ainda na fase anterior, só que com maior autonomia no que concerne ao seu processo de formação continuada e às ações.

Ao mesmo tempo, há um clima de rotina por muitos motivos, que vão desde as atividades realizadas até os embates diante das divergências com as situações impostas pelo sistema educacional e que são difíceis para se contornar. É comum na fase que vai dos 35 aos 50 anos (ou 15º ao 25º ano de carreira). Tal fase se caracteriza também pelas reflexões do docente em avaliar a vida tanto no aspecto pessoal quanto no profissional. Esta avaliação geralmente incide no tempo dedicado e na ausência para investimento que na vida familiar e no entretenimento. É nesta fase que o profissional pode enveredar por outras ações mais situadas ou não na docência e projetar a vida em metas mais pontuais, ou até mesmo implementar uma mudança considerável em termos da carreira.

d) Serenidade: apresenta-se como o resultado de uma sequência de questionamentos que ocorre por volta dos 45 aos 55 anos. Nessa fase, conforme os encaminhamentos de Huberman, há maior segurança nas atitudes tomadas. Por outro lado, diminui a ambição, há menos investimento e bastante tom de tolerância diante de seus alunos, assim como certo distanciamento afetivo dos mesmos. Isso talvez por conta dos choques de gerações. Eles se tornam mais contundentes com as atitudes dos educandos.

É a fase de maior reflexão a respeito da trajetória de vida pessoal e profissional com maior evidência de projetos desejados, desenvolvidos e nem sempre objetos de resultados positivos. O fato de conhecer bastante a rotina de diversas práticas pedagógicas, diferentes públicos (às vezes da Educação Infantil ao Ensino Médio) favorece o distanciamento e a tolerância diante de colegas, de alunos e de deliberações mais institucionalizadas em termos

de processos avaliativos e formação continuada. Ou seja, o profissional não se vê motivado a reagir de forma qualitativa, ao se deparar com os supostos desafios impostos pelas mudanças educacionais.

e) Conservantismo: este último ciclo ocorre entre 50 e 60 anos. É constituído por um forte dogmatismo, por resistência às inovações pedagógicas em função do alto nível de experiência. A partir disso, mostram-se pequenas as esperanças diante do futuro da educação e o comportamento do professor é marcado por uma nostalgia, ao se lembrar da trajetória profissional e pessoal. Além disso, ele avalia as perdas e os ganhos a favor da docência. Há uma caminhada em direção ao que o autor denomina “desinvestimento” por não haver mais a intenção de projetar-se. As preocupações que tomam conta dos docentes referem-se ao que farão a partir do tempo livre que terão, considerando que o sistema educacional não lhes mostra outras possibilidades de avanço ou de continuidade de investimento na profissão.

A tendência apontada nos estudos de Huberman concentra-se na relação entre idade e conservantismo, pois “sublinham a tendência, com a idade, para uma maior rigidez e dogmatismo, para uma prudência acentuada, para uma resistência mais firme às inovações, para uma nostalgia do passado, para uma mudança de óptica geral face ao futuro, etc.” (HUBERMAN, 1992, p.45) com o passar do tempo.

Os trabalhos de Lüdke (1996), situados no contexto brasileiro, tratam da temática do ciclo de vida profissional ratificando os estudos de Huberman, mesmo verificando que a saída do magistério em nosso país é mais precoce. Em termos de contextualização ao Brasil, Lüdke suprime uma etapa/fase, associando serenidade ao conservantismo (desinvestimento).

A partir da perspectiva apresentada nos estudos de Huberman (1992) e da observação das narrativas coletadas, durante as etapas da pesquisa de campo, verificamos que, apesar de nosso foco de estudo relacionar-se à fase ou ao ciclo denominado de conservantismo, ele é apenas base da discussão. Isso se justifica pelo fato de as aposentadas não estarem mais no exercício pleno da docência na qual se pauta o estudo apresentado. Outro fato interessante foi a recorrência nas narrativas à fase de entrada na profissão na situação em estudo, como mostram alguns trechos seguintes narrativas de dona :

“a relação é boa porque a gente pode repassar, agente apreende e a gente aprende. Eles procuram pra conversar, na casa da gente mesmo”, “O nosso trabalho é de muita orientação. Não é de remédio. Nossa vila muito carente e agora está

melhorando um pouco com médico. Graças a Deus a gente não encontra criança e sabe que perdeu por causa do trabalho com resultado” (Ângela, aposentada, ex-secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo inicialmente. Integra a Pastoral da Criança).

Desse modo, destacaram-se as narrativas dos docentes da Educação Básica, uma vez que, ao relatarem a importância das orientações do grupo de aposentadas, esses docentes evidenciaram que nesta fase se observa uma tendência de se apoiar nas suas experiências dos professores mais antigos ou de se buscar pelas lembranças das experiências vividas, no contexto escolar, ou em diferentes esferas públicas, que, de alguma maneira, poderão auxiliar na intervenção de situações de sala de aula. Isso é marcado em função do diálogo que estabeleceram com aquelas mulheres, tanto ao rememorarem o tempo em que eram alunos (não apenas na escola, mas na igreja e nos grupos folclóricos), quanto em compartilhar do trabalho que as aposentadas realizavam ainda no exercício da função ou no desenvolvimento das práticas socioculturais em prol das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

Essa socialização de saberes ainda na fase inicial da carreira pautou-se nas experiências vividas pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias de formação profissional e pessoal, para além dos muros da escola, inclusive, o fato de que algumas aposentadas foram decisivas para que os professores atuais optassem pela profissão. As orientações informais se tornaram mais favoráveis, a partir dessas experiências transformando-se em práticas bastante comuns a ponto de as aposentadas se sentirem à vontade em continuar frequentando a escola e intervindo nas ações planejadas, assim como no desenvolvimento das mesmas.

O fato de termos selecionado territórios de cultura locais, constituídos por um número de moradores relativamente pequeno, residentes naqueles lugares há bastante tempo e que foram partícipes em muitas das construções e organizações das esferas públicas, de forma mais direta ou não, criaram condições para que, em especial, os grupos de docentes da Educação Básica e as aposentadas realizassem o tipo de movimento em função das práticas socioculturais em parceria, pautados ainda na forte Estrutura de sentimento que atravessa essas interações. Esse tipo de encaminhamento pode não ser comum em contextos com características mais urbanas pelas interações ocorridas com menor cumplicidade, tempo e espaços ocupados pelos sujeitos. Essa situação só nos mostra que os modos de vida, os aspectos culturais presentes em determinadas comunidades estabelecem as formas com que os sujeitos vão se engajar ou não nas práticas socioculturais.

No que se refere ao ciclo do conservantismo ou serenidade (em termos de Brasil) que é a base de nossas discussões, poderíamos considerar que ele denota um final de carreira no qual as possibilidades de investimento inexistem pelas condições oferecidas pelas instituições de ensino públicas e privadas. Acrescente-se a isso as possíveis limitações físicas dos sujeitos, compreendidos na faixa-etária de 50 a 60 anos.

Entretanto, o grupo de aposentadas selecionado para esta pesquisa, mesmo se concentrando nessa faixa-etária atualmente (no Brasil, a aposentadoria ocorria com uma média de idade menor do que o da pesquisa de Huberman) poderíamos caracterizar como integrantes de um grupo na pós-docência que não se enquadra na pesquisa desenvolvida por Huberman (1992). Por outro lado, o fato de o autor ter delineado esse possível perfil do docente, poderíamos compreender que por serem aposentadas as condições e desejos de continuidade do investimento na docência seriam quase nulas. Em direção inversa, o grupo que se intitula como professoras aposentadas marcando a profissão continua a investir na vida, projetando-a nas práticas socioculturais que envolvem a igreja, a escola e os grupos folclóricos que ainda são os espaço por onde elas conseguem legitimidade, para exercerem suas funções pautadas nos saberes acumulados, ao longo de suas trajetórias profissional e pessoal.

Por conta disso, tornou-se pertinente discutir, a partir dos ciclos de vida profissional apresentados por Huberman, como acontece a continuidade do investimento na docência, tendo em vista que essas aposentadas, em determinadas situações, procuram talvez de maneira inconsciente, rememorar suas experiências do período em que atuavam em sala de aula, como se observa na narrativa de dona Darcy:

“[...] Apesar do meu problema de saúde, eu fico feliz, muito feliz porque o nosso trabalho é elogiado. Ficar em casa sem fazer nada e com a catequese parece que eu tô na escola. Estou ali trabalhando a palavra de Deus e já entro com a gramática no meio; se estão usando a palavra errada e parece que é sala de aula. Eu fico nessa quando estou na catequese. Na pastoral, nem tanto por que é outro público. Apesar do médico falar, mas eu me sinto feliz e acho que Deus quer que eu trabalhe e estou fazendo bem. Ele está feliz com meu trabalho e me sinto bem com ele”. (Darcy, aposentada, integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista).

O Ciclo de vida profissional, tal como tratado nos estudos desenvolvidos por Huberman (1992) favorece a discussão sobre as práticas desenvolvidas pelo grupo de aposentadas considerando-se que na constituição de suas identidades, elas se engajam em

diferentes esferas públicas que ainda reconhecem a relevância das práticas planejadas, coordenadas e desenvolvidas por elas, na maioria dos casos.

Verifica-se, no entanto, que essa divisão elaborada pelo autor pode incorrer em uma perspectiva de ciclo de vida bastante linear e determinista, do ponto de vista das relações de poder, porque se estabelecem padrões de comportamento questionáveis diante do que se pode observar nos contextos selecionados para esta pesquisa, uma vez que tomamos os sujeitos atravessado por aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais, conforme os modos de vida dos contextos. Assim, não há garantia da regularidade do Ciclo profissional apresentado nos trabalhos de Huberman (1992) no que concerne ao ciclo denominado conservantismo/serenidade. Por isso, há a necessidade de se ampliar a discussão dessa perspectiva, considerando que o grupo de aposentadas se encontra na fase que vai além da que o autor aponta como marcada pelo desinvestimento profissional. Seus modos de vida, suas experiências vividas evidenciam que há uma continuidade em projetar a vida de maneira a garantir, inclusive, uma velhice bem-sucedida, ao grupo de docentes aposentadas, sujeitos desse estudo.

Nessa direção, as professoras aposentadas procuram aprofundar seus conhecimentos (não apenas se detendo nos aspectos pedagógicos) para terem condições de intervir nas demandas, por exemplo, da Pastoral da Criança que exigem delas conhecimento de pesagem, orientação alimentar, controle de vacinas, além de um planejamento rígido, dinâmico e engajamento que destoam do ciclo elaborado por Huberman. Isso se explica, nessa situação de investigação, ao nos depararmos com sujeitos que se mobilizam em função de projetos coletivos, para solução de problemas não apenas de cunho curricular, mas cultural e social.

Ao considerar que as aposentadas exercem influências nas trajetórias pessoal e profissional, ou seja, nos modos de vida dos moradores, em especial, dos docentes da Educação Básica, pautadas nos saberes da experiência (LARROSA, 2002) acumulada nas interações que tiveram em diferentes contextos, nas esferas públicas das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, optamos pelos estudos desenvolvidos por Raymond Williams (1969), para fins deste trabalho, no que tange à perspectiva da cultura, enquanto modos de vida, nas experiências vividas.

Os trabalhos de Williams inseridos nos Estudos Culturais se mostraram como uma teoria interpretativista relevante, para analisarmos as narrativas coletadas, durante a pesquisa.

Segundo o autor, as experiências cotidianas precisam ser observadas porque é nelas que o sujeito também produz saberes. É neste ponto que os trabalhos a respeito dos saberes da experiência e da velhice bem-sucedida podem ser ampliados e compreendidos, uma vez que as experiências ganham sentidos e significados, durante as trajetórias desses sujeitos nos aspectos sociohistóricos e culturais. São as experiências vividas em diferentes esferas públicas, tempos e modos que poderão dar conta das maneiras de se projetar a vida diante do evento da aposentadoria. Assim, compreender o aspecto cultural daqueles contextos poderá nos auxiliar nas análises das narrativas dos moradores nas quais as práticas socioculturais desenvolvidas pelas aposentadas ganham maior destaque.

Assim, dentre as temáticas tratadas por Williams, para esta pesquisa, optamos por discutir os aspectos culturais da Estrutura de sentimentos, porque ela se concentra “[...] na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidência [...]” (p. 1997). Isso propicia que se estude com mais ênfase o processo cultural tal como ele se apresenta nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, bem como as relações que são estabelecidas entre as práticas socioculturais, os docentes da Educação Básica e demais representantes das comunidades locais. Desse modo, cabe analisar como os processos culturais acontecem nas vilas, o que marca, ritualiza, legitima as ações do grupo de aposentadas, garantindo-lhes uma imagem positiva, referendada junto aos moradores. Cabe-nos ainda observar como os saberes socializados pelo grupo norteiam, atravessam, matizam as formas de engajamento dos docentes da Educação Básica nas práticas socioculturais.

Costa et al (2003, p.54) apontam que na Educação, os Estudos Culturais “constituem uma resignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica”. Posto isso, em função das opções temáticas que fizemos, os Estudos Culturais nos ajudarão bastante na compreensão de sentidos veiculados às narrativas obtidas durante as duas fases da pesquisa de campo, uma vez que as professoras aposentadas constituem sua identidade, trazendo para cena um pouco de suas lembranças de suas trajetórias profissionais e de relações com as práticas socioculturais. Essas lembranças são favorecidas pela atuação que tiveram em diversas esferas públicas das duas vilas, pela participação nos espaços culturais mais distantes cujas interações foram permeadas por significados negociados, de acordo com os objetivos individuais e coletivos. Esses

significados são negociados em função dos sujeitos, do tempo, do espaço cultural e dos interesses que circulam.

Ao seguirmos com essa perspectiva, poderemos convocar ainda a discussão proposta nos trabalhos de Bakhtin (1986) que considera o fato de a identidade ser construída no imbricamento de muitas vozes que assumimos, conforme as experiências em que vivemos. A palavra como essencialmente dialógica materializa as escolhas, a subjetividade nas relações, as experiências históricas que o sujeito acumula, os modos como constrói seu projeto de dizer. Por isso, tornou-se pertinente analisar os efeitos das experiências vividas durante a docência e as ações desenvolvidas em prol das vilas, envolvendo ainda as vozes que aparecem nas narrativas dos docentes da Educação Básica. É nesse jogo de vozes que pretendemos compreender os significados produzidos sobre a atuação destas aposentadas, em diferentes esferas da vida humana.

Por outro lado, verificaremos que é na articulação da subjetividade presente nas relações que teremos sujeitos que projetam a vida a favor de sonhos e de necessidades mais coletivas ou não, negociando identidades, conforme suas interações. Assim, visualizamos as professoras aposentadas assumindo a identidades como docente da catequese, cantora das missas, divulgadora de eventos em homenagem aos padroeiros, acompanhante e incentivadora dos ensaios de quadrilhas, orientadoras de práticas educativas, coordenadora do Apostolado de oração, dentre outras. Movimento semelhante ocorre com os docentes da Educação Básica, como as narrativa de Fátima e Roberto apresentam respectivamente:

“Eles nos ajudavam, eles ficavam lá, acompanham ajudando, ensinando e com isso a gente foi ficando e estamos até hoje ainda são muitas as funções nas vilas”
(Fátima, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, desenvolve um trabalho com times de futebol com as crianças em vila do Carmo).

“Eu sinto a disponibilidade assim de alguns porque tem alguns que a gente sabe que quando eles se aposentam... eles se aposentam de tudo.... eles não querem mais... bateu a preguiça ali.... fazer mais nada e se torna até.... fica ruim porque alguns eles fazem isso e se distraem de certa forma não ficam de ficar todo tempo de come e dorme.... não tem atividade nem uma nem mais na igreja nem mais na escola...”
(Roberto, docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, integrante da Quadrilha Estrela junina).

Verificamos, então, que as docentes aposentadas têm suas orientações refletidas ou refratadas nas práticas/discursos dos professores da Educação Básica. Em outros momentos, ocorre o mesmo em relação aos demais sujeitos da pesquisa (pais/responsáveis, ex-alunos) e são referendadas como professoras, mesmo que na condição de aposentadas como profissionais que se destacam naqueles territórios de cultura.

A partir dessas considerações, poderemos analisar as narrativas que tecem sentidos ao trabalho das aposentadas também pautando-nos nos estudos bakhtinianos. Eles nos ajudam a compreender as identidades assumidas pelo grupo de aposentadas e como isso lhes garante uma velhice bem-sucedida, posto que trazem à cena experiências vividas pautadas em saberes que vão além daqueles legitimados pela sociedade da informação. Esses encaminhamentos poderão nos mostrar as marcas da identidade dessas professoras aposentadas e os indícios dos significados, dos alinhamentos que as práticas socioculturais desenvolvidas e orientadas por elas encontram ainda importância nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

SEÇÃO IV- Os sentidos da aposentadoria nas interações com as trajetórias históricas das vilas.

Nossas análises se desenvolveram, em especial, numa perspectiva dialógica, tal como postulada por Bakhtin (1986), considerando que a identidade se constroi no imbricamento de muitas vozes e vivências. Dessa perspectiva de análise dos discursos e das práticas dos professores da Educação Básica aparecem indícios de experiências compartilhadas das professoras aposentadas. Isso se justifica pelo fato de os estudos bakhtinianos conceberem todo discurso no diálogo com outros discursos, em circulação na sociedade. Por isso mesmo é que as vozes de outros sujeitos (docentes da Escola Básica, ex-alunos, liderança comunitária etc.) são importantes para a compreensão dos sentidos que interagem, para entender como se forma a identidade dessas professoras aposentadas. Esse coro de vozes contracenando, “desenhando” as identidades das aposentadas.

Considerando que identidade não é fixa, são diferentes sentidos fazendo eco em direção à constituição identitária das professoras aposentadas, mostrando relações contraditórias que estão em jogo. Assim, os moradores dos diferentes grupos sociais acabam por legitimar os saberes-fazer das aposentadas. Isso mostra indícios das identidades daquele grupo de professoras e os significados construídos pelos moradores a partir das observações realizadas de como ocorrem os alinhamentos delas em relação às práticas socioculturais desenvolvidas naqueles contextos. Tais encaminhamentos evidenciam também interações muito próximas existentes na comunidade por uma série de fatores (espaço, tempo, número pequeno de moradores, dentre outros) que favorecem a parceria entre aposentadas e docentes da educação Básica, fortalecendo a Estrutura de sentimento (WILLIAMS, 1969) que evita os

confrontos entre as gerações e interesses a favor das necessidades apresentadas por aqueles territórios de cultura. Por isso, este também foi um dos aspectos utilizados para a análise das narrativas.

Para dar conta desta tarefa, enumeramos os objetivos da pesquisa aqui desenvolvida:

a) Analisar os sentidos que as aposentadas, os docentes da Educação Básica e demais moradores atribuem às práticas socioculturais nas quais o grupo de professoras aposentadas se engaja; b) discutir a respeito das estratégias utilizadas pelas aposentadas, para lidar com a docência e com o evento da aposentadoria, garantindo ao grupo uma velhice bem-sucedida. Desse modo, organizamos as análises das narrativas dos sujeitos (aposentadas, docentes da Educação Básica, ex-alunos, pais/responsáveis, lideranças comunitárias e de grupos folclóricos) considerando dois eixos de temáticas que se mostraram relevantes ao verificarmos as narrativas, a saber:

1) Estabelecimento de estratégias, para lidar com a docência e com a aposentadoria para a garantia de uma velhice bem-sucedida. Neste eixo, apresentamos as motivações que levaram o grupo de aposentadas a optarem pelo magistério e a maneira como conseguiram lidar com as adversidades e realizações da profissão constituindo-se docentes.

Outro aspecto que merece discussão neste eixo é o que se refere às diferentes estratégias utilizadas pelas aposentadas, para ocupar o tempo ocioso em função da aposentadoria, garantindo-lhes novos e importantes sentidos a uma etapa do desenvolvimento humano (velhice) que coincide com a aposentadoria.

2) Manutenção do *status* que possui o aposentado, em especial, ao compartilhar saberes com os docentes da Educação Básica. Neste eixo, apresentamos as relações que as comunidades estabelecem com o grupo de aposentadas que assume diferentes identidades com o objetivo de se manter em evidência naqueles territórios de cultura, procurando reiterar determinados valores instituídos (religiosos, culturais e educacionais) pelos sujeitos que assim como elas em muito contribuíram com o desenvolvimento das vilas.

Outro aspecto apresentado é a socialização de saberes e a parceria estabelecida com os docentes da Educação Básica em prol das práticas socioculturais planejadas e desenvolvidas naqueles contextos indiciando, inclusive, influências na formação pessoal e profissional daqueles docentes.

Isto posto, apresentamos as análises das narrativas dos diferentes grupos de sujeitos que participaram de uma ou das duas etapas que constituíram a pesquisa de campo realizada nos anos de 2011(janeiro e fevereiro) e 2012 (final de março e início de abril).

4.1-Estabelecimento de estratégias para lidar com a docência e com a aposentadoria para a garantia de uma velhice bem-sucedida.

4.1.1-A Escolha pela carreira e os ciclos de vida profissional: múltiplas motivações

Ao realizar as entrevistas, observamos que a entrada das aposentadas na profissão docente se deu de várias maneiras e são apresentadas em suas narrativas de forma bastante variada: algumas escolheram o magistério por identificação; outras, por necessidades econômicas; outras ainda, pela oportunidade de trabalho e pelas promessas de estabilidade do emprego. Esta fase, conforme mostram os estudos de Huberman (1992), é de busca pela experiência, apoiando-se nos colegas com mais tempo de docência e colocando em xeque uma série de hipóteses a respeito do que e como o sistema educacional se desenvolve.

As práticas ainda são incipientes e oscilam em função das tentativas de encontros melhores, de estratégias para lidarem com recuos, por conta do desconhecimento de como lidar com diferentes tipos de alunos, de colegas de trabalho e de normas educacionais. Dependendo das formas como se vive a profissão, o sujeito pode seguir ou não, em especial, se as suas opções por ela não tiveram origem no desejo pessoal, como em alguns dos casos que passaremos a mostrar.

4.1.1.1- Falta de identificação com o magistério

Dona Beatriz é um dos exemplos de docente que, mesmo depois de aposentada demonstra falta de identificação com a docência, durante a maior parte do exercício da profissão, pois para ela,

não foi uma opção.... eu não queria ser professora. Mas devido à situação econômica da família, né?... meus pais eram pobres e tinham 7 filhos para sustentar... então quando eu terminei de estudar na época estudei em Mocajuba era escola Normal regional....Então cheguei aqui com intuito de continuar o meu estudo em Cametá. Mas quando cheguei aqui mais seis. Aliás, cinco para educar... e cheguei numa hora que.... que havia uma necessidade aqui entendeu. Estamos sem professores na época era até 5 séries primárias né. Então, 5 séries primárias tava sem professores [...] porque, como se diz não era a minha praia, não era isso que eu queria. O que eu queria na minha época era medicina...enfermagem. Tinha um posto médico aqui e naquela época eu não já tinha como acumular profissão ou escolher esse ou escolher aquele, eu optei por isso porque já tinha estabilidade e tal...fiquei como professora. Se tivesse que voltar, não seria mais não. Eu seria enfermeira que era o que eu queria. (Beatriz, aposentada, coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

A narrativa aponta para a entrada na vida profissional como uma não-escolha, ou seja, até o final da sua atuação docente, a aposentada não se identifica com a profissão e esse

dado é relevante para compreendermos como a docência está marcada de múltiplas situações que impulsionam os sujeitos para os espaços professorais. A necessidade de sobrevivência aliada à ausência de políticas públicas educacionais é uma das motivações para certas escolhas que não são efetivamente escolhas profissionais.

O mais paradoxal em relação à narrativa acima é que essa ex-professora é referendada como uma das que mais se destacou no cumprimento de suas atividades docentes. Isso pode indicar que, durante o exercício da profissão, o magistério a conquistou, mas, ao ser questionada se optaria pelo magistério novamente, ela reiterou a posição de que este nunca fora sua escolha, mas precisava assumi-la com responsabilidade. Ainda nos pautando no ciclo de vida profissional, verificamos que na fase considerada como a de diversificação, a aposentada passou a conciliar docência e vida na comunidade Cristã. Isso nos mostra a tendência desta fase em se repensar a profissão e em que a pressão inicial é deixada de lado. A subsistência dos irmãos é superada, já casada, com os filhos encaminhados, ela se sente segura para dispor de tempo para o que ela considera como opção: a vida cristã.

É importante considerar também que há na sociedade valores que legitimam o professor ideal (rigor de horário, domínio de conteúdos etc.), portanto, o cumprimento de tais exigências, possivelmente é o que faz com que ela seja identificada com uma boa professora, mesmo reafirmando não ser esta a profissão desejada por ela.

Dona Beatriz evidencia também a fase da serenidade, em termos de se colocar à frente de muitas atividades para além do ambiente escolar, engajando-se bem mais do que se observou na fase anterior, nas ações da igreja. Entretanto, em oposição à perspectiva traçada nos estudos de Huberman (1992), ela não procura continuar o investimento nas experiências vividas, projetando sua vida nas práticas desenvolvidas pela igreja, principalmente, ao se aposentar. Atualmente, ela é a coordenadora geral da Pastoral da Criança, assumindo a coordenação geral do trabalho que exige conhecimentos mais especializados e que tomam o tempo da aposentada em termos de estudo e de planejamento evidenciando que para além da aposentadoria ainda há sujeitos que investem nas atividades laborais, mesmo essas não tendo mais uma compensação financeira.

É importante ressaltar também que, mesmo inconscientemente, dona Beatriz procurou redimensionar a escolha profissional desagradável, engajando-se na comunidade, criando condições para vivenciar experiências significativas que poderiam lhe favorecer uma

velhice bem-sucedida. Por isso, ao ver-se diante da possibilidade do tempo livre proporcionado pela aposentadoria, ela opta pelo trabalho voluntário na igreja limitado anteriormente pela docência e pelos cuidados com a família (ajudar os pais e cuidados com os filhos posteriormente), como podemos observar na narrativa:

A minha vida, eu digo que tem 03 ciclos. Eu me casei com 27 anos e fiquei para cuidar da minha família e da escola. Vivi mais 27 anos, quando interrou esses 27 anos, eu chamei o meu pessoal e falei: agora, a partir de hoje eu vou viver pra Deus. Eu trabalhei pra minha família, eu precisa ajudar meus irmãos, pra minha família e pra escola e agora eu vou querer mais 27 ano. Os meninos ainda brincaram comigo...mãe, a senhora não vai querer mais nada... Agora eu não sei se vão me dar, mas sei que eu quero. (Beatriz, aposentada, coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

O tempo livre alertado nos estudos desenvolvidos por Neri (2003) como uma forte tendência ao tédio, na narrativa de dona Beatriz ganha outro significado, quando aparece como possibilidade de reprojeter as experiências vividas a favor do que lhe dá bem-estar. Nesse caso, temos a vida em comunidade como o objeto do desejo, por isso, constitui-se a experiência que merece investimento por mais 27 anos, conforme a aposentada ressalta. Isso nos esclarece o que Andrade (2010) tratou a respeito da teoria do curso de vida, posto que, mesmo a aposentada estando na fase da velhice, dá sentido a esta nova fase da vida dedicando-se ao trabalho cristão e colocando em xeque a associação pejorativa entre aposentadoria e velhice que a sociedade mercadológica procura criar.

4.1.1.2- Oportunidade de trabalho e possível estabilidade

Dona Vitória e dona Antonieta passaram por situações semelhantes no que se refere à fase de entrada na profissão, posto que elas acreditaram no magistério como possibilidade de ingressar no mercado, de forma mais rápida, segura e sem muito esforço, considerando o conhecimento que tinham com determinadas lideranças políticas.

Esses discursos revelam duas questões que nos oferecem elementos para refletirmos sobre a realidade educacional na região amazônica, sobretudo em áreas que estão fora dos centros urbanos: 1ª) o discurso de dona Antonieta revela que a ausência de profissionais para atuarem na docência dava garantia de trabalho para as pessoas com formação em magistério; 2ª) que na falta de trabalho na região, a docência se apresentava como saída para o desemprego.

Observamos também que conseguir emprego, por meio de indicações ou proximidade política com determinados gestores, revela uma política de amizade e do

compadrio muito recorrente nos interiores. Desse modo, enquanto alguns são beneficiados pelos grupos políticos, outros ficam à margem do processo, aumentando, assim, o número de desempregados. Por isso, é relevante considerarmos o desejo de manutenção do *status* por parte das aposentadas reiterando os papéis sociais de liderança que elas exerciam, através dos endereçamentos políticos que tinham nas professoras multiplicadores dos seus planos de governo.

Esse tipo de política só diminuiu a partir da implementação dos concursos públicos. No caso dos contextos selecionados para esta pesquisa, os concursos iniciaram em 2000. Os docentes da Educação Básica que também integram o quadro de sujeitos da pesquisa são concursados, mas a maioria recebeu os mesmos benefícios que os aposentados para iniciarem a vida profissional. Muitos deles foram alunos das aposentadas e foram indicados por elas em alguns casos, o que reitera a política da amizade e do compadrio. Os concursos deram oportunidade para que outros sujeitos tivessem acesso aos cargos públicos, inclusive, sujeitos que não residiam nas vilas o que passou a configurar um cenário com outras vivências e como tal passível de novas negociações entre aposentadas e docentes da Educação Básica.

Verifica-se que o desejo de ser professora é um dos elementos interessantes de se observar neste ciclo a partir da perspectiva apontada por Huberman (1992), pois seria um aspecto a auxiliar nos enfrentamentos típicos dela. Entretanto, esse desejo dá lugar à oportunidade, à segurança empregatícia, às necessidades de sustentar a família como mostram as narrativas:

Devido quando a gente saía.... termina, saía com emprego já... e eu achava que pra mim era melhor né...por que até que eu fosse procurar correr atrás de outro trabalho... eu tinha dificuldade.... eu estudei com dificuldade né... e no magistério não eu já saí empregada naquele tempo naquele tempo que eu saía, já tava seguro. (Antonieta, aposentada, catequista).

Olha por que é foi o momento que aqui não tinha trabalho né e ai apareceu essa oportunidade pra mim eu aproveitei. Aproveitei né porque aqui é difícil né somente antigamente era difícil o problema de emprego né pra gente conseguir era difícil mesmo. (Vitória, aposentada, catequista).

As lembranças de dona Vitória revelam determinada aproximação da postura de dona Beatriz, ao não desejar o retorno ao magistério. A diferença entre esta recusa, no caso de dona Vitória e de dona Antonieta pauta-se no fato de que o professor deve lidar com um alto nível de indisciplina e de falta de compromisso por parte dos educandos, além de ter poucas alternativas para intervir atualmente.

[...] agora tá tudo difícil né... os alunos já são mais revoltados. Naquele tempo não, os alunos eram bem obedientes né... bem obedientes mesmo.... Hoje em dia não, já tem diferença nos alunos né... já são pessoas alunos revoltados, não respeitam né, já não querem saber de certa responsabilidade na sala de aula. (Vitória, aposentada, catequista).

Olha como eu já disse... gostava da minha profissão... gostava dos meus alunos muito.... só que eu acho que não escolheria mais agora (...). Por causa da dificuldade que agora tem muito aluno rebelde.... muito aluno rebelde... na época que eu trabalhava tinha como lidar com eles. (Antonieta, aposentada, catequista).

Isso nos revela que a fase do conservantismo (desinvestimento) delineada nos trabalhos de Hubermn (1992) é forte na memória das aposentadas, porque há uma confrontação com o público em potencial, falta de segurança de práticas pedagógicas que poderiam dar conta desse público que se mostra revoltado.

Há uma concepção de aluno subjacente a esse discurso. Se no passado os alunos submetidos à disciplina escolar eram considerados obedientes, na atualidade, a não submissão dos alunos à ordem e muitas vezes ao autoritarismo da escola, é considerada pelas aposentadas como revolta, rebeldia. Isso porque as relações de autoridade estabelecidas no ambiente escolar que favoreciam, mais ainda, as regras do bom comportamento, pois na maioria dos casos silenciavam o aluno, posto que a educação era administrada pelo docente. A partir das novas orientações curriculares que consideram o aluno como sujeito do seu processo de ensino-aprendizagem, o direito à voz e vez foi interpretado de maneira equivocada por muitos professores que têm dificuldades de planejar atividades que favoreçam a interação. Assim, ora há uma intensa fala dos discentes sem qualquer parâmetro de interação e quase sempre interpretada como indisciplina, ora apenas o professor administra o tempo e as ações, sem qualquer negociação com os discentes. Essas representações são importantes para compreender a produção de subjetividades e de identidades desses sujeitos, no contexto da docência.

Podemos perguntar pelos processos interacionais, disciplinares, por valores instaurados em tempos históricos distintos, o que produz diferentes relações com a profissão. Tais aspectos são relevantes porque dona Vitória atuava na catequese e na administração da secretaria da igreja do Carmo e, ao se aposentar, optou em seguir com o trabalho na Pastoral da Juventude e, mais recentemente, apenas na Pastoral da Criança. Dona Antonieta seguiu com a catequese e com o grupo de orações, mais recentemente, passou a projetar sua vida a favor das necessidades familiares viajando, para cuidar dos netos e da maioria dos filhos que passaram a residir em Belém.

Verificamos que a trajetória dos sujeitos, as experiências vividas de diversas formas (na escola ou fora dela), como discutiu Baltes e colaboradores (1990) vão delineando as diferentes maneiras de se colocar diante da velhice. Além disso, os modos de vida (WILLIAMS, 1969) instaurados em determinados contextos de cultura e as predisposições individuais criam as condições para que os sujeitos se engajem em projetos mais individuais ou coletivos. Isso não significa que eles se tornem inválidos como somos levados acreditar em muitos casos, mas refletem e se dispõem a novos desafios, mesmo que esses nem sempre se restrinjam apenas no aspecto do trabalho.

4.1.1.3- Identificação com a profissão e conquista pela docência

As narrativas de dona Paula, dona Elizabete, dona Darcy e dona Priscila mostram como a docência as conquistou, apesar de já existir uma simpatia pela profissão em alguns casos, como passaremos a discutir.

Porque naquele tempo né, P... o::o era difícil de vir professores que se formavam e aí a gente..., meu pai tinha um professor aqui que faleceu, aí ficou muito difícil de vir outros professores. Ele conseguiu o/a nomeação pra mim pelo estado porque não tinha. Era só duas professoras. Escolhia... eu gostei muito de trabalhar com as crianças... mesmo com essa dificuldade que eu tô contando, mas eu gostei muito porque eu deixei muita saudade na escola em que era o meu lugar que até hoje e sou lembrada, em todo momento mu/muitos pais recorrem a mim, então eu escolhia isso. (Paula, aposentada, coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina).

A narrativa da aposentada, embora ressalte as situações adversas que a levaram à profissão docente, aparece marcada pelo afeto com a profissão, fala de sua relação com os pais e aponta a escolha da profissão, no processo de inserção na docência.

Podemos depreender dos discursos sentidos da docência como a possibilidade de ajudar a comunidade diante da falta de professores. No caso de dona Paula que era filha de um líder político no distrito de Moiraba enfrentaria situação mais complicada, caso não aceitasse a função. Além disso, havia necessidade de ela assumir a liderança das conversas com os representantes das comunidades e da sede (Cametá) ajudando o pai.

Não optei. Terminei o ginásio e fiz concurso pra enfermagem e me senti mal. Larguei. Na volta pra Cametá., apareceu uma oportunidade na educação e não tinha o magistério. Trabalhava e nas férias, estudava no projeto Gavião. Trabalhava inteiro com multisseriada. Mas, graças a Deus eu não me arrependo da época. Eu adorei e continuei. Eu tenho frutos desse multisseriado. Eles já foram professores dos meus filhos. (Elizabete, aposentada, secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas).

Dona Elizabete também deixa entrever em seu discurso sentidos de identificação com a profissão. Aliás, seu discurso desenha um percurso interessante da constituição da identidade profissional. Antes de ingressar na docência, ela optou por enfermagem. Somente depois ingressa no magistério, momento em que também ingressou em um curso de formação de professores de área rural: Projeto Gavião. Além do percurso de formação e da escolha profissional, o discurso da aposentada traz sentidos das especificidades de escola de áreas rurais que são as salas multisseriadas e traz também vozes da negação dessa modalidade de ensino.

Vejamos que dona Elizabete diz: *“Trabalhava inteiro com multisseriada. Mas, graças a Deus eu não me arrependo da época”*. Ora o “mas” se interpõe a dois argumentos que apontam para direções distintas e que encontram apoio também em discurso que circulou na nossa sociedade sobre escolas rurais e sobre salas multisseriadas. Por isso mesmo há o outro argumento que contraria as expectativas apontadas pelo primeiro, ou seja, dona Elizabete diz que não se arrepende da época em que trabalhou com turmas multisseriadas. Além disso, eleva em seu discurso o ensino multisseriado: *“eu tive frutos desse multisseriado. Eles já foram professores dos meus filhos”*. Ora, o discurso refuta outros discursos que apontam a multissérie como sinônimo de fracasso escolar em relação ao modelo urbano que tem a seriação como referência.

Eu precisava de trabalho e foi uma profissão que me chamou atenção, desde quando eu estudava né?. Eu assim... admirava os professores e aquilo foi me interessando e por isso eu optei pelo magistério. Dentro [dentre] de outras áreas foi a que eu me identifiquei mais. Olha, eu acho assim... mais importante foi... assim... a maneira, a relação ... eu digo assim... é... com outras professoras, né? É assim... como é que pode se dizer? Assim, uma sociedade, uma comunidade, pessoas diferentes, a gente vai se entrosando tanto e vai ganhando experiência que eu gostei de trabalhar assim pro grupo de outras pessoas, mas reunindo com outras pessoas diferentes. (Darcy, aposentada, integrante da Pastoral da criança, coordenadora das ações da igreja do Espírito Santo e catequista).

Diferente das demais aposentadas, dona Darcy fala de opção pelo magistério desde quando era aluna. Além da experiência com o ensino, dona Darcy fala de identificação com o processo educativo mais amplo, do seu envolvimento com diferentes espaços da vida escolar.

Verificamos que, mesmo as aposentadas não deixando de lado o fato de terem uma entrada na profissão por motivações outras, com o passar dos anos e nas interações com os sujeitos (alunos, colegas de trabalho, lideranças) são conquistadas pela docência. Isso faz com que elas sejam algumas das aposentadas mais procuradas pelos docentes da Educação Básica,

servindo, inclusive de parâmetro de escolha profissional. Delas, destacam-se dona Darcy e dona Paula, dentre outras, como discutiremos no item **3.2**.

olha... optei pelo magistério.... primeiro foi que na época que comecei a trabalhar, era na década de oitenta era a única opção que a gente tinha aqui de emprego, né?. E aí comecei sem experiência nenhuma e gostei, gostei muito....minha vocação era isso e gostei.[...]Olha... foi... eu trabalhei 29 (vinte e nove) anos e alfabetizei muita crianças, muita gente e hoje em dia tem a dificuldade da leitura. Muita criança não sabe ler e essa necessidade eu tenho hoje...como eu conseguir alfabetizar muitas crianças[...].Então são..né experiências marcantes? (Priscila, aposentada, integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

A narrativa de dona Priscila nos mostra um percurso da profissão diferente das narrativas até aqui analisadas. Embora a opção pelo magistério tenha se dado pela falta de alternativas de trabalho, no exercício da profissão há um saber produzido que pode ser nomeado de “saber da experiência”, nos termos de Larrosa (2002). Dona Priscila nos fala de uma “experiência marcante” na sua experiência de alfabetizadora, portanto, experiência que toca, que provoca uma relação de aproximação ao vivido, ou seja, uma identificação.

Observamos também que a aposentada, de 2011 para cá, mostrou-se mais envolvida com questões mais detidas nos cuidados com a família, porque a aposentada passou a se afastar das práticas que costumava realizar em prol das vilas detendo-se nas viagens entre Belém e vila do Carmo de Tocantins, por conta de cuidados com a saúde de um dos filhos o que a deixou com tempo apenas para participar do grupo de orações.

Essas situações apresentadas nas diferentes narrativas poderiam, nesse momento inicial, desdobrarem-se como nas narrativas anteriores causando a rejeição à continuidade do magistério diante das dificuldades observadas ao longo da carreira, como se discutiu na perspectiva traçada por Huberman (1992).

Os ciclos de vida profissional para essas mulheres serviram como desafios que foram sendo superados na associação com o trabalho na comunidade social, como os moradores denominam as práticas socioculturais. As trajetórias dessas mulheres na docência, portanto, ajudaram-nas a se projetarem na vida e no trabalho, constituindo-se enquanto professoras e se envolvendo em práticas que lhes proporcionaram bem-estar, favorecendo com que, no advento da aposentadoria, ainda na idade Madura, elas continuassem a investir na carreira, procurando ainda próximas às atividades da escola ao fazerem orientações mais marcadas (encontros de formação continuada promovidos pelo Suporte Pedagógico na articulação com

as direções das escolas e a pedido dos docentes atuais), principalmente, nos casos de dona Paula e dona Darcy, responsáveis pelas lideranças das práticas socioculturais das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins respectivamente.

Verificamos ainda que os modos de identificação dos sujeitos com a profissão se particularizam na relação com dimensões distintas do processo formativo, como aponta dona Priscila que, por ter alfabetizado tantas crianças, reconhece as dificuldades que ainda enfrentam no campo da leitura. Poderíamos aventar a hipótese de que neste gesto de interpretação da prática, a narrativa cumpre o papel autoformador para além da docência formal e que singulariza o Ato Responsável na perspectiva bakhtiniana, uma vez que a docente assume suas limitações diante da habilidade necessária de leitura e, ao se deparar com o dever de educar, dedica-se e procura superar junto com seus discentes tal dificuldade.

Em direção similar, a narrativa de dona Darcy, ao se reportar à importância dos colegas na sua trajetória profissional, traz à tona a perspectiva tratada nos trabalhos de Tardif & Lessard (2002) ao pontuarem a importância do processo interacional no engajamento profissional, para que no confronto com as diferentes práticas, o docente se sinta apoiado a avançar. Isso indicia um dos aspectos que contribuem, por exemplo, para um encaminhamento necessário à velhice bem-sucedida também porque ao se permitir a novas experiências vividas no cotidiano (escolar ou não), os sujeitos projetam-se aos possíveis ciclos da vida profissional e essas lembranças sustentam suas opções em dar continuidade ao trabalho, em especial, à catequese que serve, dentre outras atividades, principalmente, as relacionadas à igreja para ocupar o tempo.

Outro aspecto interessante de apresentarmos é o gesto que poderíamos denominar de memória de futuro, uma vez que a experiência vivida projeta ou cria condições para ações semelhantes que possam contribuir para o sujeito que as encadearam inicialmente. Nesse caso, dona Elizabete agradece pelas dificuldades enfrentadas a favor da formação de seus educandos que, mais tarde, foram responsáveis pela formação de alguns filhos dela. Essa relação positiva, advinda do seu percurso enquanto professora, a projetou de maneira mais autônoma para os ciclos seguintes da carreira docente em termos de autonomia, engajamento com a sua formação inicial (ela ainda estudara) e dos discentes.

A entrada na docência, segundo Huberman (1992) representa a etapa norteadada pela vocação, no entanto, nas narrativas das aposentadas este sentido pouco encontrou eco, posto

que na maioria dos casos ser docente para aquelas aposentadas, inicialmente, estava associado a questões de subsistência e de estabilidade em função da realidade de poucas oportunidades de avanço nos estudos necessários a outras carreiras.

É recorrente o fato sobrevivência como motivador da fase inicial da docência e das seguintes até o advento da aposentadoria, apesar de reconhecerem a importância de alguns trabalhos realizados ao longo da docência, e que por isso, são referendadas nas vilas, como nos casos de dona Beatriz e dona Antonieta que pouco se recordam das experiências positivas da profissão:

Olha a experiência de trabalhar com alunos principalmente que comecei jovens logo.... jovens uma experiência ... uma troca de experiência. A gente nunca sabe tudo, então... foi uma experiência muito boa. Eu não contei essa parte: também tive experiência com criança de alfabetização que gostei muito também. Eu optei trabalhar com a alfabetização foi uma experiência ótima. (Beatriz, aposentada, Coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

Essas experiências com os alunos mesmo aprendendo algumas coisas com eles. Não... lembro assim. Eu não consigo me lembrar. Antigamente tinha mais dificuldade.... tou dizendo que não tinha como trabalhar direito.... hoje não tem melhor condição tem melhor condição...acho que hoje trabalharia melhor (Antonieta, aposentada, catequista).

Verificamos, então, que, para alguns sujeitos, a fase de entrada na profissão pode estar voltada mais para conflitos pessoais do que para os específicos dos contextos de atuação e das demandas sociais a respeito do que constitui o perfil do profissional. No caso do grupo de aposentadas, há abandonos de sonhos de estudos voltados para outras profissões a favor do que seus contextos e familiares lhes demandaram em função das dificuldades de acesso (naquela época o acesso era só de barco. A viagem durava até seis horas para se chegar ao lugar de formação institucional mais próximo - a sede do município de Cametá.

As análises das narrativas a respeito dos ciclos de vida profissional, apesar de se ter optado pela fase final nos revelou quão complexa se mostra a fase de entrada. O que poderia ser uma fase de recuo e de projeções para outras carreiras, apresenta-se como apenas uma etapa para sujeitos que pouco vislumbram outros endereçamentos, porque se encontram atravessados por necessidades impostas pelos modos de vida daqueles territórios de cultura. Por isso, o sobreviver a cada fase da carreira é a meta a ser alcançada.

As professoras constituíram família nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, pouco visitavam outros lugares, dividiam-se entre os dois contextos, para dar conta das demandas de alunos e de condições financeiras mais dignas. Elas tiveram um processo de formação inicial

(projeto Gavião) ao longo do exercício da profissão, aprendendo umas com as outras ou se baseando nos seus professores e por meio de cursos e oficinas ofertados como maior ênfase nas fases finais do exercício das suas funções.

Em poucos casos, para além da sobrevivência à fase de entrada, depara-se com a descoberta da profissão na perspectiva de Huberman (1992). Nesse caso, as aposentadas se sentem enquanto docentes e passam a se projetar na carreira, mesmo que ainda persistam sonhos deixados em suspenso. Elas seguem as fases de modo a conciliar com as práticas sociais das vilas em parceria com as aposentadas que ainda possuem afinidades com a profissão em nível menor reduzido como se a fase de entrada não fosse cumprida a favor do tempo. Há aspectos outros que precisam ser considerados, pois só o tempo não demarca a passagem de uma fase a outra, portanto, não a linearidade anunciada na perspectiva em função do sentimento de sobrevivência.

A partir da aposentadoria que lhes garante de certa forma uma estabilidade financeira, em alguns casos, maior desapego à família, por conta dos filhos criados e do tempo livre, essas mulheres buscam estratégias a fim de garantirem uma velhice dentro do que poderíamos considerar como qualidade de vida centrada na opção de trabalhar em prol de suas comunidades.

Elas partem, mais ainda, da experiência acumulada na docência e, mesmo não atuando com maior ênfase no contexto escolar, orientam os professores, engajam-se nas atividades que os docentes que ainda atuam propõem e solicitam ajuda do grupo de aposentadas. Ou seja, apesar de não se sentirem mais na obrigação da docência, não são indiferentes às atividades, pelo contrário, reiteram a necessidade de trabalhar determinados aspectos por considerarem que a juventude precisa de professores bem formados, que há recursos que ajudam mais no ensino.

4.1.1.4- Memórias da docência: marcas da precariedade da profissão

Nas narrativas de muitas aposentadas há um tom de denúncia, ao se referirem à precarização (TARDIF & LESSARD, 2009) do trabalho realizado durante a docência. Elas tinham muitas adversidades em seus contextos de atuação com pouquíssima presença do estado. Portanto, muita da suposta autonomia que relataram ter era fruto dessa ausência recorrente do poder público de maneira mais efetiva. Os gestores locais eram moradores

muito antigos das vilas que procuravam estabelecer um diálogo com a sede (Cametá), mesmo assim era difícil em função da distância e das poucas condições de transportes existentes.

As formas de reivindicar melhores condições de trabalho eram quase inexistentes diante da própria situação por elas enfrentadas, enquanto contratadas e arrimos de família. Os gestores tinham dificuldades de arranjar docentes para atender as demandas das vilas devido à qualificação escassa, aos salários baixos, às estruturas e às dificuldades de acesso. As dificuldades eram aliviadas com a ajuda dos pais dos alunos (ajuda para fazer a merenda, organizar eventos e cuidar da estrutura das escolas) que eram bem mais presentes nas escolas, como evidencia a narrativa de dona Paula:

É ?- () na sala do professor e/e tinha que pegar merenda que não tinha quem fizesse... não tinha servente (alguém fala sobre o assunto ao fundo) E...também lecionava pra três séries. Dividir o quadro uma parte passava uma matéria pra 1º e pra 2º... aí não tinha diretora não tinha secretaria, não tinha servente. Aí, a gente tinha que fazer tudo. Sabe... a gente era tudo numa escola.A escola isolada, a gente tinha que ser diretora, ser secretária, ser servente, ser tudo...tudo.... tudo. Os pais dos meninos que ajudavam, ajudavam muito. Depois, deixaram de ajudar como ajudavam. Hoje, quase não ajudam mais os professores que tão aí. (Paula, aposentada, coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina).

O discurso de dona Paula aponta para a realidade das escolas do campo. Há muitas funções assumidas por um profissional apenas. As turmas exigem um saber plural e as estruturas físicas, organizacionais e curriculares são ainda os desafios impostos, apesar de que, em alguns casos, a parte física tenha avançado. Por isso, a luta por um projeto de Educação do Campo atesta o quanto esta ainda é a realidade das escolas do campo.

Segundo o grupo de aposentadas e os docentes da Educação Básica, conforme o estado passou a assumir a administração do setor educacional, os pais tiveram um movimento de distanciamento da instituição escolar. Apesar de muitos se referirem a um “tempo bom” por associarem tradição, participação mais efetiva dos responsáveis, maior controle que tinham do seu trabalho e de muitas ações que desenvolviam em prol das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, há um tom de denúncia pelo acúmulo de funções e de condições estruturais deficitárias que dificultavam o processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

O aumento do número de escolas que determina melhoria nas condições estruturais dos estabelecimentos de ensino e a chegada da energia elétrica, a partir de 2000 nestas vilas, são algumas das justificativas que contribuíram para esse distanciamento dos pais. As participações ocorrem mais durante os eventos, principalmente, os religiosos e cívicos.

Verificamos que a entrada da carreira das aposentadas se assemelha ao que Huberman (1992) apresentou em seus trabalhos, posto que as adversidades apresentadas no contexto de atuação podem contribuir para a sobrevivência e para a descoberta de características deste estágio de vida profissional.

Quando eu comecei a trabalhar eu dava aula no primeiro ano que eu trabalhei, eu trabalhava com a alfabetização. Eram duas turmas que eu tinha. É, tinha que copiar nos cadernos deles, porque eles não sabiam tirar do quadro. Eu tinha que copiar caderno por caderno. Aí, o que fazia... tinha duas turmas...aí, levava o caderno pra casa... era o sacrifício porque não tinha energia. Aí, copiava a aula pro outro dia pra levar tudo copiado no caderno. Hoje em dia é mais fácil, né? Tem Xerox, tem tudo, naquela época não tinha. Eu fazia primeiro o trabalho deles, depois ia estudar, só que acabava a luz e eu tinha que estudar na vela (Priscila, aposentada, integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

Olha a primeira dificuldade que eu achei (.....) dificuldade em trabalhar entender bem a profissão. Na época, as turmas eram enormes, eram imensas. Eu cheguei a trabalhar com cinquenta alunos numa sala pequena que não tinha como chegar no fundo da sala porque as cadeiras eram assim uma encostada na outra. Então, eu não podia dar atenção pra todos os alunos né? O tempo era curto né? E os alunos eram muito. Então, eu achei aquilo pra mim foi era muito difícil, muito difícil muito mesmo. (Beatriz, aposentada, coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

Observamos nas narrativas de dona Priscila e de dona Beatriz que as condições precárias de trabalho não se restringiam à infraestrutura da escola enquanto espaço físico, mas acompanhavam o fazer docente em seus lares, como pontua dona Priscila. Ser professor, em especial, na fase de entrada da docência, exigia um perfil muito complexo, uma vez que se colocava em xeque a vocação; as necessidades de subsistência da família, a possível estabilidade de emprego que endereçou muitas delas ao magistério; limitação física e intelectual porque além de docentes, a maioria precisa também cumprir as tarefas enquanto alunos do curso de magistério.

No caso do grupo de docentes aposentadas que selecionamos para esta pesquisa, o estágio inicial da profissão assume um papel que não nos parece ter sido examinado nos trabalhos de Huberman (1992), mas que merece ser discutido em função das narrativas coletadas que é o fato de este grupo ter compromissos profissionais, mas ainda estar em processo de formação inicial. Ou seja, em contextos locais como os selecionados para este estudo precisamos levar em conta, como os sujeitos se endereçam ao magistério, conforme colocamos em pauta e analisamos nos itens anteriores e para além da discussão disso, como analisar a fase inicial da docência de sujeitos que ainda não tiveram (ou ainda estão nesse processo) a formação inicial requerida para o exercício da função.

Esse tipo de encaminhamento é necessário, considerou que situações como a que a narrativa de dona Vitória traz:

As dificuldades foi um pai que tentou me agredir e foi uma covardia. E um aluno porque a gente recebia material completo, e hoje é uma carência porque agora esse dinheiro do PDE é só material pra escola. Mas, antes não. ...aí houve um aluno que eu disse não deixe a colega fazer pra você o trabalho, você não vai aprender e ele disse: “ela só tá conseguindo porque engana vocês com essas besteiras de materiais que dá pra vocês”. Eu disse que não era isso. A sorte foi que meu marido estava no terreno. Ele teria, eu seria assassinada e então isso foi uma dificuldade (Vitória, aposentada, catequista).

A narrativa mostra que há situações difíceis de serem resolvidas por um docente que tenha a formação mínima necessária à profissão que possua experiência e que tenha uma infraestrutura adequada para desenvolver seu trabalho. Entretanto, se for enfrentada por um sujeito que por necessidades (dos contextos e de seu percurso pessoal) entre para a profissão ainda durante a formação inicial, talvez seja mais difícil de contornar por conta da complexidade que constitui a sala de aula e que podem colaborar para que estes docentes decidam abandonar a docência, até mesmo antes de se tornar professor.

4.1.2- A contemplação da aposentadoria e o lidar com a velhice

Segundo Deps (1994), a aposentadoria é tratada como um evento de transição, por isso o profissional deveria ter uma preparação adequada de modo a ter condições de trocar experiências e avançar nas etapas seguintes, quer de lazer e cuidados com a família, quer de planejamento e desenvolvimento em outros projetos.

Ao nos depararmos com as realidades que circunscrevem o grupo de aposentadas desta pesquisa, ratificamos a falta de preparação para esse evento, mesmo em contextos locais. Existem as providências administrativas para que o docente se afaste apenas. Elas deram entrada e faltando um mês para completarem o tempo de serviço solicitado, afastaram-se da escola. O documento final saía, em média, seis meses ou até um ano depois. Não receberam qualquer tipo de assistência que faça referência aos estudos propostos nos trabalhos de Deps (1994).

As narrativas revelam diferentes gestos de lidar com o evento da aposentadoria: contemplação inicial, projetos novos mais centralizados nos cuidados com a família em fase mais recente e outros focalizados na vida em prol das demandas apresentadas em seus territórios de cultura. Nesses gestos, o grupo de aposentadas mostra uma trajetória que em muito difere do que comumente se concebe de sujeitos entre o final da Idade Madura e a

Velhice numa sociedade voltada à produção que atenda ao mercado. Para além disso, o grupo se mostra em amplo processo de desenvolvimento humano, se nos pautarmos na teoria do curso de vida (BALTES & BALTES, 1990) e na perspectiva da velhice bem-sucedida, apresentada nos estudos de Andrade (2010), como passaremos a apresentar.

A espera pela aposentadoria é grande e considerada pelas aposentadas como um prêmio pelos anos de dedicação, alívio diante de contextos de trabalho não mais tão amigáveis, certo saudosismo da dinâmica escolar e de liberdade para viver outras experiências em diferentes contextos. Há também uma postura de naturalidade diante da aposentadoria compreendida como mais uma etapa da vida. São essas algumas das leituras possíveis para as narrativas de Dona Priscila, dona Antonieta e dona Beatriz:

Olha moça... é um sonho de todo mundo que trabalha se aposentar. Eu quando comecei a trabalhar era época do estado, né? Aí a gente tinha a união muito grande de funcionários... existia aquela grande amizade. Eu sempre dizia... o dia que me aposentasse eu ia sair com saudade. Aí depois municipalizou, começou aquela conversinha, um queria ser melhor que o outro e quando foi o dia em que eu dei entrada na minha aposentadoria... que chegou o papel pra eu me afastar...eu não vou enganar... eu saí feliz. Eu pensava que iria sair triste. Eu trabalhei uma vida, eu trabalhei (vinte e nove anos e eu pensava assim... que eu ia sair triste, saí por um motivo, né? Deixei as crianças, mas por outra parte .. assim, pra mim, foi feliz. (Priscila, aposentada, Integrante do Apostolado do Coração de Maria da igreja de Nossa Senhora do Carmo).

Olha eu senti um pouquinho... senti aquela falta de sair um pouco todo dia ir pra escola... ir pro trabalho... mas em outro caso me senti bem... que aí eu me vi livre pra fazer o que quero fazer.... passear... andar por aí... eu não podia ir né..... está trabalhando.. ficar preso né. Ah saí... como te digo fui passeei pra onde quero eu vou posso também optar por outra coisa... poder trabalhar em outras partes pra ajudar os outros por exemplo. (Antonieta, aposentada, catequista).

Eu me senti tristeza também porque afinal de contas, já tinha as colegas, aquela turma toda rotina da escola, todo dia chegava. Eu senti saudades também, mas...faz parte. (Beatriz, aposentada, coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

É importante relatar que todas as aposentadas selecionadas para esta pesquisa passaram pelo período de usufruto da aposentadoria, mesmo as que já desenvolviam práticas socioculturais. Esse período foi, em média, de 06 meses a 01 ano de certo afastamento das atividades, vivendo a experiência da aposentadoria em diferentes sentidos.

Durante esse tempo, elas se dedicam mais à família para compensar o tempo que sempre lhe fora retirado por conta da carga horária quase integral; retomam o trabalho na roça; visitam parentes que necessitam de cuidados em outros contextos; redefinem suas metas diante da vida e procuram dar sentido a um momento sem o compromisso institucional

simbolizado pela escola. Passado esse período, o grupo sentiu a necessidade de retomar, redimensionar, projetar a vida.

O tempo ocioso tal como tratado por Braithwaite e Gibson (1987) poderia desencadear uma crise ou ser destinado ao desenvolvimento de novos projetos. As aposentadas se dão conta, inicialmente, de que há a necessidade de se redimensionar a rotina, uma vez que o descanso em excesso e a projeção do tempo que ainda teriam as incomodam, como podemos observar nas narrativas de dona Ângela e de dona Elizabete:

É no começo sim com trinta anos trabalhando chega uma hora que já me aposentei ... eu já quero descansar e tudo né...Aí vem a aposentadoria e a gente chega em casa passa o dia todo já... tava acostumada assim cansada.... mas a gente tava saindo.Aí a gente chega em casa... pra casa. Tem que procurar alguma coisa pra fazer (risos)... então aí pronto eu achava que depois que eu aposentasse... eu ia me sentir bem de estar em casa o dia todo.. mas não foi bem assim. (Ângela, aposentada, Secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo inicialmente. Atua na Pastoral da Criança).

Eu não fiquei aqui e dizia que quando me aposentasse, eu ia viajar e corte costura e fui embora pra Cameté por problemas particulares e passei mal, mal, mal. Fui pra me recuperar. Era só assistir televisão e fazer crochê. Tinha que voltar porque não me sentia bem só daquele jeito (Elizabete, aposentada, secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas).

Durante a etapa seguinte, as aposentadas trazem à tona também os cuidados e as retomadas de projetos, desejos e sonhos abandonados a partir da inserção na docência, por conta das necessidades de subsistência, das limitações geográficas e educacionais e das responsabilidades assumidas, ao longo do exercício do magistério, em função do tempo de dedicação a ele. Somam-se a isso as dificuldades de conciliar essas tarefas com as práticas desenvolvidas nas comunidades, paralelamente às atividades da docência. Ou seja, evidencia-se o que Deps (1994) aponta como o tempo destinado às novas experiências ou à retomada de projetos.

No grupo de aposentadas que selecionamos, esse encaminhamento se deu de diferentes formas, porque umas seguiram com as práticas socioculturais que já vinham desenvolvendo paralelamente à trajetória docente, mas as ampliam impondo-se novos desafios: algumas aposentadas iniciaram esse tipo de trabalho e outras passaram a conciliar mais esse tipo de atividade com os cuidados necessários à família e à saúde. Mas, em alguns desses casos, houve uma diminuição no nível de engajamento, que fora redimensionado a favor de projetos mais centrados na família. Esse aspecto será tratado com maior detalhamento no item 3.2.

As narrativas de dona Vânia e dona Elizabete são exemplos de que as aposentadas não apenas seguem com as práticas que desenvolvem nas vilas, mas se lançam a novos desafios.

Eu me afastei por motivo de problema de saúde. Mas, quando me afastei me sentia assim uma falta muito grande do meu trabalho. Sabe a gente fica numa situação de está acostumada e aí a gente se sente assim sem saber o que fazer. E eu já estava é nesse trabalhando nesse grupo, eu me dediquei. Eu me dediquei a esse trabalho... a esse trabalho com esse grupo... dei tudo de mim e até hoje eu faço isso. (Vânia, aposentada, Coordenadora do Grupo folclórico Evolução Fênix da vila do Carmo do Tocantins. O grupo se transformou em Associação).

Dona Vânia amplia as atribuições do grupo folclórico que, além das apresentações, procurava ajudar os moradores que precisam de remédios, passagens, apoio e acompanhamento. Por isso, a partir do segundo semestre de 2010, o grupo começa um projeto para se tornar uma associação e concentrar seus esforços no auxílio a um número maior de moradores. Os desafios se manifestam de toda ordem: número menor de participantes, porque muitos queriam seguir com as danças, poucas parcerias nas ações e divulgação, assim como na construção do espaço da associação, rigor na institucionalização da associação, recursos reduzidos para atender à demanda presente na vila do Carmo do Tocantins.

Voltei em 2012. Não sabia que seria na igreja de novo. Quando chegou o padre, eles me chamaram pra reunião. Ela não sabia mexer no computador, e eu sabia onde estava tudo. Ele disse: “então, fica.” Eu to trabalhando. O pagamento é apenas a graça de DEUS, não recebo. Eu digo: estou aqui até quando eles quiserem (Elizabete, aposentada, Secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas).

Dona Elizabete retorna ao trabalho na secretaria da igreja, por se apropriar como poucos das questões da administração e da área tecnológica. Lança-se ao desafio de conciliar essa função com o ministério da Eucaristia onde já não atuava há muitos anos e a responsabilidade dos cantos da missa aos domingos em companhia do esposo e filhos que são músicos. Ou seja, em ambos os casos, as mulheres tendem a se superar diante do retorno à atuação na vida em comunidade.

Elas ainda sentem bem-estar no desenvolvimento dessas práticas e de experiências vividas, em grande parte, desde o exercício efetivo da docência que lhes proporcionam condições para projetarem a vida. Essas aposentadas ampliaram seus saberes em função das novas exigências das esferas públicas por onde circulam garantindo assim aspectos que constituem uma velhice bem-sucedida, conforme a perspectiva tratada por Andrade (2010).

Em movimento semelhante, as narrativas de dona Paula e de dona Florípedes evidenciam a preocupação em dar conta dos cuidados com a família que durante muito tempo ficou um pouco negligenciada em favor do trabalho na escola e em prol das vilas:

Eu me dediquei na família, não cuidando dos filhos que já estavam grandes, mas eu ajudava. Fazia alguma coisa também por aqui, trabalhava, fazia horta. Com a comunidade,...me engajei muito na comunidade, na catequese, sempre participei da comunidade e ajudo muito, ajudei e ajudo por isso que eu... se dependesse de outro serviço, mas isso porque eu continuei não fiquei parada também (Paula, aposentada, Coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina).

olha por enquanto só trabalhava na casa mesmo e tomando conta dos filhos. Fiquei menos na comunidade por causa deles até. Trabalhava mais na catequese. (Florípedes, aposentada, catequista).

A opção de dona Paula em dar conta das atividades desenvolvidas na vila e dos cuidados com a família, pautava-se em tentar ter tempo para viajar ao encontro de muitos deles que passaram a viver em Belém e Tucuruí no início da adolescência ainda sendo cuidados pelos irmãos mais velhos. O papel materno foi pouco redimensionado nesse percurso por conta dos afazeres das práticas desenvolvidas na escola, para garantir o sustento dos filhos menores que ainda estavam nas vilas, assim como a realização do trabalho voluntário, em especial, na igreja e nos grupos folclóricos. Movimento semelhante ocorreu com dona Florípedes, mesmo com os filhos residindo nas vilas. A cobrança lhe deixou com tempo apenas para a catequese, mesmo assim, em momentos bem pontuais.

Por conta disso, há o forte desejo da maioria das aposentadas de tentar recuperar o tempo associando-o ao tempo fornecido pela aposentadoria. No caso de dona Paula, mais ainda, o fator tempo ganha um significado ímpar por ela ser a mais velha (76 anos) das aposentadas e a única representante da vila Moiraba nesta pesquisa, atualmente. A aparente limitação física nos surpreende porque a dinâmica da aposentada é intensa, principalmente, durante os eventos. Mesmo assim, ela já diminuiu bastante as responsabilidades assumidas na vida em comunidade passando algumas delas para a filha que atua na área da saúde e é a única que ainda reside naquele contexto. Atualmente, a aposentada atua na coordenação do Apostolado de oração do Sagrado Coração de Jesus e na ajuda à quadrilha mais antiga da vila. Dona Florípedes, mesmo mais jovem, acabou por ter de enfrentar maiores cuidados com a saúde, inclusive, mais recentemente até a catequese foi deixada um pouco de lado.

Outro aspecto observado nas narrativas foi o caso de aposentadas que apenas optaram pela vida em comunidade de forma efetiva a partir da aposentadoria indiciando que

este evento proporcionou que elas se sentissem mais em condições de assumir outras responsabilidades mediante o tempo livre. Dessa maneira, elas poderiam planejar uma vida que não tivesse como uma das metas principais garantir a subsistência da família e os cuidados com os filhos pequenos, dentre outros aspectos. Algumas das narrativas como foram os casos de dona Betânia e dona Ângela evidenciam isso.

Estava na Pastoral. Ia pro centro porque a pastoral era de dois dias. Sempre que era o dia, eu estava lá. Eu sempre trabalhei na igreja, desde meninas, sempre na igreja, catequista mirim, menina ainda. Sempre na igreja, mas não muito no trabalho da comunidade (Betânia, aposentada, catequista, integrante da Pastoral da criança).

O início mais efetivo de dona Betânia se deu no conselho da igreja da vila do Carmo e na Pastoral da Juventude. Ela passou a assumir um pouco a lavoura da família que quase não visitava, por conta da carga horária que possuía. O desafio se revela uma tendência, um perfil do grupo de aposentadas porque ao se criar a Pastoral da Criança, dona Betânia passa a integrá-la.

Fiquei assim o que vou fazer? Não sabia o que fazer...Aí como nessa época..., aí chega o nosso irmão Marildo e chegou pra tomar conta da nossa comunidade... nosso pastor. Tinha que montar uma secretária, mas na realidade nossa comunidade não tem condições de pagar uma secretária. O que ele fez... me convidou se podia auxiliar... fazer alguma coisa. Aí, pensei uma maneira muito pra mim.... primeiro que não vou ficar o dia todo em casa sem fazer nada... vou ter alguma coisa pra fazer Eu sei que vou ser útil pra comunidade né,... ai vou contribuir com alguma coisa. Então, aí eu aceitei o convite dele pra ajudar lá voluntariamente... não se ganha nada remunera... remuneração né. (Ângela, aposentada, Ex-secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo inicialmente, integrante).

No caso de dona Ângela, o fato de a família ser bastante católica favoreceu bastante seus contatos com a igreja e com diferentes espaços públicos. Mas, a aposentada não tinha uma participação de maneira mais engajada até a aposentadoria. Assim, diante da possível crise, como mostram os estudos de Deps (1994), a aposentada encontra na igreja a oportunidade para dar sentidos a esta nova fase que coincidira com a velhice.

Observamos que sob a alegação de que a comunidade é pobre, o líder religioso convoca na aposentada o gesto de solidariedade, assumindo esta secretaria sem remuneração. Dona Ângela aceita por verificar que o trabalho lhe traria mais sentido ao cotidiano pelo fato de poder contribuir com a comunidade diante do tempo livre que a fazia ficar em casa direto. Mas, com o passar do tempo, a aposentada optou por novos desafios assumindo a coordenação da Pastoral da Juventude, o Conselho Eucarístico, dentre outras. Mas, foi na Pastoral da Criança que ela, assim como dona Betânia, se sentiu melhor.

Nas duas situações, verificamos que a tomada de decisão para assumir uma atividade que lhe proporcione maior bem-estar é a tônica no início dessa vida em comunidade. A maioria das aposentadas trilhou caminho semelhante e se deteve, em especial, à catequese e à Pastoral da Criança. Alguns deles assumem os dois papéis sociais. Não coincidentemente, são as práticas que ficam mais próximas ao trabalho com os públicos privilegiados das aposentadas, quando elas estavam em pleno exercício da docência: crianças e adolescentes. Esses gestos indiciam que as aposentadas procuram rememorar a trajetória da docência, uma vez que deixam de lado muitas das possibilidades de trabalho a ser realizado nas vilas.

As aposentadas não possuem indícios de que as práticas socioculturais que desenvolvem lhes garantem satisfação. Isso mostra um encaminhamento diferente do que se poderia pensar diante da representação que se tem a respeito do aposentado e do velho em nossa sociedade. Pelo contrário, muitas delas têm uma dinâmica diferenciada e muitos projetos. Aquelas professoras aposentadas refletem a respeito do que poderão fazer e, em alguns casos, são convidadas a participarem da igreja, em especial. No entanto, a maioria acaba por optar por atividades diferentes, ao longo do processo de escolha, até se engajar na prática que melhor lhe convém por motivos variados. Exemplificando, temos o caso de dona Elizabete que iniciou cuidando da secretaria da igreja, passou pela preparação dos cânticos, participou de cursos para ser ministra da Eucaristia. Além disso, trouxe a família para ajudá-la com a preparação das missas em função de todos serem músicos. Atualmente, a aposentada exerce as três funções, mas ressalta que é na secretaria que se sente melhor por poder lidar com o público, o que a faz lembrar a escola.

4.2- Manutenção do *status* que possui o aposentado, em especial, ao compartilhar saberes com os docentes da Educação Básica.

O grupo de aposentadas tem uma trajetória marcada pelo engajamento com a docência associada ao trabalho em prol das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Muitas dessas mulheres se endereçaram ao magistério por motivações bastante diferentes do que se poderia esperar de profissionais que são referendadas como exemplos de docentes, aposentadas, pessoas comprometidas com seus contextos.

Com o advento da aposentadoria que no caso da maioria do grupo coincidiu com o período final da Idade Madura e início da Velhice, conforme analisamos no item 3.1 desta seção, as aposentadas passam por um período de satisfação com a nova situação (entre seis

meses e um ano) durante o qual aproveitam para refletir a respeito da nova etapa de desenvolvimento humano e seus gestos evidenciam querer etapa, apesar de algumas limitações físicas, essas professoras projetam a vida continuando a investir em experiências que lhes proporcionem uma velhice bem-sucedida.

Nesse caminho, o grupo opta por diferentes maneiras de construir sua identidade, enquanto aposentadas que conseguem reconhecimento social e satisfação pessoal. Esses gestos indiciam estratégias para que possam se dar conta de demandas apresentadas com as quais comungam de sonhos e de realizações de trabalho, sentimentos por meio de engajamentos em práticas socioculturais cujos perfis encontram espaço favorável nas experiências vividas na trajetória docente e na vida em comunidade.

As identidades presentes nas narrativas que serão analisadas neste item mostrarão identidades não apenas do grupo enquanto aposentadas, mas ainda de docentes, coordenadoras da Pastoral (Criança e Juventude), dos Apostolados de orações, cidadãs, mulheres, formadoras, articuladoras políticas, dentre outras. Essas identidades serão interpretadas à luz de perspectivas dos modos de vida e das Estruturas de sentimento, presentes nos trabalhos de Raymond Williams (1969), do dialogismo e do Ato responsável bakhtiniano no cotejo das temáticas que abordam os saberes da experiência (LARROSA, 2002) e da Identidade (HALL, 2002; NÓVOA, 1992) no que Nóvoa trata como os aspectos que compreendem a identidade docente, a saber: a adesão, a ação e a autoconsciência como passaremos a mostrar.

4.2.1- A constituição das identidades nas diferentes esferas públicas

4.2.1.1- Instâncias religiosas

A maioria do grupo de aposentadas possui uma relação bastante sólida com os diferentes espaços públicos, principalmente, com a igreja, com os movimentos culturais e com a escola. Portanto, a circulação por aqueles espaços contribuiu muito com o processo de constituição das identidades daquelas mulheres. Segundo Hall (2002), a identidade não é algo dado, pronto. Assim, é nas interações com o outro e com as situações cotidianas que o sujeito vai assumindo tais identidades.

É importante ressaltar que, dependendo da trajetória de cada aposentada e das experiências vividas e partilhadas com os moradores da vila, a população as considera mais ou menos engajadas em algo que é essencial no perfil do docente que atua naqueles contextos: a articulação entre comunidade escolar e vida social na comunidade (desenvolvimento das práticas socioculturais). Isso traz à tona os aspectos (adesão, ação e a autoconsciência) que fazem parte do processo identitário docente tratados por Nóvoa (1992), como poderemos observar em algumas das narrativas abaixo:

Essa presença também na escola de alguma maneira na escola que faz essa presença deles, é uma maneira participativa na escola, qualquer coisa... Seja até porque é uma parceria entre escola e que não tem aqui uma comunidade escolar, mas tem a comunidade mesmo é lá, mas é uma parceria tudo o que acontece dentro da escola a igreja vem apoiar. [...] e com a escola. Eles acabam contribuindo porque eles estão inseridos na igreja no momento em que a escola precisa porque a escola é a família de muitos que...desses/desses aposentados, então é por isso que eles não deixam de dar essa parceria pra gente. É pelo menos agora né? Eles tavam com a dona Paula, Elizabete querendo ajuntar aí uns instrumentos né pra botar os meninos pra aprender a tocar aí o pessoal da comunidade. (Lúcia, agricultora).

[...] eu gostei muito porque eu deixei muita saudade na escola em que era o meu lugar que até hoje e sou lembrada, em todo momento mu/muitos pais recorrem a mim, então eu escolhia isso.(Paula, aposentada, coordenadora do Apostolado de Orações do Sagrado Coração de Jesus na igreja de São Benedito, auxilia nos ensaios da quadrilha Estrela Junina).

A compreensão que Dona Paula faz de si, a partir do reconhecimento dos moradores, encontra fundamento na trajetória de engajamento da aposentada nas ações da vila Moiraba colocadas mais em destaque, quando ela passou a ajudar seu pai, um dos gestores daquele distrito, assumindo a direção da única escola da vila. Todo o gerenciamento no âmbito educacional era de sua responsabilidade. Isso projetou a então docente dando-lhe uma relevância interessante nas assembleias e nas decisões concernentes ao desenvolvimento da vila.

Verificamos nesse encaminhamento um processo não apenas de adesão ao trabalho, proposto pela escola na qual ela também atuava como docente, mas de ação a partir da relação que estabelecia entre vida escolar e vida comunitária. E nesse ponto, a aposentada também tem autoconsciência do seu papel naqueles territórios da cultura. Ou seja, a construção desse processo identitário se deu de forma gradual, nas experiências vividas com os sujeitos (pais, alunos, colegas de trabalho, gestores) em diferentes situações e tempos procurando fazer promoção e divulgação do trabalho das quadrilhas das vilas, para que melhorassem as ações de formação nas vilas e, conseguissem recursos para continuidade da construção do centro comunitário e da igreja de São Benedito.

Isso é reiterado na narrativa de Lúcia que mostra um dos mais novos projetos do grupo de aposentadas. A agricultora que foi aluna de dona Paula e teve todos os filhos alfabetizados por ela também evidencia o quanto esta aposentada procurou associar vida na escola e na igreja. Aliás, muitas das interações são favorecidas pelas práticas desenvolvidas por essas instituições.

Há narrativas que mostram ações que o grupo de aposentadas procura desenvolver, mas que precisariam de apoio do estado ou de instituições especializadas em função da complexidade dos problemas, como podemos observar na narrativa de Carmem, agricultora e ex-aluna de muitas integrantes do grupo:

ajuda...ajuda...eles contribuem...principalmente assim pelos/pelas brincadeiras que a gente faz do/da parte dos professores quer dizer eles chamam muitos rapazes...muitos jovens e, às vezes já tem até vício (devido a essa coisa e tudo o mais) já levam pra lá. Quer dizer já tentam tirar...colaboram muito (esse jovem, eles fazem aquelas brincadeiras...da comunidades) quer dizer já tiram esse jovem. (Carmem, agricultora).

Esses professores aposentados daqui da nossa vila... eles/eles sempre des/eles/participam assim da::a igreja... eles participam também juntamente com a/os professores lá na escola... e::eles sempre eles se preocupam juntamente com os professores com a comunidade geral né em participar de vários eventos que tem na comunidade é::é... momentos cultura::ais, religiosos... eles sempre estão...juntamente com a comunidade escolar e::e também na vida religiosa de/da nossa vila também, sabemos que a nossa vila é pequena aqui né e eles se preocupam...com a gente. (Creuza, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas).

Verificamos que as aposentadas tentam mobilizar estratégias (brincadeiras) que têm efeito paliativo, pois dependeriam de assistência psicológica, médica e, em alguns casos, policial para intervir em caso como o uso de drogas que vem alcançando um número cada vez maior da população jovem daqueles contextos. Assim, elas procuram socializar os jovens em situação de risco com o objetivo de trazê-los às esferas escolar e religiosa.

A representação que dona Carmen tem das aposentadas de uma referência tal que a faz acreditar na possibilidade de que um problema como esse pode ser resolvido. As atividades desenvolvidas pelas aposentadas são compreendidas como alternativas possíveis pensadas nas devidas proporções, considerando a credibilidade dada ao grupo pela trajetória de vida profissional e em sociedade de um modo geral.

A Estrutura de sentimento, a partir da perspectiva de Williams (1969) atravessa esta relação, pois a experiência vivida atribuiu ao grupo algo que está na dimensão mais institucional, uma vez que precisa de um planejamento, mobilizando intervenções mais

rigorosas. Entretanto, entender que as “brincadeiras”²¹ darão conta desse problema também indicia que há algo na relação que precisa ser ponderado e é daí que talvez Carmen atribua esta competência às aposentadas que, ao longo dos anos, foram assumindo funções sociais e culturais nas vilas de modo a representar a referência para aconselhar, partilhar e resolver problemas.

Na narrativa de Creuza, docente da Educação Básica e ex-aluna de algumas aposentadas, há um tom de valorização do grupo, por conta da ajuda que o mesmo realiza em diferentes aspectos. A Estrutura de sentimento de valorização, de referência e de legitimação das aposentadas pauta-se na trajetória daquelas mulheres com experiências vividas para além dos muros da escola, no convívio do cotidiano como se poderia esperar em uma sociedade que deixa o aposentado, e mais ainda, o velho à margem.

Há momentos em que os discursos dos sujeitos associam as docentes aposentadas à tradição escolar que procurava dar conta da formação religiosa, intelectual e de conduta social. O grupo se mantém como uma possibilidade de não perder isso por completo, considerando a realidade de violência em sala de aula, nos mais diferentes níveis de ensino, as condições financeiras dos educandos e contextos, como verificamos nas narrativas de George e Nazareno, docentes e líderes comunitários na vila do Carmo do Tocantins e na vila Moiraba respectivamente:

[...] eu vejo assim que a atividade das pessoas que restam de aposentar na nossa comunidade eles prestam um serviço muito importante na educ/na educação tanto de nós professores líder comunitários mas também de...de/do resgate do direito...respeitar as pessoas porque essas pessoas que estão aposentadas hoje eles exerciam uma educação meio mais tradicional e hoje com o avanço da educação hoje e/esse método da educação tradicional ele era um pouco respeitado pelas maneiras como eram educados as/os alunos e essas e esses/esse respeito hoje não existe dentro da escola. (George, Docente da Educação Básica, ex-aluno de algumas aposentadas, líder comunitário na vila do Carmo do Tocantins).

Eu vejo assim que contribuem no sentido de levar ajuda às pessoas que estão mais novas a na função de professor assim como eu sou professor, a questão, repetindo a questão anterior que eu falei de hoje como ensinamento pro nosso trabalho como eu sou professor da 1ª a 4ª série assim o desinteresse de ser alguém na vida e que os professores antigos se preocupavam de ensinar os alunos a serem alguém na vida e eles se dedicavam ao máximo. Em pesquisa que eu realizei... aqui na vilas, se o professor visse alguém da vila visse alguém fazendo algo errado cometendo algum ato, eles falavam mesmo e até tomavam bênção das pessoas, dos professores. Então estas partes que eu acho importante e que a gente aprende com eles. (Nazareno, docente da Educação Básica, líder comunitário da vila Moiraba, coordenador da Pastoral da Criança de São Benedito e da quadrilha Estrela Junina).

Como todo discurso se constitui em uma relação heterogênea com outros discursos (BAKHTIN, 1988), o discurso de valorização das práticas culturais das aposentadas não se

²¹ Brincadeiras- compreendidas aqui ações lúdicas de caráter educativo cujo objetivo é inserir os jovens em processos de interação social que ofereçam-lhes outras formas e expectativas de vida.

produz na sua pureza homogênea. Ele é atravessado de outros discursos, de outras vozes, seja de completa adesão ao trabalho das aposentadas seja de ressalva ao que imaginamos que ele (o trabalho) contém de um discurso da tradição escolar.

Veja que George, ao veicular um discurso de valorização do trabalho que as ex-professoras desenvolvem na comunidade, emerge também uma outra voz que modaliza em direção a uma avaliação do trabalho desenvolvido: *“exercem uma educação meio mais tradicional e hoje com o avanço da educação hoje e/esse método da educação tradicional ele era um pouco respeitado pela maneira que era educado os alunos”*. Mesmo reconhecendo que a educação anterior impunha maior respeito aos alunos, não podemos deixar de observar que este discurso coloca em oposição à educação tradicional x educação de hoje (com avanço tecnológico). Essa oposição conduz um tom valorativo dos processos educacionais, embora a questão moral, expressa pelo respeito dos alunos ao professor, seja referida como fator que marca a educação conduzida pelas aposentadas.

Nesse caso, a identidade direcionada às aposentadas é de guardiãs de valores pouco cultivados ou que não fazem mais parte do perfil da nova geração docente. Isso se pauta no fato de que as identidades são discursivamente construídas, portanto, as aposentadas ao aderirem e agirem, na perspectiva do que Nóvoa (1992) apresenta como os aspectos que constroem a identidade docente, passam a ter autoconsciência das suas funções fazendo uso da linguagem de modo a persuadir seus interlocutores e assumindo as identidades advindas disso.

Os diferentes papéis sociais assumidos por George e Nazareno (coordenador geral da quadrilha Estrela Junina, da Pastoral da Criança na vila e do grupo de oração de Jesus) acabam por convocá-los a diferentes situações no âmbito pessoal e profissional que influenciarão no processo identitário (HALL, 2002), em especial, enquanto profissionais da educação, porque eles optam por determinados encaminhamentos que são tomados como referência em função das atitudes que lhes são depositadas.

Um bom exemplo disso é a situação vivenciado por Nazareno, ao coordenar a quadrilha que precisa de promoções (muitas das quais necessitam da venda de bebida alcoólica), para ajudar os integrantes com as despesas do grupo, mas que o coloca em xeque por coordenar a pastoral da Criança e o grupo de oração que se alinham com a campanha da igreja em não se permitir qualquer promoção desse tipo. Esse encaminhamento da igreja deve

ser propagado na escola também. Ou seja, há identidades que se chocam, às vezes, com poucas possibilidades de negociação a ponto de o processo discursivo ser prejudicado, porque o professor (nem colocaremos em discussão as atribuições do coordenador da Pastoral e do grupo de oração detendo-nos ao tópico da discussão que é a identidade docente) defenderá algo que o coordenador da quadrilha precisará defender em prol das necessidades do grupo que proporciona lazer e continuidade da tradição cultural naqueles contextos.

O grupo de aposentadas também se mostra à disposição de novas aprendizagens, ora para manter o que considera importante para as comunidades, ora para ser solidário, assumindo papéis que poucos poderiam assumir em função das dinâmicas e de perfis exigidos. Ao assumirem tais posturas, as aposentadas revelam alguns indícios de que compreender a velhice como apenas mais uma etapa do desenvolvimento humano (BALTES, 1990) procurando se concentrar em experiência vividas que lhes garantam bem-estar. Portanto, mesmo inconscientemente, aquelas mulheres continuam investindo em novas aprendizagens para garantirem uma velhice bem-sucedida (ANDRADE, 2010). Esses endereçamentos às novas aprendizagens se manifestam em diferentes gestos observados e discutidos, a partir de narrativas como a de dona Vânia inicialmente:

Eu me dediquei a esse trabalho... a esse trabalho com esse grupo... dei tudo de mim e até hoje eu faço isso. Nós tivemos assim várias experiências assim..... ajudando as pessoas eu..... eu me sinto muito bem quando posso ajudar alguém.... eu me sinto muito bem. (Vânia, coordenadora do Grupo folclórico Evolução Fênix da vila do Carmo do Tocantins. O grupo se transformou em Associação).

Dona Vânia é a aposentada que mais se distancia das práticas (catequese, pastoral da Criança e da Juventude, grupos de orações) que envolvem a maioria das aposentadas, porque atuava num grupo folclórico de vila do Carmo do Tocantins que apresentava diferentes ritmos. A partir de 2011, o grupo se transformou em associação como já apresentamos na seção 01. As demais integrantes do grupo circulam e se engajam em menor proporção (apoio nos ensaios, divulgação, na organização das viagens ao município de Cametá e localidades mais próximas em função dos concursos) em espaços que tratam mais do aspecto cultural.

Desse modo, projetar-se, mais ainda, com o tempo fornecido pela aposentadoria às práticas culturais desenvolvidas no grupo folclórico, e para além disso, ampliar as ações do grupo transformando-o em uma associação revelam o quanto a aposentada se coloca à disposição de novas aprendizagens. Em princípio, as aprendizagens tiveram uma relevância mais de manter a tradição cultural e a possibilidade de entretenimento, junto aos jovens das

vilas de maneira mais efetiva. Com o passar do tempo, os engajamentos se ampliam para o assistencialismo. Os saberes são mobilizados pelas aposentadas, ao longo de sua trajetória. Diferentemente da maioria dos moradores que se centram nas práticas da igreja, estas aposentadas estabeleciam ligação com os docentes da Educação Básica por meio desse grupo/associação.

É importante ressaltar que a maioria das narrativas mostra uma preocupação muito grande das docentes em desenvolver um trabalho pautado na solidariedade como encaminhamento maior delineado pela igreja católica. Aliás, a força do aspecto religioso é o que atravessa o processo identitário do grupo de aposentada, tanto nas narrativas do grupo quanto nos sujeitos que nos ajudaram a compor a cartografia cultural das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins e a compreender melhor os engajamentos daquelas mulheres nas práticas socioculturais em prol daqueles territórios de cultura.

Por conta disso, resolvemos organizar as narrativas que, além de ratificarem os desejos e disponibilidade endereçadas à novas aprendizagens, revelam um objetivo maior que é aprender para intervir, ajudar e se realizar no trabalho por projetos mais coletivos com forte viés religioso. É interessante verificar que mesmo com esse viés, as trajetórias de vida pessoal trazem certa particularidade nas maneiras como estas professoras aposentadas viveram a docência e se constituíram discursivamente.

Em alguns casos, aparentemente o objetivo católico chega a um nível de dedicação quase integral, mas na verdade deixa em evidência a utilização dessa dedicação a favor de satisfações muito pessoais que encontram, no trabalho voluntário, espaço favorável para não lidar com outras adversidades do tempo ocioso, proporcionado pela aposentadoria. Isso nos ajudará a discutir como a identidade dessas aposentadas vai se manifestando nos engajamentos em prol dos seus contextos.

A experiência que a gente tive são várias vejo assim trabalhar com... com criança.... com jovens.... é muito bom né.... só você saber.... que você ta contribuindo com muita coisa... com jovens né.... fazendo aquela formação é pro futuro.... eu acho que já é uma grande coisa né.... [...] Primeiro porque a comunidade precisa então e outra porque eu gostei... é muito bom a gente nunca para de aprender... a gente sabe tinha muitas coisas até pra mim eu fui aprendendo e gostei do trabalho.... é gostei do trabalho. Eu me sinto bem trabalhando lá... não só por causa do meu tempo que prende.... ajudando outras pessoas. (Ângela, ex-secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo inicialmente e integrante da Pastoral da Criança).

Dona Ângela procurou se engajar nas práticas desenvolvidas na Pastoral da Juventude, mas, atualmente, está mais na Pastoral da Criança. O trabalho com essas práticas

foram conquistando-a aos poucos, a partir das influências da família que era bastante religiosa. Com a entrada para a docência, isso se tornou efetivo, em especial, em função do tempo livre para cuidar da comunidade. Segundo a aposentada, é importante engajar-se no processo de formação dos educandos, observando a questão de formar para o futuro sendo que esse futuro se engaja na vida católica, nos princípios da igreja.

O fato de orientar os pais, em especial, atualiza, rememora as experiências da época do exercício da profissão. Ela associa o trabalho desenvolvido na Pastoral com o da escola e justifica ser esse o motivo pelo qual ela mesma, com experiência em outros movimentos das vilas, optou pela Pastoral. Acredita que este é um compromisso com a comunidade e um papel que é delegado ao docente. Ela procura, portanto se alinhar a esse perfil de professor, mesmo já sendo aposentada.

“[...] agora eu vou querer mais 27 anos os meninos ainda brincaram comigo...mãe, a senhora não vai querer mais nada...Agora é pra Deus. Eu vou querer mais 27 anos os meninos ainda brincaram comigo...mãe, a senhora não vai querer mais nada... agora eu não sei se vão me dar, mas sei que eu quero então é isso [...]” (Beatriz, aposentada, Coordenadora geral da Pastoral da Criança. Atuou bastante como catequista).

Dona Beatriz atribui sentidos às novas aprendizagens como necessárias ao trabalho que realiza na igreja que exerce com muita dedicação e quase não dispõe de tempo. Foi a aposentada que menos interagiu durante a pesquisa, os encontros foram remarcados a favor dos compromissos de última hora e por certa resistência dela que sempre dizia: “tenho muita ocupação”. O perfil retratado pelos ex-alunos e colegas é de uma líder nata, muito rigorosa e competente em tudo que faz, apesar de demonstrar pouca interação, é uma pessoa de posicionamentos bastante objetivos.

Observamos que ela traça alguns ciclos a serem vividos, em especial, ao se dar conta do gerenciamento que parece ter de sua vida em alguns aspectos. A aposentadoria veio para atender a essas expectativas e dá uma conotação de controle definitivo de sua rotina, do caminho a seguir e que era tão desejado (ter controle da própria vida motivada pela viuvez também). As experiências vividas e a coincidência dos 27 anos servem de argumento para que ela siga a identidade que mais lhe é forte nesta fase de novas aprendizagens, novo desafio: a de coordenadora geral da Pastoral da Criança.

Em direção similar, os trechos das narrativas de Dona Elizabete evidenciam as motivações mais específicas do trabalho em prol da vila. Algumas pautadas nas promessas e na identificação, durante um longo período, com o trabalho da igreja, conseguindo a adesão

do restante da família. Por outro lado, a aposentada também deixa em evidência que as identidades assumidas na igreja distanciam e causam alívio de algo com que ela não possui qualquer afinidade: o cuidado com as tarefas domésticas. Essa observação indicia o quanto os sujeitos criam estratégias para lidar com as adversidades do cotidiano.

Tudo, tudo pela comunidade, a gente se apresentava e a agente se apresentava bem. Lá foi a minha base. Depois que eu vim pra cá. Fazendo outros papeis, mas trabalhando pela comunidade Tive doença na garganta e a senhora do Carmo conseguiu. E disse que se eu conseguisse, eu cantaria a missa dela e eu canto. E dia 18,..18 de março, eu tive que viajar...por causa do censo e ...pra nossa maior surpresa, no trecho..nós fomos assaltados. Quando eu vi, eu busquei a força divina e que levassem os materiais e sai sã e salva!

[...] Até sexta? Eu disse não, eu não, não gosto, até sábado e domingo. Eu não gosto de trabalho de casa. Eu pago minha filha. Eu não era acostumada a fazer as coisas em casa, o serviço. (Elizabeth, aposentada, secretária da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ministra da Eucaristia e cantora das missas).

Verificamos que os sentidos e significados das práticas desenvolvidas no contexto da igreja chegam próximo à redenção. As narrativas dela nos surpreenderam, durante a primeira entrevista, por terem acontecido num fluxo contínuo de memória, ela foi a que mais narrou também. A frustração por não ter finalizado o curso de Biologia a resignou também ao trabalho na igreja, pois segundo ela é para seguir um chamado de Maria e ela resolveu segui-lo.

As identidades dessas aposentadas se mostram bastante enraizadas nos aspectos religiosos e de liderança junto aos alunos e demais membros das comunidades, mesmo com limitações em certos momentos profissionais ou da vida pessoal. Ao considerarmos a perspectiva trabalhada por Hall (1997), observamos que as identidades assumidas pelas aposentadas variam entre ativas, engajadas, guardiãs da tradição, da cultura, e, em especial, voluntárias.

Verificamos ainda que o tempo desse voluntariado está relacionado às limitações físicas e familiares, principalmente, porque, durante a pesquisa, algumas aposentadas se distanciaram um pouco das práticas por esse motivo. Os projetos individuais são negociados com os coletivos não apenas das vilas, mas de suas famílias. Assim, os engajamentos oscilam, mas se mantêm.

Isso evidencia que o engajamento das aposentadas está associado às motivações de diversas ordens e que são redimensionados, à medida em que novos projetos de vida são convocados, no processo de constituição dos sujeitos. Os modos de vida dessas mulheres

dialogam com as necessidades das vilas, mas com suas vivências e que na alteridade, assumir determinadas funções nas vilas pode não ser mais o que move essas aposentadas e a continuidade do investimento pode não ser mais o que rememore a docência. Trata-se de um engajamento instável, negociado como a própria constituição identitária.

O desejo em reinvestir na profissão pode ser relacionado ao fato de as docentes terem passado por uma fase de contemplação por conta da garantia da aposentadoria. Mas, perceberam que ainda precisavam realizar projetos, reinvestir na vida. Essa escolha moveu-se a favor das práticas culturais que elas já desenvolviam, mas que eram limitadas pelo tempo dedicado ao trabalho e aos cuidados com a família. Entretanto, essa continuidade no investimento não parte mais de uma necessidade de provimento da família, mas de uma opção pessoal, mesmo que, em alguns casos, a falta de opção de poder gozar a aposentadoria de uma maneira melhor, leve a prática do trabalho voluntariado para ocupar o tempo.

As maneiras como as aposentadas se engajavam nas práticas socioculturais evidenciaram, desde o início da pesquisa (2009) que não residiam apenas nas necessidades das vilas, nem em ocupar o tempo maior em função da aposentadoria, mas detinham-se na sensação do bem-estar e prazer, como muitas relataram, ao longo da coleta das narrativas.

A ideia de não ficarem paradas e a realização das práticas socioculturais mostravam o posicionamento em não aceitar tal posição destinada ao aposentado diante de um tempo ocioso. O tempo precisaria ser bem aproveitado e as aposentadas optam pelas práticas, experimentam uma e outra até se encontrarem. Aquelas professoras aposentadas indiciam em suas narrativas atitudes junto às vilas, ao longo de suas trajetórias profissional e pessoal que as aposentadas, talvez, de maneira inconsciente, desenvolvem estratégias a partir das condições reais que possuem para envelhecer de forma bem-sucedida.

4.2.2- O Professor aposentado: Saberes da experiência na formação profissional de novos docentes

Os professores da Educação Básica das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins procuram se apoiar nas orientações fornecidas pelas docentes aposentadas, seja no contexto escolar, seja nas práticas socioculturais desenvolvidas na comunidade. Assim, eles tomam para si a valorização de uma trajetória de experiência que ainda não possuem, mesmo diante dos encontros das ações (oficinas, planejamentos e orientações) de formação coordenados

pelo Suporte Pedagógico que socializa as orientações e os cursos em Cametá, sob a coordenação da SEMED.

A busca pelo grupo de aposentadas vai em direção oposta ao que se poderia esperar diante de uma sociedade que procura evidenciar a imagem do aposentado como alguém que não corresponde mais às necessidades do mercado de trabalho por já possuir, dentre outros aspectos, um conhecimento que atendia a uma demanda específica situada historicamente. Associa-se também o evento da aposentadoria à velhice e esta é compreendida como o término do desenvolvimento humano e como tal pouco poderia contribuir para novas gerações.

Os contextos selecionados para esta pesquisa mostram um grupo de professoras aposentadas que ressignifica esta lógica, uma vez que na busca por uma velhice bem-sucedida pautada em experiências que lhes proporcionem bem-estar (e reconhecimento social), projetam suas novas expectativas em práticas socioculturais em parceria com os docentes da Educação Básica. Para além disso, elas tentam socializar com os docentes saberes acumulados ao longo do exercício da profissão e da trajetória pessoal circulando tanto pela vila do Carmo do Tocantins quanto pela vila Moiraba.

As experiências vividas aconteceram para algumas destas aposentadas em diferentes aspectos. Tomemos aqui “acontecer” na perspectiva trabalhada nos estudos de Larrosa (2002), ao considerar que só nos acontece aquilo com que possamos a nos engajar. Podemos associar esta noção também ao Ato Responsável dos estudos bakhtinianos no qual o sujeito assume discursivamente suas ações, engaja-se com elas fazendo as intervenções necessárias.

Desse maneira, procuramos organizar as narrativas de modo a discutir os sentidos instaurados nesse compartilhar de saberes da experiência com os docentes da Educação Básica, como apresentamos a partir de algumas narrativas como as de Nelson e de Fátima .

Na verdade a gente observa algumas atividades que realmente contribui aqui na Vila do Carmo, mas o que a mais chama a atenção dentro desses professores aposentados são as questões di... di liderança que apresentam diante dessa comunidade, na verdade, quando a gente observa quando estamos realizando alguma atividade, essa atividade nada mais é do que... vou citar um exemplo aqui: a professora Edna, ela é aposentada há mais de dez anos de aposentada. Ela contribui comigo, pelo menos vou conversar com ela...ela me dá algumas dicas. Ela, ela da feita. Ela foi a minha primeira professora. Ela sempre me dava uma dica de como se trabalhar, de como se deve agir, pra mim, na questão pessoal, ela sempre contribui bastante. Ela ajuda mesmo. (Nelson, docente da educação básica e ex-aluno de algumas aposentadas).

Com certeza... com certeza... porque é as vezes a gente tem uma base não é verdade.... por exemplo eu... tem professor... eu fui aluna... hoje eu sou professora...

trabalho na mesma área... tive como preferência essa professora... no caso a professora Antonieta.... professora de geografia e eu tive assim ela assim como uma base pra mim poder começar meu trabalho... pra mim atuar que não tinha prática também somos novatos... é questão da escola que muitos quando se aposentam pra eles a cada (...) só fica ali vivendo e outros não ... é questão de orientação como eu procurei com a professora Antonieta..... sobre conteúdo é... o primeiro ano quando ela se aposentou eu já estudava faculdade.... já estava no último ano eu já comecei a atuar já tive que pegar uma orientação... uma base... isso me ajudou bastante no meu trabalho. (Fátima, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, desenvolve um trabalho com times de futebol com as crianças em vila do Carmo).

[...] os atuais eles já são universitários... porque pra você ter/ter uma/uma relação não basta você ter uma universidade a coisa vai que você tem e é nisso o compromisso, principalmente o compromisso porque esses professores po/poderiam ser não ser qualificados, mas compromisso com o trabalho deles e através disso eles, eles davam tudo p eles desenvolverem me/melhor educação pra dentro da escola e hoje a gente vê que a maioria eles são, já tem uma universidade, mas eles não têm o interesse de ir aonde agente vinha naquela quando eu cheguei, quando eu vim pra cá eu cheguei a trabalhar com vários professores aposentados como a professora F , professora AM, professora D, tive duas professoras chamadas D, e eles corriam atrás daquilo NADA era difícil (ou coisa de mal) se a gente falava que a gente ia fazer um projeto, um planejamento de uma forma, eles rápido enquanto fazia com aquela coisa que eles já tinham, com aquele conhecimento acabava que eles iam desenrolavam o grupo deles mais rápido do que os que já são formados, que a gente diz que não têm aquela competência, eles ainda vem procurando isso daí como se fosse pai e mãe,() pra você ver como é a família, aí eles, sempre eles colocam a confiança nos pais e nas mães. (Georgina, Suporte Pedagógico das vilas. Trabalhou com algumas das aposentadas. Participa da organização geral das atividades religiosas da vila do Carmo).

As aposentadas são procuradas pelos docentes da Educação Básica de maneira informal em suas casas, nas atividades promovidas pela igreja ou pelos grupos culturais, em especial, quando está no início da carreira, como apontam os professores Nelson e Fátima. Essas orientações não acontecem de forma institucionalizada, pois não há qualquer acordo de forma que legitime a socialização de saberes. Por outro lado, não lhes é causado qualquer empecilho de atuação junto aos professores da Educação Básica que procurem os aposentados para solicitar orientações, materiais que ampliem seus saberes e fazeres pedagógicos, gerando confrontação com o trabalho desenvolvido por Georgina, suporte pedagógico que, ao se referir às contribuições do grupo de aposentadas, afirma que ao trabalho da nova geração de docentes:

“eles rápido enquanto fazia com aquela coisa que eles já tinham, com aquele conhecimento acabava que eles iam desenrolavam o grupo deles mais rápido do que os que já são formados, que a gente diz que não têm aquela competência, eles ainda vem procurando isso daí como se fosse pai e mãe,() pra você ver como é a família, aí eles, sempre eles colocam a confiança nos pais e nas mães”.

Ou seja, esta competência esta associada ao que Larrosa (2002) chama de saber da experiência. É nesse tipo de saber constituído no cotidiano escolar e para além dele (igreja,

grupos folclóricos, centros comunitários) que os docentes da Educação Básica procuram referências, para avançar no processo de construção da profissão.

Observa-se que esse apoio e assessoramento é de conhecimento da representante da secretaria municipal de Educação e que atua como Suporte Pedagógico, Georgina que reitera as narrativas dos sujeitos a respeito das orientações e parceria realizada com os docentes atuais como se pode observar em:

Eles fazem, sempre eles fazem porque isso é um ponto positivo que existe dentro da educação e quase certeza, a presença deles a gente sabe que é indispensável é/é por causa que dentro da educação eles têm essa contribuição deles, aonde essa contribuição deles é uma contribuição é... ela não é paralela é/é uma contribuição efetiva daquilo da onde eles não deixam é... a desejar, eles tem pra onde está o ponto deles não se negam a fazer. . (Georgina, Suporte Pedagógico das vilas. Trabalhou com algumas das aposentadas. Participa da organização geral das atividades religiosas da vila do Carmo).

Ela, inclusive, trabalhou com algumas das professoras aposentadas, por isso vê como positivo o envolvimento delas nas práticas que acabam por refletir nas escolas pelo engajamento dos professores, como pela participação do grupo, durante as semanas pedagógicas. A formadora aponta que o perfil do docente precisa ir além da formação universitária colocando à tona que o compromisso do grupo de aposentadas dá conta disso.

Ser professor naqueles contextos requer saberes de diferentes ordens e é nesse aspecto que as aposentadas se destacam também. Isso vai ao encontro de Tardif (2002, p.36) que classifica como “saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”. Sendo que os últimos representariam o ‘amálgama’ dos demais submetidos à prática e à experiência no contexto de atuação. No caso dos docentes da Educação Básica, os saberes experienciais adquiridos no contexto de atuação com os colegas mais experientes, diante dos desafios impostos pela docência.

Entendemos que os docentes da Educação Básica solicitam, apoiam-se e se engajam em saberes da experiência, conforme os estudos de Larrosa (2002) nos quais a educação é tomada como ato de se engajar nas práticas educativas e não meramente repassar um conhecimento sistemático e historicamente acumulado. Por isso, mesmo sabendo das limitações de formação das professoras aposentadas diante do nível superior que eles cursaram, suas experiências e saberes docentes servem de referências, se engajam nos projetos com os novos professores que de acordo com suas necessidades, permitindo-se,

valorizando um saber que associa conhecimento sistematizado à dinâmica da vida e que propicia a emancipação de outros sujeitos.

As imagens que o outro faz das professoras aposentadas produzem relações com diferentes esferas da sociedade em que os saberes das aposentadas circulam: a escola, a igreja, os grupos folclóricos, etc, estabelecendo contato com diferentes memórias sociais e com diferentes discursos que circulam na sociedade sobre ensino, aprendizagem, formação docente. Esses discursos, por sua vez, traduzem as diferentes vozes das aposentadas.

Observamos que, de modo geral, há nesses discursos também a presença de Estruturas de sentimento (Williams, 1969), possivelmente, ligando os professores da Educação Básica às aposentadas, pois todos de alguma maneira ressaltam que elas foram suas referências no início da docência e que ainda se colocam à disposição para orientar e apoiar o trabalho deles. Por essas atitudes são referendadas pelas comunidades, mesmo pertencendo a um grupo que é bastante discriminado na sociedade atual movida, predominantemente, pela lógica estatal de mercado. Ou seja, há uma regularidade discursiva sobre o aposentado como sujeito que não ensina ou aprende mais. Entretanto, nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, as professoras aposentadas continuam ressignificando a vida, a docência e a própria aposentadoria, orientando os docentes da educação Básica, parceiros de atividades, nos demais espaços públicos de circulação de saberes.

As intervenções na vida escolar dos educandos e as lembranças da docência acontecem na interação das aulas da catequese, nos encontros da Pastoral da Criança e nos ensaios das manifestações culturais: nas quadrilhas em especial, nos ensaios para os cânticos das missas. As aposentadas trazem à tona as memórias da docência, ressignificando-as diante das necessidades dos contextos por onde circulam.

Nessa perspectiva, deixa-se em evidência também a necessidade de que as lutas devem ser mais forjadas nas estratégias, por isso, seu caráter político, das relações de poder, simbólico e linguístico exigindo engajamento, ato responsável e ético diante do conhecimento, dos contextos e sujeitos. As temáticas que vão ao encontro do que vimos discutindo, ao longo deste trabalho, quando nos propusemos a analisar as formas encontradas pelas aposentadas para continuarem a investir, a projetarem a vida em novas experiências.

Eles me ajudam bastante porque eu exercendo a profissão que era deles...talvez eu tenho hoje...eu busco bons exemplos que eles me passaram...eu carrego até hoje comigo né...eles contribuem bastante pro meu trabalho hoje. Olha no

meu caso... contribui assim... porque o meu trabalho... eu desenvolvo assim... eu estudei com a maioria desses professores então eu me baseio na prática deles... porque a gente aprende muita coisa boa né... então eu procuro fazer meu trabalho me espelhando no que eles me repassaram entedeu... até hoje assim mesmo que a gente de uma certa forma colegas por respeito a gente ainda chama professor né.... ficou esse costume já trabalho tem a mesma profissão mais mesmo assim. (Virgínia, coordenadora da quadrilha Revelação).

Olha aqui na Vila do Carmo... alguns professores eles trabalham mais na comunidade /na igreja ... normalmente eles trabalham na pastoral da criança e grupo de liturgia essas coisas assim e quem fazem com que melhore nosso trabalho.. porque como as pessoas sabem que aqui na nossa comunidade tem poucas pessoas que trabalham então nosso trabalho como professor ele toma muito nosso tempo... então pra eles que já são aposentados né... não trabalham mais na escola.... já fica mais fácil porque eles têm mais disposição.. disponibilidade pra tá saindo (...) às vezes a gente não pode. (Lorena, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas aposentadas, integrante da Pastoral da criança-responsável pelo setor Bom Jesus).

Com certeza, eles são/eu acho que eles são a base é... nós professores a gente, por exemplo, eu... eu me baseio neles... de tudo o que eles fazem pela nossa comunidade da/da mesma forma eu vou querer quando eu me aposentar se Deus quiser eu não vou ficar... parada eu/eu quero agir assim dessa forma como eles, buscar me realizar não/não profissionalmente que eu já me sinto realizada, mas procurar de outras formas também tá engajada como eles em comunidades. Desde que eu trabalho como professora, esses professores todo tempo estão com a gente né, tanto/em qualquer tipo de atividade, não só agora que estão aposentados, mas antigamente como eu tô lhe falando o que a gente precisa deles, eles tão prontamente pra ajudar a gente não é só agora. (Leila, diretora da escola Gracinda Peres- vila Moiraba, ex-aluna de muitas das aposentadas. Trabalho com o movimento jovem da igreja).

As narrativas das professoras Virgínia, Lorena e Leila evidenciam que em diferentes momentos, as aposentadas assumem papel relevante no processo de formação naqueles territórios. Em sua narrativa, Virgínia relata como se apropriou de saberes no início da docência e que ainda hoje lhes serve como referência, mesmo existindo a presença de alguém como a professora Georgina que atua como Suporte atualizando os encaminhamentos teórico-metodológicos.

É importante ressaltar que os discursos são atravessados por diferentes intenções, como ocorre na segunda narrativa da professora Lorena que, apesar de reconhecer os papéis das aposentadas, justifica que as práticas que elas realizam são possíveis em função do tempo ocioso garantido pela aposentadoria. Entretanto, ela não se dá conta de que sua mãe, uma das mais referendadas aposentadas na vila do Carmo sempre conciliou diferentes papéis naquele contexto, durante o exercício da função. Obviamente, o tempo fornecido pela aposentadoria autorizou Miriam a viver um projeto que era realizado no conciliar profissão, família e igreja. Ao se aposentar, ela opta pelas práticas desenvolvidas, em especial, pelas necessidades demandadas pela igreja.

Os docentes articulam saberes escolares, práticas socioculturais, movimentos de cunho político e econômico que permeiam suas comunidades em ações que ultrapassam os muros da escola. As relações entre professores e alunos prolongam-se além das atividades pedagógicas, como evidenciamos nos contextos pesquisados. Essa tônica gera um movimento de parceria interessante, em especial, no que se refere ao grupo de aposentadas que sempre procura se mostrar disponível ao trabalho em deferente esferas discursivas.

Na narrativa da professora Leila, diretora da escola da vila Moiraba, as aposentadas lhe servem também como exemplo para futuros projetos de vida. Observamos que a professora já se sente realizada profissionalmente, mas já percebe que assim como as aposentadas, precisará se manter ativa e deseja isso. Assim, as práticas desenvolvidas por aquelas mulheres lhe acenam como uma alternativa interessante de ressignificar a vida diante da aposentadoria.

Precisamos dizer que as aposentadas gozam de um *status* ou de prestígio naquelas comunidades, graças ao engajamento das práticas que elas desenvolvem (algumas desde a adolescência) o que se estende também aos docentes mais jovens dentro das vilas. Por isso, não necessariamente estar no grupo significa ter sido atingido pelo saber da experiência sob os moldes de Larrosa (2002). Isso poderá indiciar uma estratégia de como é “ser professor” naqueles contextos, mesmo ao se chegar à aposentadoria.

Remeto-me também a Bakhtin (2010) ao tratar do ato responsável considerando-se que respondemos ao mundo por meio de atitudes pelas quais somos responsáveis e que isso deve acontecer de forma ética, o que atribui sentido às nossas ações, faz com que nos engajemos nelas. Isso pode demonstrar um pouco a alteridade constituída nas interações que as aposentadas realizam, principalmente, com os professores da Educação Básica.

Ao considerar que o “ato responsável” mantém reação com o sentido de “responsivo”. Por esta via de reflexo, Bakhtin alerta que nossas experiências trazem ecos de dois mundos que se confrontam e são absolutamente impenetráveis: ‘o mundo da cultura e o mundo da vida’. Para o autor, é no mundo da cultura (ciência, direito, arte, religião) que produzimos, criamos, conhecemos, vivemos e morremos. Os dois mundos se voltam para direções opostas: o mundo da cultura se volta à objetividade da vida, e o mundo da vida se volta a aspectos singulares e irrepetíveis da vida, que se vive.

Nessa direção é que podemos dizer que os sentidos produzidos por diferentes sujeitos (aposentadas) das duas vidas nos levam a admitir o que se toma como referência nas práticas das aposentadas não é o que está delineado pela objetividade institucional. As práticas das professoras aposentadas têm raízes nas experiências do vivido, na forma estética de construção da vida. São as experiências do vivido, centradas no existir e nos valores bases desse existir que mobiliza o “viver-agir” (BAKHTIN, 2010) das professoras aposentadas.

Nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins, as interações (igrejas, ensaios dos grupos folclóricos, atividades da Pastoral da Criança e ensaios para os cânticos das missas) dos docentes da Educação Básica e aposentadas revelam que há também o saber da experiência trabalhado por Larrosa (2002), posto que as ações não se restringem ao contexto escolar, ou seja, o saber plural aqui está envolto pelas práticas culturais desenvolvidas nas comunidades. Por isso, a relevância de se trazer para a discussão a cultura enquanto modos de vida tratados por Williams (1969), para compreendermos que a legitimidade desses saberes das professoras aposentadas por parte dos moradores encontra-se nas ações realizadas, nos diferentes contextos, e que não são meramente repassados, mas conseguem adesão por parte de muitos dos docentes da Educação Básica.

Essas práticas socioculturais realizadas em múltiplos espaços da esfera pública fortalecem o trabalho dos docentes que se engajam com elas. Nas narrativas da diretora Leila e da supervisora que gerencia a formação continuada nas vilas, Georgina, por exemplo, observamos que as aposentadas apóiam e orientam as práticas de modo a fortalecer o imbricamento escola/igreja. Esses encaminhamentos permeiam suas vidas (profissional e social).

Os professores Nelson e Leila, esta última diretora da escola da vila Moiraba, trazem para discussão um aspecto que norteia grande parte do trabalho aqui implementado, posto que ao colocar as aposentadas que ainda trabalham pelas vilas, sinaliza um estereótipo em relação aos que não optaram por esse mesmo encaminhamento. Isso mostra **que se der vez e voz** ao aposentado (e velho) perpassa por determinados critérios construídos no âmbito de diferentes esferas públicas, que por mais rurais/ribeirinhas que sejam se encontram em contato com as práticas mais institucionalizadas das relações de poder que constroem discursivamente identidades, representações nas interações com os sujeitos.

Cabe lembrar o que nos mostra Neri (2003) e Deps (1999), ao tratarem da aposentadoria como uma fase de transição e de opção por outros projetos. Por isso, nem sempre os engagements serão trabalhar em prol das vilas. Esta parece uma condição para ser professor: engajar-se na comunidade. Verificamos a relevância do aspecto cultural, os modos de vida na perspectiva de Williams (1969) permeando os posicionamentos dos sujeitos. Os sujeitos poderão optar pelo cuidado com os familiares, envolverem-se em programas de voluntariado em outros contextos, voltar ao trabalho remunerado etc..

Durante as etapas da pesquisa de campo, consideramos que há professores da Educação Básica, como os professores Nazareno, recém-graduado em Pedagogia, Estela que é graduada em Letras e Conceição também graduada em Letras que já se mostram engajados nas práticas desenvolvidas nas vilas de forma semelhante ao engajamento das aposentadas. Esses docentes foram os que mais procuraram participar de todas as etapas de pesquisa, mesmo diante de tantos compromissos, isso me chamou a atenção. Muitos dos discursos das aposentadas encontram réplicas nas narrativas e nas práticas dos professores, apesar de esses profissionais, principalmente, a professora Simone, atuarem de forma a mediar orientações das aposentadas e sua formação em nível superior. A professora Conceição confessou que já participa da Pastoral da Criança, porque está se preparando para se aposentar e precisa já saber bem como o trabalho acontece, pois quer desenvolver esta prática na sua aposentadoria. Além disso, pretende elaborar um projeto de leitura na vila do Carmo do Tocantins.

Ah! com certeza, com certeza...por mais que a gente às vezes acha/ache né... que::e eles são apo::osentados que::e já estão com as ideias ultrapassadas e tudo, mas se a gente deixar de fazer::r a gente acaba caindo naquela questão que nós estamos quebrando uma tradição...então essa/aí está né presente a contribuição deles ainda...porque se eu tenho as minhas idéias hoje que já são outras...é...mas eu sinto a necessidade de associar a ideia deles...então...por exemplo como eu estou há pouco tempo em sala de aula...eu ainda recorro ...a alguns professores quando eu sinto alguma dúvida [...].É ...é uma situação assim de criticar...uma crítica né...que na época da fulana de tal eles citam o nome de algumas que já passaram por aqui muito antes...tinha um sete de setembro ma-ra-vi-lho-so e agora por quê que não tem? aí com isso a gente vai né...claro a gente não quer que a tradição morra e acaba fazendo, acaba se esforçando mesmo se a gente ache que não é pra fazer mais e acaba fazendo. (Estela, docente da Educação Básica, ex-aluna de algumas das aposentadas, vice-coordenadora e integrante da quadrilha Estrela Junina e do Postulado de Oração do coração de Jesus).

A narrativa da professora Estela revela que os pais/responsáveis dos alunos e as aposentadas cobram aspectos, práticas que estabelecem um elo entre vida na comunidade e na escola. Isso é decisivo para eles que mesmo jovens percebem os diferentes endereçamentos e que podem perder questões que antes eram tão referendadas nas vilas. Eles procuram se engajar nessas práticas pelo acompanhamento que se propõem a fazer (e fazem). Os docentes

da educação Básica percebem o *status* que isso pode lhes garantir junto aos pais e à comunidade como um todo, considerando que as aposentadas gozam de prestígio justamente por isso. Neste caso, vale dizer que, na vida cultural (educação, religião e lazer) as aposentadas ocupam posição de autoridade para a maioria dos professores da nova geração.

Notemos que os estudos desenvolvidos por Bazzo (2008) mostram o quanto é comum os docentes iniciantes na profissão trazerem as experiências enquanto alunos, mesmo de forma inconsciente, para darem conta da função. Ancoram-se nas práticas docentes enquanto “equipamento cultural acumulado”. Entretanto, no caso da pesquisa realizada, os docentes apóiam-se não apenas nas orientações solicitadas ao grupo de aposentadas, mas partilham com elas outras práticas em prol das vilas.

Mesmo existindo bastante sintonia em determinados aspectos da relação docente da Educação Básica e docentes aposentadas, há tensões interessantes como é o caso da narrativa da professora Estela que coloca isso de maneira mais evidente, ao tratar da comparação entre os encaminhamentos dados pelas aposentadas (mais rígidos) e os atuais, porque ela considera importante as orientações deles, mas há coisas que precisam ser mediadas, pois os tempos e as necessidades mudam, por isso há saberes em disputa. Ressente-se do fato de os pais dos alunos relatarem que nos tempo das aposentadas “era bom” como se ela e seus colegas que atuam não realizassem práticas dignas de valorização. Dessa forma é possível verificarmos que a parceria desses docentes com o trabalho das aposentadas pode constituir um elemento estratégico também para garantir reconhecimento no âmbito das comunidades locais.

É importante frisar que diante de uma aparente aceitação da voz, da experiência vivida e narrada pelas professoras aposentadas (encontram-se entre a idade Madura e a Velhice) em diferentes espaços públicos, identifica-se o quanto aqueles contextos dialogam com uma postura ainda presa aos moldes da sociedade de consumo, da informação, do conhecimento, como aponta Larrosa (2002). Apesar de muitos professores procurarem seguir as orientações das aposentadas, engajando-se em práticas que elas desenvolvem, os discursos se revelam hegemônicos, uma vez que eles comparam as professoras aposentadas com os aposentados “que morreram para a vida”, ou seja, com aqueles que não trabalham mais e não se engajam no trabalho em prol das comunidades.

Há de se considerar que as Estruturas de sentimento envolvem bastante as relações estabelecidas entre os sujeitos selecionados para esta pesquisa, posto que existindo as

narrativas evidenciam discursos contraditórios, pelo fato de se considerar aposentadas ‘ativas’ as mulheres de idade Madura (próximas à velhice), concedendo-lhes voz e vez.

Esse aspecto residual, ou seja, em que mesmo diante de postura hegemônica, cristalizada do que é ser aposentado, aquelas docentes aposentadas negociam, criam estratégias para se manter dignas do *status*. As formas de engajamento com os discursos das aposentadas pautam-se bastante por muitos dos moradores e, em especial, pelos docentes da Educação Básica terem sido alunos (da catequese também) do grupo de aposentadas, trabalhado com eles em alguns casos (na escola e em práticas culturais) em boa parte das situações. Assim, mesmo tendo orientações do Suporte Pedagógico, a maioria da nova geração de docentes procura pelas professoras aposentadas em busca de orientação e apoio no trabalho desenvolvido na escola.

Constatamos que o grupo de aposentadas tem *status* na comunidade, que é reconhecido em função das práticas que desenvolvem, mesmo não estando circunscritas ao contexto escolar, mas que de alguma maneira refletem naquele espaço também, via parceria com os docentes da Educação Básica. As professoras aposentadas desejam continuar o processo de formação para integrar-se ao mundo da tecnologia, obviamente que são muitas as exclusões que as aposentadas enfrentam, dentre elas a exclusão à cultura da informação tecnológica, com algumas exceções. Paradoxalmente, os sujeitos que cumpriram papel tão importante na formação de tantos alunos, depois de aposentadas experimentam a precariedade de sua formação, denunciando as políticas de formação docente neste país.

Por conta disso, nesses discursos, a formação docente ainda é uma quimera, um sonho inatingível que resvala para os projetos individuais dos sujeitos que, mesmo depois de aposentadas, não perdem a dimensão do que significa ser professor desprovido de uma formação enquanto direito de um grupo social. Desse modo, elas procuram (ou reiteram) papéis em espaços públicos nos quais há necessidade da experiência acumulada por elas e que possam, talvez de forma inconsciente, mostrar uma quebra de expectativa quanto à condição do aposentado tido como alguém que só causa ônus aos cofres públicos, sem possibilidades de contribuir com as gerações atuais (BOSI, 1994; DEBERT, 1999). Além disso, associar aposentadoria à velhice sem levar em conta a experiência desse público considerando-o como inválido em alguns aspectos pautados nas limitações físicas comuns às Idades Madura e Velhice, segundo os critérios da ONU.

Um aspecto bastante reiterado é a preocupação do grupo de aposentadas com a questão cultural sempre aliando escola e igreja, principalmente, sem se esquecer dos eventos culturais. Elas instauram um modo de se fazer esse um trabalho que possui uma demanda muito grande e é nestes espaços que elas socializam saberes e seguem com novos investimentos na vida e no outro, conciliando sonhos individuais com necessidades mais coletivas.

O trabalho que elas realizam em parceria com os docentes da Educação Básica tem cristalizado nas vilas o sentido de que professor, mesmo aposentado, é aquele que se engaja na vida em comunidade. Essa construção da imagem do professor, ou melhor, do professor aposentado alcança legitimidade, em especial, pela igreja católica que vê nessas professoras aposentadas a possibilidade de continuidade de um trabalho que a instituição não tem condições de realizar sem esse tipo de parceria de forma remunerada, como aconteceria na época dos animadores das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

Nesse sentido, é bastante comum que tanto os moradores quanto as aposentadas evidenciem o caráter solidário das ações desenvolvidas por essas docentes, sedimentado na ajuda mútua, no dinamismo, na parceria, na disponibilidade, na inspiração, na denúncia e no engajamento, no aspecto religioso até no tom redentor que essas práticas assumem naquelas comunidades. Isso se justifica pelo fato de que a partir de uma identidade “produtiva” assumida pelas aposentadas, poderá indiciar que há um processo de continuidade do investimento na profissão, mesmo estando na fase da aposentadoria o que traz para discussão, por exemplo, o ciclo de vida profissional de Huberman (2002).

Observamos que as professoras aposentadas associam diferentes sentidos às práticas que desenvolvem nas comunidades. Além disso, reconhecem que os públicos são diversos e como tal elas precisam fazer escolhas de atuação, engajamento e intervenção que atendam às necessidades impostas por essas interações de modo a persuadirem o outro. Assim, a aposentadoria é dedicada às práticas que rememoram a docência, via igreja, principalmente, nos movimentos culturais, o que lhes garantem lazer e satisfação pessoal em função da responsabilidade assumida com as comunidades em boa parte das narrativas analisadas.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A partir das representações que se tem apresentado a respeito do aposentado na sociedade atual considerando-o como sem condições para contribuir produtivamente, a presente pesquisa mostrou que um grupo de professoras aposentadas assume um papel que é muito relevante em duas vilas, no interior de Cametá. Isso exige delas uma organização que lhes preenche o tempo vago ocasionado pela aposentadoria. Elas optam pelas práticas socioculturais voluntariamente produzindo uma relação com a docência diferente daquela durante o período em que eram professoras das escolas.

Diante de uma temporária identificação com a aposentadoria, elas se veem movidas pelos sonhos mais individuais conciliados com os sonhos coletivos (projetos da igreja, dos movimentos culturais, de conciliar tempo para a família). Elas ressignificam este sonho, lançando-se a novos desafios, de acordo com a trajetória mais pessoal de cada uma, apesar de todas terem um viés que articula escola e igreja. É assim que passam a ter, viver e sentir a identidade de professora aposentada, como elas se referem. Ter o direito ao dizer e fazer a cultura diante da realidade apontada em seus contextos, como ocorre nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

É na circulação por essas esferas públicas que elas ressignificam a aposentadoria, procuram dar continuidade ao investimento na vida em seus múltiplos aspectos, mesmo diante dos sinais e imitações da velhice em alguns casos. A admiração por parte dos moradores origina-se desse engajamento, humildade e vitalidade justamente porque contradizem as representações que a sociedade capitalista cria para o aposentado (velho).

As responsabilidades são múltiplas, pois há ações como a Pastoral da Criança que mobilizam conhecimentos específicos que devem ser socializados, viagens de pequena distância a lugarejos no entorno das vilas, tempo longe da família. As limitações impostas pelas marcas do tempo em seus corpos contrapõem-se das dinâmicas apresentadas pela maioria daquelas mulheres. Isso se fez muito presente quando realizamos tanto a pesquisa exploratória em 2009, quanto à coleta das narrativas em janeiro e fevereiro de 2011 e a Oficina de Memória desenvolvida entre 30 de março a 07 de abril de 2012.

Desse modo, as aposentadas mostram necessidades de continuarem se apropriando de diferentes saberes para intervir nas adversidades que se apresentam em suas comunidades. Essa busca não se restringe ao contexto escolar, mas avança para o campo social, político, econômico, tendo em vista que eles elaboram ações que por mais que se lembrem da docência do ponto de vista das orientações, exigem deles conhecimentos de cunho mais específico e formas de lidar com gerações diferentes das suas.

Observa-se também nas narrativas dos docentes da Educação Básica, em especial, a preocupação das aposentadas com os aspectos culturais, educacionais e religiosos associados às questões envolvendo problemas sociais, como as drogas e desemprego. Nesse sentido, várias vozes sociais são manifestadas a partir do que já fora enunciado, mas criando condições para que outras apareçam durante a interação. Vozes estas que não são apenas das aposentadas, mas dos pais/responsáveis dos alunos, das lideranças religiosa e comunitárias e dos ex-alunos do grupo de professoras aposentadas.

Outro aspecto observado foi que a identidade é construída discursivamente, e nesse processo, o grupo de aposentadas ainda realiza nas vilas participando das práticas culturais, reiteram, suas lideranças, saberes, que foram acumulados ao longo de sua trajetória profissional. Os engajamentos nessas práticas indiciam as estratégias elaboradas, talvez de maneira inconsciente pelas aposentadas com o objetivo de manter o *status* do que representa o professor, e mais ainda, o que representa ser professor aposentado naqueles contextos.

Ao se discutir o fato de que mesmo esse grupo de aposentadas não atuando mais do ponto de vista institucional, marcado, legitimado nas ações pedagógicas concernentes às atividades escolares socialmente constituídas, dificilmente se enquadrariam na fase do Conservantismo (HUBERMAN, 1992). As atitudes delas em projetar, pesquisar para

conseguirem sucesso em suas práticas, como a criação do grupo folclórico e da Pastoral da Criança nos mostram que não.

Por conta disso, não se pode pensar também em aposentadoria sem associá-la à questão da velhice e do trabalho em função da sociedade capitalista na qual estamos inseridos. Por isso, é interessante discutir de que maneira diante das formas de lidar com os aposentados, a sociedade capitalista possui, e, nos contextos pesquisados se isso se apresenta de forma inversa ou ressignificada. Isso se justifica na medida em que os aposentados que não participam desse grupo são considerados inativos, descomprometidos com as ações das comunidades, segundo os depoimentos.

Pensar nas maneiras como as professoras aposentadas moradoras das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins nos convoca pensar no aspecto cultural que envolve as práticas daqueles contextos considerando-se que pelo levantamento teórico que realizamos, o aposentado é visto como alguém dispensável à sociedade capitalista. Entretanto, nas vilas investigadas observa-se que as referências que os moradores têm a respeito delas são sempre de exemplos de competência, liderança, dedicação, compromisso, fé e dinamismo. Ou seja, estão em destaque em detrimento daqueles que consideram a aposentadoria a marca da velhice.

Para as aposentadas a realidade precisa ser redimensionada, após o período de contemplação com a aposentadoria. Assim, o tempo livre dessas mulheres, conforme suas experiências e possibilidades de continuidade de investimento na vida, optam pelo trabalho voluntário nas comunidades. A igreja aparece como o principal espaço público de acolhimento dos anseios e continuidades de projetos. Elas passam por diferentes funções até se identificarem com as que mais lhes aproximam desses projetos, às vezes, ainda imbricados na docência, como são os casos da catequese e da Pastoral da Criança. Algumas optaram por se distanciar do que lembrasse a docência por toda uma história de vida marcada pela precarização do trabalho docente e pelo fato de o magistério ter entrado em suas vidas por motivações econômicas e falta de alternativas de emprego.

Nesse direcionamento, as práticas profissionais se mostram partilhadas considerando-se que a educação envolve sujeitos em torno de um objetivo. Deve-se ter uma função política e pública. Para tanto, o docente precisa intervir, resolver problemas e ter autonomia para isso, o que exige lhe uma dupla consciência. Isso pode indiciar também as maneiras com as quais as professoras aposentadas se envolveram com a profissão e com seus contextos locais, tendo em vista que, mesmo depois de já terem encerrado oficialmente seu

ofício, elas continuam a desenvolver ações nas vilas. Isso indicia que no decorrer do exercício da profissão, as docentes aposentadas se engajaram em uma dimensão que favoreceu o voluntariado ainda no exercício da docência, no caso de algumas e na continuidade do trabalho, do se projetar a favor de novas experiências.

O grupo de aposentadas se articula com os docentes da Educação Básica para compartilhar saberes para intervir nas adversidades apresentadas em suas comunidades. Essa busca não se restringe ao contexto escolar, mas avança para o campo social, político, econômico, tendo em vista que eles elaboram ações que por mais que lembrem a docência do ponto de vista das orientações, exigem deles conhecimentos de cunho mais específico e formas de lidar com gerações diferentes das suas.

Verifica-se, portanto, que há situações nas quais os professores articulam saberes escolares, práticas culturais, movimentos de cunho político e econômico que permeiam suas comunidades em ações que ultrapassam os muros da escola. As relações entre professores e alunos prolongam-se além das atividades pedagógicas, como evidenciamos nos contextos pesquisados. Essa tônica gera um movimento de parceria interessante, em especial, no que se refere ao grupo de aposentados, o que não se esgota, considerando-se que os professores da Educação Básica são convocados a esse tipo de conduta também com a participação de pais e dos alunos em ações educativas atualmente, comparando-as ao trabalho que os docentes aposentados desenvolviam.

A inserção parece nascer de determinações de caráter aparentemente moral, pois há uma necessidade nas vilas de que pessoas realizem esse trabalho. O grupo de aposentadas surge como o elo importante na condução, persuasão junto aos professores da Educação Básica, principalmente, dada a aproximação do grupo do contexto escolar. Isso é importante, pois não são chamados outros profissionais para desempenhar tais funções, mas as ex-professoras, denominação que os sujeitos da pesquisa não utilizaram em momento algum. Elas são chamadas de professoras aposentadas que conseguem assumir voz da autoridade por meio da continuidade do investimento não apenas nos aspectos que lembram a docência, mas continuidade de investimento em muitos aspectos da vida (profissional e pessoal) por meio das práticas culturais cristalizadas em função do tempo com que as realizam em prol das comunidades dando conta de necessidades que demandam tempo, dedicação e saberes múltiplos.

Ao analisar as narrativas das aposentadas, dos docentes da Educação Básica, dos ex-alunos e demais moradores daqueles contextos, verificamos que as referências atribuídas ao grupo mostram as estratégias utilizadas pelas professoras aposentadas no sentido de assumirem papéis sociais necessários à determinadas práticas que exigem, de fato, um perfil próximo ao delas. As aposentadas têm consciência da importância desses papéis e no quanto eles acabam por garantir a elas um *status* semelhante ou até maior do que possuía durante o exercício da docência. Assim ser aposentada, mas ainda contribuir com a comunidade além de lhes garantir bem-estar interessante, qualidade de vida e reconhecimento social.

É importante ressaltar que as aposentadas criaram, paralelamente, ao exercício da docência uma tradição no que concerne ao trabalho voluntariado em prol das vilas que se reflete nos depoimentos dos diferentes segmentos das comunidades. Assim, as professoras que se destacaram na realização de práticas que foram além dos muros das escolas, engajaram-se nos movimentos sociais das vilas, em boa parte são aquelas que, mesmo vivenciando a docência, os cuidados com a família, as atividades na igreja e no centro comunitário são as que procuraram não abrir mão do *status* conferido a quem continua a trabalhar, na perspectiva de como os grupos sociais daqueles contextos ressignificam o trabalho.

Elas são agentes multiplicadores da religião católica e rememoram muito da docência na catequese, em especial, mas estão próximo aos educandos também durante os ensaios das quadrilhas, os encontros com o grupo de orações e da associação estabelecendo um elo maior com os docentes da Educação Básica. A relação com a igreja é muito forte para aquelas mulheres, aliás, uma boa parte das dinâmicas das vila Moiraba e Carmo do Tocantins giram a partir dos encaminhamentos e dinâmicas da igreja.

Esta negociação se mostra como garantia de aspectos tais como: a) ocupação adequada do tempo ‘ocioso’ proporcionado pela aposentadoria; b) manutenção do *status* de reconhecimento pelo trabalho realizado; c) opções pela igreja pelo fato de ter sido ela a grande propulsora para o trabalho na docência; d) posição estratégica e contra-hegemônica diante de um estado que vê o aposentado como alguém que gera ônus à nação, posto que não possui mais condições de produzir.

Os binarismo não dão conta dessas questões, uma vez que na construção do processo identitário, aposentadas e docentes da Educação Básica compartilham de experiências vividas em diferentes espaços públicos. Nessas interações os saberes que fazem parte da ideologia oficial são colocados em xeque porque não dão conta de atender, explicar, intervir ao

cerificarmos que, dentre outros fatos, as professoras aposentadas mostram identidades forjadas nas experiências vividas, na cultura do vivido construindo novos sentidos e significados de modo a se manterem ativas diante de si e daqueles territórios de cultura.

O grupo procura fazer isso para fugir de uma lógica de que velhice e aposentadoria convergem e anulam os sujeitos. Por isso, o aspecto cultural, os modos de vida das aposentadas nas vilas Moiraba e Carmo do Tocantins foram importantes para analisarmos. São estas lutas simbólicas e ideológicas que surgem e mobilizam os sujeitos a favor de batalhas que evidenciam a importância da cultura do vivido, dos saberes da experiência. Ou seja, naqueles contextos, as experiências são valorizadas e proporcionam àquelas mulheres espaço público para ampliar tais experiências, ressignificá-las, compartilhá-las, principalmente com os professores da Educação Básica que constituem um grupo que serve como elo entre as aposentadas e as novas gerações. Em vez de o tempo de aposentadoria encolher as experiências, como se pretende o mundo produtivista, ele alarga as experiências destas professoras, conferindo novos sentidos à prática formativa porque extrapola a escola, revisita os espaços de catequese, da Pastoral da Criança, dos Festejos etc, ressignificando um tempo e abrindo novas possibilidades formativas.

As narrativas dos diferentes grupos de sujeitos que participaram desta revelam experiências, especialmente, da docência e da vida na igreja e na comunidade em geral, de como o espaço escolar avança para os espaços social e cultural das vilas ou como os sujeitos se referem “vida escolar e vida na comunidade”. Revelam também o quanto a igreja possui uma forte influência nos modos de vida daquelas pessoas, em especial, na vida das professoras aposentadas que ressignificam as representações feitas a respeito da aposentadoria e da velhice mostrando-se detentoras de um saber plural referendado pela nova geração docente e pelos demais segmentos das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins.

É importante considerar que algumas idéias nortearam a presente pesquisa no que se refere à devolutiva aos sujeitos envolvidos, principalmente, os moradores das vilas Moiraba e Carmo do Tocantins. Inicialmente, a previsão era de realizar encontros (oficinas e rodas de conversa) que envolvessem questões do currículo, formação docente e linguagem (aspectos da produção textual na alfabetização, na Educação de Jovens e Adultos, no Ensino Fundamental e no Médio) durante as visitas às vilas por conta da geração dos dados. Entretanto, tivemos que optar por essa devolutiva após a defesa da tese considerando que tivemos de assumir o

cargo de professora na UFPA (campus de Marabá) e as disciplinas do Doutorado ocupavam uma boa parte do tempo que poderia ser destinado aos encontros de formação.

Por conta disso, combinamos realizar encontros de formação com os docentes da Educação Básica ainda no segundo semestre de 2013, conforme as temáticas necessárias ao processo educativos das escolas. No caso das professoras aposentadas, acertamos levar um exemplar da tese para cada representante da vila (dona Paula da vila Moiraba e dona Darcy da vila do Carmo do Tocantins) e apresentar a cada uma os perfis elaborados e discutir até que ponto elas se sentiram representadas. Relatar as considerações da banca no que se referia ao trabalho desenvolvido pelo grupo de aposentadas e outros aspectos que poderão auxiliar na reflexão coletiva a respeito da importância das práticas socioculturais desenvolvidas pelo grupo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Tafla. SALVADOR, Evilasio. As implicações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas Políticas Sociais.

CAMPOS, M. A. **Musculação: diabéticos, osteoporóticos, idosos, crianças, obesos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

ALENCAR, Maria Leonice. **Aposentadoria e velhice: representações sociais de idosos aposentados e pensionistas**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, 2007.

ALMEIDA, Célia M. C. Práticas culturais de professores/as de uma cidade mineira. 07. In: **30 Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação - ANPED**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/posteres/GT08-3645--Int.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

ALVES, Vivian Cristina Pacola. **Stress e qualidade de vida em grupos de idosos: análise e comparação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Campinas, 2008.

ANDRADE, Everaldo Robson de. **Histórias de idosos: sementes para cultivarmos uma educação para velhice bem-sucedida**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal, 2010.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Cultura e Educação: uma reflexão com base em Raymond Williams. 2004. In: **27 Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação - ANPED**, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t0315.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Miryan. Moraes Lins de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY. Ligia et al. (Org.) **Tempo de envelhecer:** percursos e dimensões psicossociais. São Paulo: ed. Setembro, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n.º 52, 2006, p. 109-132. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf>>. Acesso em:

BAZZO, Vera Lúcia. Constituição da profissionalidade docente na educação superior: apontamentos para uma política nacional de formação. In: **31 Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação – ANPED**, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT11-4842--Int.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2011.

BAZZO, Vera Lúcia; SCHEIBE, Leda. Aprendendo a ser docente na educação superior: desafio e perspectivas. In: **VII SEMINÁRIO REDESTRADO – NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA BUENOS AIRES**, 3, 4 Y 5 DE JULIO DE 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 197-221 (Escrito em 1936 sob o título *Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows*).

BOGDAN, Robert; BIKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA, Adriana Batista de Souza. **Aposentadoria:** a experiência de professores aposentados do Instituto de Biologia da UNICAMP. 2004. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p. 385-410, mai./ago. 2006.

CARVALHO, Abdias Vilar de. **O caminho do tempo: trajetórias de vida do servidor público aposentado**. 2002. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia, Campinas.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Educação Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.23. mai./jun./jul./ago. 2003.

CUNHA, Delcimar de Oliveira. **Projeto e constituição da identidade: um estudo com diretores de escolas públicas**. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

DE ANDRADE. Everaldo Robson **Histórias de idosos: sementes para cultivarmos uma Educação para uma velhice bem-sucedida**, Natal, 2010.

DE GRANDE, Paula Baracat. **Processos de construção da identidade profissional de professores em formação continuada**. Tese (Doutorado em Língua Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.

DEBERT, Guita Grin. As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: **ANAIS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL: envelhecimento populacional**, Brasília: MPAS, 1997.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DEPS, Vera Lucia. **A transição à aposentadoria, na percepção de professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1994.

DIONÍSIO, Ângela P. Análise da conversação. In: BENTES, Anna C., MUSSALIN, Fernanda. (Org.). **Introdução às Linguística 2: domínios e fronteiras**. SP: Cortez, 2001.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **EDUCAR**, Curitiba, Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2216/1859>>. Acesso em:

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagens & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin**, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Ed. da UFPR, 1996.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FILMER, Paul. **A estrutura do sentimento e das formações sócio-culturais**: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.27, p.371-396, 2009.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORTES, Victor Manuel dos Reis Borges. **A Constituição da identidade do professor caboverdiano nas relações sociais e de trabalho**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREITAS, Fernanda de Lourdes de. **A Constituição da identidade docente**: discutindo a prática no processo de formação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Espaço aberto: a polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GIOVINAZZO JR. Carlos Antônio. **Cultura, educação e indústria cultural**: a pedagogização das práticas culturais e as transformações da literatura infantil. 2011. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_121.pdf>. Acesso em:

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: GOMES, Itania Maria Mota; JUNIOR, Jeder Janotti (Orgs.) Comunicação e estudos culturais – Salvador: EDUFBA, 2011.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000, p. 63–78.

GUIMARÃES, Mônica Narciso. **Um corpo em construção**: a história de uma professora narrando a constituição dos seus saberes. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de educação, Campinas.

HAGE, Salomão Mufarrej. **EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. 1ª edição. BELÉM, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António et. al. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992. Coleção Ciências da Educação.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Coleção Questões de nossa época, v. 77.

KAEFER, Carin Otilia; BULLA, Leonia Capaverde. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 2, ano II, dez. 2003.

MENDES, Leila S. A. et al. **A prática docente em uma escola ribeirinha na ilha do Marajó: um estudo preliminar em contexto naturalístico**. 2008. Educação. jan-abril. v. 31. n. 064. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.vivamarajo.org.br/files/socioeconomia/A-pratica-docente-em-uma-escola-ribeirinha-na-ilha-do-Marajo.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

LARÊDO, Salomão. **Cultura Camutá**. Cadernos Populares. Belém: Salomão Larêdo editora, 2006.

_____. **Família Larêdo**. Belém: Salomão Larêdo editora, 2005.

LELIS, Isabel Alice et. al. Profissão docente: intensificação e complexificação. 2008. In: **VII Seminário Redestrado – Nuevas Regulaciones En América Latina**. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/trabajos/PROFISS%C3%83O%20DOCENTE%20INTENSIFICA%C3%87%C3%83O%20E%20COMPLEXIFICA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 23 set. 2010.

LELIS, Isabel. A construção social da profissão docente no Brasil: uma rede de histórias. In: TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. **O ofício de professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LELIS, Isabel. Profissão docente: uma rede de histórias. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**. Maio/Jun/Jul/Ago 2001. n. 17.

LEMOS, José Carlos Galvão. **Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: o trabalho docente e a construção da identidade profissional**. 2009. 315 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LESSARD-HÉRBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gerald. **Investigação qualitativa: fundamentos e prática**. Tradução: Maria João Reis. Lisboa: Instituto PIAGET, 2005.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docente**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2010.

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. SP: Ática, 2000.

MARTINS, Ricardo Chaves de Rezende. **ESTUDO- Projeto Gavião**. Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia. 2003.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. v. I. São Paulo: Círculo do Livro Ltda, 1996.

MENDES, Leila S. A. et al. **A prática docente em uma escola ribeirinha na ilha do Marajó: um estudo preliminar em contexto naturalístico**. 2008. Educação. jan-abril. v. 31. n. 064. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.vivamarajo.org.br/files/socioeconomia/A-pratica-docente-em-uma-escola-ribeirinha-na-ilha-do-Marajo.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

MENDES, Odete da Cruz. **A política de educação no município de Cametá: análise sobre a proposta da escola caá-mutá, escola cidadã**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Em busca do tempo vivido: autobiografias de professoras. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. Coleção Ciências da Educação.

MOURA, Ignacio Baptista de. **De Belém a São João do Araguaia**. Vale do Tocantins. Belém: Secretaria de Estado da Cultura; Fundação Cultural Tancredo Neves, 1989.

NERI, A.L.; FREIRE, S. A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papirus, 2000.

NETO, M. P. O velho livro novo. In: **Seminário da disciplina Qualidade de Vida do mestrado**. UNIMEP, 2001.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António et. al. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto. 1992. Coleção Ciências da Educação.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Cartografias saberes: representações sobre religiosidade** **Boletim Goiano de Geografia em práticas educativas populares**. Belém: EDUEPA, 2008. (a).

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (Org.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2008. (b).

OLIVEIRA, Ivanilton José de. A agropecuária modernizada e sua sustentabilidade no cerrado: o caso do município de Jataí (GO).. 21 (2): 47-60. Jul./dez. 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

OSAKABE, Haqira. **Argumentação e discurso político**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Cultura e representação. Projeto História Oral. n. 14. 1997. PUC. SP.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral: a pesquisa como experimento em igualdade.** Projeto História Oral. n. 14. fev. 1997. PUC. SP.

_____. A entrevista de história oral e suas representações literárias. In: **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PACHECO, Jaime Lisandro. **Educação, trabalho e envelhecimento: estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, com o trabalho e com os possíveis sintomas depressivos, após a aposentadoria.** 2002. v. I. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **Currículo e seus significados para os sujeitos de uma escola ribeirinha, multisseriada no município de Cametá - Pará.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação, Belém.

RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. **Saberes, identidades e reinvestimento profissional: o que faz o professor aposentado?** Universidade Federal do Pará (UFPA).

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciências e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António et. al. (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto. 1992. Coleção Ciências da Educação.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama: Revista Interdisciplinar da Graduação,** ano 2, ed. 1, set./nov. 2008.

SARRAF, Agenor. Imagens narradas, memórias e patrimônios desvelados. In: **Revista Ensaio Geral, v.3, n.5, 2011- Belém: UFPA/ICA)Escola de teatro e dança. 228 p.**

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

Secretaria de Estado de Educação – SEDUC. Projeto SOME. Diretoria de Ensino Médio e Educação Profissional – DEMP. Salomão Mufarrej; Documento Base. Novembro de 2008- Projeto SOME.

SEEMANN, J. Cartografia cultural na geografia cultural: entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Geografia,** Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 21, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/4214/3687>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Valéria Cristina da. **Vou te contar...As narrativas:** das tramas da vida do ofício docente. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Rio de Janeiro.

SIMÕES, Júlio Assis. **Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria.** 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

STUCHI, Deborah. **Os programas de preparação:** a aposentadoria e o remapeamento do curso de vida do trabalhador. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente hoje; elementos para um quadro de análise. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto história.** São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997.

VITTA, Alberto de. Envelhecimento, Capacidade para o trabalho e qualidade de vida no trabalho. In: NERI, Anita Liberalesso et al. **Saúde e qualidade de vida na velhice.** Campinas: Alínea, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade.** São Paulo: Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. In: **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Palavras-chave.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. **Cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

WOLECK, Aimoré. **O trabalho, a ocupação e o emprego:** uma perspectiva histórica. **Revista 1:** jan-jun/2002. Disponível em: <www.icpg.com.br 1>. Acesso em: 11 out. 2011.